

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA JULIA GUILHERME

MIGRANTES FORÇADAS E REFUGIADAS ORIUNDAS DE PAÍSES EM
CONFLITO: NARRATIVAS DE RESILIÊNCIA EM CONTEXTO DE RISCOS EM
MADRID, ENTRE OS ANOS DE 2013 A 2022.

CURITIBA

2024

ANA JULIA GUILHERME

MIGRANTES FORÇADAS E REFUGIADAS ORIUNDAS DE PAÍSES EM
CONFLITO: NARRATIVAS DE RESILIÊNCIA EM CONTEXTO DE RISCOS EM
MADRID, ENTRE OS ANOS DE 2013 A 2022.

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em
sociologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade
Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do
título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Sergio Batista de
Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. Alberto Riesco-Sanz

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Guilherme, Ana Julia

Migrantes forçadas e refugiadas oriundas de países em conflito ;
narrativas de resiliência em contexto de riscos em Madrid, entre ao
anos de 2013 a 2022. / Ana Julia Guilherme. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira.

1. Migração forçada. 3. Refugiadas. 3. Mulheres migrantes.
4. Refúgio (Assistência humanitária). 5. Madri (Espanha). I. Oliveira,
Marcio de, 1962-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de
Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -
40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ANA JULIA GUILHERME** intitulada: **MIGRANTES FORÇADAS E REFUGIADAS ORIUNDAS DE PAÍSES EM CONFLITO: NARRATIVAS DE RESILIÊNCIA EM CONTEXTO DE RISCOS EM MADRID, ENTRE OS ANOS DE 2013 A 2022.**, sob orientação do Prof. Dr. MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica

26/09/2024 14:46:36.0

MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

24/09/2024 16:06:35.0

GISELE MARIA RIBEIRO DE ALMEIDA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

Assinatura Eletrônica

24/09/2024 15:08:07.0

TÂNIA MARA PASSARELLI TONHATI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

Assinatura Eletrônica

24/09/2024 13:27:46.0

VERÔNICA KORBER GONÇALVES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL)

Assinatura Eletrônica

24/09/2024 09:46:32.0

ALBERTO RIESCO-SANZ
Coordenador(a) (UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID)

Rua General Cameiro, 460 - 9º. Andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-mail: pgsocio@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 399770

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 399770

*"Para que entiendan también nuestra historia,
por qué venimos, qué tipo de sufrimientos habíamos vivido"*

(LATIFA, 2022).

AGRADECIMENTOS

À Capes pela bolsa no curso de Doutorado no Brasil e pela bolsa no Programa Institucional de Internacionalização (Capes/Print) do Doutorado Sanduíche na Espanha. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Universidade Federal do Paraná pela excelência do ensino.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR pelo acolhimento demonstrado por toda a equipe, em especial à professora Simone, ao Katiano, ao Marcel e ao corpo docente.

Ao professor Márcio Sergio Batista de Oliveira pela orientação desta tese e por toda a paciência e compreensão que demonstrou à minha pesquisa, aos meus trabalhos, aos meus objetivos e dilemas nesses mais de cinco anos.

Ao professor Alberto Riesco-Sanz pela coorientação deste trabalho e pela recepção atenciosa na Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales da Universidad Complutense de Madrid no período de mobilidade no doutorado.

Aos professores do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, minha *alma mater*.

Aos professores Alberto Riesco-Sanz e Gisele Chagas pela participação na banca de qualificação desta tese.

Às professoras Gisele Almeida, Tânia Tonhati e Verônica Gonçalves por aceitarem compor a banca de defesa e por avaliarem este trabalho. À professora Verônica também agradeço por ter me dado a oportunidade de representá-la em um evento na UFPR em 2018, em que decidi que faria a seleção para o Doutorado.

À professora Berta Álvarez-Miranda, por ter me apresentado aos contatos para o grupo *Amigos del arte*, fundamental para a pesquisa empírica desta tese.

Aos colegas do grupo Migrações Internacionais e Multiculturalismo, da Comissão da Revista Sociologias Plurais, da organização do 11º Seminário de Sociologia e Política e das disciplinas do curso da UFPR pelas trocas, pela convivência e pelo aprendizado.

A minha família pelo apoio incondicional e pelo incentivo de sempre aos estudos.

Às pessoas especiais que fazem parte da minha vida, às que perguntavam “como vai a tese?” e às que compartilharam ótimos momentos nestes mais de cinco anos: Carol, Talita, Rafaella, Lici, Maíra, Jacque, Ana Cláudia, Anelise, Márcia, Êmily, Alexandre, Priscila, Kamille, Lucas, Felipe e Juliano.

A todas as pessoas entrevistadas desta tese que, gentilmente, aceitaram colaborar para esta pesquisa.

RESUMO

A presente tese consiste em analisar a permanência em um contexto de riscos, após o deslocamento forçado de países em conflito, de mulheres migrantes e refugiadas na cidade de Madrid, entre os anos de 2013 a 2022, e quais as estratégias de resiliência utilizadas por elas. A pesquisa, de caráter qualitativo, contou com entrevistas semi-estruturadas, realizadas entre outubro de 2021 e abril de 2022, com funcionários de organizações, com voluntários da pauta migratória e com oito mulheres oriundas do Iêmen, do Iraque e da Síria. A partir da pesquisa empírica, foram identificados os riscos enfrentados pelas migrantes e refugiadas, como um sofrimento com enfoque social, processo de perdas, mudanças no nível econômico e social, burocracias com documentação, não aceitação pelos marcadores de identidade, preconceito, falhas no processo de proteção. Frente aos riscos, foram verificados fatores de resiliência no país de destino, de acordo com as narrativas das mulheres, tais como a aprendizagem do idioma, os estudos, o trabalho, a maternidade, o núcleo familiar, os repertórios do país de origem, novos vínculos sociais, capacidades individuais como sociabilidade, confiança, pró-atividade, pertencimento e liberdade.

Palavras-chave: Migrantes. Refugiadas. Deslocamento forçado. Riscos. Resiliência.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to analyze how migrant and refugee women in the city of Madrid experienced risk after being forcibly displaced from conflict-affected countries between 2013 and 2022, and to identify the resilience strategies they employed. This qualitative research involved semi-structured interviews conducted between October 2021 and April 2022 with employees of organizations, migration-focused volunteers, and eight women from Yemen, Iraq, and Syria. The empirical research identified the risks faced by these migrants and refugees, such as social suffering, loss, changes in economic and social status, bureaucratic challenges with documentation, non-acceptance of identity markers, prejudice, and failures in the protection process. In response to these risks, the women's narratives revealed resilience factors in the host country, including learning the language, pursuing education, working, motherhood, family support, cultural repertoires from their home countries, new social ties, and individual capacities such as sociability, confidence, proactivity, a sense of belonging, and freedom.

Key-words: Migrants. Refugees. Forced displacement. Risks. Resilience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 – Mapa e situação geográfica do Iêmen.....	36
IMAGEM 2 – Mapa e situação geográfica do Iraque.....	40
IMAGEM 3 – Mapa e situação geográfica da Síria.....	42
IMAGEM 4 – Países que mais receberam emigrantes do Iêmen.....	47
IMAGEM 5 – Países que mais receberam emigrantes do Iraque.....	48
IMAGEM 6 – Países que mais receberam emigrantes da Síria.....	49
IMAGEM 7 – Mapa e situação geográfica da Espanha.....	50
IMAGEM 8 – Esquema dos procedimentos de refúgio na Espanha.....	54
IMAGEM 9 – Maiores números de solicitações de refúgio na União Europeia.....	55
IMAGEM 10 – Evolução das solicitações de refúgio na Espanha de 2008 a 2021.....	56
IMAGEM 11 – Solicitações de refúgio por comunidades autônomas na Espanha.....	58
IMAGEM 12 – Estrutura e parte dos fundos do CAR Vallecas.....	71
IMAGEM 13 – Entrada do CAR Vallecas.....	72
IMAGEM 14 – Entrada da sede da Organização <i>Cruz Roja</i> do bairro San Blas.....	78
IMAGEM 15 – Cartazes em ucraniano colados na porta de entrada da <i>Cruz Roja</i>	78
IMAGEM 16 – Localização do bairro Aluche em Madrid.....	99
IMAGEM 17 – Localização do bairro Chamartín em Madrid.....	113
IMAGEM 18 – Prato Mashawi do restaurante do marido de Jamille.....	114
IMAGEM 19 – Localização de Torrejón de Ardoz na Comunidad Autónoma de Madrid.....	139
IMAGEM 20 – Café da manhã oferecido por Aisha durante a entrevista.....	140
IMAGEM 21 – Localização de Rivas-Vaciamadrid na Comunidade Autónoma de Madrid.....	156
IMAGEM 22 – Fronteira da Síria com a Turquia, em destaque Tall Al Abyad.....	159
IMAGEM 23 – Localização de <i>Puente de Vallecas</i> em Madrid.....	170
IMAGEM 24 – Saída do metrô <i>Villa de Vallecas</i>	189
IMAGEM 25 – Localização de Villa de Vallecas em Madrid.....	189
IMAGEM 26 – Foto de um campo de refugiados na mesma região do campo onde Zulmira permaneceu com a família.....	190
IMAGEM 27 – Localização do bairro <i>Opañel</i> em Madrid.....	201
IMAGEM 28 – Fotos de tortas feitas por Hazan e publicadas no perfil do Instagram dela.....	213

IMAGEM 29 – Fotos de tortas feitas por Hazan e publicadas no perfil do Instagram dela.....	214
--	-----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Perfil das entrevistadas.....97

TABELA 2 – Categorias de riscos e fatores de resiliência identificados nas entrevistas.....240

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCEM – Asociación Compañía de las Hijas de la Caridad de San Vicente de Paúl

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

EI – Estado Islâmico

CAR – Centro de Acogida a Refugiados

CEPAIM – Centro de Estudios para la Paz y la Integración Social

CETI – Centros de Estancia Temporal de Inmigrantes

CEAR – Comisión Española de Ayuda al Refugiado

CIE – Centro de Internamiento de Extranjeros

IMV – Ingreso Mínimo Vital

NIE – Número de Identificação de Estrangeiro

OIM – Organização Internacional para as Migrações

ONU – Organização das Nações Unidas

OUA – Organização da Unidade Africana

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PST – Proteção Social Transnacional

UE – União Europeia

UNHCR – The United Nations High Commissioner for Refugees

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 – A SITUAÇÃO MIGRATÓRIA.....	23
1.1 Migrantes forçados, deslocados, refugiados e em situação de refúgio.....	23
1.2 Os principais instrumentos para a proteção internacional.....	26
1.3 Os riscos e o contexto migratório para as mulheres.....	31
CAPÍTULO 2 – OS PAÍSES EM CONFLITO E OS DESTINOS.....	36
2.1 Iêmen.....	36
2.2 Iraque.....	39
2.3 Síria.....	42
2.4 Os principais destinos de refugiados e deslocados de maneira forçada.....	45
2.5 A Espanha e os sistemas de proteção e de acolhimento a pessoas em situação de refúgio e a migrantes.....	49
2.6 Números e características de migrantes, refugiados e deslocados na Espanha e na cidade de Madrid.....	54
CAPÍTULO 3 – O INÍCIO DA PESQUISA DE CAMPO PARA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS.....	60
3.1 A aproximação do campo e o início da busca de contatos.....	60
3.1.1 O contato-chave para o início das entrevistas.....	62
3.1.2 Um pouco da realidade de refugiados e sírios na Espanha e na cidade de Madrid, segundo Mohammad.....	63
3.2 O contato com organizações locais de Madrid.....	67
3.2.1 <i>Madrid For Refugees</i> a partir do projeto de práticas de árabe e de espanhol.....	67
3.2.2 O <i>Centro de Acogida a Refugiados (CAR) Vallecas</i> a partir de entrevista com o Diretor.....	70
3.2.2.1 O trabalho do <i>CAR Vallecas</i> e as fases de acolhida, integração e autonomia.....	73
3.2.2.2 As especificidades das pessoas refugiadas da Síria e de países árabes.....	74
3.2.3 <i>Cruz Roja Española</i> a partir de entrevista com assistente social.....	76
3.2.3.1 O trabalho da Cruz Roja e a ênfase na autonomia da pessoa refugiada.....	79
3.3 A inserção em um grupo de mulheres refugiadas e migrantes e a realização de outras cinco entrevistas.....	83
3.3.1 O contato de Ana Ramírez.....	83
3.3.2 A inserção no grupo <i>Amigos del Arte</i> – reunir mulheres para falar sobre emoções a partir da arte e facilitar a integração.....	84
3.3.3 Percepções sobre a vida de mulheres migrantes e refugiadas em Madrid a partir da entrevista com Ana Ramírez.....	89
CAPÍTULO 4 – AS INTERLOCUTORAS E SUAS NARRATIVAS	94
4.1 Fatima.....	98
4.2 Jamille.....	112
4.3 Latifa.....	125
4.4 Aisha.....	138
4.5 Khadija.....	155
4.6 Amirah.....	170
4.7 Zulmira.....	188

4.8 Hazan.....	200
CAPÍTULO 5 – OS RISCOS E OS FATORES DE RESILIÊNCIA IDENTIFICADOS NAS ENTREVISTAS.....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	241
REFERÊNCIAS.....	245
ANEXOS.....	255

INTRODUÇÃO

O conceito de resiliência tem sido estudado em diferentes áreas desde os anos 1950 e concentra-se em resultados positivos inesperados, baseados nas competências dos indivíduos diante de alguma adversidade (DURBÁN, 2017). No campo das ciências humanas, as investigações recentes diferenciam a resiliência como processo e a resiliência como capacidade ou atributo de um sujeito. A resiliência como capacidade pode ser definida como *“la capacidad individual de resistir la adversidad para enfrentar experiencias de riesgo y permanecer estable y equilibrado. La capacidad de volver al punto de partida (recuperarse) de la adversidad y seguir adelante con la vida”* (BONANNO, 2012, p. 194). A resiliência como processo pode ser entendida como *“una combinación de factores que permiten al ser humano enfrentar y superar los problemas y adversidades de la vida”* (SUÁREZ, 1996, p. 54) ou um *“proceso dinámico, donde las influencias del entorno y del individuo interactuar en una relación recíproca que permita a las personas adaptarse a la realidad”* (SUÁREZ et al, 2008).

Embora possa ser considerada um processo psicológico e um conjunto de estratégias de equilíbrio, de recuperação, adaptação e superação da adversidade, a resiliência não tem uma fórmula para as suas práticas cotidianas. Contudo, segundo Polk (1997), é possível demonstrar quais meios são favoráveis ou não ao desenvolvimento da resiliência, e como esta pode proporcionar a oportunidade de solucionar problemas em situações de adversidade. Nesta lógica, Silva et al (2003) destacam a resiliência como um *“fenómeno complejo, multicontextual vinculado a la interacción social”* (DIAS ABREU, 2017, p. 169). E os estudos centrados na verificação dos processos de obtenção das qualidades de resiliência, na sua maioria, tratam a resiliência como um processo dinâmico de interação entre o indivíduo-ambiente, em uma relação de reciprocidade que permite à pessoa adaptar-se a alguma adversidade (VILLALBA, 2003). Dado que a resiliência é uma reconstrução, Barudy (2006) mostra que não é possível se reconstruir sozinho e Durbán (2016) demonstra que a resiliência é social, familiar e contextual.

Quando pensamos na resiliência nos contextos de migração e refugiados, Horn (2009) argumenta que os “sintomas” das pessoas em situação de refúgio diminuem de acordo com o suporte social e com a rede comunitária que recebem no acolhimento, ou seja, o processo de chegada se torna um fator central neste contexto. Durbán (2016)

explica que o processo de resiliência *“no se relaciona tanto con el tipo de trauma, su intensidad característica, los factores de riesgo, como la adaptación posterior o el contexto de ‘acogida’ del trauma”* (DURBÁN, 2016, p. 153).

A situação de vulnerabilidade oriunda da ausência de proteção nos contextos de refúgio e de migração é discutida no campo das ciências humanas e contextualizada de acordo com variáveis de lugar, origem, raça, etnia, status migratório, classe, gênero, que refletem as dissimetrias do mundo globalizado. No caso em tela as desigualdades existentes no Sistema Internacional e no Regime Internacional de Refugiados, no qual as mulheres refugiadas são excluídas política, social e economicamente de ambas as esferas e tal exclusão é refletida também nas sociedades de acolhida.” (MORAIS, 2019, p.72). As políticas de proteção não são pensadas nos termos das relações de gênero, as mulheres em deslocamento forçado podem ser discriminadas nas resoluções sobre refugiados e nos regimes de reassentamento (BARTOLOMEI, PITTAWAY, 2001; MORAIS, 2019).

Ressaltamos que as relações de gênero socialmente construídas estão também enraizadas nos processos de deslocamento, onde as experiências das mulheres são estruturadas pelas políticas do país de origem, do país de trânsito e do país de acolhida (BAENINGER; PERES, 2017). No processo de chegada ao país de destino, as mulheres migrantes e refugiadas enfrentam as várias discriminações de gênero da vida cotidiana, tais como a violência contra a mulher e violência doméstica, as deficiências nos serviços de saúde da mulher e reprodutiva, as dificuldades em entrar no mercado de trabalho, bem como diversidade cultural (BAENINGER, BALTAR, 2021). Além disso, quando analisamos as práticas de inserção e sociabilidade das mulheres refugiadas e migrantes, vemos que as práticas em torno dos cuidados e proteção estão relacionadas com a segmentação étnica e sexual do mercado de trabalho e outras relações de poder, devido à relação entre o doméstico e o feminino, a naturalização das tarefas de cuidados e a trajetória das mulheres migrantes no centro destas dinâmicas sociais (PEREZ OROZCO, 2014; SPERONI, 2019; FERNÁNDEZ, 2020).

Com base nessa literatura, salientamos que ser mulher condiciona diferentes experiências na situação de migrante no país de destino e, portanto, deriva em estratégias de ação diferenciadas para se adaptar às transformações provocadas pela migração, o que justifica o foco da nossa investigação específica para as mulheres oriundas de países em conflito. Observamos também que embora os fluxos migratórios tenham sido um campo de estudo desde finais do século XIX, foi apenas a partir dos anos 70 que a investigação

sobre migração começou a preocupar-se com uma "feminização" da deslocação (BILAC, 1995). Mesmo que haja uma maior pluralidade, as teorias ainda dificilmente conseguem ir além das categorias do feminismo ocidental, o que “*pone la agencia de las mujeres del lado de la emancipación. Y sigue dejando a los demás, los que se ubican en la categoría de dependientes, bajo el paraguas de la sumisión*” (VELASCO, 2008, p. 42).

Quando fundamentamos a tese de que as mulheres migrantes permanecem em um contexto de riscos na sociedade de destino, é importante analisar que o conceito pode ser dividido como uma realidade objetiva - analisada principalmente por alguns economistas e epidemiologistas - ou como uma construção social - interpretada pela sociologia e antropologia - (ZINN, 2008).

Entre os vários autores que examinam os riscos como uma construção social, destacamos os estudos de Beck (1998), que defende que vivemos em uma sociedade global de riscos, que são produzidos pelo desenvolvimento econômico, produtivo e industrial, como consequências secundárias da modernização. Neste sentido, os riscos não têm limitação de espaço e de tempo, uma vez que são globais e duradouros e, ainda, têm uma alta capacidade de mercantilização: “*son las necesidades insaciables que buscan los economistas. Se puede calmar el hambre y satisfacer las necesidades, pero los riesgos de la civilización son un barril de necesidades sin fondo, inacabable, infinito, autoinstaurable*” (SPERONI, 2019 apud BECK, 1998, p. 29).

E como acontecem a um nível global, não tem como fugir dos riscos, isto é, são afetados pobres e ricos, americanos e venezuelanos (BECK, 1998), ou seja, viver na era global é enfrentar novas situações de risco (SPERONI, 2019 apud GIDDENS, 2006). Nesta condição,

La consecuencia subjetiva de esta sociedad mundial del riesgo es la difusión selectiva y diferencial de una sensación de vulnerabilidad: muchos son los ejes convergentes de riesgos potenciales, mientras que pocas, fragmentadas, inestables y distribuidas desigualmente son las fuentes de protección social. La definición de riesgo de Beck tiene el mérito de combinar, de manera exitosa, el riesgo como algo real y como algo construido socialmente (SPERONI, 2019, p. 47-48).

Isto é, partindo de uma perspectiva realista e construtivista do risco, Beck (1998) defende que os riscos estão relacionados a um futuro incerto em que os cálculos estatísticos já não são mais estratégias eficazes da redução da incerteza. Neste sentido,

Speroni (2019) explica que *“la ciencia, los gobiernos y los actores económicos se transforman tanto en productores de riesgos como en las formas en que el diagnóstico de ellos se vuelve posible”* (p. 45). E, a partir disso, há uma retroalimentação da incerteza de forma contínua, por um lado, se conhece e se entende mais sobre os riscos, por outro lado, são produzidos novos riscos em que os sistemas de proteção sempre se mostram insuficientes (BECK, 1998).

De acordo com Beck (1997),

no sentido de uma teoria social e de um diagnóstico de cultura, o conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que começam a tomar corpo as ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial, tornando-a reflexiva, o que significa afirmar que a sociedade se torna um tema e um problema para ela própria (BECK, 1997, p. 19).

A partir disso, levamos em consideração o argumento de Spink (2001), que enfatiza o deslocamento do foco de uma gestão da vida para uma gestão de risco, em que o significado da natureza dos riscos, os mecanismos de gestão de populações e as estratégias individuais de gestão se transformam. Neste contexto, se entende que os riscos modernos são complexos, sistêmicos e imponderáveis, exigindo, assim, mecanismos de gestão também complexos.

Em relação à prevenção de riscos, Castel (2005) destaca que se as pessoas não estiverem asseguradas contra os imprevistos gerados pelos riscos, sempre existirá uma insegurança, uma vez que o risco social interfere na capacidade das pessoas de garantir a independência social por elas mesmas. Podemos exemplificar este argumento com a dificuldade crescente de se assegurar contra os riscos sociais, como desemprego, doença, acidente, etc (CASTEL, 2005).

Segundo Janczura (2012), o risco não representa apenas um perigo imediato, mas também a possibilidade da perda da qualidade de vida, com o tempo, devido à ausência de ações preventivas. Cabe salientar que a ação de prevenção está vinculada com o risco, em que não basta só mitigar o risco de forma imediata, e sim desenvolver ações de prevenção que reduzem de maneira significativa o risco ou, ainda, que façam ele deixar de existir (JANCZURA, 2012).

Em síntese, baseamo-nos na perspectiva de que o risco representa a ausência de um fator de proteção, e aqui estamos interessados não só nos riscos sociais e econômicos,

mas também naqueles ligados aos outros tipos de vulnerabilidades sociais, associadas ao gênero, à nacionalidade, à raça, à etnia, etc (DEVEREUX; SABATES-WHEELER, 2004). A proteção aqui entendida é a proteção social, ou seja, um conjunto de capacidades e competências individuais e coletivas de responder às privações e aos riscos sociais nas diferentes esferas da sociedade, em que podem utilizar recursos estatais, comerciais, comunitários e familiares (SPERONI, 2019, p. 23 apud NORTON; CONWAY; FOSTER, 2001, p. 7; FRANZONI, 2008, p. 20; FAIST et al, 2015; LEVITT et al, 2017).

A partir desse referencial teórico, apresentamos o tema desta tese, o qual insere-se no contexto de deslocamento forçado da população do Iêmen, do Iraque e da Síria, países com cenários de conflitos duradouros e crises humanitárias, em que a população enxerga na migração a melhor possibilidade de viver de forma segura. E, entre as possibilidades de destino, têm a Espanha como sociedade de acolhida. Como veremos adiante neste texto, a Espanha não é a principal escolha de destino e nem o país que mais recebe as pessoas migrantes e refugiadas desses países, contudo, se destaca por sua posição geográfica e estratégica, por seus programas e políticas de acolhimento a pessoas refugiadas e pelo aumento expressivo de requerimentos de refúgio nos últimos anos, se equiparando a países do Centro da Europa.

O recorte desta pesquisa trata de mulheres oriundas da Síria, do Iêmen e do Iraque que se estabeleceram na última década, após o início dos conflitos no país de origem na Comunidade Autônoma de Madrid, região com maior número de solicitações de refúgio da Espanha. Damos ênfase na permanência destas mulheres em um contexto de riscos e, neste trabalho, nos indagamos quais são estes riscos e quais as estratégias de ação que as migrantes e refugiadas utilizam na sociedade de acolhida para enfrentá-los, aqui entendidas como práticas de resiliência. Identificamos os mecanismos de resiliência que elas mobilizam (física, jurídica, cultural, social, econômica), a partir de redes, de capital social e econômico, da língua, da religião, da estrutura familiar, de organizações locais; e como os marcadores de identidade, tais como gênero, etnia, raça, religião e status migratório delineiam as estratégias de ação para lidar com os riscos para o seu bem-estar. Em resumo, analisamos como as mulheres migrantes e refugiadas se posicionam frente aos riscos e quais são as dimensões de suas práticas resilientes, de acordo com as suas narrativas, e também comparamos as variáveis de proteção no seu processo de acolhimento.

Cabe salientar que, inicialmente, o objetivo desta tese era pesquisar mulheres sírias na Espanha e no Brasil, por meio de um estudo comparativo, em virtude de a nacionalidade síria ser a mais expressiva de refugiados do Brasil e do mundo no período. Como será explicado posteriormente, a inserção em um grupo de mulheres refugiadas de outras nacionalidades acabou ampliando o escopo desta pesquisa.

Ao se estabelecerem em Madrid, as mulheres migrantes e refugiadas enfrentam riscos nas questões jurídicas, econômicas e sociais, nos processos de garantia de direitos, no acesso ao mercado de trabalho, na educação e outras políticas públicas necessárias, que retratam a ausência de fatores de proteção social no processo de chegada dos refugiados. Estas adversidades representam a permanência em um contexto de riscos e estão também relacionadas com as dinâmicas sociais caracterizadas pela diáspora. Podemos enumerar a circulação de identidades, práticas, normas; os marcadores de gênero, raça, etnia e classe; os problemas de pertencimento cultural e religioso e as diferenças de sociabilidade em um país diferente (católico em sua maioria, europeu) e, ainda, o conjunto de emoções envolvidas e incorporadas no processo migratório.

Todos esses fatores moldam e influenciam as expressões, práticas e experiências das mulheres migrantes quando da sua chegada à Espanha, e permitem-nos interpretar como sendo práticas de resiliência. A partir disso, podemos questionar como as influências do lugar - no nosso estudo na cidade de Madrid - e das mulheres migrantes interagem nas ações destas mulheres para enfrentar as experiências de adversidades após o processo migratório forçado e como elas desenvolvem esta resiliência, a capacidade de resistir à permanência dos riscos.

Em síntese, as migrantes forçadas têm o deslocamento como um acontecimento muito traumático, que pode ser considerado como um conjunto de perdas materiais, emocionais e psicológicas (HORN, 2009) e precisam lidar com as mudanças que um novo país traz consigo. Podemos enumerar a cultura, a língua, as novas dinâmicas sociais, econômicas e profissionais, e também os vários obstáculos no acesso às políticas públicas, na garantia dos seus direitos, na integração na nova sociedade, o que os deixa numa situação de vulnerabilidade e de risco com as falhas da sua proteção. Frente a estas mudanças e adversidades, precisam desenvolver estratégias de ação, ou seja, de se tornarem resilientes para se adaptarem a todas estas mudanças.

Diante da situação de vulnerabilidade da migração, da ausência de proteção e da condição feminina árabe num país majoritariamente católico, desenvolvem-se diversas formas de resistência aos riscos, que descrevemos ao longo do trabalho, aqui chamadas de “resiliência”. Como um todo, elas evidenciam a um só tempo a condição feminina, nacional (árabe) e de migrante forçada, variando de caso a caso, segundo situações e trajetórias específicas. Em síntese, como se verá ao longo do trabalho, resiliência é o conceito que orienta a investigação das práticas sociais cotidianas das migrantes, cuja variedade não pode ser deduzida, unicamente, de sua condição econômica ou de seu deslocamento, ainda que forçado. Estas práticas resilientes, assim provisoriamente denominadas, inserem-se num contexto maior de vulnerabilidades múltiplas, na intersecção de vários fatores e situações.

Para o desenvolvimento da investigação, de cunho eminentemente qualitativo, foi realizada uma pesquisa empírica na cidade de Madrid, no período de outubro de 2021 a abril de 2022. O campo da investigação é composto por observação participante e entrevistas semi-estruturadas com mulheres migrantes e refugiadas e com funcionários das principais organizações locais que trabalham com o tema. O interesse da tese está ainda nas subjetividades, nas dinâmicas e nos processos que conduzem o entendimento do tema em termos pessoais, considerando as particularidades das entrevistadas.

Esta tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro, explicamos a situação migratória em que as entrevistadas se encontram, as definições de suas categorias, os instrumentos internacionais que as protegem e o contexto da realidade delas durante os processos migratórios, explicitando quais os fatores de riscos e as formas de resiliência que podem utilizar. O segundo capítulo descreve os cenários de conflito de cada país de origem, seguido dos principais destinos para a população deslocada e, ainda, o contexto específico da Espanha como sociedade de acolhida. O terceiro capítulo mostra a pesquisa de campo realizada até os contatos com as mulheres migrantes e refugiadas, tratando das principais organizações locais envolvidas na acolhida e a visão de pessoas-chave sobre esse processo. Em seguida, trazemos as oito mulheres entrevistadas, as narrativas que explicam os riscos enfrentados e as estratégias de resiliência utilizadas. No quinto capítulo, resgatamos os riscos descritos pelas entrevistadas e os fatores de resiliência, de acordo com as narrativas. Fechamos a tese com as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – A SITUAÇÃO MIGRATÓRIA

O presente capítulo está dividido em três seções. A primeira seção tem o objetivo de apresentar as definições de migrações forçadas e do conceito de refúgio, visto que representam os processos de deslocamento das mulheres retratadas nesta investigação e a situação migratória em que elas se encontram. A segunda seção trata sobre o panorama internacional acerca dos fluxos migratórios, especialmente das migrações forçadas e do refúgio e as formas e os sistemas de proteção internacional. Por último, abordamos o contexto dessa situação migratória para as mulheres, fundamentado nos conceitos de riscos e de resiliência.

1.1 Migrantes forçados, deslocados, refugiados e em situação de refúgio

Antes de descrevermos sobre a definição de migração forçada e sobre o conceito de refúgio, é importante apresentar o próprio conceito de migração. Migração é um termo com longa história e utilização, podendo apresentar diversas categorias de acordo com o contexto e com suas especificidades. Segundo Campos (2017), migração é um tipo de deslocamento que necessariamente atende a critérios temporais e espaciais, que a diferencie de outros tipos de mobilidade, como turismo, viagens a negócio ou estudos, entre outros movimentos sazonais. Isto é, para que seja migração, “é preciso que o indivíduo resida no local de destino por um período minimamente estabelecido” e, também, é exigida “uma distância mínima entre as localidades de origem e destino do deslocamento seja percorrida pelo migrante” (CAMPOS, 2017, p. 453). Neste argumento, pelo viés de tempo, considera-se como critério a permanência no local de destino por um tempo mínimo de meses ou anos (usualmente seis meses ou um ano) que a pessoa permanece no local ou o período que ela gostaria de ficar. E, pela lógica espacial, devido à dificuldade de mensurar distâncias, o requisito adotado para que seja uma migração é o cruzamento de uma fronteira político-administrativa (CAMPOS, 2017, p. 453). Tratando de migrantes internacionais, nesta tese utilizamos o termo migrante para aquele que se muda do local de residência habitual por meio de uma fronteira internacional.

Conforme as categorias expostas pela OIM em seu glossário¹, essa migração pode ser realizada de forma individual ou coletiva, regular ou irregular, clandestina, circular, assistida, de retorno, laboral, ambiental, entre tantas outras formas que vem sendo cada vez mais discutidas e estudadas. Ademais, existem diversos fatores que influenciam os fluxos migratórios contemporâneos, como o mercado de trabalho global, as oportunidades de trabalho e de estudos, os meios sociais como pobreza, os arranjos familiares, entre tantos outros. Entre as formas de migração, cabe aqui salientar as diferenças de migração voluntária ou espontânea e a migração forçada, a qual tem foco esta tese.

O elemento principal da migração forçada é que ela é involuntária, ou seja, não ocorre conforme os desejos de escolha da pessoa. No entanto, diferenciar migração voluntária e forçada, muitas vezes, torna-se complexo, em razão das pessoas migrarem por diversas circunstâncias e, ainda, pelo fato de que migrantes forçados podem ter algumas escolhas, por exemplo, quando e como vão sair do local de origem. Dentro do âmbito da migração forçada, há, ainda, as categorias de refugiados, deslocados internos e solicitantes de refúgio, as quais estão “sob a influência de relações políticas e geográficas de poder” (REYNOLDS, 2017, p. 461).

Acerca de pessoas refugiadas, podemos utilizar a definição do ACNUR:

Refugiados são pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados (ACNUR²).

Enfatizando refugiado como categoria de ordem jurídica, defendemos que há três situações indispensáveis para que alguém possa ser reconhecido como refugiado: “el peligro demostrable a perder la vida o sufrir daños irreparables en su integridad física y psíquica, la desprotección o persecución directa o indirecta de un Estado, y el cruce de una frontera internacional” (GÓMEZ, 2021). Assim, o *status* de refugiado provém do Direito Internacional Público e, cabe salientar que, no campo do Direito, os conceitos de refúgio e de refugiado têm significados específicos (CASAGRANDE, 2017) e aqui destacamos o refúgio como um reconhecimento de direito devido à necessidade do indivíduo e não como um instrumento jurídico que tem origem na vontade de um Estado em oferecer uma proteção à pessoa de outro país que está em seu território (WALDELY,

¹ Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>

² Fonte: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>

VIRGENS, ALMEIDA, 2014). A partir dessa definição, um Estado reconhece ou não uma pessoa solicitante de refúgio como refugiada. É importante salientar que o conceito de refugiado vem sendo discutido ao longo dos anos, de acordo com novas circunstâncias e necessidades que surgem ao longo do tempo. A definição de refugiado não consegue dar conta da magnitude e da escala dos acontecimentos como conflitos, situações de violência e demais movimentos e fenômenos (WALDELY, VIRGENS, ALMEIDA, 2014).

O ACNUR define as situações prolongadas de refugiados como “aquellas en las que más de 25.000 personas refugiadas de la misma nacionalidad han estado exiliadas en un país de acogida determinado de renta media o alta durante al menos cinco años consecutivos” (UNHCR, 2022, p. 20). É importante destacar que essa definição trata do contexto de pessoas refugiadas no âmbito geral, não levando em consideração os quadros individuais de cada pessoa refugiada. Até o final de 2021, cerca de 15,9 milhões de pessoas refugiadas estavam em situação prolongada, o que representou um aumento de mais de 200 mil refugiados, em relação ao ano de 2020, e todos esses números retratam 51 situações prolongadas em 31 países de acolhida (UNHCR, 2022, p. 20).

Neste âmbito, destacamos também o fato de que as pessoas refugiadas, mesmo que sejam oriundas de países em conflito e mesmo que sejam conflitos duradouros, possuem interesse em retornar ao país de origem. As pesquisas realizadas pelo ACNUR estimam que, por exemplo, 7 de cada 10 pessoas sírias acolhidas especialmente em países vizinhos esperam voltar ao país de origem no futuro. Esse desejo também é visto em outras populações refugiadas, em que há estimativas de que entre um terço e a metade desejam retornar às origens no futuro (UNHCR, 2022, p. 9). Nesse sentido, Casagrande (2017) sugere a utilização do verbo estar refugiado, uma vez que “estar refugiado representa condição vivida subjetivamente e categorizada objetivamente pelo Direito” (CASAGRANDE, 2017, p. 128).

Além do desejo de retorno – o qual configura que a categoria de refugiado pode não ser para sempre – devemos lembrar que nem todas as pessoas são reconhecidas como refugiadas, o que não significa necessariamente que não esteja em uma situação de refúgio. Por exemplo, quando uma pessoa solicita refúgio, ela é denominada como solicitante ou requerente e, dependendo do país, tem os mesmos direitos que uma pessoa com o deferimento de refúgio.

Em síntese, nesta investigação, seja utilizando a categoria de refugiadas, de deslocadas ou de migrantes forçadas, queremos destacar que o contexto das mulheres entrevistadas está inserido em processo migratório em virtude de conflitos, em que foram forçadas a deixarem seus lares, seus familiares, sua comunidade. Ressaltamos que a busca por refúgio ou migração foi a resposta como única possibilidade de vida digna e de sobrevivência.

1.2 Os principais instrumentos para a proteção internacional

Na seção anterior, apresentamos as definições das categorias de migrantes forçados, deslocados e refugiados que utilizamos nesta tese, uma vez que representam as situações das mulheres do Iêmen, do Iraque e da Síria, retratadas nesta investigação. Conforme já mencionado, as categorias de migrantes são diversas e, portanto, há uma dificuldade de se ter um instrumento internacional amplo que oriente a conduta dos Estados sobre as variáveis migratórias.

Nesta seção é importante sublinhar a mudança do Direito Internacional Público Moderno para o Direito Internacional Público Contemporâneo, o qual se caracteriza pela humanização do Direito Internacional, isto é, “da colocação do indivíduo como *ethos* desse ramo do Direito não mais como extensão do Estado, mas também a despeito dele” (TRINDADE, 2006; CASAGRANDE, 2017, p. 133). Neste âmbito, a soberania do Estado deixa de ser inegociável especialmente quando os direitos fundamentais do indivíduo estão em discussão e, assim,

A proteção internacional do indivíduo a despeito de seu Estado de nacionalidade, quer porque este não brinda a proteção satisfatória, quer porque o próprio Estado é o violador de garantias fundamentais, relativiza o entendimento da função dos Estados no Direito Internacional. O Estado, além de sujeito e pessoa jurídica de Direito Internacional, passa também a ser meio e ferramenta operacional do Direito Internacional Público (CASAGRANDE, 2017, p. 133).

Desse modo, o Estado passa a ser meio e dispositivo operacional do Direito Internacional Público, além de sujeito e pessoa jurídica. O conjunto mínimo ético de direitos a que os Estados se comprometem de forma solidária deve ser assegurado a todos sob sua jurisdição pessoal e territorial, e concedem que o Direito Internacional deve atuar de forma subsidiária quando da necessidade de ação conjunta dos Estados a fim de uma

proteção mais efetiva dos indivíduos ou quando o Estado não é suficiente para brindar a proteção efetiva à sua população (PIOVESAN, 2016; CASAGRANDE, 2017). Em síntese, nesta lógica do Direito Internacional Público, cada acordo em tratado internacional ou expressão da prática reiterada dos Estados que forma o costume internacional corresponde a um compromisso dos membros da comunidade internacional (CASAGRANDE, 2017).

Na realidade, existem normas internacionais que regulam tópicos referentes à segurança, nacionalidade, direitos humanos, unificação familiar, tráfico de pessoas, apatridia, refúgio, asilo, entre outras questões do âmbito migratório (JUBILUT, APOLINÁRIO, 2010). No que se refere à proteção da migração forçada por fundado temor de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opinião política ela é “brindada pelo Direito Internacional sobreposta e aplicada transstemicamente às obrigações e ações implementadas internamente no Estado de acolhimento do refugiado” (CASAGRANDE, 2017, p. 130).

No período do pós Segunda Guerra, com um número expressivo de pessoas deslocadas, surge a Organização Internacional para as Migrações, a qual inicialmente foi denominada como Comitê Intergovernamental Provisório para o Movimento de Migrantes da Europa (PICMME). Neste âmbito, a OIM declara que se guia pelos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas, e defende direitos humanos para todos e o respeito pelos direitos, pela dignidade e pelo bem-estar dos migrantes. A OIM possui um Conselho e Estados Membros, os quais, em 2015, endossaram o Migration Governance Framework (MiGOF), o qual trabalha com uma abordagem eficaz de governança migratória. Ademais, a OIM busca capacitar governos a fim de administrar as formas e impactos dos fluxos migratórios.

As pessoas refugiadas têm o direito à proteção internacional por meio da Convenção de 51, do protocolo de 67 e da declaração de Cartagena. Antes de explicar cada um desses itens, é importante ressaltar o surgimento da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), em dezembro de 1950, por meio de uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas³. O trabalho do ACNUR iniciou com a Convenção de Genebra de 1951, a qual foi realizada para solucionar a situação das pessoas refugiadas na Europa

³ Fonte:

<https://www.acnur.org/portugues/historico/#:~:text=O%20ACNUR%2C%20a%20Ag%C3%Aancia%20da,ap%C3%B3s%20a%20Segunda%20Guerra%20Mundial.>

após a Segunda Guerra Mundial e para adotar formalmente o Estatuto dos Refugiados. Nessa Convenção, os instrumentos legais internacionais – que são de competência do ACNUR – associados aos refugiados foram consolidados e foram estabelecidos padrões básicos para o tratamento de refugiados, os quais, no entanto, abordaram a conjuntura até janeiro de 1951.

Como já mencionado anteriormente, ao longo do tempo e diante de novos acontecimentos, viu-se a necessidade de aumentar a proteção para novos fluxos de refugiados e, então, foi submetido um Protocolo às Nações Unidas em 1966. Este Protocolo apenas entrou em vigor em 1967, em que “os países foram levados a aplicar as provisões da Convenção de 1951 para todos os refugiados enquadrados na definição da carta, mas sem limite de datas e de espaço geográfico” (ACNUR⁴). Os países que ratificam a Convenção e/ou Protocolo, que são cerca de 150, assumem o compromisso de cooperar com o ACNUR e supervisionar se os instrumentos são aplicados. A Declaração de Cartagena, que considerou as inovações da Convenção da OUA⁵, foi adotada em 1984 na cidade colombiana e ampliou a definição de refugiado na América Latina reforçando que:

A definição ou o conceito recomendável para sua utilização na região é o que, além de conter os elementos da Convenção de 1951 e do Protocolo de 1967, considere também como refugiados as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública⁶.

É fundamental destacar que o ACNUR não é uma organização supranacional, isto é, ele não pode substituir a proteção fornecida pelos órgãos de cada país. Além desses instrumentos de proteção internacional que os Estados ratificam e aderem, cada país adota políticas específicas para decidir quais solicitantes precisam e irão se beneficiar da proteção internacional em seu território. Em resumo, o ACNUR defende que o objetivo principal da proteção é o “princípio da não devolução (ou *non refoulement*): solicitantes

⁴ Fonte: <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/#:~:text=A%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20de%201951%20e,receber%20ref%C3%BAgio%20em%20outro%20pa%C3%ADs.>

⁵ A Convenção da Organização de Unidade Africana (OUA) de 1974 rege os aspectos específicos dos problemas dos refugiados na África.

⁶ Disponível em:

https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaraao_de_Cartagena.pdf

de refúgio e pessoas refugiadas não podem ser retornadas a nenhum país ou território onde sua vida e integridade estejam em risco” (ACNUR⁷).

Como descrito na seção anterior sobre o desejo de retorno ao país de origem mesmo em situações de refúgio, na maioria dos casos de países com conflitos duradouros, há uma impossibilidade de retornar devido à permanência de insegurança e de casos de violência, pela falta de oportunidades e de acesso às políticas essenciais, tornando o deslocamento prolongado uma realidade. Como uma solução, o ACNUR criou o programa de reassentamento em um terceiro país, o qual é definido como:

[...] a transferência de refugiados de um país anfitrião para outro Estado que concordou em admiti-los e, em última instância, conceder-lhes assentamento permanente. O ACNUR é obrigado pelo seu Estatuto e pelas Resoluções da Assembleia Geral da ONU a realizar o reassentamento como uma das soluções duradouras. O reassentamento é singular porque é a única solução durável que envolve a realocação de refugiados de um país anfitrião para um terceiro país (ACNUR Brasil⁸).

O reassentamento então configura-se em uma alternativa de proteção internacional às pessoas refugiadas. O reassentamento se consolidou como política alternativa de proteção internacional na década 1970, quando milhares de pessoas oriundas do Vietnã, Camboja e Laos fugiram da violência em seus países. Por um lado, os que fugiam por vias marítimas, eram interceptados e ficaram conhecidos como *boat people*, sem asilo em outro país; por outro lado, aos que chegavam por vias terrestres também não era permitida a integração local porque os países não eram signatários da Convenção ou do Protocolo (DOMINGUEZ, BAENINGER, 2016). Atualmente, as vagas oferecidas pelos Estados para os programas de reassentamento não são suficientes para o cenário internacional. Por exemplo, no ano de 2021, apenas 4% dos refugiados com necessidade de reassentamento foram reassentados (UNHCR, 2022, p. 9).

Em resumo, como forma de interromper o ciclo do deslocamento forçado, o reassentamento tem três funções principais: a primeira é que representa um instrumento de proteção internacional para as pessoas refugiadas em risco no primeiro país de refúgio; a segunda é a que reproduz uma solução duradoura ao lado da integração local e da repatriação voluntária; a terceira é a que objetiva o aprofundamento da solidariedade

⁷ Fonte: <https://www.acnur.org/portugues/mandato-do-acnur/>

⁸ Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/solucoes-duradouras/reassentamento/>

internacional e o compartilhamento da responsabilidade de proteção às pessoas refugiadas entre os países (GODOY, 2017).

O que destacamos até o momento foram as categorias migratórias nas quais as entrevistadas desta tese estão inseridas e os principais instrumentos de proteção internacional a essas situações. No entanto, na realidade, vemos que a categorização dos fluxos migratórios podem ter um caráter seletivo, criando assim, um fator de merecimento de beneficiários legítimos de proteção (GODENAU, LOPEZ SALA, 2016).

Wood (1985) argumenta que as categorias dos status migratórios são tidas como objetos da política dos Estados. Nesse sentido, ele coloca que as categorias migratórias são rótulos (etiquetas em espanhol), em que *“las etiquetas tienden a objetivar a las personas, desvinculándolas de su historia, transformándolas en casos estandarizados y vinculándolas con las instituciones que las administran”* (WOOD, 1985, p. 355 apud LOPEZ SALA, AMADOR, 2021, p. 6). Neste sentido, nos últimos anos, sobretudo no contexto da chamada crise dos refugiados, o debate sobre a categoria migratória enquanto rótulo se acentuou para as discussões entre migração forçada e migração voluntária, em que

Diversos estudios han profundizado en cómo estas políticas del etiquetado han minado la estructura de protección en las políticas de refugio legitimando políticas restrictivas y exclusionistas en los Estados receptores. Estos estudios han subrayado, por ejemplo, cómo estas construcciones establecen una clasificación de los individuos en movimiento basada en percepciones sobre quién es merecedor, o no, de estatutos de protección y revelando una dinámica compleja que impregna las políticas públicas a través de una distinción entre sujetos legítimos e ilegítimos (LOPEZ SALA, AMADOR, 2021, p. 6).

Queremos ressaltar que as categorias migratórias e esses processos de “rótulos” evidenciam relações de poder e atos de governança dos Estados que se baseiam em interesses para a configuração das categorias de status migratório conforme o contexto. Como já sublinhado, os fluxos migratórios são complexos e amplos, que dificilmente se enquadram em definições absolutas. Desse modo, ao estabelecer os status migratórios, tem-se um sistema de classificação e ordenamento das pessoas migrantes, de acordo com cada categoria. E, ainda, todo esse processo implica em políticas de proteção e de acolhimento diferenciadas (SAJJAD, 2018; LOPEZ SALA, AMADOR, 2021).

No âmbito das desigualdades, além dos instrumentos acima expostos, a proteção internacional para as pessoas migrantes é composta por outros aspectos. Nos últimos

anos, autores têm estudado e fundamentado teorias sobre a Proteção Social Transnacional (PST) a fim de uma abordagem mais adequada para compreendermos as novas formas de distribuição e proteção de riscos e de sistemas de proteção. Segundo Levitt e Faist, a perspectiva de PST busca uma convergência entre as discussões dos regimes nacionais de bem estar, das políticas sociais globais e do cuidado transnacional (SPERONI, 2019).

Em resumo, podemos definir a PST como “las acciones, políticas y programas institucionales, así como las estrategias individuales y colectivas que proveen recursos de protección de forma transnacional” (LEVITT et al, 2017) ou como “un conjunto de capacidades y estrategias para responder a las privaciones y los riesgos” (SPERONI, 2019, p. 133). Assim, nesta perspectiva, entre os provedores de proteção social, estão os Estados, os mercados, as organizações da sociedade civil, as redes sociais e as famílias, que oferecem diferentes formas e recursos de proteção para as pessoas, se dividindo entre as mais formais (fornecidas por Estados e organizações) e as informais (fornecidas pelas redes de cada pessoa). Isto é, as capacidades que as pessoas têm a partir das diferentes formas de proteção social são como respostas às privações e aos riscos.

1.3 Os riscos e o contexto migratório para as mulheres

Neste capítulo, apontamos as definições das categorias migratórias em que as mulheres entrevistadas se encontram e os instrumentos de proteção internacional para essas situações e todos os fatores inseridos nessa proteção. Na presente seção, o propósito deste texto é descrever o contexto em que se encontram as mulheres migrantes forçadas e em situação de refúgio e os principais riscos que enfrentam.

No que se refere a números e estatísticas, não há representação quantitativa maior de mulheres do que de homens em situação de refúgio (MARQUES et al, 2019), nem em relação ao número de migrantes internacionais (OIM, 2019⁹). No entanto, as mulheres sempre migraram e, nos últimos anos, vem ocorrendo uma feminização das migrações, em que as mulheres migram não só por expectativas de reunificação familiar e por apoio econômico, mas também por oportunidades individuais, por liberdade, por fuga de violência doméstica, entre outros fatores (GONZÁLEZ, 2013). Assim, as correntes

⁹ Fonte: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais>

teóricas vêm colocando a pauta do gênero nos estudos, em que há especificidades fundamentais nos contextos migratórios e de refúgio.

Por diversas razões e circunstâncias, as mulheres, dentro do âmbito migratório, estão em maior vulnerabilidade do que os homens, isto é, precisam enfrentar mais riscos. Essa maior vulnerabilidade resulta das desigualdades existentes em relação ao gênero, em que os homens exercem um poder sobre as mulheres de forma legitimada e estão nos centros das esferas da sociedade (PATEMAN, 1993). A partir disso, de modo habitual, as mulheres têm status mais baixos que os homens em diferentes países e contextos e, desse modo, estão condicionadas a maior vulnerabilidade e necessitam uma análise específica no cenário das migrações (ROBBERS et al, 2016). Ainda, há uma diferenciação na efetivação dos direitos e da proteção internacional, em que a desigualdade de gênero também se nota nas políticas migratórias (ARAÚJO, 2010; PEDONE, ROMERO, ARAÚJO, 2012).

Neste cenário de desigualdades associadas aos papéis de gênero, ressaltamos que entre as práticas de inserção e de sociabilidades, as práticas em torno do cuidado e da proteção estão relacionadas à segmentação étnica e sexual do mercado de trabalho e nas demais relações de poder existentes. Isso ocorre devido à associação do doméstico com o feminino, à naturalização das tarefas do cuidado e à trajetória das mulheres migrantes no centro destas dinâmicas sociais (PEREZ OROZCO, 2014; SPERONI, 2019; FERNÁNDEZ, 2020).

Estudos mostram que mulheres em situação de refúgio estão inseridas em um cenário de dupla marginalização, uma vez que são mulheres e refugiadas (VIEIRA, 2018; COELHO, 2016; SANTINHO, 2011; PADILLA, 2007). Isto é, além das violências e discriminações que estão sujeitas a vivenciar porque são mulheres, a exposição a esses riscos aumenta devido a um não reconhecimento enquanto categoria específica e a uma invisibilidade nos programas e instrumentos de proteção internacional (VIEIRA, 2018; COELHO, 2016). As migrantes forçadas têm prioridades e necessidades distintas e, por serem mulheres, podem sofrer mais violência e terem mais riscos tanto no país de origem, quanto no deslocamento e na sociedade de acolhida. Ademais, o deslocamento de mulheres apresenta maior vulnerabilidade pois, muitas vezes, migram grávidas ou acompanhadas de menores (ACNUR, 2018).

Entre as circunstâncias de vulnerabilidade para as mulheres em situação de refúgio, podemos destacar a violência sexual¹⁰ em decorrência de conflito, a qual é característica de diversos países. Mesmo que os dados sobre violência sexual contra mulheres em situação de refúgio sejam limitados devido à dificuldade de reportar, documentar e denunciar, devido ao preconceito, entre outras ocorrências, as pesquisas realizadas mostram números alarmantes. Por exemplo, de acordo com estudos realizados pelas Nações Unidas¹¹, foi identificado que 1 a cada 5 refugiadas ou deslocadas tenha sofrido um tipo de violência sexual – sendo este número ainda subnotificado. Entre as pessoas oriundas da Síria, no ano de 2014, os registros mostram que centenas de mulheres e crianças foram sequestradas como escravas sexuais e para casamentos forçados. (ROSENDO, OLIVEIRA, 2017).

Outra pesquisa realizada na Bélgica e nos Países Baixos, no ano de 2012, demonstrou que – entre as pessoas entrevistadas – 69,3% das mulheres refugiadas tinham sofrido violência sexual desde a sua chegada à União Europeia (ROBBERS, MORGANB, 2018). Na fronteira Sul da Espanha, foi analisado que as mulheres migrantes e refugiadas que ingressam no território espanhol, possuem as mesmas estratégias que as migrantes da América Central para os Estados Unidos, em que utilizam táticas mais seguras no deslocamento, com menor exposição às violências física, sexual e institucional (CORTÉS; MANJARRAEZ, 2018).

Além da violência de gênero oriunda das desigualdades de poder que mulheres deslocadas têm risco de sofrer, as vulnerabilidades para elas são agravadas conforme a condição jurídica, a segurança econômica, o acesso aos serviços e às oportunidades de vida. Em pesquisa com mulheres refugiadas sírias e palestinas no Líbano em 2019, foi constatado que 90% das entrevistadas afirmou ter problemas graves devido a vulnerabilidades do entorno, como insegurança alimentar, saúde física, separação da família, falta de segurança no lugar em que vivem, sendo a *“falta de acceso a recursos financieros como la principal causa de estas vulnerabilidades tanto en las comunidades de acogida como en las de refugiados”* (POTTS, BARADA, BOURASSA, 2021, p. 29).

¹⁰ Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), violência sexual é “qualquer ato sexual, tentar obter um ato sexual, comentários sexuais indesejados ou avanços, ou atos ao tráfico, ou de outra forma dirigida, contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção, por qualquer pessoa, independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer ambiente, incluindo, mas não se limitando a casa e o trabalho”.

¹¹ Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2017/06/23/uma-em-cada-cinco-refugiadas-e-vitima-de-violencia-sexual-no-mundo/>

De acordo com a OMS¹², a saúde mental é “um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade”. Portanto, a saúde mental implica muito mais do que uma ausência de doenças mentais e estudos demonstram que eventos catastróficos como guerras e emergências têm efeitos importantes na saúde mental dos indivíduos (OMS, 2013).

Desse modo, outro aspecto de vulnerabilidade e de risco para as mulheres migrantes que podemos elencar é o de exaustão emocional (BURITICA, PEDONE, ARAUJO, 2013). Temos que levar em conta que as migrações forçadas possuem interações emocionais específicas (SVASEK, 2010), em que refugiados saem de suas origens de maneira forçada e migram para países que possuem barreiras circulatórias impostas e, assim, podem permanecer em crise. O refúgio possui dimensões políticas, econômicas, sociais, culturais e ideológicas, que pode trazer questões de pertencimento à nação, xenofobia, controle de fronteiras, preconceito, criminalização de movimentos migratórios, acolhimento precário e a privação de direitos (CALEGARI, 2018).

Em relação ao emocional, de acordo com a pesquisa anteriormente citada com mulheres refugiadas no Líbano, houve mais registros de sintomas de mal-estar psicológico grave entre as refugiadas do que as nativas. A investigação mostrou que esta diferença

[...] se derivaba de la presión o la preocupación (expresada en árabe como daghet) resultante del estrés financiero y familiar, la incertidumbre sobre el presente y del futuro, la separación familiar y el estigma asociado a la condición de refugiado. Tener un problema grave incluso en una sola dimensión de la vulnerabilidad debida al entorno se asoció con una tasa significativamente mayor de malestar psicológico severo en comparación con quienes no tenían problemas graves. El número de vulnerabilidades que dan lugar a este tipo de problemas se asoció en mayor medida con el aumento de las tasas de malestar psicológico grave (POTTS, BARADA, BOURASSA, 2021, p. 29).

Neste âmbito, as mulheres refugiadas destacaram a inter-relação natural da saúde física com a saúde mental. Nessa lógica, as autoras evidenciam como o fato de ter doenças crônicas ou dores físicas pode impedir que elas se tratem e, também, como a saúde mental pode ser manifestada em sintomas físicos. A investigação mostrou, ainda, que o principal

¹² Fonte: <https://bvsms.saude.gov.br/saude-mental-no-trabalho-e-tema-do-dia-mundial-da-saude-mental-2017-comemorado-em-10-de-outubro/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o,contribuir%20com%20a%20sua%20comunidade.>

obstáculo para acessar os serviços disponíveis, como serviços de saúde e de apoio psicológico e social, era a falta de informação e de conhecimento acerca deles (POTTS, BARADA, BOURASSA, 2021, p. 29). Portanto, além de apresentarem algumas enfermidades, a dificuldade no tratamento ao não conseguirem o acesso à saúde adequado aumenta os riscos do bem-estar delas.

Estudos recentes (como os realizados por Fox e Kim-Godwin, 2011; Garcini, et al. 2016; Ornelas e Perreira, 2011) sobre a saúde mental de mulheres migrantes mexicanas nos Estados Unidos identificaram, além da prevalência de sintomas depressivos entre as migrantes, outros fatores que afetam a saúde mental das mulheres migrantes, como os seguintes:

un tiempo prolongado de residencia en los Estados Unidos, discriminación étnica y sentimientos antiinmigrantes, amenazas de deportación, inseguridad financiera, pérdida de conexión con la familia y los amigos en su país de origen, experiencias de trauma, pérdida y adversidad, limitaciones lingüísticas, estrés debido a la incapacidad de encontrar empleo, sentimientos de no encajar en una nueva cultura, falta de familiaridad con el nuevo entorno, conflicto entre las costumbres y los valores tradicionales y nuevos, sentimientos de vergüenza, y no haber participado en la decisión de migrar (TORRES, LUSK, 2018, p. 2).

Dessa forma, ressaltamos que são diversos os fatores que afetam o bem-estar das mulheres migrantes, dificultando uma vida digna, tranquila e segura, sem riscos. Percebemos que os pontos acima elencados podem ser compartilhados especialmente por mulheres migrantes forçadas ou em situação de refúgio, as quais são retratadas neste trabalho.

Em resumo, destacamos o contexto de riscos em que as migrantes e refugiadas do Iêmen, do Iraque e da Síria estão inseridas durante o processo migratório e no país de destino. Também, exploramos os marcadores que intensificam esses riscos, como gênero, status migratório, religião, etnia, nível econômico, etc.

CAPÍTULO 2 – OS PAÍSES EM CONFLITO, OS DESTINOS E A PROTEÇÃO NA ESPANHA

Este capítulo está organizado em seis seções. Nas três primeiras, descreveremos o contexto dos países Iêmen, Iraque e Síria, respectivamente, abordando os principais tópicos sobre a história, sobre a geografia e sobre os conflitos recentes em cada território. A quarta parte trata dos principais destinos da população deslocada de forma forçada e, na quinta seção, discorreremos sobre a Espanha como país de destino, explanando sobre o sistema de proteção e sobre as dinâmicas envolvidas nos programas de acolhimento do país. Por último, apresentaremos o perfil e contexto das pessoas migrantes e refugiadas na Espanha e, ainda, na cidade de Madrid.

2.1 Iêmen

Não sendo rotineiramente um foco central das principais mídias mundiais (ELLWANGER, 2020) e, também, da produção acadêmica, o Iêmen é um dos países mais pobres do Oriente Médio e já apresentava problemas sociais antes do início do atual conflito. Historicamente, é um dos mais antigos centros de civilização do oriente próximo, e seu território atual é resultado da unificação de dois países: da República Árabe do Iêmen (um reino independente de tradição islâmica da região norte); e da República Democrática do Iêmen (protetorado britânico da região sul). Na imagem abaixo, apresentamos uma ilustração do mapa e da situação geopolítica do Iêmen:

IMAGEM 1 – Mapa e situação geográfica do Iêmen



Ilustração: Bahá'í International Community.
Fonte: Tawakkol Karman para Instituto Humanitas Unisinos¹³

Mesmo não possuindo grandes reservas de petróleo como seus países vizinhos, o Iêmen tem o petróleo como principal produto de exportação. Ademais, possui uma posição geográfica central na rota comercial de navios petroleiros do mundo por sua localização no estreito de Bab Al-Mandab, sendo, assim, um país de atração estratégica pelas forças externas Arábia Saudita e Irã (DURAN, 2021). Com uma população estimada em 27 milhões de habitantes, o Iêmen apresenta uma população de maioria árabe e muçulmana, em que metade da população é Zaidita (corrente dissidente dos Xiitas¹⁴) e se concentra majoritariamente no norte do país e a outra metade são Sunitas, que se localizam sobretudo no sul do território (SILVA, 2018).

A instabilidade política no país se intensificou na década de 2000, com as oposições dos Houthis (dissidentes dos Xiitas) ao governo de Saleh, que ganharam força a partir de 2004 e ocasionaram as guerras de Sanaa. No âmbito da influência externa, os sauditas são aliados dos países ocidentais, especialmente dos Estados Unidos, e o Irã tem controle na região por meio do Hamas (Gaza), do Hezbollah (Líbano) e dos Alauítas

¹³ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/625290-nivel-de-destruicao-do-iemen-e-maior-do-que-muitos-imaginam-entrevista-com-tawakkol-karman-jornalista-iemenita-nobel-da-paz>.

¹⁴ Os xiitas e sunitas são duas vertentes majoritárias do Islamismo que coexistem há séculos e compartilham práticas e crenças, mas apresentam diferenças significativas com relação a doutrinas, a leis, à organização, entre outras características.

(Síria). E, desde a revolução de 1979, os iranianos, sobretudo xiitas, ao buscarem a liderança do mundo islâmico, impulsionaram a disputa com os sauditas, majoritariamente sunitas. A partir disso, o território iemenita se tornou um cenário de guerra entre Irã e Arábia Saudita, em que o primeiro apoiou os Houthis e o segundo o governo (ALBERTINI; SILVA, 2020).

Apesar das guerras de Sanaa chegarem ao fim em 2010 em meio a negociações de paz, as intervenções externas continuaram, e o presidente Saleh decide criar o Exército Popular e vence os Houthis com a ajuda da Arábia Saudita. No entanto, em 2010, os Houthis dominam o norte do país e, em 2014, dominam a capital Sanaa. No contexto da Primavera Árabe¹⁵, em 2011, o antigo presidente Ali Abdullah Saleh foi forçado a entregar o poder para o vice-presidente Abdrabbuh Mansour Hadi, que tinha o objetivo de criar uma nova Constituição. Os Houthis não concordam e sequestram o chefe de gabinete do Presidente, entre outras ações de combate (LIMÃO, 2020).

Neste cenário, houve o rompimento das alianças entre os Estados Unidos e Arábia Saudita, e este último forma a Coalizão Saudita com os Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Bahrein, Sudão, Egito, Jordânia, Marrocos com o objetivo de intervenção no Iêmen em combate ao avanço dos Houthis. Em síntese, ocorreram constantes ataques de ambos os lados e o Iêmen teve bloqueio marítimo, terrestre e aéreo (ALBERTINI; SILVA, 2020).

A partir desse histórico de conflitos, mesmo com um momento de trégua, o Iêmen vem registrando dados preocupantes, em que já foi considerado a pior crise humanitária do mundo pelas Nações Unidas (SPOHR, 2020). De acordo com informe¹⁶ da ONU de outubro de 2022, mais de dois terços da população do Iêmen precisam de ajuda humanitária, 17 milhões sofrem de insegurança alimentar e, no ano de 2021, cerca de 377¹⁷ mil pessoas morreram por razões diretas e indiretas aos conflitos. Conforme o Índice Global da Fome¹⁸ de 2022, o país está em uma situação alarmante em nível de fome, visto que ocupa a última posição em um ranking de 121 países. O UNICEF também divulgou estatísticas¹⁹ críticas sobre a situação atual do país, entre as quais, uma criança no Iêmen morre a cada dez minutos por causas evitáveis e mais de um milhão de grávidas

¹⁵ A Primavera Árabe representou uma onda de protestos e manifestações que aconteceram no Oriente Médio e no Norte da África.

¹⁶ Disponível em <https://news.un.org/es/story/2022/10/1516167>.

¹⁷ Fonte: <https://www.ihu.unisinos.br/625290-nivel-de-destruicao-do-iemen-e-maior-do-que-muitos-imaginam-entrevista-com-tawakkol-karman-jornalista-iemenita-nobel-da-paz>

¹⁸ Fonte: <https://www.globalhungerindex.org/yemen.html#> =

¹⁹ Fonte: <https://help.unicef.org/yemen-malnutrition#> =

iemenitas sofrem desnutrição. Ademais, um relatório²⁰ do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) reportou estimativas de que mais de 1,3 milhão de pessoas irão morrer até 2030 sobretudo por falta de comida, aumento dos preços de alimentos e degradação de serviços básicos no país.

Conforme outras publicações²¹ da ONU, o país possui 1.301.166 emigrantes e, destes, quase 35% são migrantes mulheres. Devido a “una de las peores escaladas del conflicto observadas en los últimos años”, o Iêmen registrou mais de 286.700 novos deslocamentos internos no ano de 2021 (UNHCR, 2022, p. 25). No mesmo ano, em conjunto com a República Árabe Síria, Sudão, Sudão do Sul, Nigéria e República Democrática do Congo, os países registraram aumentos de entre 100 mil e 500 mil pessoas deslocadas internas (UNHCR, 2022, p. 6). No total, o país possui mais de 4,3 milhões de pessoas deslocadas internas, o que corresponde a um aumento de 7% em relação ao ano de 2020 e ocupa o quarto lugar da lista dos países com maior número de pessoas deslocadas internas (UNCHR, 2022, p. 26). Ainda, no que se refere ao deslocamento interno do Iêmen, “las niñas y los niños constituían una parte considerablemente mayor de la población de personas desplazadas internas en comparación con las personas adultas” (UNHCR, 2022, p. 27).

2.2 Iraque

O Iraque é detentor das maiores reservas de petróleo do mundo e possui uma parte estreita do litoral no norte do Golfo Pérsico. Também, possui dois grandes rios, o Tigre e o Eufrates, os quais subsidiam terras férteis e cuja região é referenciada como o “berço da civilização”, intitulada como Mesopotâmia, onde viviam diversas civilizações desde o sexto milênio a.C. Na imagem abaixo, mostramos a ilustração da posição geográfica do país:

IMAGEM 2 – Mapa e situação geográfica do Iraque

²⁰ Fonte: <https://www.ihu.unisinos.br/625290-nivel-de-destruicao-do-iemen-e-maior-do-que-muitos-imaginam-entrevista-com-tawakkol-karman-jornalista-iemenita-nobel-da-paz>

²¹ Fonte:

<https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/yemen#:~:text=La%20emigraci%C3%B3n%20de%20Yemen%20se,%2C%20el%205%2C43%25>.



Fonte: IBGE

Por disputas territoriais, religiosas, políticas, o Iraque esteve envolvido em diversas guerras, como o conflito com o Irã, a Guerra do Golfo e, mais recentemente, a Guerra do Iraque. Em 2003, após a invasão dos Estados Unidos e de seus aliados, o então presidente Saddam Hussein foi retirado do poder com a justificativa de que estava desenvolvendo armas químicas e biológicas a terroristas, assim, o Iraque integrava o chamado “Eixo do mal”, junto com outros países, como Irã e Coréia do Norte. Essa alegação estava inserida na Guerra ao Terror, declarada pelo presidente George W. Bush após os atentados de 11 de setembro de 2001, em que criou a Lei Antiterrorismo, a qual ainda acende questionamentos sobre a supremacia dos princípios de segurança nacional em detrimento da Constituição e dos direitos civis reconhecidos (VERVAELE, 2006).

Desse modo, o país vem lidando, entre outros fatores históricos que transformaram o seu território, com as consequências das guerras recentes, da ocupação dos Estados Unidos, do bloqueio econômico pela comunidade internacional e pela tomada do Estado Islâmico. A população iraquiana ainda enfrenta execuções em massa, violações sistemáticas, em que os direitos humanos continuam sob constante ataque, a miséria, a

destruição dos lares e das estruturas, a corrupção, falta de condições básicas, de emprego e de perspectivas, isto é, o território marcado por crises econômica, social e política.

No ano de 2021, o Iraque ocupou o oitavo lugar da lista de países de origem com maior número de novas solicitações de refúgio, registrando 37.700 naquele ano (UNHCR, 2022, p. 33). De acordo com outras estatísticas²² das Nações Unidas, em 2019, haviam mais de 1.414.632 deslocados internos e, no ano de 2021, os registros somam mais de 3 milhões de deslocados em todo o país. Os últimos dados publicados²³ estimam que há mais de 2 milhões de emigrantes do Iraque e, destes, mais de 50% são mulheres, as quais superam os números de homens emigrantes. Ademais dos conflitos e deslocados internos, o país também acolhe outros refugiados, por exemplo, em outubro de 2020, cerca de 282.571 pessoas eram refugiadas no país,

[...] incluindo 241.738 sírios (85,6% do total), 20.610 turcos (7,3%), 10.813 iranianos (3,8%), 7.964 palestinos (2,8%), 766 sudaneses (0,3%) e 680 outros (0,2%). A esmagadora maioria, 257.867 refugiados (91,3%), reside no Curdistão iraquiano, enquanto os restantes 24.605 (8,71%) vivem nas províncias do centro e do sul. Aqueles no Curdistão iraquiano são atendidos pelos escritórios de campo do ACNUR em Erbil, Duhok e Sulaymaniyah. No Curdistão iraquiano, 37,8% dos refugiados estão alojados em dez campos de refugiados, enquanto 62,2% vivem em áreas urbanas. Todos os 24.605 refugiados no Iraque federal residem em áreas urbanas, periurbanas ou rurais. 47,9% dos refugiados no Iraque são mulheres e 52,1% são homens (ACNUR Brasil²⁴).

Dessa forma, as pessoas no Iraque que estão em assentamentos, em campos de refugiados, têm suas dificuldades acentuadas pelos constantes ataques e por problemas de segurança. Segundo o relato²⁵ do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, além da falta de acesso às necessidades básicas, refugiados e deslocados precisam enfrentar a falta de acesso à escola, a instalações sanitárias e de higiene precárias e insegurança alimentar. O Comitê argumenta que há a necessidade de duplo deslocamento, pois o retorno é prematuro ao lugar de origem devido à falta de oportunidades e a recursos limitados, às casas destruídas e a áreas contaminadas por explosivos.

²² Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/iraque/#:~:text=Mais%20de%203%20milh%C3%B5es%20de,direito%20est%C3%A3o%20sob%20constante%20ataque.>

²³ Fonte: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/irak>

²⁴ Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/iraque/#:~:text=Mais%20de%203%20milh%C3%B5es%20de,direito%20est%C3%A3o%20sob%20constante%20ataque.>

²⁵ Disponível em <https://www.icrc.org/pt/refugiados-iraque>

2.3 Síria

A República Árabe Síria localiza-se na Ásia Ocidental e tem fronteiras, além do Mar Mediterrâneo, com o Líbano, com a Turquia, com o Iraque, com a Jordânia e com Israel, portanto, também possui uma posição geográfica importante e estratégica. O país tem um histórico vinculado a processos de expansão de grandes civilizações e também das potências modernas e, ademais da localização, o território sírio apresenta grandes rios com terras agricultáveis, tornando-se um ponto de interesse e de conexão entre os países ocidentais e asiáticos (ZAHREDDINE, 2013). Abaixo, colocamos uma imagem ilustrativa do mapa do país e suas fronteiras:

IMAGEM 3 – Mapa e situação geográfica da Síria



Fonte: Wikimedia Commons

A independência do país foi formalizada em 1946, em que se manteve uma maioria representada por muçulmanos sunitas (cerca de 70% da população) e grupos

minoritários importantes formados por cristãos, alauitas, drusos, entre outros. Desde a independência até 1971, a política na Síria foi marcada por golpes e contra golpes, como pode ser resumida por Zahreddine (2013):

De 1946 a 1958 a República da Síria foi governada por dez presidentes. Nasser foi o presidente da República Árabe Unida (RAU), durante a existência desta, de 1958 a 1961, resultado da união entre Egito e Síria. Com o fim da RAU em 1961 o partido Baath Sírio teve papel fundamental para a transformação política da Síria, sendo que em 1963 efetivamente toma o poder no país, e em 1964 muda o nome do Estado para República Popular da Síria, reforçando o caráter Pan-arabista e socialista daquele Estado (MOUBAYED, 1996). De 1961 a 1970 o país também sofre com os golpes militares, e sete presidentes ocuparam o cargo mais alto do executivo Sírio (ZAHREDDINE, 2013, p. 11-12).

Em 1971, inicia o governo da família Assad, com o oficial da aeronáutica Hafez Al Assad, que chegou ao poder por um golpe militar e permanece até o ano 2000, quando o filho Bashar Al Assad assume a transição até os dias de hoje. Cabe destacar que Hafez Al Assad era do grupo minoritário religioso dos Alauitas, e isso sempre teve importância no governo, uma vez que beneficiava esse grupo e, ainda, cristãos e drusos em detrimento da maioria da população, que é sunita. Podemos citar como exemplos a maior presença desses grupos minoritários em cargos políticos, nas Forças Armadas, o que favoreceu ao desenvolvimento de um grupo bastante fiel à família Assad (ZAHREDDINE, 2013).

Desse modo, entre essas questões políticas, o país também apresenta uma complexidade nas esferas étnicas e religiosas, que além dos grupos de sunitas, alauitas, cristãos e drusos, no território também há presença importante de curdos e armênios. Ademais, Zahreddine (2013) ainda lembra do número expressivo de pessoas palestinas refugiadas na Síria, devido ao conflito com Israel.

Neste âmbito de complexidades, destacamos também que, desde 1979 (período da Revolução Iraniana), o governo se aproximou da República Islâmica e se transformou em uma grande aliada árabe do Irã na região do Oriente Médio. A partir disso, o território passou a ser uma rede de contato entre o Irã e os grupos do Hezbollah e do Hamas, os quais rejeitavam as políticas ocidentais e se opunham aos países árabes pró-Occidente (MOHNS; BANK, 2012). Neste cenário, Irã protagoniza a disputa do conflito sírio com Arábia Saudita, a qual se alia aos Estados Unidos para se opor à presença iraniana no território sírio.

Os primeiros sinais da guerra na Síria começaram com manifestações, no início de 2011, na cidade de Daara, localizada na região Sul e, em algumas semanas depois, chegaram às maiores cidades (VISENTINI, 2014). Os protestos estavam também inseridos no contexto da Primavera Árabe, que demandavam por liberdade política e melhores condições sociais e econômicas. As respostas do governo de Assad foram violentas e, assim, os manifestantes começaram a reivindicar o fim do regime. Os protestos se expandiram ao redor do país e iniciaram alguns combates bélicos entre o exército sírio e os grupos da oposição, os quais também estavam armados. Os conflitos se transformaram também em disputas geopolíticas, e começaram as intervenções de outros países. Por exemplo, a Arábia Saudita que tinha o objetivo de enfraquecer o campo político oposto regional (CHUBIN, 2012); a Turquia que desejava o aumento da influência na região e começou a apoiar a oposição a Assad (ROBINS, 2013; BARKEY, 2016); os Estados Unidos – que historicamente estavam em disputa com a República Islâmica, especialmente o Irã – em conjunto com os países da OTAN, deram suporte a uma rede regional de apoio à oposição de Assad e tinham o objetivo de derrubar o governo de Assad (GERGES, 2012; BANDEIRA, 2013); a Rússia que tinha interesses de disputa com o Ocidente e por ter bases naval e aérea no país.

Em síntese, observamos que a guerra na Síria foi prolongada devido à grande intervenção externa e acarretou em um espaço de disputa entre dois campos políticos do Oriente Médio, por um lado, o Irã e seus aliados, por outro lado, Arábia Saudita e seus apoiadores. Ademais, o país sofreu diversos atentados terroristas realizados pela ascensão do Estado Islâmico (EI), que avançaram sobre grupos étnicos na região, como os curdos na Síria, a qual já estava desestabilizada, agravando a situação política, econômica e humanitária (NASCIMENTO; ROBERTO, 2016). E, assim, os embates no país representam uma diversidade tão grande de atores, de agendas e de recursos locais, nacionais e transnacionais que um acordo no país ficou cada vez mais difícil de ser conquistado, acarretando na continuidade da guerra por mais de uma década (HOKAYEM, 2015).

A guerra na Síria representa uma das maiores crises que contribuíram para os deslocamentos massivos na última década (UNHCR, 2020) e tem sido marcada por numerosas violações dos direitos humanos e pela impotência das instituições internacionais para resolver o conflito, restando à população síria a busca por proteção internacional em 129 países. Desde a última década, o país vem quebrando recordes

históricos e vem transformando a dinâmica global dos fluxos migratórios e se tornou “o único país em que a experiência do deslocamento forçado já afeta a maioria da população” (UNHCR, 2017, p. 6).

Desde 2014, a República Árabe Síria tornou-se o país com o maior número de refugiados no mundo e ocupa o primeiro lugar dessa lista até o último relatório publicado (UNHCR, 2022). Em 2021, o país registrou 6,8 milhões de refugiados, representando 27% da população refugiada a nível mundial; 6,9 milhões de deslocados internos, o que significa que “más de 1 de cada 3 personas sirias que permanecían en el país se encontraban en situación de desplazamiento interno” (UNHCR, 2022, p. 25-26).

2.4 Os principais destinos de refugiados e deslocados de maneira forçada

De acordo com o último informe *Tendencias Globales*²⁶ do ACNUR, mais de 27% dos refugiados e venezuelanos deslocados são acolhidos pelos países menos desenvolvidos, os quais somam 46 países e representam menos de 1,3% do produto interno bruto mundial, e acolhem cerca de 7 milhões de refugiados. Ademais, 83% dos refugiados do mundo e venezuelanos deslocados são acolhidos por países de baixa e média renda:

Los países de renta baja siguen acogiendo a una cantidad desproporcionadamente alta de la población desplazada mundial. De acuerdo con la clasificación según ingresos del Banco Mundial para el año 2021, los países de renta baja acogen al 22% de las personas desplazadas a través de las fronteras. Esto incluye a poblaciones refugiadas muy grandes en Uganda, Sudán, Etiopía, Chad y la República Democrática del Congo. Un 21% adicional fue acogido por países de renta media baja, como Pakistán, Bangladesh y la República Islámica de Irán. Países de renta media alta, como Türkiye, Colombia, el Líbano y Jordania, acogieron el 40% de toda la población desplazada a través de las fronteras. Países de renta alta, que representan la mayor parte de la riqueza mundial, acogieron solo el 16% de la población desplazada a través de las fronteras (UNHCR, 2022, p. 19).

Uma das justificativas para esses fatos pode ser a própria localização dos países. A maioria das pessoas que foge de países em conflito e de alguma perseguição migra para países próximos aos de origem, desse modo, em 2021, 72% dos refugiados do mundo e venezuelanos deslocados foram acolhidos por países vizinhos, isto é, “cerca de las tres

²⁶ Disponível em <https://www.unhcr.org/publications/brochures/62a9d1494/global-trends-report-2021.html>

cuartas partes de las personas desplazadas a través de las fronteras fueron acogidas en países vecinos” (UNHCR, 2022, p. 19). Neste sentido, o informe destaca que Turquia, Colômbia e Uganda continuam sendo os três países que mais acolhem pessoas deslocadas por meio de fronteiras.

No cenário internacional, a Turquia continua sendo o país que mais acolhe pessoas refugiadas em todo o mundo, e registra mais de 3,8 milhões de refugiados em seu território em 2021, o que corresponde a 15% de todas as deslocadas por meio de fronteiras a nível mundial. Depois da Turquia, a Alemanha é o segundo país da Europa que mais acolhe e, até o final de 2021, registrou mais de 1,3 milhão de pessoas refugiadas. No continente europeu, em que há mais de 7 milhões de refugiados, houve um aumento de 3% no número de pessoas deslocadas acolhidas no ano de 2021, as quais somaram 288 mil, que se estabeleceram, especialmente, na Alemanha, na França e na Itália (UNHCR, 2022, p. 14).

No que se refere às solicitações de proteção internacional, até 2021, mais de 630 mil pessoas solicitaram proteção na União Europeia, em que sírios, afegãos e iraquianos representam um terço de todas as origens dos requerimentos. Os países com maior número de pedidos de proteção internacional são Alemanha, França e Espanha, os quais reconheceram uma média de 35% (CEAR, 2022²⁷).

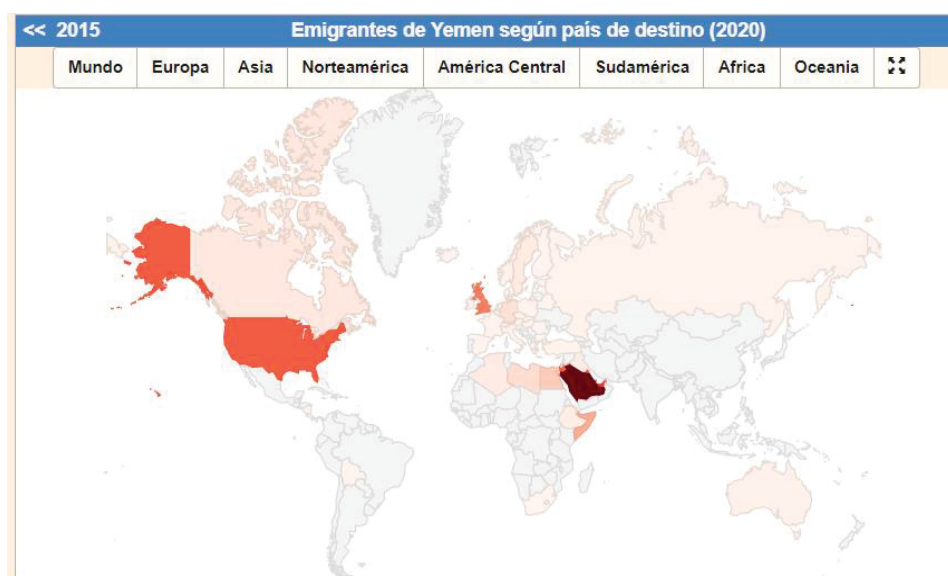
Entre os outros continentes, as Américas acolheram, até o final de 2021, mais de 5 milhões de pessoas deslocadas por meio das fronteiras, sendo 86% venezuelanas. Nas Américas, os países com maior número de registros de pessoas refugiadas e deslocadas são Colômbia, Peru, Equador, Canadá, México e Estados Unidos. A África Subsaariana, devido a conflitos e violência contínua em seu território, acolhe mais de 25% de todas as pessoas deslocadas por fronteiras. A África Oriental registra mais de 4,7 milhões de refugiados; os países da África Ocidental e Central acolheram mais de 1,5 milhão e o Sul da África registrou mais de 783 mil, até o final de 2021, com um aumento em relação a 2020 devido à fuga de pessoas da República Centro-Africana e da República Democrática do Congo. Nas regiões da Ásia e do Pacífico, em 2021, foi apontado um aumento em relação ao ano de 2020 no número de pessoas refugiadas, somando mais de 4,2 milhões e os principais países receptores são Paquistão, Bangladesh e República Islâmica do Irã. No Norte da África e no Oriente Médio – região dos países de origem das entrevistadas

²⁷ Disponível em: <https://www.cear.es/wp-content/uploads/2022/06/Resumen-ejecutivo-2022.pdf>

desta pesquisa – embora tenha registrado um aumento na população refugiada, os índices oficiais mostram uma diminuição nos números devido a uma revisão de dados populacionais no Iêmen e no Líbano, os quais registram, respectivamente, 83.300 e 32.200 refugiados (UNHCR, 2022, p. 14-15).

A maioria das pessoas refugiadas e deslocadas do Iêmen, do Iraque e da Síria, migram, sobretudo, primeiramente, para países vizinhos. No caso da emigração da população do Iêmen, cerca de 60% vão para a Arábia Saudita, aproximadamente 15% vão para os Emirados Árabes Unidos e, seguindo, cerca de 5% vão para o Kuwait²⁸. Na imagem abaixo, podemos ver no mapa os países ilustrados que mais receberam iemenitas até 2020:

IMAGEM 4 – Países que mais receberam emigrantes do Iêmen



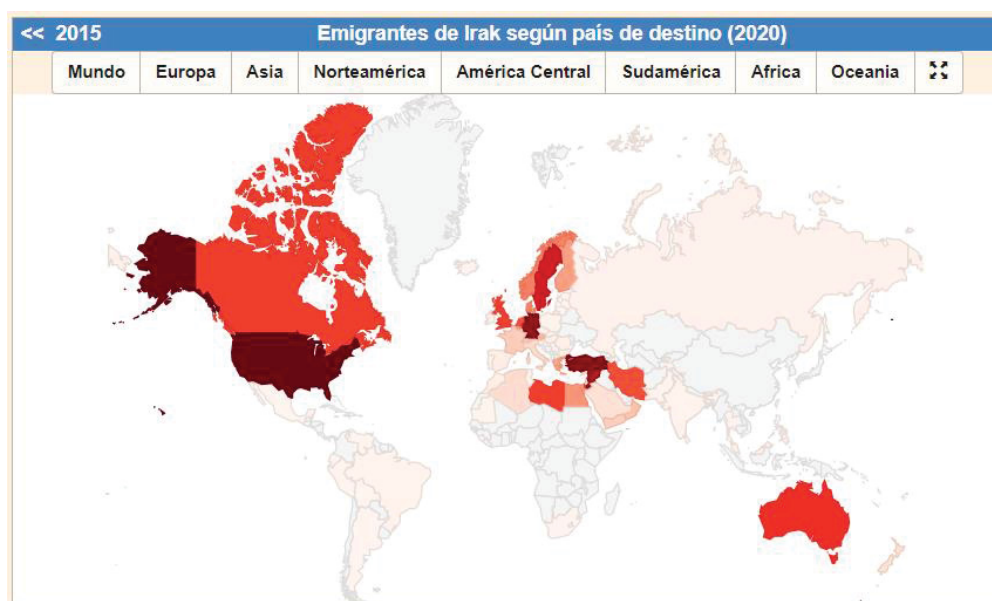
Fonte: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/yemen>

Entre a população iraquiana, cerca de 12% migram para os Estados Unidos, seguido de 11% que vão para a Turquia e aproximadamente 10% vão para a Alemanha²⁹. A seguir, destacamos a ilustração no mapa em que mostra os principais destinos de homens e mulheres do país, até o ano de 2020:

²⁸ Fonte: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/yemen>

²⁹ Fonte: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/irak>

IMAGEM 5 – Países que mais receberam emigrantes do Iraque

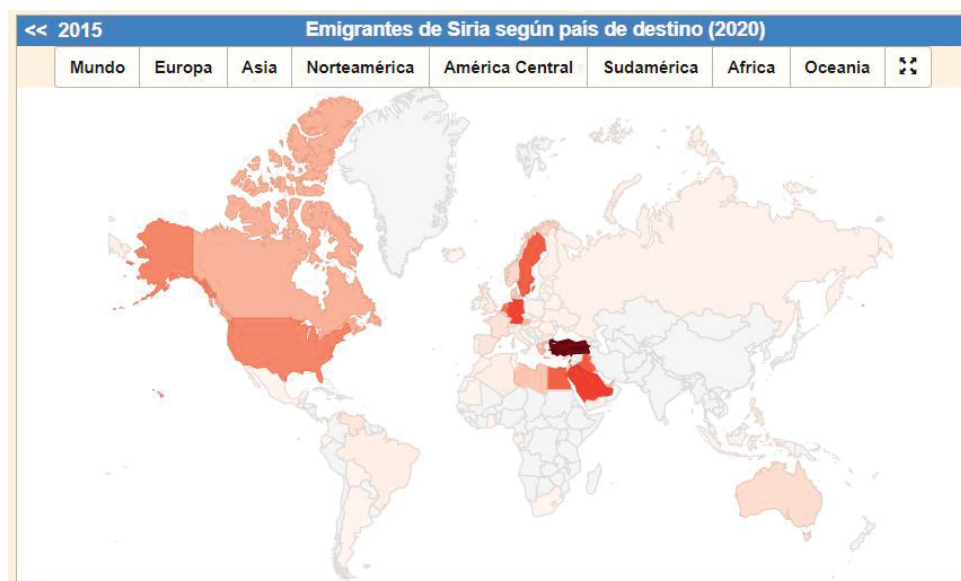


Fonte: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/irak>

No caso de refugiados sírios, depois de mais de uma década de conflito, “*más de las tres cuartas partes de las personas refugiadas sirias aún son acogidas por países vecinos, principalmente Türkiye (3.7 millones), el Líbano (840.900) y Jordania (673.000)*” (UNHCR, 2022, p. 17). Fora os países fronteiriços e vizinhos, a Alemanha se destaca pela acolhida das pessoas refugiadas³⁰, visto que no ano de 2021, foram registrados mais de 621.700 refugiados sírios no país (UNHCR, 2022, p. 17). Abaixo, mostramos a ilustração do mapa com os principais países que receberam sírios e sírias até o ano de 2020:

IMAGEM 6 – Países que mais receberam emigrantes da Síria

³⁰ Um dos motivos da Alemanha registrar maior número de sírios é por apresentar maior flexibilidade na entrada de refugiados que os demais países da Europa e, também, por ter instrumentos de Estado mais avançados para a concessão do asilo (SANTA MARIA, FERREIRA, GARCEZ, 2020).



Fonte: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/siria>

2.5 A Espanha como local de destino e os sistemas de proteção e de acolhimento a pessoas em situação de refúgio e a migrantes

Como observado na seção anterior, a Espanha não é a primeira opção de destino para a população migrante oriunda da Síria, do Iêmen e do Iraque. No entanto, membro da União Europeia, a Espanha é um local de destino e de trânsito para um grande número de pessoas migrantes e refugiadas e, assim, vem se tornando sociedade de acolhida para um número expressivo de iemenitas, iraquianos e sírios.

A Espanha está localizada na Península Ibérica na Europa e conta também com dois arquipélagos, as ilhas Canárias e as ilhas Baleares. Oficialmente Reino da Espanha, é o único país do continente europeu que tem fronteiras terrestres com a África, por meio de Ceuta e de Melilla. O país também tem limites com o Mediterrâneo, com Gibraltar, com a França, com Andorra, com Golfo da Biscaia, com Portugal e com o Oceano Atlântico. Entre os europeus, a Espanha é o sexto país mais populoso e o quarto maior, sendo o segundo maior país da Europa Ocidental e da União Europeia. Sendo abertamente multilíngue, o país tem uma composição demográfica moderna bastante influenciada por movimentos migratórios internos e externos. Na imagem abaixo, ilustramos a posição geográfica da Espanha, as fronteiras e as principais cidades do país:

IMAGEM 7 – Mapa e situação geográfica da Espanha



Fonte: IBGE

Historicamente, por mais de um século, a Espanha tinha a característica de ser um país de emigração e sobretudo com migrações internas, e só se tornou um país receptor de migrantes internacionais entre os anos 1980 e 1990. Entre as causas que levaram o país a ser um receptor de migrantes, estão o envelhecimento da população espanhola, a queda dos números de natalidade, a participação de mulheres no mercado de trabalho espanhol, o aumento da qualificação profissional, as novas dinâmicas de organização familiar e de gestão de tempo e a criação de uma política migratória para fornecer as novas necessidades, entre outros motivos. Ademais, outro aspecto a ser destacado como ponto de atração de migrantes é a inserção da Espanha na União Europeia (ARAÚJO, 2010; ARAÚJO, GONZÁLEZ, 2011). O aumento da imigração no país no período acima descrito pode ser representado se compararmos que, em 1996, a Espanha tinha cerca de 600 mil imigrantes e, em 2001, tinha mais de 1,2 milhão, o que representava 3% de sua

população (PÉREZ-DÍAZ; V. ÁLVAREZ-MIRANDA, B. GONZÁLEZ-ENRÍQUEZ, 2001).

Como membro da União Europeia, a Espanha reconhece os ordenamentos jurídicos internacionais, garantindo direitos de proteção a refugiados, nos âmbitos de seguridade social, assistência de saúde e assistência social (YANINI, 2019). O que regula o direito de refúgio no país é a lei 12/2009, que, por meio do artigo 3º, estabelece que

“la condición de refugiado se reconoce a toda persona que, debido a fundados temores de ser perseguida por motivos de raza, religión, nacionalidad, opiniones políticas, pertenencia a determinado grupo social, de género u orientación sexual, se encuentra fuera del país de su nacionalidad y no puede o, a causa de dichos temores, no quiere acogerse a la protección de tal país, o al apátrida que, careciendo de nacionalidad y hallándose fuera del país donde antes tuviera su residencia habitual, por los mismos motivos no puede o, a causa de dichos temores, no quiere regresar a él, y no esté incurso en alguna de las causas de exclusión del artículo 8 o de las causas de denegación o revocación del artículo 9” (ACNUR España³¹).

A proteção subsidiária é regulamentada pelo artigo 4º da Lei 12/2009, a qual define que as pessoas que solicitam proteção internacional podem ser beneficiadas da proteção subsidiária, que é dada a pessoas que fogem da guerra. De acordo com o ACNUR³², isso acontece a partir do fundamento de que se regressarem ao país de origem, enfrentariam risco de sofrer algum dos graves danos previstos na lei, mesmo não cumprindo os requisitos para ser reconhecido como refugiado, segundo a Convenção de Genebra de 1951.

Na Espanha, qualquer pessoa que queira solicitar refúgio, asilo ou proteção internacional pode fazer este requerimento no território espanhol, nos postos de fronteiras, em portos, aeroportos, incluindo as fronteiras terrestres de Ceuta e Melilla; também pode solicitar em um *Centro de Internamiento de Extranjeros* (CIE), em que os procedimentos podem ser realizados de forma acelerada. Conforme as instruções do ACNUR³³, os solicitantes de proteção internacional podem contar com o auxílio de um intérprete e com assistência jurídica gratuita; ter direito à saúde, a receber benefícios sociais, a trabalhar após os primeiros seis meses do requerimento, entre outros direitos.

³¹ Disponível em: <https://www.acnur.org/es-es/el-asilo-en-espana.html>.

³² Disponível em: <https://www.acnur.org/es-es/el-asilo-en-espana.html>.

³³ Disponível em: https://help.unhcr.org/spain/solicitar-asilo-en-espana/solicitantes-de-asilo/#_ga=2.78087380.1166382798.1668436211-1311226142.1660339320.

A situação geográfica e geoestratégica do país contribui para uma gestão específica de políticas migratórias e de proteção de pessoas refugiadas, como a criação de *Centros de Estancia Temporal de Inmigrantes (CETI)* em Ceuta e Melilla (FERRERO, 2016). De acordo com o *Ministerio de Trabajo y Economía Social*, os CETI são estabelecimentos de administração pública e “concebidos como dispositivos de primera acogida provisional y destinados a dar servicios y prestaciones sociales básicas al colectivo de inmigrantes y solicitantes de asilo que llegan a alguna de las Ciudades con Estatuto de Autonomía”³⁴. Com a regulação por meio do decreto 557/2011³⁵, os CETI realizam os trâmites de identificação e de controle médico antes de definir os recursos mais adequados, conforme as condições administrativas do país. Entre os serviços disponibilizados, os CETI oferecem alojamento e manutenção, assistências social, psicológica e jurídica, acesso à saúde e, ainda, serviços de formação, de lazer e de tempo livre.

Juridicamente, o direito ao refúgio³⁶ e à proteção social de pessoas refugiadas na Espanha têm origem na Constituição de 78, a qual menciona que “*La ley establecerá los términos en los que los ciudadanos de otros países y los apátridas podrán gozar del derecho de Asilo en España*”. A partir de 1983, quando o ACNUR financia programas de assistência social para refugiados, o então *Ministerio de Trabajo y Seguridad Social* da Espanha começa a subsidiar programas de acolhimento e integração. Em 1989, foram criados os *Centros de Acogidas a Refugiados*, de propriedade pública, destinados para solicitantes de refúgio, os quais poderiam se beneficiar dos programas estabelecidos para facilitar a integração (MARTÍN, GARRIDO, OROZCO, 2016).

Nos anos 1990, o então *Ministerio de Trabajo y Seguridad Social* (atual *Ministerio de Empleo y Seguridad Social*), e as organizações Cruz Roja, CEAR e ACCEM³⁷ assinam um convênio de colaboração para assistência social, jurídica e de saúde – de forma integral – para solicitantes de refúgio e refugiados e trata a proteção da seguinte forma:

El Ministerio de Empleo y Seguridad Social, tiene a su cargo la atención de las obligaciones estatales en las áreas del bienestar social, entre ellas los programas de protección social destinados a los solicitantes de asilo, refugiados y desplazados. Para atender estas necesidades, subvenciona determinados programas cuya finalidad es contribuir al proceso de integración de los

³⁴ Disponível em: https://www.mites.gob.es/es/guia/texto/guia_15/contenidos/guia_15_37_3.htm

³⁵ Disponível em: https://www.mites.gob.es/es/guia/texto/guia_15/contenidos/guia_15_37_3.htm

³⁶ Asilo em espanhol.

³⁷ Essas organizações serão descritas posteriormente no capítulo 3.

refugiados en España. La responsabilidad de estos programas de protección social para solicitantes de asilo y refugiados es competencia del Ministerio de Empleo y Seguridad Social desde julio de 2004, tras la reordenación de dicho Ministerio, su gestión corresponde a la Dirección General de Integración de los Inmigrantes que, desarrolla y gestiona los programas sociales para los solicitantes de asilo y los refugiados y, a través de convenios anuales, encarga algunos de dichos programas a tres organizaciones no gubernamentales, entre ellas CEAR (MARTÍN, GARRIDO, OROZCO, 2016, p. 105).

O sistema de proteção da Espanha tem o propósito de facilitar o processo de integração das pessoas solicitantes de refúgio e refugiadas, estimulando a autonomia e o exercício de direitos. Em relação ao sistema de acolhida, o país tem uma gestão mista, composta por uma rede de centros de acolhida (CAR) e centros de estadia temporária a imigrantes (CETI), além de equipamentos e programas de assistência a solicitantes e a beneficiários de proteção internacional, geridos por organizações e financiadas pelo Ministerio del Empleo y Seguridad Social. Entre os órgãos estatais já mencionados, destaca-se no processo de acolhida, também, os *Centros de Migraciones* e, entre as organizações, além da Cruz Roja Española, CEAR, ACCEM, têm destaque La Merced, CEPAIM e DIANOVA. É importante destacar que os subsídios a organizações, além dos disponibilizados pela *Secretaría General de Inmigración y Emigración*, também podem ser oriundos dos programas de Fundo Europeu de Refugiados, de Fundo Social Europeu e do Fundo de Refúgio, Migração e Integração. Os beneficiários do programa de acolhida são: os solicitantes ou beneficiários da proteção internacional na Espanha; pessoas com a solicitação de proteção aceita na Espanha ou por um Estado membro; beneficiários de proteção temporária; solicitantes do estatuto de apátrida ou aqueles com este reconhecido; imigrantes em situação de vulnerabilidade e/ou risco de exclusão social (MARTÍN, GARRIDO, OROZCO, 2016, p. 106 - 107).

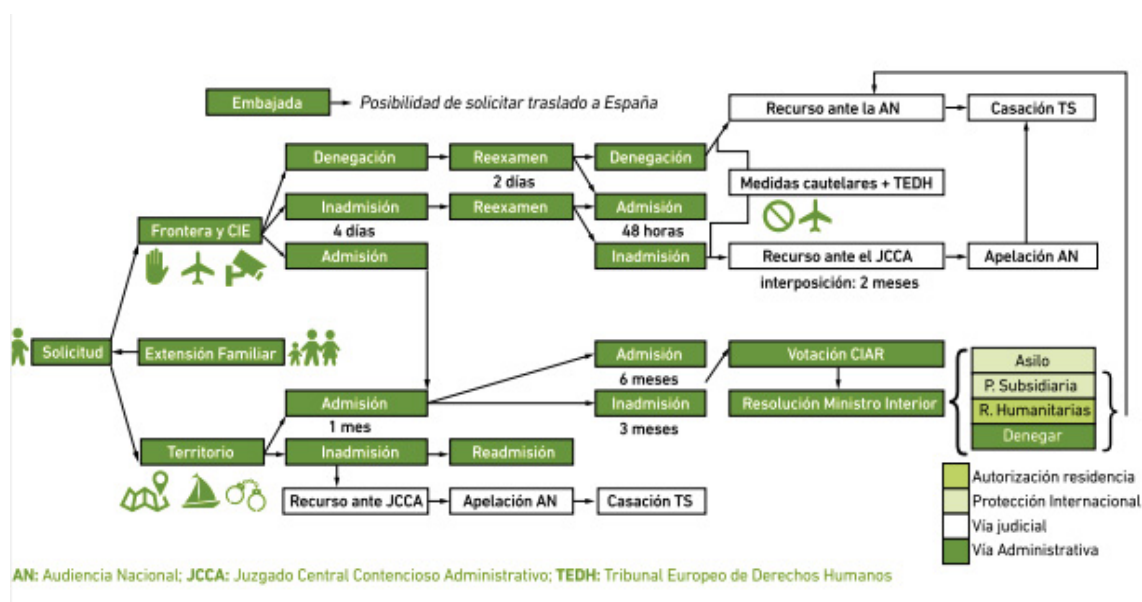
Acerca do panorama recente, entre os anos de 1980 a 1990, o país registrou um aumento expressivo nas solicitações de refúgio e, em 1994, o governo modificou substancialmente sua legislação sobre refúgio. Essa mudança respondeu às exigências dos estados membros da União Europeia, com o intuito de exercer o controle efetivo de suas fronteiras pelo Convênio do Acordo de Schengen e do espaço de livre circulação no espaço europeu. Também, a reforma na legislação marcou o “começo do papel da Espanha como porta do Espaço Schengen” e a definição do desenvolvimento da política migratória dos anos seguintes (FERRERO, 2016, p. 230). Cabe destacar que desde os ideais iniciais da Convenção de Schengen, os Estados que assinaram o Acordo tinham o

objetivo de, por um lado, abolir as fronteiras internas e, por outro lado, reforçar a segurança das fronteiras externas (NARANJO GIRALDO, 2014).

A criação dos *CETI* coincidiu com a intensificação dos conflitos em alguns países do Oriente Médio e com a chegada de migrantes e refugiados em Ceuta e Melilla, especialmente oriundos da Síria. Na época, as pessoas da Síria não tinham a possibilidade de solicitar refúgio nas fronteiras e, assim, acessavam a permeabilidade das cidades e entravam de forma irregular (FERRERO, 2016).

Na tabela abaixo, vemos o esquema dos procedimentos de refúgio na Espanha:

IMAGEM 8 – Esquema dos procedimentos de refúgio na Espanha



Fonte: <https://www.masquecifras.org/>

2.6 Números e características de migrantes, refugiados e deslocados na Espanha e na cidade de Madrid

Atualmente, há mais de 7 milhões de pessoas nascidas em países estrangeiros (mais de 15% da população total), segundo o *Instituto Nacional de Estadística*³⁸ (INE) na Espanha. Acerca dos registros das nacionalidades tratadas nesta pesquisa, de acordo com as estatísticas³⁹ do INE correspondentes ao ano de 2021, na Espanha há 7.979 pessoas oriundas da Síria, 1807 do Iraque, e 554 do Iêmen; em relação aos dados da Comunidade de Madrid, há 1665 oriundas da Síria, 702 do Iraque, e 103 do Iêmen.

O contexto da feminização das migrações na Espanha iniciou, sobretudo, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, com a chegada de mulheres latino-americanas, as quais inseriram-se principalmente em atividades vinculadas ao trabalho do cuidado e da limpeza (TORRADO, 2006). E o contexto mais recente da aceleração e da feminização dos fluxos migratórios na Espanha é oriundo, sobretudo, de países como Equador, Colômbia, República Dominicana e, nos últimos anos, com crescimento no número de pessoas da Bolívia, do Brasil e do Paraguai (PEDONE, ROMERO, ARAUJO, 2012). Entre os fatores que explicam o aumento da demanda por trabalhadoras domésticas migrantes na Espanha, podemos citar o aumento da inserção laboral das mulheres espanholas no mercado de trabalho, as características estruturais do trabalho reprodutivo e da política migratória, o envelhecimento da população, a gestão de tempo nos núcleos familiares e a crise do estado de bem-estar social (RODRIGUES; TONHATI, 2022; PARELLA, 2000).

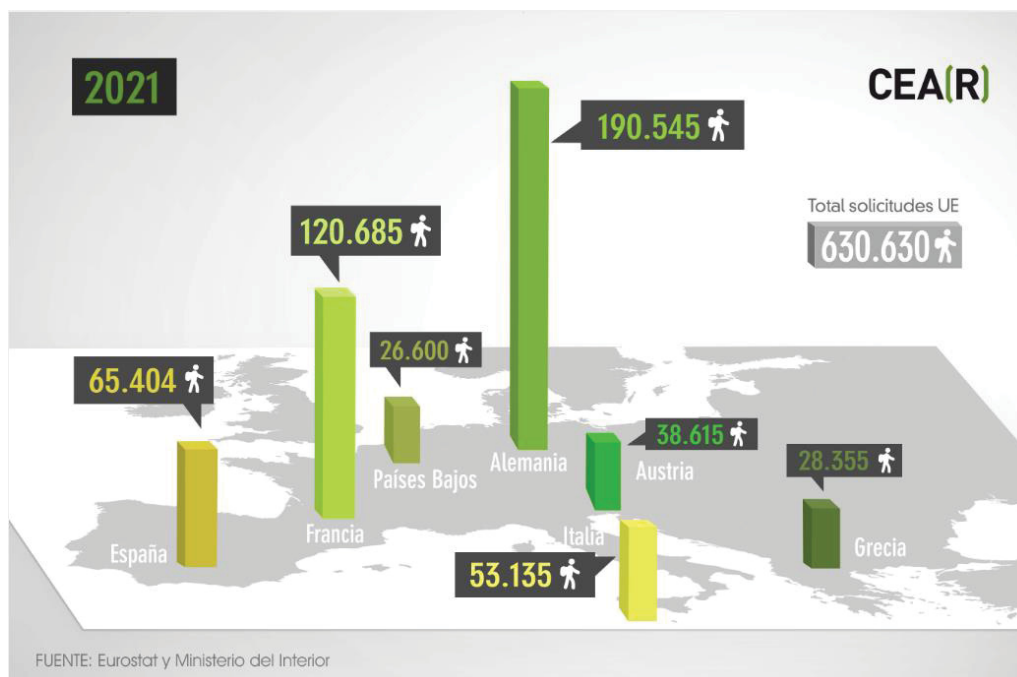
Com a chamada crise dos refugiados de 2015, a Espanha se tornou um dos principais países da Europa pelo número de solicitações de refúgio e de proteção internacional. Segundo o informe⁴⁰ do CEAR de 2022, a Espanha é o terceiro país da Europa com maior número de solicitações de proteção internacional, ficando, até 2021, 65.404 requerimentos. Na ilustração abaixo, vemos as solicitações dos países da União Europeia com o maior número de registros:

IMAGEM 9 – Maiores números de solicitações de refúgio na União Europeia:

³⁸ Disponível em: <https://www.ine.es/>.

³⁹ Disponível em: https://www.ine.es/dyngs/INEbase/es/operacion.htm?c=Estadistica_C&cid=1254736177012&menu=ultiDatos&idp=1254734710990.

⁴⁰ Disponível em <https://www.cear.es/wp-content/uploads/2022/06/Resumen-ejecutivo-2022.pdf>



Fonte: <https://www.masquecifras.org/#cifras-ue>

E, no gráfico seguinte, vemos a evolução dos índices de solicitantes na Espanha nos últimos treze anos:

IMAGEM 10: Evolução das solicitações de refúgio na Espanha de 2008 a 2021:



Conforme o gráfico acima, observamos que, em relação a 2020, houve uma redução nas solicitações, o que pode ser devido à pandemia da COVID-19, visto que, em 2020, o número de solicitações foi de 88.762 e, em 2019, foi de 118.264. Sobre as taxas de reconhecimento de refúgio, a Espanha reconheceu apenas 10,55% dos requerimentos em 2021, registrando um aumento em relação a 2020, em que apenas reconheceu cerca de 5% das solicitações. Embora tenha tido um aumento nos reconhecimentos, a Espanha ainda segue longe da média da União Europeia, que reconheceu cerca de 35% no ano de 2021 (CEAR, 2022).

Sobre as pessoas oriundas da Síria, a Espanha voltou a apresentar um aumento nas cifras de solicitações de refúgio, em que no ano de 2020, haviam cerca de 400 requerimentos e, no ano de 2021, mais de 1070 pedidos no país e a taxa de reconhecimento é, em média, 84,48%. Devido à exigência de um *visado de trânsito*, a Espanha registra um número pequeno de sírios e também de outras nacionalidades suscetíveis à proteção internacional. Por isso, o perfil de das pessoas que solicitam proteção internacional na Espanha é diferente de seus países vizinhos europeus, os quais não adotam essa política de visto em trânsito dos requerentes. As principais nacionalidades que solicitam proteção internacional na Espanha são Venezuela, Colômbia e Marrocos (CEAR, 2022).

A partir de 2018, de acordo com dados da Eurostat⁴¹, com o aumento do número de solicitações de refúgio na Espanha, também foi observado um aumento das solicitações de mulheres, que passaram a compor mais de 40% do contingente total de solicitantes. As mulheres migrantes e refugiadas, junto com crianças, que chegam ao território espanhol, por meio da fronteira Sul, experimentam grande sofrimento, mas desenvolvem uma resistência maior e um papel mais ativo na sociedade de acolhida (CORTÉS MAISONAVE, 2019).

No que se refere às entradas de migrantes de forma irregular, a Espanha é o segundo país da Europa com maior número de registros. De acordo com o informe do CEAR, até 2021, a Espanha registrou mais de 40.100 entradas por vias marítimas por meio do Mediterrâneo Ocidental e do Atlântico Norte, e mais de 10.845 entradas por vias

⁴¹ Disponível em <https://ec.europa.eu/eurostat>.

terrestres. É importante salientar que as rotas de chegada no Mediterrâneo são consideradas as mais perigosas do mundo, uma vez que registraram 37% das mortes de pessoas migrantes (CEAR, 2022).

Em relação às solicitações de proteção internacional na Espanha, as comunidades autônomas que mais registraram os pedidos, até 2021, foram – nesta ordem – Madrid, Catalunha, Andaluzia, Canárias e a Comunidade Valenciana. Ceuta e Melilla apontaram um aumento nas solicitações de refúgio, mesmo com o fechamento das fronteiras. No quadro abaixo, vemos a distribuição das solicitações de acordo com as comunidades:

IMAGEM 11: Solicitações de refúgio por comunidades autônomas na Espanha



Fonte: <https://www.masquecifras.org/>

A Comunidade Autônoma de Madrid é a que mais recebe solicitantes de refúgio e, em 2021, mais de 18 mil requerimentos foram realizados na cidade de Madrid. A capital da Espanha, Madrid, possui mais de 3,3⁴² milhões de habitantes e é a segunda maior

⁴² Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Espanha. Disponível em www.ine.es

cidade da União Europeia. Madrid possui o terceiro⁴³ maior PIB da União Europeia e é considerada o maior centro financeiro do Sul da Europa.

Reforçando que não podemos trabalhar apenas com categorias específicas de refugiados, entre os oriundos da Síria, em 2017, 3.470 pessoas obtiveram a proteção subsidiária e 20 o estatuto de refugiado, isto é, 95% dos sírios tinham proteção internacional. Com relação aos iemenitas, após a intensificação do conflito, a partir de 2014, 591 solicitaram refúgio e, em 2016, cerca de 58 receberam proteção internacional, de acordo com dados⁴⁴ divulgados pela *Europapress*.

⁴³ Fonte: Global City GDP rankings. Disponível em <http://web.archive.org/web/20130531000745/https://www.ukmediacentre.pwc.com/imagelibrary/downloadMedia.ashx?MediaDetailsID=1562>

⁴⁴ Disponível em <https://www.europapress.es/epsocial/migracion/noticia-refugiados-yemenies-espana-crecen-peticiones-asilo-proteccion-20181103130238.html>.

CAPÍTULO 3 – O INÍCIO DA PESQUISA DE CAMPO PARA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Este capítulo está dividido em duas grandes partes. A primeira trata sobre a aproximação do campo, a partir do contato com o jornalista sírio Mohammad. A segunda parte se destina a descrever o contato com algumas organizações de Madrid que trabalham com a temática de migrantes e refugiados. Nesta última parte, relatamos as entrevistas com funcionários do CAR Vallecas e da Cruz Roja e com uma voluntária de uma organização menor que possui um grupo chamado *Amigos del Arte* com pessoas refugiadas.

3.1 A aproximação do campo e a busca dos entrevistados

A pesquisa empírica desta tese foi realizada na cidade de Madrid durante o período do Doutorado Sanduiche financiado pelo Programa CAPES-PRINT. O campo da investigação iniciou em outubro de 2021, com a busca de contatos por meio de redes sociais e terminou na primeira semana de abril, quando foram realizadas as entrevistas e quando já havia terminado a vigência da mobilidade. A parte empírica descrita neste capítulo conta com observação participante, entrevistas semi-estruturadas com migrantes, com voluntárias e com agentes de organizações do âmbito migratório a nível internacional, nacional e local.

Com experiência de trabalho e de pesquisa no âmbito migratório, estava ciente das dificuldades em contatar as organizações locais de Madrid, bem como as instituições consolidadas como CEAR e Cruz Roja, para indicações de possíveis entrevistadas, então, decidi pensar em outras estratégias. Madrid não era uma cidade estranha para mim, uma vez que foi o local de uma mobilidade acadêmica realizada no ano de 2017, por um período de seis meses. Mesmo já conhecendo a cidade e o país, residir de forma temporária e, especialmente, como intercambista, dificultou a criação e o fortalecimento de vínculos com as pessoas que moram e permanecem em Madrid. Da época, apenas mantive contato com alguns colegas do curso e, deles, em uma conversa sobre a minha tese, recebi a sugestão de buscar contatos de sírios na rede social *Twitter*, pois tinham conhecimento de alguns perfis que estavam na Espanha e eram conhecidos na rede social.

Um colega indicou três jornalistas e um mediador social. Os perfis nas redes sociais tinham em comum postagens sobre os conflitos na Síria e no Oriente Médio, sobre sírios e árabes na Espanha e na Europa, sobre migrantes na Europa, entre outros temas relacionados. Fiz uma análise superficial das redes sociais dos jornalistas e descobri que eram refugiados e tinham chegado a Madrid há uns dois anos, então, me pareceram os contatos mais adequados para a minha pesquisa. Como os perfis tinham muitos seguidores no *Twitter*, achei que se eu enviasse uma mensagem a eles, teria dificuldade em ser respondida, por isso, decidi buscar os mesmos perfis na rede social *Instagram*.

No Instagram, como pressupunha, os jornalistas tinham um número menor de seguidores, no entanto, tinham o perfil “privado”. Antes de enviar uma solicitação para que eles me aceitassem, pensei que seria importante colocar alguma descrição na minha biografia, então, escrevi que era pesquisadora doutoral da Complutense. Os três aceitaram e o perfil na rede social que mais me chamou a atenção foi o de Mohammad Shubat, uma vez que apresentava mais postagens e também a indicação de uma revista (*Baynana.es*) na biografia de seu perfil no *Instagram*, além de ter sido o primeiro a aceitar a minha solicitação.

Ao clicar no *link*⁴⁵ da revista, soube que *Baynana – periodismo de migrantes para migrantes* - é um “meio *online* bilingue (em árabe e em espanhol) que aposta por um jornalismo social e de serviço público” que oferece informação para a comunidade árabe na Espanha e busca “fazer pontes entre as pessoas migrantes, refugiadas e espanholas de origem estrangeira e o resto da população”. Na descrição do *site*, ainda consta que a revista foi criada em colaboração com a *Fundación Por Causa*⁴⁶, formando parte de sua rede de projetos e iniciativas. As últimas notícias postadas pela revista apresentavam os seguintes temas: protestos de menores migrantes reivindicando regularização; jovens em manifestações antirracistas; crise migratória entre Espanha e Marrocos.

De acordo com as postagens, a revista apresenta-se como um projeto recente, mas bastante interessante sobretudo por ser produzido por migrantes árabes, além de tratar a temática migratória na Espanha. Entre os objetivos específicos da *Baynana*, destaco o “oferecimento de informação útil e de qualidade para a comunidade falante de árabe na

⁴⁵ Acesso: <https://baynana.es/es/>

⁴⁶ De acordo com o site da fundação, Por Causa é “uma equipe de especialistas, pesquisadores e jornalistas, abordando temas migratórios desde o marco único que permite entender o que está passando e propõe alternativas factíveis ao mundo atual” e está localizada na cidade de Madrid. Fonte: <https://porcausa.org/>

Espanha” e o “combate aos estereótipos existentes sobre o mundo árabe na sociedade espanhola”. Neste sentido, pensei que a revista e a equipe de trabalho poderiam ser uma forma de mediação de contatos para as minhas entrevistas, ademais da divulgação de conhecimento e, assim, maior aproximação do tema da tese.

3.1.1 O contato-chave para o início das entrevistas

Durante a análise dos perfis mencionados nas redes sociais, iniciei uma conversa pelo *Instagram* com Mohammad. Me apresentei dizendo que era brasileira e pesquisadora de Doutorado sobre mulheres sírias⁴⁷ e que gostaria de marcar uma conversa com ele. O jornalista me respondeu prontamente, dizendo que estava fora de Madrid e que voltaria a me contatar quando retornasse à cidade. Na semana seguinte, Mohammed me escreveu e agendamos uma conversa para o domingo, dia 14 de novembro de 2021, às 17h, na sede da Revista *Baynana*, localizada na parte mais central de Madrid, perto da estação de metrô *Sol*.

Ao chegar ao local, o reconheci pelas fotos das redes sociais. Ele estava em uma cafeteria ao lado do endereço combinado, fumando um cigarro e tomando um café nas cadeiras e mesas que estavam na calçada. Ao me aproximar, confirmou me chamando pelo meu nome e disse que havia esquecido a chave do escritório da Revista e, assim, perguntou se poderíamos conversar naquela cafeteria. Concordei, me sentei e pedi um café para acompanhá-lo.

Mohammad, que aparenta ter cerca de 30 anos, iniciou a conversa falando sobre o Brasil, dizendo que gostava bastante da cultura do país e, principalmente, do futebol. Ele falou que na Síria, os familiares e os amigos torciam ou para a Argentina ou para o Brasil, e quando as duas seleções jogavam, era um grande evento para todos eles. Ele afirmou que tinha um grande sonho em conhecer o Brasil e, a partir disso, ele se mostrou descontraído e interessado no que eu estava fazendo na Espanha, disse que estava contente que uma brasileira pesquisava mulheres árabes.

Por meio do *Instagram*, pude conhecer pouco da vida de Mohammad. Na biografia ele se descreve com a seguinte frase: “*periodista sirio vivo en madrid. Fui forzado a salir*

⁴⁷ Neste período, a pesquisa concentrava apenas mulheres sírias como entrevistadas.

de mi país por una elección injusta”. De acordo com as postagens, descobri que Mohammad chegou à Espanha no início de 2019 e que é de Daraa, localizada no Sudoeste da Síria. Em uma foto, Mohammad denuncia que a sua cidade estava sendo bombardeada (em julho de 2021) e faz críticas ao regime de Bashar Al-Assad, além de justificar o motivo por que refugiados precisam ir para a Europa, como ele escreveu.

Durante a conversa, Mohammad relata que chegou à Espanha por meio do Comitê de Proteção Internacional a Jornalistas, juntamente com outros doze colegas de profissão. Ele explicou que esta forma de proteção e refúgio pelo Comitê foi a primeira vez na história que aconteceu na Europa, em que os doze jornalistas da Síria poderiam escolher entre Espanha, França ou Alemanha como país de destino. Mohammad disse que optou pela Espanha por achar mais fácil a adaptação da cultura e do idioma.

Mohammad não é jornalista de formação. Ao contar sobre a vida, ele explicou que estudava inicialmente Psicologia na cidade natal. Ainda na graduação, ele começou a participar de manifestações contra o governo (iniciadas no contexto da Primavera Árabe) e disse ter sido preso duas vezes a mando do presidente. Quando perguntei se ele terminou o curso de Psicologia, ele respondeu que, devido às circunstâncias do período, as manifestações precisavam de jornalistas, para que estes registrassem, documentassem, gravassem o que estava acontecendo e, a partir disso, disse que se tornou um jornalista. Em um momento da conversa, Mohammad contou que não está feliz porque a família dele ainda está na Síria e ele queria que saíssem de lá, todavia, ele argumenta que no momento está impossível, pois o processo é bastante caro e difícil. Sobre a família, ele não detalhou sobre em que circunstâncias viviam e não quis falar mais, apenas relatou com tristeza que um irmão havia perdido uma perna em um dos conflitos na Síria.

3.1.2 Um pouco da realidade de refugiados e sírios na Espanha e na cidade de Madrid, segundo Mohammad

Há dois anos na Espanha, Mohammad ainda não possui o visto de residência, apenas o documento/protocolo de refúgio, que chama de “tarjeta roja”. Triste, ele explicou que sem a residência, ele não consegue viajar a outros lugares para realizar as matérias da Revista que gostaria, isto é, disse que a documentação atual o impede de realizar diversos trabalhos. De acordo com o jornalista, a Espanha dificulta mais que outros países da Europa o processo de residência de refugiados, sendo muito mais

demorado do que na Alemanha, por exemplo, e, para ele, a justificativa é que o país recebe muitas solicitações de refúgio da África. Ele argumenta que o processo de residência também é bastante demorado para venezuelanos e colombianos que estão na Espanha.

Mohammad criticou os principais jornais espanhóis, afirmando que eles sempre noticiam sobre refugiados que cruzam as fronteiras, mas não expõem as dificuldades dentro do país, por exemplo, não mostram que há refugiados aguardando documentos há mais de três ou quatro anos, isto é, “*están sin derechos, porque papeles son derechos*”, exclama Mohammad. Neste sentido, o jornalista destaca que a mídia não evidencia em que condições a Espanha acolhe os refugiados, como que alguns ainda não possuem “*permiso de trabajo*” e, assim, ficam quatro anos apenas “*con la esperanza de esperar*”, narra Mohammad. Desse modo, ele ressalta que permanecer por muito tempo sem trabalhar é perder tempo de vida, uma vez que não faz nada.

Mohammad também mencionou que tinha o conhecimento que muitos migrantes sírios chegaram ao país, especialmente no Sul da Espanha e em Barcelona, nos anos 1980 e, recentemente, eram mais refugiados pelo contexto do conflito no país. Sobre os sírios que chegam ao país atualmente, ele destacou que ingressam com o apoio do ACNUR, isto é, a maioria dos refugiados sírios que entram na Espanha são reassentados do Líbano, da Jordânia, da Turquia e do Iraque. Assim, são raros os sírios que cruzam as fronteiras por meio do Mediterrâneo ou os que vêm diretamente da Síria e, os que entram de forma irregular no país, vêm da Grécia ou da Turquia e, mais recentemente, da Bielorrússia⁴⁸. Segundo Mohammad, não há nenhum apoio ou programa de proteção do ACNUR de refugiados diretamente da Síria para a Espanha⁴⁹.

Em relação a sírios na cidade de Madrid, Mohammad afirma que no bairro *Estrecho* há uma mesquita que muitos sírios frequentam, mas a maioria são migrantes sírios, que chegaram ao país há mais tempo. Perguntei a ele sobre a Mesquita “M30”, que é a mais conhecida da cidade, e ele explicou que esta mesquita é mais frequentada por marroquinos, mas disse que não tinha certeza. Quando questionei se a maioria dos sírios que residiam em Madrid eram muçulmanos, ele concordou, destacando que 90% das pessoas que saem da Síria são muçulmanas.

⁴⁸ De acordo com Mohammad, há aproximadamente 4 milhões de sírios na Bielorrússia.

⁴⁹ Até o momento da escrita desta tese, não consegui confirmar essa afirmação por meio de outras referências.

Quando questionado sobre o número de refugiados sírios na Espanha, Mohammad respondeu que é muito difícil saber quantos sírios estão no país, porque há uma dificuldade nos registros. Ele falou que na Alemanha há cerca de 900 mil sírios, mas na Espanha é difícil saber o número exato. Por exemplo, o jornalista especifica que no ano de 2019, o governo espanhol declarou que iria acolher 30 mil refugiados sírios, no entanto, na realidade acolheu apenas 10 mil. Além disso, há pessoas da Síria que ingressam de forma irregular também e, assim, dificulta os registros, nem as organizações locais conseguem estimar esses números.

A respeito das diferenças culturais entre árabes e espanhóis, Mohammad ponderou que tem muitos aspectos similares entre as duas culturas e justificou que ambos são mediterrâneos. O jornalista explicou que os árabes gostam muito de gritar, de festas, de sair, de passar a noite fora com amigos, e falou que em Madrid acontece o mesmo. Segundo Mohammad, Madrid e Damasco têm muitas coisas em comum, que em alguns lugares da cidade, pensa que está na capital da Síria. Ele também argumentou que a profissão de jornalista ajuda ele a ter muitos contatos e, assim a fazer amigos, isto é, ele disse que encontrou trabalho, amor, amizades, tudo, sendo fácil para ele a vida em Madrid. No entanto, ele lembrou que para outras pessoas isso é mais difícil, porque não conseguem isso.

Mohammad considera que o domínio do idioma é o fator mais importante no processo de integração. Para ele, quando as pessoas refugiadas dominam o idioma, conseguem se integrar à nova sociedade. Ele disse que, desde o início, tentou aprender o idioma o mais rápido possível, tentou sempre falar com espanhóis sobre a cultura e os costumes deles, e contou que as festas foram os locais que facilitaram essa abordagem. Desse modo, o jornalista destacou que os refugiados que não saem muito, têm mais dificuldades, especialmente aqueles que vêm com famílias, com crianças pequenas, e as mulheres que usam o véu. Nesse âmbito, ele ressaltou que a integração para mulheres árabes muçulmanas que usam o véu é sempre muito mais difícil, tendo mais fronteiras com relação às proibições. Em síntese, a integração, na visão de Mohammad, depende muito da pessoa e ele tenta se esforçar porque sabe que não irá voltar para Síria tão cedo, e pensa que permanecerá na Espanha por pelo menos dez anos.

Quando questionei sobre o preconceito, ele respondeu que as pessoas da América Latina são mais amáveis que as pessoas da Europa, porque “*tenemos la misma visión, somos países pobres, del tercer mundo*”, defendeu. Ele ainda argumentou que em outros

países do Norte da Europa há mais preconceito que na Espanha e acha que a integração é mais difícil na Alemanha do que na Espanha, por exemplo. No entanto, segundo ele, a mídia espanhola ainda possui uma visão preconceituosa acerca das pessoas refugiadas.

Acerca das organizações locais que trabalham com o tema de refúgio, Mohammad tem uma visão crítica e pensa que nem todas as organizações realizam um bom trabalho, somente algumas. O jornalista explica que o trabalho depende muito da organização e das pessoas que estão nestes locais e o problema, segundo ele, é que o tratamento não é sempre o mesmo com as pessoas. Ele argumenta que as pessoas refugiadas precisam de um bom contato com os trabalhadores sociais para ter uma situação boa. Mohammad justifica isso pela cultura mediterrânea, de forma um pouco engraçada.

No meio da conversa, Mohammad contou que estava com uma ideia de matéria sobre a troca de trabalho que as pessoas refugiadas fazem na Espanha, devido a dificuldades de encontrar trabalho. Por exemplo, médicos, professores têm muita dificuldade em trabalhar na área, e o que acaba acontecendo é que muitos refugiados trabalham como professores de árabes para espanhóis, porque não conseguem outro trabalho e há muitos interessados em aprender o idioma. Ou tem refugiados que são médicos no país de origem e na Europa trabalham como garçons, lembrou Mohammad, falando que fica muito triste quando sabe de casos como este. Ele explica o caso dele, relatando que decidiu, com amigos, a criar uma revista própria devido à dificuldade de trabalhar como jornalista em outros locais.

A respeito das pessoas refugiadas que chegam à Espanha com o apoio do ACNUR, o jornalista descreveu que há um programa de acolhida durante um ano e meio. Nesse programa, ele explica que os refugiados têm um ano e meio para aprender espanhol, para integrar-se, para conhecerem a sociedade, tudo daqui. E, depois de um ano e meio, as organizações auxiliam com dinheiro para o aluguel e para a alimentação, mas Mohammad diz que o dinheiro é pouco e, se os refugiados não têm trabalho, não conseguem viver de forma digna e muitos preferem ir a outro país. No entanto, se as pessoas refugiadas chegam por meio do Programa de Reassentamento do ACNUR, não podem ir a outro país, precisam permanecer na Espanha, mas relatou que sabe de refugiados que vão a outros países, mas não têm sorte e precisam voltar à Espanha. O jornalista destaca, então, que esse Programa de um ano e meio é um período muito curto para aprender outro idioma e conseguir trabalho, é praticamente impossível, na visão dele, que os refugiados consigam se integrar assim, ainda mais com o alto custo de vida na cidade de Madrid. Ele

ressaltou que quase todos os refugiados, após o Programa, não têm dinheiro para pagar aluguel e para pagar alimentação.

Ao contar que havia tido algumas aulas de árabe, Mohammad se surpreendeu e falou de forma alegre acerca de um projeto de uma amiga sobre pessoas que se encontram para conversar em árabe e em espanhol. E, por coincidência, ele disse que na terça-feira seguinte teria um encontro do projeto e me convidou a participar. Naquele momento, ele me passou o contato da Yolanda⁵⁰, a responsável pelo projeto, para que eu entrasse em contato com ela e pedisse informações sobre horário e endereço do encontro de terça-feira.

Depois de contar brevemente sobre a minha pesquisa de Doutorado para o Mohammad, ele disse que poderia me colocar em contato com algumas mulheres sírias, mas avisou que seria mais difícil entrevistar mulheres, uma vez que muitas ainda não dominam o idioma espanhol, mesmo que morem em Madrid há alguns anos. Por exemplo, ele descreveu um caso de uma síria que estava na cidade há quatro anos e ainda não falava espanhol. Desse modo, ele se ofereceu também como intérprete das entrevistas, se fosse necessário e se elas concordassem, pois conhecia muitos refugiados sírios pelas matérias que realizava da Revista. Como já suspeitava e entendia a situação, Mohammad confirmou que muitas pessoas sírias não gostam de falar sobre a vida delas e isso foi um obstáculo para a pesquisa empírica desta tese, uma vez que muitas mulheres negaram dar entrevista e as entrevistadas não conseguiam indicar outras pessoas.

3.2 O contato com as organizações locais de Madrid

3.2.1 *Madrid For Refugees* a partir do projeto de práticas de árabe e de espanhol

No dia 15 de novembro de 2021, um dia após a conversa com Mohammad, entrei em contato com a Yolanda, a responsável pelo projeto de práticas de árabe e de espanhol. Yolanda é uma moça de cerca de 30 anos, de origem mexicana, que reside em Madrid há alguns anos. Quando ela me explicou sobre o projeto, contou que não teria problemas em

⁵⁰ Nome fictício.

participar do encontro com um nível básico de árabe, e disse que poderia levar algum amigo, também, se quisesse.

Chegando ao endereço combinado, na região de *Tirso de Molina* (centro de Madrid), no dia 16 de novembro, descobro que o local do encontro era uma sede da Organização *Madrid For Refugees*, diferente do esperado, pois Mohammad havia me dito que os encontros ocorriam em restaurantes ou bares. Após me apresentar pessoalmente para Yolanda, ela aguardou um pouco mais e iniciou dando as boas-vindas e explicando a dinâmica do encontro. Com cerca de doze pessoas no local, o perfil das pessoas era, em sua maioria, de homens árabes e mulheres espanholas. Por exemplo, haviam mulheres espanholas que se apresentaram e disseram que gostariam de aprender árabe por terem namorados árabes, como da Palestina, do Líbano, etc. Yolanda decidiu separar as doze pessoas em alguns grupos, e um deles era formado por mim, por um amigo⁵¹ e por Ali⁵², sírio que dominava os idiomas árabe e espanhol.

Durante a noite, em nosso grupo, Ali perguntava-nos o que queríamos aprender em árabe, e realizamos muitas trocas de idioma e de cultura. Ali destacou as diferenças de árabe da Síria e do Marrocos, origem de muitos migrantes da Espanha, evidenciando como era difícil aprender árabe e utilizá-lo com pessoas de diferentes nacionalidades. Entre as trocas culturais e de idiomas, Ali contou um pouco sobre a vida dele, ele estava na Espanha há seis anos e mencionou que queria ir embora de Madrid, porque não gostava da cidade. Disse que, como acontecia com outros migrantes e refugiados, a capital espanhola estava muito cara para residir e sem oferta de trabalhos, assim, pensava em ir para outra cidade do país. Outro aspecto que ele relatou é que era muçulmano, mas não exercia mais a religião, ou seja, desde que saiu da Síria, ele nunca mais foi em uma mesquita e disse que isso também acontecia com outros sírios que migraram para a Espanha, especialmente os amigos homens.

Após esse encontro, continuei no grupo do projeto do *WhatsApp* porque tinha o interesse de continuar aprendendo árabe e para conhecer pessoas e, assim, contatos para as entrevistas da tese. No entanto, no decorrer das semanas, a coordenadora Yolanda colocava a proposta de datas no grupo, mas os encontros não aconteciam por falta de

⁵¹ Amigo que também está cursando doutorado em Sociologia e pesquisa refugiados na Espanha.

⁵² Nome fictício.

quórum. Em um momento, ela me contou que também não tinha mais tempo para coordenar o projeto, e a organização estava com outras demandas.

Mesmo não havendo os encontros desse projeto, eu permaneci no grupo do *WhatsApp*, em que as pessoas pediam auxílio de tradução entre árabe e espanhol, perguntavam informações sobre moradia, eventos, entre outras dúvidas rotineiras. Conversei com Yolanda, Ali e com outros contatos do grupo sobre a minha pesquisa e sobre o meu objetivo de entrevistar mulheres sírias e árabes, porém não conseguiram me indicar nenhuma pessoa. Ali, que é sírio, disse que tinha mais contatos com homens sírios e que não tinha conhecimento de nenhuma mulher síria que poderia conversar comigo.

A *Madrid For Refugees* (MFR), de acordo com as redes sociais e com as informações no website⁵³, é uma associação sem fins lucrativos, formada por pessoas voluntárias que se dedicam a ajudar e a apoiar a: pessoas refugiadas, solicitantes de refúgio, apátridas, migrantes com necessidade de proteção internacional ou em risco de exclusão social. Segundo a descrição do site da MFR, as iniciativas incluem cursos, oficinas, formação para pessoas refugiadas (alfabetização informática, idiomas, programação, emprego), doações de bens essenciais, iniciativas de conscientização e intervenção social, entre outras. Também, no site da MFR, consta que colaboram com os centros de acolhida a pessoas refugiadas, com outras organizações e empresas. E, entre os colaboradores, mencionam o ACNUR e a Comisión Española de Ayuda al Refugiado (CEAR), entre demais organizações.

Durante a minha estadia em Madrid, por meio de observações da página de MFR na rede *Instagram*, a organização concentrava as ações em campanha de doações, ensino de inglês e atividades culturais, como shows solidários, torneio de xadrez, exposição de arte, entre outros, e, além disso, ações específicas para a acolhida de pessoas refugiadas da Ucrânia. Após a minha volta, ao acompanhar as redes sociais, as atividades permaneceram as mesmas, em destaque as ofertas de cursos para pessoas refugiadas e ações beneficentes para esta população. Desde o encontro de práticas de árabe e de espanhol, meu amigo e eu nos colocamos à disposição de Yolanda e de MFR para trabalharmos de alguma forma como voluntários para a organização e destacamos a nossa experiência de trabalho com pessoas refugiadas e nosso interesse em diversas áreas de

⁵³ Disponível em: <https://madridforrefugees.org/es/la-organizacion/>.

abrangência da MFR. Contudo, nunca tivemos retorno sobre isso e tivemos conhecimento que tinham muitos candidatos como voluntários.

3.2.2 O Centro de Acogida a Refugiados (CAR) Vallecas a partir de entrevista com o Diretor

No final de fevereiro de 2022, quando estava com muita dificuldade na obtenção de contatos de mulheres migrantes, decidi me aproximar das organizações da cidade de Madrid na área de migração e refúgio. Desde a primeira entrevista realizada, tive maior interesse em conhecer o *Centro de Acogida a Refugiados (CAR) Vallecas*, por ser um local de importância para as pessoas refugiadas, como o próprio nome diz, e por saber que foi local de abrigo para muitas das mulheres refugiadas que vivem na Espanha.

De acordo com as informações do site⁵⁴, os *Centros de Acogida a Refugiados (CAR)* são estabelecimentos públicos que oferecem, de forma temporária, alojamento, manutenção, assistência psicossocial, entre outros serviços sociais que facilitam a integração sociocomunitária das pessoas que solicitam refúgio na Espanha e que não possuem condições econômicas para atender as necessidades próprias e das famílias. Assim, os beneficiários do Centro incluem os solicitantes de refúgio, os ascendentes e descendentes de primeiro grau e os cônjuges ou pessoa ligada por relação análoga afetiva ou de convivência do solicitante. Sobre a coordenação dos centros, há menção de convênio com a *Cruz Roja Española*, com a qual afirmam que deriva os casos de solicitantes de refúgio que requerem tratamento específico e, também, há menção de relação direta com a unidade de trabalho social da *Oficina de Asilo y Refugio*⁵⁵.

Por meio do telefone, tentei contato com o CAR Vallecas algumas vezes, todavia, não obtive sucesso e decidi realizar uma visita pessoalmente na manhã do dia 2 de março. O CAR Vallecas, como o próprio nome diz, está localizado na *Calle Luis Buñuel, 2*, em *Puente de Vallecas*, distrito um pouco periférico da cidade, distante a trinta minutos (de ônibus) do centro de Madrid. Chegando ao local, dois homens negros estavam em frente ao Centro, na calçada. Após a visita, conversei com eles e me contaram que eram de Mali

⁵⁴ Disponível em: <http://www.vallecastodocultura.org/INMIGRACION/CAR.html>

⁵⁵ Segundo informações do site <https://www.interior.gob.es/opencms/es/servicios-al-ciudadano/tramites-y-gestiones/oficina-de-asilo-y-refugio/>, a Oficina de Asilo y Refugio é dependente do *Ministerio del Interior* da Espanha, e o órgão competente para os trâmites das solicitações de proteção internacional.

e, quando questionados se conheciam pessoas da Síria e se estavam no Centro, me responderam que lembravam de uma ou duas pessoas, mas não eram próximos delas.

Na entrada do CAR Vallecás, havia um guarda e dois atendentes, a quem me apresentei e perguntei se poderia conversar com algum funcionário do Centro. Os atendentes disseram que todas as pessoas estavam ocupadas e que o ideal seria deixar meu número de telefone na recepção para que me retornassem a chamada em outro horário. Assim o fiz e, na mesma tarde, o Diretor do CAR Vallecás me ligou e agendamos uma conversa para a manhã seguinte. Ainda na conversa por telefone, após detalhar os interesses de pesquisa, o Diretor mencionou que no Centro não tinham mais pessoas refugiadas da Síria, mesmo assim, respondi que gostaria de conversar pessoalmente.

No dia seguinte, quando cheguei ao CAR, o Diretor prontamente disse que estava bastante ocupado, que tinha apenas alguns minutos entre uma reunião e outra. Apesar disso, a entrevista durou cerca de trinta minutos de gravação⁵⁶, ocorreu na sala dele, composta por mesa de trabalho, mesa de reuniões, cartazes sobre direitos humanos, mapas, direitos dos refugiados, bandeiras da Espanha e da União Europeia. O prédio do CAR Vallecás possui três andares e 96 vagas. De acordo com a minha observação e com a fala do Diretor, no local há um pátio (em que alguns refugiados estavam caminhando) e no interior do prédio há salas de reuniões, refeitório, quartos e sala de recepção. No corredor principal tinham cartazes com frases e desenhos feitos pelos refugiados, especialmente por crianças, com bandeiras dos países de origem.

IMAGEM 12 – Estrutura e parte dos fundos do CAR Vallecás

⁵⁶ O Diretor permitiu o uso do gravador e assinou o termo de consentimento da entrevista.



Foto: Ana Julia Guilherme

IMAGEM 13 – Entrada do CAR Vallecas

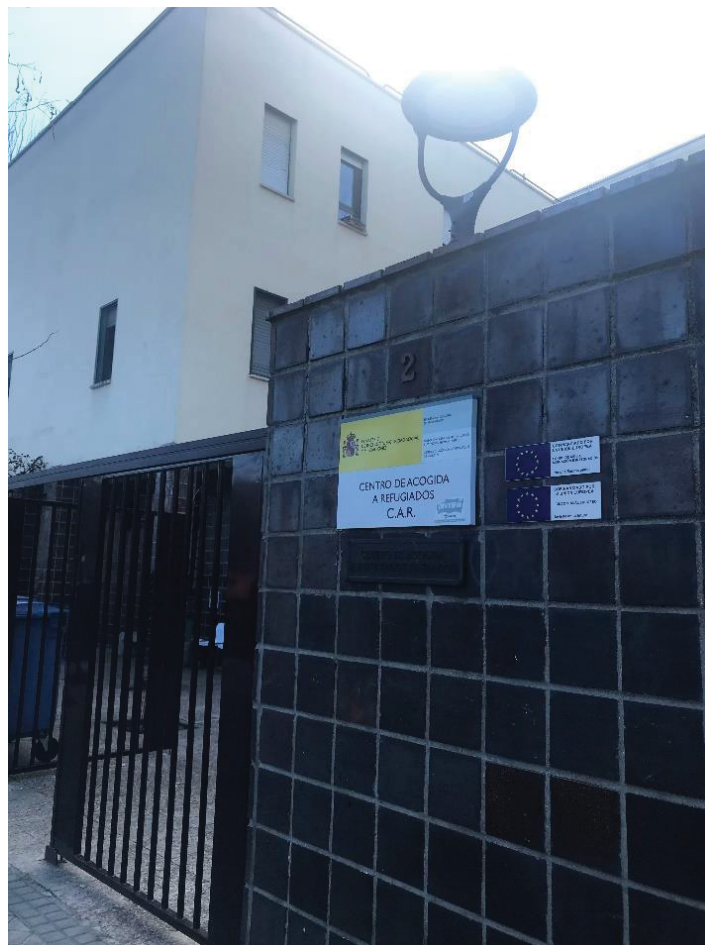


Foto: Ana Julia Guilherme

3.2.2.1 O trabalho do CAR Vallecas e as fases de acolhida, integração e autonomia

Em relação à integração de refugiados sírios⁵⁷, o Diretor destacou que o trabalho da organização é sempre o mesmo, independe do país de origem. E, quando questionado sobre o tempo de permanência dos refugiados no Centro, ele relata que a nacionalidade também não influencia e sim as circunstâncias que estão no sistema de proteção da Espanha e, às vezes, a estadia no centro de acolhida pode ser mais curta ou mais longa, dependendo do número de solicitações de refúgio existentes, também. Ele afirma que

El nuestro objetivo es que los refugiados sean autónomos, que se integren en la sociedad española, entonces, hay que trabajar distintas cosas, por ejemplo, si no hablan el idioma, es lo primero, tiene que enseñar el español. A continuación, ya cuando están en formación en el idioma, que pueden hacer una formación ocupacional, ahí luego se dan orientaciones para empleo y ahí podrían integrarse, para que sean autónomos y que pueden integrarse en la sociedad española (Diretor do CAR Vallecas, 2022).

Em 2011, quando os sírios começaram a chegar na Espanha, a estadia era de seis meses, podendo prorrogar-la por um ano, segundo o entrevistado. Ele também afirmou que, recentemente, o CAR passou a um modelo em que quase todos os refugiados, aos seis meses, passavam para a segunda fase, que é uma fase já de integração. A primeira fase seria a fase de acolhida, a segunda de integração e os centros de acolhida gestionam apenas a primeira, não a segunda, explica o diretor. Ele acrescenta que, de acordo com o sistema, as organizações que estão no “*sistema de asilo*” gestionam a primeira e a segunda fases e, na segunda, a ajuda continua, mas os refugiados já estão em uma casa “própria”, há ajuda para pagar o aluguel e outros gastos, mas eles estão mais próximos da autonomia, que seria a terceira fase.

Sobre o financiamento dos centros de acolhida, o Diretor lembra que quem financia é o governo espanhol e a União Europeia, em conjunto com Estados Unidos e Canadá. O ACNUR não financia os centros de acolhida, apenas as intervenções nos países próximos, como campos de refugiados, mas não os dispositivos de acolhida nos países europeus. Ao ser perguntado sobre o programa de reassentamento, ele responde que, nesse caso, ACNUR e OIM participam, por exemplo, com seus funcionários da Espanha

⁵⁷ No momento da entrevista, a pesquisa se concentrava em pessoas refugiadas da Síria.

para informar às pessoas sobre o que as esperaria no país de destino, se decidem ir e qual a situação. Assim, ACNUR participa dessa logística do reassentamento trazendo refugiados da Jordânia, da Turquia, do Líbano, entre outros.

3.2.2.2 As especificidades das pessoas refugiadas da Síria e de países árabes

Acerca da chegada de refugiados da Síria⁵⁸, o Diretor destacou que, desde o início do conflito sírio, o país é um caso particular entre as principais nações de origem dos refugiados porque já abrigava muitos outros refugiados em seu território. Segundo ele, a Síria recebeu muitos palestinos e iraquianos e, assim, quando começou a guerra, saíram não só refugiados sírios, mas também refugiados de outros países. E isso também acontece no caso do Iêmen, que nos últimos anos se destacou entre os países que mais acolheram refugiados (UNHCR, 2022).

Outro aspecto destacado pelo Diretor é a característica de Estado forte, que traziam os sírios e os iranianos, por exemplo. Ele destaca que esses são Estados com aparato de segurança potente e, por isso, as pessoas têm mais precaução, mais medo, pois estariam vigiadas por outras pessoas. E, segundo o Diretor, de fato eram vigiadas, por exemplo:

Aquí la embajada, cuando el estado (de Siria) todavía seguía intacto, ahora el estado se rompió, pero en los primeros años, la embajada siria en Madrid estaba haciendo un seguimiento muy detallado de todos los refugiados que llegaban aquí, o sea, era cierto, aún más con la ayuda de la policía montamos algunos sistemas de vigilancia que tenían la embajada siria aquí en este centro (Diretor CAR Vallecas, 2022)

A partir disso, o entrevistado afirmou que essa característica de medo e precaução era trazida de Estados fortes e um pouco autoritários. No entanto, com o passar dos anos, no caso da Síria, o Estado desmantelou e, assim, passou a ser um Estado falido, mudando um pouco esses aspectos destacados.

Em relação às dificuldades das pessoas refugiadas árabes, tanto para homens quanto para mulheres, o Diretor relatou que “*en toda Europa y en todo el mundo hay racismo, y ese racismo en el caso europeo tiene forma de islamofobia; o sea, hay una prevención hace todo que es del Islam, al mundo árabe*”. Chamando a atenção para a

⁵⁸ Neste período, a pesquisa ainda se concentrava apenas em migrantes sírias.

pauta do contexto do momento, que eram os ucranianos, o entrevistado evidenciou que eles teriam menos dificuldades para se integrarem que as pessoas que vêm de países árabes. Então, para ele, não teria maiores dificuldades senão o preconceito, que existe em diversos lugares: *“en todo lado hay personas que son más xenófobas, hay personas que son menos, o personas que le gustan pensar que no lo son, y que les da un poco de, pero, bueno, ese tipo de cosas”*.

Sobre o perfil dos refugiados sírios, o Diretor explicou que eles tinham um perfil similar, contudo, ele foi mudando – o que acontece em conflitos longos. De acordo com o entrevistado, no primeiro momento, sempre chegam as classes sociais mais acomodadas, os primeiros a saírem de um país em conflito são os que têm saída mais fácil ou os que têm mais dinheiro, isto é, são pessoas de classes altas, com estudos universitários. Depois, chegam as pessoas de classe média, em seguida, as pessoas trabalhadoras e, finalmente, as pessoas excluídas, afirma o Diretor. Desse modo, ele afirma que, no início, chegavam pessoas que não tinham problemas para se integrar à nova sociedade, porque já eram parte da população com privilégios no país de origem. Nesse sentido, as pessoas da classe média chegam com mais dificuldades e, também, as que estavam excluídas, por exemplo, os nômades, os beduínos, que chegaram nas “últimas oleadas de sírios”. Em síntese, o Diretor argumenta que as pessoas que estavam excluídas no país de origem, continuam excluídas no país de destino. Ademais, quando questionado sobre dificuldades e integração na sociedade espanhola, o entrevistado alega que o gênero não influencia nesse quesito, destacando, então, apenas o nível social dos refugiados como categoria condicionante.

Sobre a acolhida de refugiados árabes, o Diretor explica que dificilmente há um planejamento exato, e o que normalmente acontece é que o representante telefona para o CAR e pergunta quantas vagas disponíveis eles têm. Foi relatado que nos dias anteriores à entrevista, eles receberam esse questionamento para a organização da chegada de refugiados ucranianos.

Acerca do momento posterior ao período no centro de acolhida, o entrevistado informou que o contato com as famílias refugiadas permanece se é desejo das pessoas, uma vez que eles não podem obrigar a ninguém manter o contato. O Diretor mencionou que algumas pessoas visitam o Centro com frequência, enviam mensagens, no entanto, com outras isso não acontece. Sobre apoio e tipos de auxílio aos refugiados quando saem

do Centro, o entrevistado cita doações de roupas, doações de eletrônicos, de computadores, entre outros bens essenciais que eles têm à disposição.

Entre os sírios e sírias que passaram pelo CAR Vallecas, o Diretor afirma que a maioria deles continua na cidade de Madrid e poucas pessoas vão para cidades menores, como Alcalá de Henares. Entre as 96 vagas, no momento da entrevista, não havia nenhum refugiado da Síria no Centro. De acordo com os registros mostrados pelo Diretor durante a entrevista, a porcentagem de pessoas oriundas da Síria foi maior nos anos de 2014, 2015 e 2016, com cerca de 40%, 38% e 30%, respectivamente, das 96 vagas do CAR. O período com maior número de sírios no CAR coincide com a chamada crise dos refugiados na Europa. A chegada de sírios no CAR Vallecas começou no ano de 2012, aproximadamente dois anos após o conflito, e continuou até o ano de 2021, em que apenas 0,2% das pessoas no centro era de nacionalidade síria.

Ao final da entrevista, o Diretor me indica um técnico do CAR, o qual teria o contato das famílias sírias que estiveram no Centro e, assim, poderia intermediar o contato para possíveis entrevistas. Na semana seguinte à visita, conversei com o técnico responsável e ele relatou que tinha conhecimento que algumas famílias sírias voltaram a Damasco e disse que as que estavam em Madrid não estavam prontas para falar sobre a vida delas, nem para participar de pesquisas e nem para lembrar tudo o que viveram.

3.2.3 Cruz Roja Española a partir de entrevista com assistente social⁵⁹

Conhecendo a importância e a abrangência mundial da organização *Cruz Roja*, sobretudo o trabalho reconhecido na Espanha e na cidade de Madrid para a população migrante e refugiada, decidi contatar a organização para uma entrevista e possível indicação de contatos de mulheres em situação de refúgio. Conforme a descrição no site⁶⁰, a atividade da organização está inserida no marco do *Programa de Acogida e Integración de Personas Solicitantes de Protección Internacional del Ministerio de Inclusión, Seguridad Social y Migraciones*. Nesse sentido, consta que neste programa “se pretende hacer frente, no sólo a las necesidades básicas de alojamiento y manutención que

⁵⁹ Tradução nossa. Em espanhol, a profissão da entrevistada é *trabajadora social*.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.cruzroja.es/principal/web/comunidad-de-madrid>

presentan estas personas, sino también a necesidades de naturaleza física, psicológica, sanitaria, comunicativa, social, jurídica, formativa y laboral, entre otras”.

Em síntese, a *Cruz Roja* assinala que o processo de acolhida e integração social das pessoas solicitantes e beneficiárias de proteção internacional na Espanha giram em torno de cinco eixos fundamentais: cobrir as necessidades básicas; fortalecer a situação da saúde mental; prestar assistência jurídica; reforçar as competências e habilidades para fomentar a autonomia pessoal; e promover a criação de redes e a participação cidadã. Como mencionado pelo Diretor do CAR Vallecas, a *Cruz Roja* destaca que “*se trabaja con el fin de prepararlas para llevar una vida autónoma, para que construyan nuevas redes de apoyo social y consigan integrarse en nuestra sociedad*”.

Desde fevereiro até março de 2022, foram muitas as tentativas de contato para uma entrevista com algum funcionário da *Cruz Roja* de Madrid. Como em outros lugares do mundo, na capital da Espanha, a *Cruz Roja* possui diversas sedes e, assim, diferentes formas de contato. Em uma visita em uma das sedes da região central, conversei com um funcionário, explicando brevemente sobre a pesquisa, e a recomendação foi telefonar para um dos contatos do *Website*. Telefonei para uma das sedes que me parecia atender refugiados e me indicaram um telefone central da organização para conversar. Este número central oferecia outros números para atendimentos específicos e automáticos, até que consegui conversar com uma atendente. Esta atendente me sugeriu que escrevesse um *e-mail* para a responsável da Agenda Pública da Cruz Roja e, desta forma, o fiz. O *e-mail* foi respondido com o encaminhamento a Alicia⁶¹, uma assistente social da organização, a qual me respondeu com disponibilidade de entrevista para o dia 11 de março, às 11h, com a possibilidade de conversar por meio da plataforma Zoom ou pessoalmente, em uma das sedes. Optei por realizar a entrevista de forma presencial.

Ao sair da estação de metrô próxima à sede indicada – localizada na *Calle Valdecanillas*, 112, no bairro *San Blas* de Madrid – observei o movimento de pessoas com perfil distinto e, quando me aproximei, ouvi outro idioma e, devido ao contexto, suspeitei que eram de nacionalidade ucraniana. Ao chegar em frente à *Cruz Roja* de San Blas, chamava a atenção muitos cartazes colados na porta em ucraniano e, entrando na recepção, muitas pessoas estavam sentadas e em pé aguardando, as quais pareciam ser oriundas da Ucrânia, o que foi confirmado posteriormente por Alicia.

⁶¹ Nome fictício.

Após aguardar alguns minutos por Alicia, ela me levou até uma sala de atendimento do segundo andar da sede para realizar a entrevista, a qual durou apenas vinte minutos de gravação⁶². No início, Alicia destacou que estava há pouco tempo no *Programa de Persona Refugiada* da *Cruz Roja* e que todas as organizações de Madrid, naquele momento, estavam voltadas à pauta de acolhida de pessoas ucranianas e com muito trabalho para ser realizado neste âmbito, pois a situação estava bastante difícil.

IMAGEM 14 – Entrada da sede da Organização *Cruz Roja* do bairro San Blas:



Foto: Ana Julia Guilherme

IMAGEM 15 – Cartazes em ucraniano colados na porta de entrada da *Cruz Roja*

⁶² A trabalhadora social permitiu o uso do gravador e assinou o termo de consentimento da entrevista.

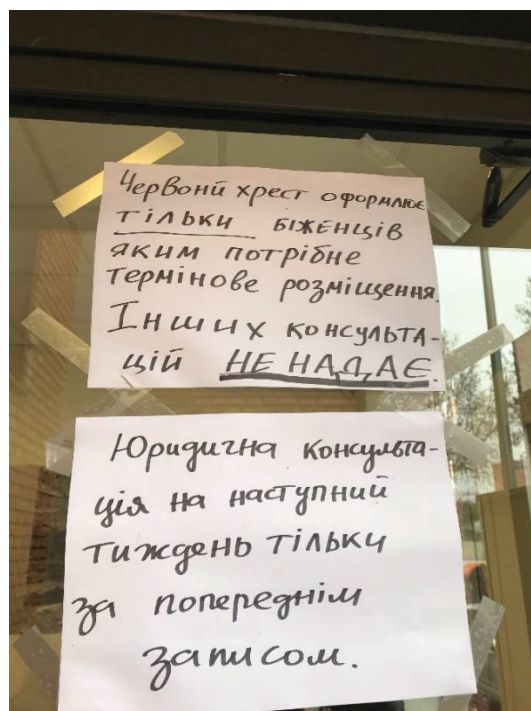


Foto: Ana Julia Guilherme

3.2.3.1. O trabalho da Cruz Roja e a ênfase na autonomia da pessoa refugiada

Acerca do trabalho da Cruz Roja, Alicia destacou que ele se baseia no programa estipulado pelo Ministério, em consonância com a fala do Diretor do CAR Vallecas, em que primeiro as pessoas refugiadas passam por uma fase de acolhida temporária e, em seguida, passam para a segunda fase do programa, em que Alicia trabalha. Nesta segunda fase, a trabalhadora social evidenciou que as pessoas refugiadas já têm a solicitação de refúgio deferida, isto é, já têm seu direito concedido. Então, nesta fase,

se trabaja la autonomía de la persona, la independencia, pues ellos ya viven una vida más autónoma, residen en una vivienda de alquiler, tienen unos ingresos pues para hacer frente a la cobertura de sus necesidades. O sea, una sería de ayudas para que los pueden gestionar ellos mismo. ¿Vale? Y entonces, principalmente, lo que se trabaja es eso, la autonomía de la persona, de cara que cuando se finaliza el programa, porque el programa, el itinerario son 18 meses, y cuando ellos acaben los 18 meses, que pueden salir adelante ya sin apoyo (ALICIA, 2022).

Em síntese, após a resolução da solicitação de refúgio, as pessoas passam para a segunda fase e, se estão em Madrid e na *Cruz Roja*, se realiza uma coordenação para iniciar os auxílios. Destacando o objetivo de autonomia, Alicia explicou que, para facilitar uma série de auxílios, há programas transversais, por exemplo, com companhias que

pertencem ao programa de emprego, em que se trabalha ações formativas para a busca de emprego e inserção no mercado de trabalho. Neste âmbito, a trabalhadora social chama a atenção para a importância de trabalhar a melhoria do idioma, em conjunto com a parte jurídica e psicológica.

Sobre a coordenação da Cruz Roja e a relação com o ACNUR, Alicia explicou que na organização eles não costumam conduzir os trabalhos com a agência, somente se for algo imprescindível, uma vez que a coordenação é, sobretudo, com organizações de Madrid, como os serviços sociais, os centros de saúde, os hospitais, isto é, os setores utilizados pela pessoa no dia a dia. Também, após a fase de acolhida, há muita troca e diálogo de informações com os centros de acolhida, a fim de avaliar os tipos de auxílio, lembrou a entrevistada. E, na parte jurídica, os advogados da Cruz Roja gerenciam em conjunto com outros organismos, sobre os quais Alicia afirmou não ter conhecimento.

Alicia ressaltou que o programa se destina a todas as pessoas que solicitam refúgio, independente da nacionalidade. Ao ser questionada sobre quanto tempo leva a resolução das solicitações de refúgio, no caso das pessoas sírias, ou oriundas de países em conflito, Alicia respondeu que não há um tempo exato, pois os trâmites, às vezes, dependem do volume de solicitações e da crise do local de onde os solicitantes vêm. Quando perguntada sobre o perfil de refugiados sírios, iraquianos e iemenitas e sobre o trabalho a esta população, ela respondeu que, naquele momento, a Cruz Roja quase não estava atendendo pessoas destes países, apenas lembrava de um refugiado sírio, a maioria dos atendidos era de Níger, de Mali e de latino-americanos.

Sobre as pessoas refugiadas de países em conflito, a entrevistada chamou a atenção que o aspecto mais relevante em comum entre elas é que o fato de ter que abandonar o país em uma situação de crise pode acarretar em um estresse pós-traumático, especialmente nos seguintes casos:

dado que en muchas ocasiones deben atravesar varios municipios, ciudades, países, recorriendo kilómetros a pie o en diferentes medios de transporte, a veces en condiciones de hacinamiento junto a otras familias en situaciones similares que huyen del conflicto con menores de edad a su cargo (ALICIA, 2022).

Também, devido aos conflitos e ameaças de vida no lugar de origem, apresentam o medo:

Algunas de las dificultades específicas que considero pueden presentar las personas procedentes de países en conflicto, a diferencia de otras personas que solicitan asilo en nuestro país (que presentan otras), es que muchas de ellas dejan

parte de su familia en el país de origen y a su proceso de adaptación e integración en el país de acogida, ya de por sí complejo, le añaden el temor constante de que algún miembro de su familia pueda fallecer a consecuencia del conflicto (ALICIA, 2022).

A assistente social reiterou que a saída do país é diferente em alguns casos, inclusive de acordo com a pessoa e como ela experimenta e analisa esse processo, das pessoas que ela deixou para trás e de que forma ela e a família foram afetadas pelo refúgio. Também, diferenças em relação ao perfil socioeconômico e em relação às expectativas que têm, podem acarretar processos distintos.

Destacando a importância da questão emocional – tanto para homens quanto para mulheres - nos processos de saída e de integração ao país de destino, Alicia descreveu o caso do atendimento de um homem sírio pelo qual estava responsável. Segundo a entrevistada,

Este hombre sirio lleva bastante tiempo en el programa y su caso es muy difícil, hay algo más lo que nos cuenta. Hay un bloqueo que le está, desde nuestras observaciones, la coordinación del programa y de la psicóloga, y con el área de empleo, como un bloqueo emocional. Un bloqueo emocional, psicológico que le está impidiendo de avanzar y cada vez le queda menos tiempo en el programa. Y es algo que estamos laborando con él, para ver qué exactamente lo que está frenando (Alicia, 2022).

Então, neste e em outros casos, há um trabalho em conjunto no programa da organização e, segundo Alicia, se não tivesse, não funcionaria, sobretudo sem um trabalho com psicólogos. Por exemplo, a entrevistada relatou que a pessoa responsável pelo emprego da Cruz Roja pode falar no programa que uma pessoa refugiada “*rechaza las ofertas que le propongo*”, contudo, observa-se que

Pero es que te da cuenta que no está rechazando las ofertas de empleo, es un rechazo, digamos, un bloque a nivel emocional, que era lo que trabajaba con esta persona. No es que no te guste la vivienda que estás, es que tú no estás te sintiendo bien contigo misma. Y mientras no hay una mejora en este sentido, todo lo demás va a ser complicado, que pueda progresar (Alicia, 2022).

A partir disso, a entrevistada afirmou que há uma forma específica de cada profissional em trabalhar e lidar com a situação, no entanto, ela argumenta que

yo a la parte emocional le doy muchísima importancia. Porque creo que tiene mucho que ver con el progreso de la persona, por todo lo que pasan. No es porque no verbalizan que implica que no está ahí, que no hay este trauma, que no hay

estas vivencias dolorosas y que no, a lo mejor, que no han podido trabajar como le gustaría. Que va al ritmo de cada persona (Alicia, 2022).

Ademais, nesse âmbito, a assistente social explorou outras dificuldades na gestão desta segunda fase, especialmente quando há recursos de acolhida temporária, porque, neste caso, estão acostumados a uma maior proteção. Neste sentido, a entrevistada disse o que geralmente destaca para os beneficiários: *“en la segunda fase intentamos ‘oye, estamos aquí, te apoyamos en todo lo que necesites pero tiene que empezar a hacer estas gestiones tú solo’*, mas, ao mesmo tempo, mostra ciência da dificuldade e da recusa que podem ter apenas pela barreira do idioma:

Simplemente ir al centro de salud, como ha pasado con una persona hace poquito, quería pedir cita para la vacuna de COVID, y es que es tu derecho, es que puedes hacerlo, y podemos hacer desde aquí. Así, le gestioné una cita, pero igualmente le dije ‘va al centro de salud, plantear tu duda y te afronta, afronta a esta situación. Por una parte, sí, con la barrera idiomática, sufren rechazo, es verdad, me gustaría decir que no, pero, por ejemplo, para gestiones con entidades bancarias. Porque a veces también hemos tenido que coordinar, porque han tenido dificultades para abrir una cuenta bancaria. Y a veces para las ayudas que se les entregan, entonces, bueno, son complicaciones que llevan tenido en su día a día (Alicia, 2022).

Além da questão emocional, do estresse pós-traumático e da barreira do idioma que as pessoas refugiadas oriundas de países em conflito costumam apresentar, Alicia ressaltou a solidão que essas pessoas podem sentir, ao não ter outro alguém no país de acolhida. Assim, essa parte de trabalhar a solidão também é importante no programa, segundo a entrevistada, e o rompimento de laços com os vínculos do país de origem.

Outro aspecto explorado na entrevista foi o desejo de retorno que algumas pessoas refugiadas verbalizam, de acordo com as observações do Programa. Alicia afirmou que não tem o conhecimento da execução do retorno das pessoas atendidas na organização, mas relatou que esse desejo de retorno significa que o processo de integração não foi finalizado e, assim, a enxergam como uma via de escape, sendo uma escolha para elas.

Também, sobre a vida das pessoas beneficiárias durante e após o acompanhamento da organização, a entrevistada relatou que elas precisam permanecer na cidade que iniciaram a primeira fase do programa, podendo mudar por motivos justificados, por exemplo, por trabalho. Ela explica que, quando o programa é inicializado em Madrid, geralmente o “itinerario” termina em Madrid, especialmente porque os

recursos e o funcionamento da gestão utilizados são todos oriundos da cidade, sendo mais difícil a mudança para outro local.

3.3 A inserção em um grupo de mulheres refugiadas e migrantes a partir do contato de Ana e a realização de outras cinco entrevistas

Por meio do contato com a Ana Ramírez, consegui me inserir em um grupo de mulheres migrantes e refugiadas, em sua maioria, muçulmanas, isto é, representantes do tema central desta tese. Neste grupo, foi possível realizar cinco entrevistas com mulheres do Iêmen, do Iraque e da Síria. Em seguida, descrevo como conheci Ana, e mostro que para que as mulheres aceitassem as entrevistas, foram necessárias indicações de confiança.

3.3.1 O contato de Ana Ramírez

Durante o período de mobilidade de Doutorado Sanduíche, cursei algumas disciplinas como ouvinte na *Universidad Complutense de Madrid*. Em fevereiro de 2022, comecei a disciplina de “*Inmigración e intervención social*” com a professora Berta Álvarez-Miranda. Como a disciplina versava sobre a temática migratória, tive maior proximidade com a professora e conversamos sobre a minha tese e ela me indicou uma pesquisadora síria, a qual não investigava especificamente este tema, mas que poderia ser um meio de obter entrevistas ou de diálogo sobre o contexto sírio. Os contatos por e-mail não tiveram muito sucesso, contudo, na segunda semana de março, por coincidência, encontrei Ana e Ghufra (a pesquisadora síria) na rua em Madrid e conversamos brevemente sobre os meus interesses de pesquisa e, posteriormente, trocamos novos e-mails. Em uma das mensagens, Ghufra indicou Ana Ramírez como membro de uma associação que tinha um bom contato com mulheres refugiadas.

No dia 12 de março, enviei um e-mail a Ana com a menção que escrevia a partir do contato de Ghufra, me apresentei e perguntei se seria possível que ela me indicasse mulheres refugiadas ou migrantes para possíveis entrevistas para a pesquisa. Ana me respondeu rapidamente e me enviou o número de telefone dela para que encaminhasse

uma mensagem. Na manhã do dia 19 de março, ela me ligou e conversamos por quase uma hora. Durante a ligação, Ana relatou que frequentava e coordenava um grupo de encontros de mulheres refugiadas e muçulmanas, no entanto, destacava que a participação no grupo não era aberta para qualquer pessoa, uma vez que tinham muita cautela por tratarem de questões complexas das integrantes, especialmente porque eram migrantes forçadas. Ela relatou que apenas uma antropóloga estadunidense foi convidada a participar do grupo pois tinha confiança nela, e a Ana não concordava em utilizar os encontros e as participantes para outras pesquisas. No decorrer da ligação, eu ressaltava que entendia a situação e, ao mesmo tempo, dizia que teria cautela com as entrevistadas, reforçando a minha experiência enquanto pesquisadora e voluntária em serviços de atendimentos a migrantes. Ao final da conversa, quando pensava que não seria mais possível seguir adiante com os contatos das participantes daquele grupo, Ana mencionou sobre a situação de uma síria que participava dos encontros e, ao falar sobre vida dela, a reconheci como sendo a minha primeira entrevistada. Naquele momento, a interrompi e falei quem era a pessoa, Ana confirmou e se surpreendeu que ela havia sido entrevistada por mim, porque pensava que deveria existir uma relação de confiança para que ela aceitasse e eu havia conseguido isto. Depois disso, a conversa mudou totalmente, em que Ana disse que se eu tinha conseguido realizar a entrevista com Fatima⁶³, eu iria conseguir me aproximar e ganhar a confiança das outras participantes.

Desse modo, Ana me convidou para o encontro seguinte do grupo, mas destacou que eu só poderia entrar na sala quando ele tivesse terminado, a fim de não interferir na dinâmica e para que ela explicasse às integrantes quem eu era. Por mensagem, ela me enviou que o encontro seria na manhã de terça-feira, quatro dias após a nossa ligação, na *Biblioteca Mario Vargas Llosa*, na *Calle Barceló*, na região central de Madrid, das 10h às 12h30. A partir disso, o grupo teve bastante importância para esta pesquisa, a partir de observação participante por encontro e por grupo do *WhatsApp*, por entrevistas e encontros com as mulheres migrantes e com as voluntárias Ana e María⁶⁴.

3.3.2 A inserção no grupo *Amigos del Arte* - reunir mulheres para falar sobre emoções a partir da arte e facilitar a integração

⁶³ Nome fictício.

⁶⁴ Maria também era voluntária e espanhola.

No dia 22 de março, fui à Biblioteca *Mario Vargas Llosa*, local indicado para o encontro. Quando cheguei, avisei a Ana e ela autorizou a minha entrada. Quando entrei na sala, algumas mulheres já estavam indo embora, disseram que tinham compromisso. Na sala haviam cerca de 15 pessoas, todas eram mulheres e, com exceção de Ana e María, usavam véu e duas integrantes estavam com bebês nos carrinhos. Ana aparenta ter mais de 55 anos e é loira; María também é branca e tem aproximadamente 35 anos; as demais integrantes do grupo, muçulmanas e migrantes, aparentavam ter entre 20 e 40 anos.

Ao cumprimentar todas as pessoas, fui bem recebida pelas integrantes, elas se mostraram simpáticas e Ana afirmou que todas aceitaram ser entrevistadas por mim, acredito que o aceite foi devido à indicação direta de Ana. Ao iniciar a troca de contatos com algumas delas, Ana sugeriu que eu fosse adicionada no grupo do *WhatsApp* e, no mesmo dia, fui adicionada no grupo, intitulado *Amigos del Arte*, em que permaneci até abril de 2022, quando voltei ao Brasil. Antes de me remover do grupo, Ana conversou de forma privada comigo, se desculpou e explicou que iria me remover pois anexariam documentos das integrantes e queriam preservar os dados.

Como já mencionado, quando cheguei ao encontro naquele dia, a reunião do grupo já havia terminado e todas já estavam indo embora. Contudo, um grupo de quatro pessoas que continuaram conversando me convidaram para tomar um café no bar ao lado da biblioteca. Este pequeno grupo era composto por Ana, María, Aisha⁶⁵ e Hazan⁶⁶. María, além de participar dos encontros com as mulheres refugiadas, coordenava uma organização chamada *Mundo en Movimiento*⁶⁷, que também trabalhava no âmbito migratório; Aisha é migrante do Iêmen e Hazan, do Iraque.

A conversa na cafeteria durou cerca de uma hora e meia. Conversamos até o horário em que elas tinham outros compromissos, por exemplo, Aisha tinha que buscar os filhos na escola. Após elas terem o conhecimento da minha pesquisa, utilizei o caderno para anotar pontos que me levariam a explicar o contexto de riscos na Espanha e as formas de resiliência das mulheres. María relatou que conheceu Hazan há alguns anos em um campo de refugiados na Grécia, onde María trabalhou como voluntária por uma organização espanhola e Hazan permaneceu por um período com a família, antes de

⁶⁵ Nome fictício. Foi entrevistada para esta pesquisa.

⁶⁶ Nome fictício. Foi entrevistada para esta pesquisa.

⁶⁷ Mundo en movimiento se descreve como “una organización sin ánimo de lucro en la que nos ocupamos de aspectos multidimensionales de las migraciones e impulsamos la generación de una ciudadanía global” (Fonte: <https://www.mundoenmovimiento.org/>).

ingressar no programa de reassentamento do ACNUR e ir para a Espanha. As duas contaram que ficaram próximas no campo, no entanto, se reencontraram por coincidência em Madrid, e uma não tinha mais o contato da outra e, agora, são muito amigas.

Ana explicou que fazia parte da *Asociación Internacional de Ayuda Humanitaria* (AIAH), mas essa série de encontros com mulheres refugiadas e migrantes era uma proposta diferente. Trabalhando com famílias de migrantes e refugiados há muitos anos, Ana disse que, em um determinado contexto de acolhida a refugiados na cidade, viu a necessidade de uma proximidade com as mulheres que estavam se estabelecendo em Madrid, e pensou em criar espaços em que elas se sentissem confortáveis para conversar.

Ao perceber que as mulheres migrantes oriundas dos países em conflito, como Síria, Iêmen e Iraque, geralmente não ocupam os lugares públicos nos países de origem, além da rua e dos mercados, Ana pensou em um projeto que as mulheres frequentassem esses espaços. Então, a ideia de Ana era que as mulheres árabes e muçulmanas frequentassem museus, parques, centros culturais, para que ocupassem esses lugares e ganhassem visibilidade, na companhia de mulheres espanholas, para que também não parecesse um grupo de turistas, afirmou Ana.

Ademais, este projeto de encontros em espaços públicos tinha também o objetivo de que as mulheres migrantes desenvolvessem um sentimento de pertencimento, no caso, a esse grupo, além de ser uma possibilidade de criar vínculo com outras mulheres, uma vez que perderam a rede de apoio quando saíram do país de origem. Quando acrescentei que mães precisam de muito apoio para cuidar dos filhos, Ana disse que não é apenas isso e afirmou que mulheres precisam de vínculos para falar do emocional e isso é feito apenas entre mulheres e acrescenta:

Las mujeres estamos habituadas a hablar de nuestra historia emocional con otras mujeres. Si no tienes compañero, no conoces la lengua, y no tienes ese grupo de apoyo, evidentemente te cierras en sí misma, por lo que vi en muchas mujeres con índice de depresión tremendo como un sometimiento terrible y sin ninguna esperanza. A veces me parecía muy importante generar esperanza creando un grupo de mujeres, de iguales, no podría meter ahí a otros, a hombres o españoles, que no las sabía manejar. Entonces, el grupo se puede hacer y sale adelante porque las familias a mí me conocían porque yo había ido a reuniones [...] con los migrantes (RAMÍREZ, marzo de 2022).

Desse modo, Ana propôs uma série de oito encontros com as famílias de refugiados (majoritariamente sírios e palestinos) em museus e destacou que a arte seria

fundamental para a integração das refugiadas. Na percepção dela, por meio da arte é mais fácil falar das emoções e via essa necessidade no “mundo feminino”, uma vez que

el arte y la cultura ayudan muchísimo a abrir la mente y la creación es de los pilares de seres humanos. Con el arte, se identifican con el dolor, siente las emociones con el arte. Y cuando tú miras al otro y ves emociones tuyas en el otro, puedes hablar de las emociones, eso que nos ayuda, por lo que yo elegí el arte, por las emociones. De generar el sentimiento de que todos pueden loco moverse, que el universo es nuestro.

O plano dela para esses encontros foi convidar, primeiramente, as mulheres refugiadas e, após um tempo, estender a participação para os companheiros e para os filhos. Ana citou o exemplo de uma exposição no *Museo del Prado* sobre exílio, em que mostrava especialmente sobre integração de culturas árabe e europeia, para que as mulheres vissem as experiências similares que estavam vivendo e as que o artista também viveu. No projeto, após cada visita a um museu, Ana descreveu que se encontravam para conversar em espanhol sobre as impressões que as mulheres tinham e o que estavam sentindo e, assim, conseguiam expressar emoções diversas. O programa produziu, também, um grupo de adolescentes (filhos das refugiadas que começaram a participar) interessados em arte e a criação de projetos em conjunto com adolescentes espanhóis de escolas próximas e, também, em grupos de famílias que se encontravam em parques. Nesse momento da conversa, Ana me mostrou muitas fotos dos encontros. A série de encontros durou cerca de um ano e meio e terminou com o início da pandemia da COVID-19 e as consequências, como o fechamento dos espaços e o isolamento social. Sobre a pandemia da COVID-19, Ana analisou que as mudanças interferiram bastante nos vínculos com as famílias refugiadas, no âmbito do idioma, na ajuda de demandas, entre tantas outras interações e nos problemas emocionais.

Ana relatou que este projeto de encontros com mulheres refugiadas teve muito impacto também em outras organizações da cidade. Por meio dos encontros, as organizações perceberam que as mulheres e adolescentes refugiados começaram a frequentar espaços da cidade que antes não eram frequentados por essa população. E esse era o objetivo também que Ana tinha, por exemplo, de que a população espanhola enxergasse as mulheres refugiadas, que usam véu, frequentando lugares e andando na rua com mulheres espanholas.

O objetivo principal do grupo *Amigos del Arte* era proporcionar liberdade para que as mulheres migrantes e refugiadas expressassem seus sentimentos e emoções, para que trabalhassem as situações traumáticas que vivenciaram. E isso, segundo Ana, não era abordado pelas organizações locais que ela tinha conhecimento.

Ana e Maria explicaram que aquele dia era o primeiro que estavam se conhecendo pessoalmente, apesar de já terem se visto em outro projeto, no entanto, não se aproximaram e somente nesse encontro estavam trabalhando juntas. María falou mais sobre as experiências que teve quando trabalhou como voluntária – por uma organização muito pequena e não conhecida – em um campo de refugiados na Grécia, e descreveu as diversas dificuldades que as famílias de refugiados enfrentavam e como aconteciam as falhas das organizações. Na visão dela, as pessoas voluntárias contribuíam muito mais para a resolução de demandas que as organizações locais e que o ACNUR.

Antes de nos despedirmos, Ana e Maria pediram que mantivéssemos o contato por meio do grupo do WhatsApp ou por mensagens e me desejaram boa sorte para as entrevistas. Em relação ao grupo do WhatsApp, durante o tempo que permaneci como membro, estavam no grupo 30 pessoas e, os contatos que tive acesso aos nomes, eram todas mulheres e a maioria das fotos dos contatos que aparecia para mim era de mulheres usando o véu, paisagens com escrito em árabe ou alguns desenhos. No dia em que fui adicionada, quando fui ao encontro do grupo, outras três pessoas também foram adicionadas. Além de mensagens encaminhadas, no grupo postavam informações importantes para as mulheres migrantes. Por exemplo, compartilhavam instruções de como declarar a renda (IRPF), atualizações do *Ingreso Mínimo Vital (IMV)*⁶⁸, com especificidades dos auxílios para adultos e crianças e o valor conforme o número de integrantes das famílias, dicas sobre o *Bono Cultural Joven*⁶⁹, entre outras notícias, indicações da Comunidade de Madrid e de eventos da cidade. É importante salientar que quando compartilhavam as informações, na maioria das vezes Ana e Maria que

⁶⁸ *Ingreso Mínimo Vital (IMV)* é um tipo de ação de proteção da Seguridade Social da Espanha, com o objetivo de prevenir o risco de pobreza e exclusão social de pessoas que carecem de recursos econômicos básicos para cobrir as necessidades básicas (Fonte: <https://www.seg-social.es/wps/portal/wss/internet/Trabajadores/PrestacionesPensionesTrabajadores/65850d68-8d06-4645-bde7-05374ee42ac7>)

⁶⁹ Abono cultural joven é uma iniciativa criada pela prefeitura de Madrid para fomentar a cultura a jovens de 16 a 26 anos (Fonte: <https://www.madrid.es/portales/munimadrid/es/Inicio/Cultura-ocio-y-deporte/JOBO-Joven-Bono-Cultural/?vgnextfmt=default&vgnextoid=2569749d783ee510VgnVCM2000001f4a900aRCRD&vgnextchannel=7911f073808fe410VgnVCM2000000c205a0aRCRD>).

compartilhavam, Aisha traduzia os textos para árabe, então, praticamente todas as mensagens estavam nos dois idiomas. Ademais, outras mulheres escreviam mensagens em árabe, especialmente a partir da semana seguinte que ingressei no grupo, uma vez que iniciava o período do Ramadã⁷⁰.

Dias depois, após entrevistar Aisha, fui convidada por ela para tomar um café, juntamente com Maria, em frente ao Museo Reina Sofia. Quando cheguei ao local, Maria auxiliava Aisha com demandas de outras refugiadas e estavam organizando alguns documentos. Maria explicou que convidou Aisha para trabalhar como voluntária na organização *Mundo en Movimiento*, e a elogiava por ser uma mulher articulada e inteligente e, assim, que contribuiria bastante para o trabalho. De acordo com Maria, a organização era composta por quatro pessoas que recebiam remuneração para trabalhar e por trinta voluntários, dos quais alguns deles eram intercambistas em Madrid. Aisha relatou que a principal atribuição dela, naquele momento, era auxiliar as mulheres migrantes a agendarem *citas* para diversos processos, isto é, para agendar vacinação, para benefícios como *IMV*, entre outras demandas que elas tinham e, especialmente, traduzir e explicar as informações necessárias.

3.3.3 Percepções sobre a vida de mulheres migrantes e refugiadas em Madrid a partir da entrevista com Ana Ramírez

Após o encontro do dia 22 de março, achei que as experiências e as percepções que Ana possuía sobre a vida de mulheres migrantes e refugiadas em Madrid seriam enriquecedoras para esta pesquisa, sobretudo por ter acompanhado por um período algumas das entrevistadas. Desse modo, enviei uma mensagem para Ana perguntando se aceitaria ser entrevistada, ela gostou da ideia e a agendamos para o dia 31 de março, às 17h30 em uma cafeteria no bairro *Príncipe Pio*.

A entrevista durou aproximadamente duas horas, e Ana falou bastante sobre os riscos e a resiliência de migrações de mulheres e também sobre a vida dela, de quando começou a trabalhar com o tema das migrações e dissertou sobre os processos de

⁷⁰ Ramadã é o nono mês do calendário islâmico e é um mês sagrado para os muçulmanos porque representa o momento que arcanjo Gabriel desceu do céu com a mensagem de Allah para Muhammad, com o Alcorão.

integração das mulheres migrantes e refugiadas. Ana sempre trabalhou em organizações pequenas, e disse que entre elas é fundamental estabelecer contatos para um melhor trabalho à população que se destina. A voluntária tem formação em Psicoterapia e trabalha com organizações e a questão migratória há, pelo menos, trinta anos, tendo experiência, sobretudo, na Espanha e na Bélgica.

Em 2015, quando milhares de refugiados chegavam à Europa, Ana elaborou um projeto de acolhimento cuja ênfase era “*España vaciada*” nos lugares não povoados, com espanhóis e refugiados e entregou à prefeita de Barcelona, a qual foi a primeira governante a afirmar que acolheria refugiados e, em seguida, a diversas organizações como CEAR, ACNUR, no entanto, não obteve resposta de nenhuma delas. Até que, em 2016, disse que recebeu uma mensagem da *Asociación de Ayuda al Pueblo Sirio*, a qual respondeu que não conseguiria realizar o projeto de Ana, mas que gostaria da colaboração dela na organização, especialmente no âmbito psicológico. Então, Ana contou que iniciou um projeto nessa associação, em 2017, com mulheres sírias, quando começou a analisar as especificidades da integração de mulheres refugiadas árabes em Madrid, demonstrando, assim, bastante experiência acerca do tema.

Sobre a *Asociación de Ayuda al Pueblo Sirio*, Ana relatou que a maioria das pessoas que trabalhavam nesta organização eram filhos da geração de sírios que se formaram em universidades espanholas, sobretudo médicos, no contexto de um Acordo de Colaboração entre Espanha e Síria da década de 1960. A organização começou a se articular com a intensificação da guerra na Síria, realizando algumas ações de donativos. Na visão de Ana, na associação haviam algumas dificuldades no tratamento e nas relações com as famílias refugiadas, e que embora alguns funcionários fossem sírios ou de origem síria, estavam em situações distintas às dos migrantes recentes, que chegam à Espanha em situação de refúgio. Ademais, acrescentou que, no funcionamento interno da organização, haviam conflitos entre homens e mulheres e, assim, em conjunto com outros voluntários, decidiu criar a *Asociación Internacional de Ayuda Humanitaria (AIAH)*, sobre a qual não falou na entrevista.

Quando questioneei Ana sobre o que a motiva a trabalhar como voluntária apenas com mulheres migrantes e em situação de refúgio, ela explicou que não é uma questão de motivação e sim de experiências de trabalho que ela teve. Por exemplo, nos anos 1990, ela trabalhou em um projeto de imersão linguística com migrantes na Bélgica e percebeu que haviam mulheres migrantes que estavam no país de acolhida há vinte anos e nenhuma

delas falava o idioma local. Assim, estas mulheres tinham que “usar” os filhos para tudo, por exemplo, para ir ao médico, para resolver burocracias, para qualquer coisa. Desse modo, os filhos faltavam à escola com frequência e não conseguiam se integrar, assim como as mulheres/mães. Nesse sentido, Ana afirmou que as mulheres migrantes cultivavam apenas códigos culturais dos países de origem, mesmo que vivessem há vinte, trinta anos no país de acolhida e estavam reproduzindo esses códigos para seus filhos. A partir disso, a entrevistada destacou que, para que os filhos se integrassem à nova sociedade, as mulheres tinham que se integrar antes – visão distinta do apontamento de outras referências que indicam que os filhos se integram antes. Desde então, Ana afirmou que percebeu a importância de trabalhar o acolhimento de forma diferenciada para mulheres.

Em relação à chegada de migrantes do Iêmen, do Iraque e da Síria, Ana apontou algumas diferenças entre homens e mulheres devido à cultura no país de origem:

Yo creo que en este momento los hombres lo tienen muy difícil, porque vienen de una cultura patriarcal muy arraigada y muy asentada con unos códigos culturales y religiosos muy centrados en el varón y en los derechos de los varones. Entonces, creo que hay un gran choque cultural cuando vienen al occidente, donde, bueno, las mujeres son las que toman las riendas, para sacar adelante sus familias, declarar las ayudas, declarar los colegios. Creo que las mujeres justamente por esta actitud que tenemos, las mujeres que vienen refugiadas se vienen ya por un camino hecho de apoyo. De que la vamos ayudar para conseguir las ayudas económicas, los colegios, la vamos acompañar. Pero los hombres no se encuentran con este apoyo identitario, me refiero, seguro que era por ahí. [...] Y estos hombres que vienen con un patriarcado mucho más asentado, pues, viven este choque, en esta cultura, mucho mayor. Entonces, me parece que están muy desubicados, muy desubicados, y creo que necesitan mucho apoyo. [...] Y, claro, estas son culturas donde los hombres no van a escuchar una mujer y a los hombres no le gustan que vamos a cambiar la mentalidad de las mujeres (RAMÍREZ, 2022).

Na visão da entrevistada, a chegada na Espanha para as mulheres migrantes pode ser mais fácil porque elas se encontram com mulheres ocidentais que já têm clara a sua autonomia, e incentivam a buscar a autonomia das migrantes também, como é o objetivo dos encontros das mulheres:

Y si tú te das cuenta, las mujeres del grupo no tienen nada que ver con sus maridos porque con ellas si hemos hecho el trabajo, pero nunca utilizo la palabra empoderar, nunca les ha dicho esta palabra. Pero somos reflejos, somos como mujeres que nos vinculamos y ellas se sienten seguras con este modelo femenino e intentan imitarlo. Y eso me parece muy positivo. Pero me parece que no es

bueno para los hombres. Lo que pasa es que depende de ellos (RAMÍREZ, 2022).

A partir disso, Ana reiterou que as mulheres do Iêmen, da Síria e do Iraque estão em uma relação de desigualdade, em que os homens não precisam lutar para conseguir algo e as mulheres possuem muito mais dificuldades. No entanto, após o processo migratório, os homens migrantes destes países acabam perdendo seus privilégios, e a entrevistada conclui que *“por lo que veo, los hombres están viviendo un momento complejo, porque están perdiendo sus propios valores, del valor de la violencia, del asertividad [...] el hombre está muy perdido”*.

Contudo, a entrevistada argumentou que o processo de chegada na Espanha também é bastante complicado para as mulheres com relação à cultura, aos hábitos e comportamentos esperados da sociedade. Para Ana, as migrantes e refugiadas, nos países de origem, *“son educadas para tener hijos y tener hombres y han dejado de ser niñas, para esto. No han tenido conocimientos de vida”*. E quando chegam em um país diferente, se chocam com outros costumes, com outros estilos de vida, com outras possibilidades para elas, as quais podem ter uma vida diferente da mãe delas, uma vida diferente da que foi ensinada no país de origem, defende a voluntária.

Ainda, outro ponto levantado por Ana no que se refere à relação entre homens e mulheres é sobre a questão de dependência que elas possuem nos países de origem e como ela muda na Espanha, isto é,

Una cosa que vemos, algo muy importante, es que con las ayudas económicas que da el occidente a las familias, la mujer no se siente sometida al hombre, porque no es el hombre, no es gracias al hombre que pueden comer. Es gracias a un Estado diferente, gracias a una manera de pensar diferente, a una democracia diferente (RAMÍREZ, 2022).

Em síntese, a entrevistada percebe que, ao começar a receber benefícios sociais financiados pelo governo espanhol e, assim, não ser mais sustentada pelos homens da família, as mulheres migrantes e refugiadas não se sentem mais submissas a eles. Segundo Ana, no país de origem, os homens eram autônomos e não elas, e isso desajusta a vida dessas pessoas, porque *“la autonomía de ellas es un espejo que nunca has visto. Es una mujer que vas hablar con los profesores, que aprende español, que pide las ayudas, que tiene autonomía”*. E essa mudança na relação de dependência que as mulheres migrantes

e refugiadas faz com que as mulheres desenvolvam uma autonomia e, assim, diminuem os riscos a serem enfrentados.

CAPÍTULO 4 – AS INTERLOCUTORAS E SUAS NARRATIVAS

Iniciar um trabalho de campo e a busca por contatos para as entrevistas em uma cidade distinta e, ainda mais, em outro país, nos trouxeram outros processos além da seleção e da delimitação da população entrevistada. Ademais, entrevistar mulheres migrantes que podem apresentar traumas de um fluxo migratório forçado – tema desta investigação e, assim, da entrevista – requer maior sensibilidade e precaução em todas as etapas da pesquisa empírica.

Após a aproximação do campo descrita no capítulo anterior, chegamos às oito entrevistas realizadas com mulheres migrantes e refugiadas residentes da Comunidade Autônoma de Madrid e oriundas do Iêmen, do Iraque e da Síria. As mulheres aqui retratadas foram escolhidas porque, como mostramos em detalhe, identificamos formas de resiliência em um contexto de permanência de riscos mesmo após o processo migratório.

As interlocutoras, cujas histórias de vida são aqui analisadas, migraram para a Espanha de maneira forçada, isto é, saíram de seu país de origem devido aos conflitos duradouros dos últimos anos. No entanto, nem todas têm o status de refugiada, visto que utilizaram meios diferentes para fugirem da guerra e buscar outro lugar para viverem em segurança, o que será explicado em cada seção de entrevistada.

O tipo de entrevista semiestruturada foi escolhido por ser mais flexível, não precisei seguir o roteiro de maneira rigorosa. Dei prioridade para um espaço confortável de diálogo e de trocas, de acordo com cada entrevistada e conforme as exposições de cada uma. Assim, as entrevistas tiveram um roteiro mais aberto, a fim de obter relatos e percepções das mulheres que interessavam para a problemática desta pesquisa (FLICK, 2004), com o cuidado na abordagem das pautas envolvidas em um processo migratório forçado.

É importante salientar que não seguir um roteiro rigoroso não significa uma simples conversa, uma vez que a entrevista semiestruturada é utilizada para “obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma fala desprentensiva e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores [...] que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada” (MINAYO, 2002,

p. 57). Ademais, enfatizamos a técnica escolhida por esta representar “uma oportunidade em que os participantes constroem versões e significados para o mundo em que estão inseridos e do qual fazem parte” (BASTOS E SANTOS, 2013, p. 71).

Neste trabalho, tomamos cada entrevistada como ponto de partida para analisar quais elementos que demonstram os riscos e as práticas resilientes das mulheres na sociedade espanhola. Beck (1992), Dubet (1996), Giddens (1998) e Lahire (2006) já demonstraram a necessidade de uma sociologia dos indivíduos, especialmente em contextos marcados por uma forte individualização das relações sociais, e Martuccelli (2007) também defende uma "sociologia dos indivíduos", na qual trata o indivíduo não só como um objeto, mas também como um sujeito. Colocar o foco da análise no indivíduo em sociologia requer uma interpretação das singularidades individuais numa articulação entre o macro e o micro (MARTUCCELLI, SANTIAGO, 2017).

As entrevistas realizadas não foram feitas por amostragem de “bola de neve”. Em todos os encontros, eu perguntava se a entrevistada poderia indicar outras mulheres migrantes ou refugiadas que se enquadrassem nesta pesquisa, no entanto, respondiam que não tinham quem indicar ou que sabiam que as pessoas conhecidas não gostariam de relatar sobre a vida delas naquele momento. Desse modo, como descrito anteriormente, os principais contatos para a realização desta pesquisa empírica foram o jornalista Mohammad e a voluntária Ana Ramírez, a partir do grupo *Amigos del Arte*.

O contato com as mulheres entrevistadas iniciava pelo aplicativo *WhatsApp* ou por chamada de telefone, alternativa utilizada quando não me respondiam por mensagens e, em alguns casos, o processo de agendamento de entrevista foi bastante demorado. Além das ocupações usuais de cada pessoa, outro fator que dificultou o campo desta pandemia foi o agravamento da pandemia da COVID-19 com a variante da Ômicron, que aconteceu entre o final de 2021 e o início de 2022 na cidade de Madrid, que acarretou em muitos casos positivos e, assim, nova fase de isolamento e de medidas restritivas.

O local das entrevistas variou de acordo com as preferências de cada entrevistada, em que algumas escolheram a residência em que moravam, outras optaram por uma cafeteria no bairro onde residiam e, no caso de Jamille⁷¹, a entrevista ocorreu no restaurante onde trabalhava. A Comunidade Autônoma de Madrid possui diversas opções de transporte público, que incluem linhas de ônibus, metrô e trem e, dessa forma, não tive

⁷¹ Nome fictício.

dificuldades de chegar à residência de cada entrevistada, sendo que o maior deslocamento durou cerca de duas horas para Torrejón de Ardoz, outro município da Comunidade Autónoma de Madrid.

Todas as entrevistas foram realizadas em espanhol e gravadas, após a permissão de cada uma, pelo aplicativo de gravador de áudio do meu celular. A gravação foi fundamental para a análise dos relatos e de seu conteúdo, a partir das transcrições. Para a formalização do aceite da entrevista, foi disponibilizado um termo de consentimento, o qual tem modelo anexado ao fim deste documento e esclarece a finalidade da pesquisa e a garantia à liberdade de participar, de recusar ou de desistir da pesquisa e, ainda, da preservação do anonimato, portanto, todos os nomes elencados aqui são fictícios. Até o momento da realização do campo, as interlocutoras tinham entre 20 e 45 anos e, além de apresentarem perfis distintos, possuíam papéis diferentes nas estruturas familiares. Por exemplo, há entrevistada mais jovem que é filha, tem outras que são mães com muitos filhos, há uma mulher casada que tem apenas uma filha pequena, outra casada que não tem filhos, outra viúva, outra divorciada.

Como já descrito anteriormente, um roteiro semiestruturado foi elaborado para as entrevistas, com questões sobre a vida no país de origem, sobre a preparação e sobre o percurso migratório, sobre a chegada e sobre a vida na Espanha, como pode ser visualizado nos anexos no final desta tese. O roteiro foi sempre levado de forma impressa, um guia para não esquecer alguns tópicos importantes, mas as entrevistas eram conduzidas de acordo com a narrativa de cada interlocutora.

Um dos grandes desafios foi a emoção durante os relatos, especialmente no momento de descrever a saída do país de origem e as dificuldades na Europa. Nesses casos, destaquei que elas não precisavam falar se não se sentissem confortáveis ou o que não quisessem expor. Foi bastante difícil ouvir os relatos emocionantes e não demonstrar alguma sensibilidade, seja por expressões de lamento e de empatia, seja por olhares e aqui ressalto que as interlocutoras não foram tratadas apenas como objetos de pesquisa. Também, algumas delas expressaram que me consideravam uma amiga, mesmo que nos encontrássemos apenas duas vezes.

Na análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, em que “o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem”

(CAREGNATO, MUTTI, 2006). Dessa forma, após a transcrição das entrevistas, foi feita uma divisão em cada entrevista sobre a vida no país de origem, sobre o percurso migratório e sobre a vida na Espanha. Mesmo que no roteiro já constava essa separação, às vezes, no decorrer de cada entrevista, algum tópico era pulado, conforme as narrativas das interlocutoras. Para a análise, foram criadas categorias que indicassem os riscos que as interlocutoras enfrentaram e as estratégias de resiliência deles decorrentes a partir de suas falas.

Na tabela abaixo, apresentamos as principais características sociodemográficas das mulheres, por ordem da realização da entrevista, na qual podemos verificar a idade, o estado civil, a cidade e o país de origem, a situação migratória, a formação e as ocupações anteriores e atuais. É importante salientar que os nomes descritos abaixo são fictícios, preservando o sigilo e o anonimato das entrevistadas. Como este trabalho não possui caráter quantitativo, buscamos entender as diferentes particularidades e atravessamentos que nos levam a analisar de que forma as migrantes e refugiadas enfrentam os riscos na Espanha, quais as estratégias e quais os fatores envolvidos nas estratégias de resiliência delas. Assim, realizamos uma pesquisa qualitativa, a qual estuda as ações sociais de indivíduos e de grupos, priorizando a análise de microprocessos, que exige um exercício de intuição e de imaginação sociológica (MARTINS, 2004).

TABELA 1 – Perfil das entrevistadas

Nomes	Idade	Estado civil	Origem	Situação migratória	Formação e ocupação anterior	Ocupação atual
Fatima	43	Casada, 4 filhos	Hamã (Síria)	Refugiada; ida à Espanha por reassentamento da Jordânia.	Analista clínica; trabalhou em laboratório por 14 anos	Cozinheira e vendedora de comida árabe
Jamille	42	Casada, sem filhos	Damasco (Síria)	Visto de residência por trabalho do marido na Espanha; Casamento arranjado.	Curso de Turismo; Assistant manager/ diretora de hotel por 14 anos	Professora de árabe e auxiliar em restaurante do marido
Latifa	31	Casada, 1 filha	Damasco (Síria)	Refugiada; ida à Espanha por “carta invitación” de familiares;	Curso de Filologia inglesa; Secretária executiva na área de Tecnologia da Informação	Jornalista <i>freelance</i>
Aisha	44	Casada, 3 filhos	Aden (Iêmen)	Autorização de residência por trabalho do marido na Espanha;	Farmacêutica e química; professora de química e de biologia	Dona de casa; voluntária em organização
Khadija	20	Solteira, sem filhos	Dayr az Zawr (Síria)	Refugiada; ida à Espanha por reassentamento da Grécia.	Estudante	Estudante de ensino médio
Amirah	27	Casada, 2 filhos	Alepo (Síria)	Refugiada; Ida à Espanha por reassentamento do Líbano.	Cabeleireira	Estudante de espanhol
Zulmira	34	Viúva, 2 filhos	Alepo (Síria)	Refugiada; Ida à Espanha por reassentamento da Turquia.	Engenheira florestal; professora de inglês e de primária	Estudante de espanhol
Hazan	36	Divorciada, 4 filhos	Iraque	Refugiada; Ida à Espanha por reassentamento – Turquia e Grécia; Deslocada interna	Engenheira química; trabalhou em uma empresa de petróleo como contadora	Cozinheira e vendedora de doces; voluntária

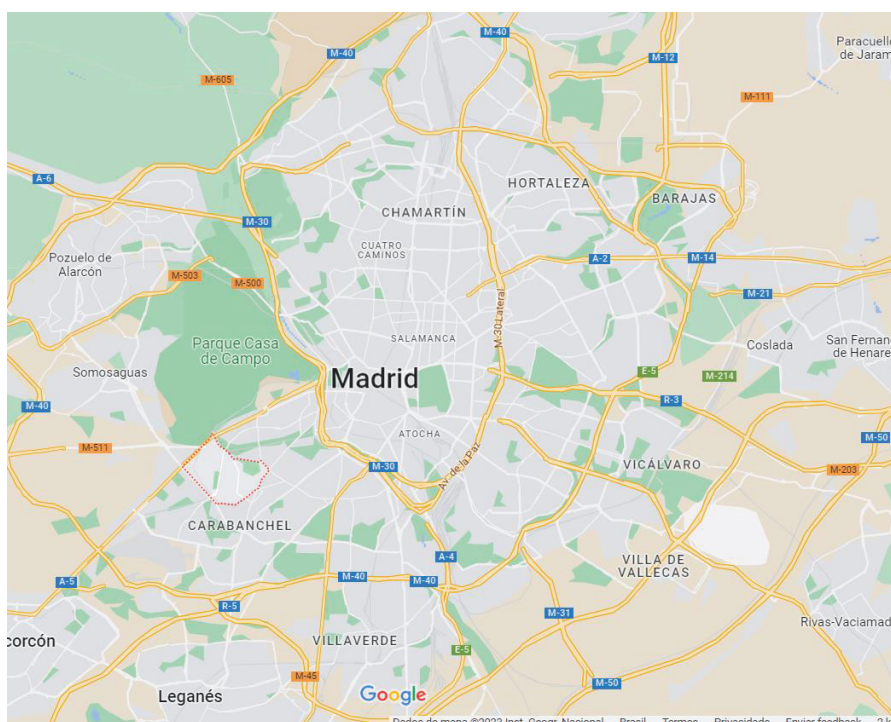
Fonte: elaboração própria

4.1 Fatima

Conseguí o contato de Fatima por indicação de Mohammad. Começamos a conversar no dia 18 de dezembro de 2021, quando ela me disse que estava fora da cidade de Madrid. Dois dias depois, Fatima me enviou uma mensagem que havia retornado e que poderia ser entrevistada no mesmo dia, às 19h, na casa dela, na *Calle Ocaña*, 151, no bairro *Aluche*. Não foram necessárias muitas mensagens para que Fatima aceitasse a dar a entrevista, me apresentei rapidamente e percebi que a indicação de Mohammad gerou confiança. O bairro onde Fatima residia com a família está a cerca de 35 minutos de metrô da estação central e é considerado o maior bairro da cidade. Nos anos 2000, o bairro

começou a receber diferentes grupos de migrantes e, em maio de 2020, apareceu nos principais jornais espanhóis devido às centenas de pessoas que faziam fila para conseguir alimentos. De acordo com a imagem abaixo, o bairro *Aluche* (sinalizado por um contorno em vermelho) está localizado na região sul da capital:

IMAGEM 16 – Localização do bairro Aluche em Madrid



Fonte: Google Maps

Um pouco depois do horário agendado, cheguei ao local e toquei o interfone. O prédio onde Fatima morava tinha oito andares e quatro apartamentos por andar. Fatima atendeu e já estava me esperando na porta, onde gritou pelo meu nome que escutei desde as escadas. Quando entrei no apartamento, tirei os sapatos, pois vi que todos os sapatos estavam ao lado da porta, e Fatima achou o gesto muito educado e me agradeceu. O apartamento tinha dois quartos, um banheiro, cozinha, uma varanda e sala de estar e jantar.

Na sala estava o filho mais novo, que assistia um desenho na televisão e, assim, a gravação sofreu algumas interferências, mesmo Fatima pedindo para o filho baixar o volume algumas vezes. Também, esse filho mais novo a chamava seguidamente, o que, às vezes, prejudicava a linha de raciocínio da entrevistada. Fatima me ofereceu café e

água e, quando disse que não queria incomodá-la, ela insistiu, argumentando que qualquer visita em sua casa recebe pelo menos um café. No dia, conheci também o marido de Fatima, que não permaneceu na sala, os filhos mais velhos e um amigo deles.

No início da noite, Fatima perguntou se me importaria se ela tirasse o véu para ficar mais à vontade, e só voltou a vesti-lo quando um amigo dos seus filhos chegou. De forma alegre, ela destacou que foi solidária comigo para a entrevista porque a minha foto lembrava o rosto de uma amiga dela, a qual mencionou outras vezes, uma vez que era voluntária no Centro de Acolhida, e também se chamava Ana.

Após explicar que ela não precisaria responder à alguma pergunta ou falar sobre algum acontecimento que ela não quisesse, Fatima assinou o termo de consentimento e permitiu o uso do gravador. Durante a noite, se preocupava em pedir para pausar quando recebia alguma ligação e, assim, respeitei e pausei nos momentos solicitados. Iniciei a entrevista perguntando sobre a vida pessoal dela. Fatima contou que tem 43 anos, é casada, tem quatro filhos e é natural de Hama⁷², cidade da região centro-ocidental da Síria.

A vida no país de origem

Na Síria, Fatima sempre teve uma vida tranquila e com qualidade, nunca passou por dificuldades. O pai dela trabalhava com pintura e tinha condições de atender todas as necessidades da entrevistada e de seus seis irmãos, como casa própria e acesso à educação. A religião da família era muçulmana, que se estendia à educação e à cultura de todos. Fatima terminou os estudos aos 20 anos e, por catorze anos, trabalhou como analista clínica em um laboratório e só parou de trabalhar devido aos conflitos. Ela se casou aos 24 anos e, após seis meses do casamento, compraram uma casa e também um carro próprio, o qual o marido utilizava para seu trabalho como motorista. Porém, quando começou a guerra, decidiram vender o carro prontamente, uma vez que não podiam mais se deslocar, as ruas estavam fechadas e tinham medo que outros tomassem o carro. No

⁷² Hama localiza-se no Vale do Líbano e perto da fronteira com a Palestina. De acordo com estimativas de 2007, o distrito de Hama tem população de 1.491.000.

ano de 2011, Fatima relatou que a vida na cidade natal já estava mudada pela guerra há algum tempo e descreve os últimos meses no país de origem da seguinte forma:

En este momento, a ver, aquí era mi casa, aquí una calle y aquí mi trabajo; solo cruzo una calle y estoy en mi trabajo. Yo no podía cruzar la calle para ir al trabajo porque me iban a disparar. Yo no podía salir a la calle nunca, nunca. Podíamos salir solo un día y solo sábado por la mañana, me daban dos o tres horas para comprar cosas para toda la semana y luego volvemos a casa y no podemos salir toda la semana. Tenemos que comprar todas nuestras cosas en estas dos o tres horas porque ellos dicen que “en estas horas la gente puede salir, pero después de esta hora, cada uno por su responsabilidad porque pueden dispararle”. Así, nosotros hemos quedado así por tres meses. Pero no podríamos seguir viviendo así sin trabajo, sin dinero, sin nada y tampoco muchas cosas no pudimos encontrar como comida, pan, no pudimos encontrar estas cosas, por eso, salimos de Siria y ya está. Salimos a Jordania porque la familia de mi marido estaba en Jordania hace un año (FATIMA, 2021).

Desse modo, a vida em Hama estava insuportável. Com exceção do dia permitido para comprar comida, a entrevistada relatou que *“el resto de la semana estábamos cerrados en casa y todo el rato escuchando bomba, disparando balas, todo el rato, todo el rato, gente gritando, todo el rato”*, além de ter uma vida controlada pelo exército. Os filhos da interlocutora tinham apenas 4 e 7 anos e viviam assustados com a violência dos confrontos e das manifestações. Por exemplo, toda sexta-feira, dia especial para as pessoas muçulmanas, era o dia das orações, em que saíam para rezar, no entanto, após as orações, realizavam protestos nas ruas e, para combatê-los, o exército disparava contra as pessoas. Ela relatou, ainda, que a decisão de migrar se consolidou quando o filho descreveu uma cena, voltando da escola, em que presenciou uma bomba explodindo próximo de onde estava.

Atualmente, Fatima ainda tem familiares na Síria, os quais não querem migrar mesmo vivendo em um cotidiano em que muitas vezes falta água, luz, internet, e afirma que *“es nuestro país, que no vamos a salir a ningún sitio”*. Ela contou que perdeu o pai e um irmão na guerra, e morreram em um intervalo de quatro meses. O irmão tinha apenas 24 anos, recém tinha casado e a esposa estava grávida dele.

O percurso migratório

Fatima e o marido já tinham os passaportes prontos para todos saírem do país, mas o momento que decidiram sair da Síria foi quando, em determinada noite, o apartamento

em que residiam sofreu disparos de metralhadora. As janelas foram destruídas e o barulho foi assustador para todos, especialmente para os filhos, de acordo com o trecho abaixo:

Entonces, han puesto esta ametralladora arriba [...] y cuando lo han empezado a disparar la gente, yo tenía ventanas de cristal, y las ventanas de cristal hacían así “ruido muy fuerte”. Los chicos estaban dormidos, pero cuando escucharon el ruido, lo han levantado como locos, como locos, y empiezan a correr por la casa gritando “¿Qué pasa? ¿Qué pasa?” Porque pensaban que estaban en mi casa, de verdad. Yo he cogido un niño y mi marido otro y hemos ido al baño, cerramos el baño y hemos quedado hasta que ellos han parado. Este fue el viernes, el sábado siguiente hemos salido de Siria (FATIMA, 2021).

Assim, além do episódio narrado pelo filho e descrito anteriormente, a decisão definitiva de migrar foi pensada na segurança dos filhos. Para sair de Hama, a família teve que viajar de carro por um percurso até outra cidade para conseguir um ônibus até a Jordânia. Ela explicou que, na época, nenhum ônibus entrava em Hama devido aos conflitos e, assim, cada pessoa tinha que ir por conta própria para outra cidade para poder sair do país.

A família de Fatima ficou na Jordânia por três anos e seis meses. Neste período, se estabeleceram na cidade de Amã, capital do país, onde solicitaram refúgio. Escolheram a Jordânia porque a família do marido de Fatima já estava lá, no entanto, estavam longe de Amã (que era a melhor opção de chegada) e não tiveram nenhuma rede na chegada, tendo que passar por muitas dificuldades. Assim que chegaram na Jordânia, na noite de natal de 2011, conheceram um homem que ofereceu um apartamento para a família de Fatima, após relatarem que não tinham para onde ir, mas o lugar não era o esperado:

Pero cuando hemos llegado al edificio, no había luz, no había agua, hacía mucho frío y estaba muy sucio, muy sucio. No tenía nada, sólo el suelo, nada más, nada más. La puerta no se cerraba. Porque estaba, como se dice, abandonado hacía mucho tiempo. Nadie quería vivir en este edificio. El edificio tenía cuatro plantas, la primera planta son locales para que la gente trabaja; el tercer había chicos de Egipto y chicos de Siria. Sólo chicos trabajadores. Y la segunda planta vacía, no tenía nada, cuatro pisos y estaba vacía. Pero él dijo “pueden quedarse aquí hasta cuando quieren”. Y, bien, no pasa nada. Y cuando han puesto la luz, ha venido un chico para poner la luz, estuve sorprendida, ¡“Madre mía! ¿Lo que es esto?” Estaba muy sucio, tenía mucha basura. Una persona no podía vivir en este piso, no se puede. Y además tenía olor muy malo, y tampoco había agua para limpiar (FATIMA, 2021).

A partir disso, a entrevistada relata como a sua família passou por momentos muito difíceis e, além dos tópicos mencionados, tiveram que enfrentar o tempo frio. Fatima descreve os diversos obstáculos de forma triste, mas como se tivessem conseguido

superá-los pouco a pouco, por exemplo, limpavam o apartamento, começaram a organizá-lo com tapetes, cobertores, utensílios de cozinha, transformando o lugar inóspito em um lar.

Fatima lamentou que não trabalhou na Jordânia porque não tinha direito a um visto de trabalho no país. E isso foi um dos motivos que levaram ela e sua família a saírem da Jordânia. A única pessoa da família que conseguiu trabalhar foi o marido, como motorista, no entanto, apenas poderia trabalhar para pessoas sírias, porque

[...] él tenía coche que no era para conductor, tenía coche para él. Y se saben que él está haciendo transporte para la gente, se dan multa a él. Él estaba trabajando en secreto, así. Pero para sobrevivir tenemos que hacer algo. Porque tampoco en Jordania yo no podía trabajar ni él se podía trabajar con su carnet y no me daban ayuda ahí y “¿cómo voy a vivir?” Tenemos que hacer algo por eso él ha hecho esto (FATIMA, 2021).

Nesse sentido, Fatima reforça como a falta de oportunidade de trabalho na Jordânia pesou para que decidissem migrar para outro país. O marido somente poderia conduzir pessoas sírias e não jordanianas, devido à falta de habilitação do país. Assim, em 2014, como estavam em situação de refúgio, foram perguntados pelo ACNUR se tinham interesse em ir a outro país, mas Fatima não desejava e quem decidiu foi o marido. Então, o ACNUR organizou toda a documentação de Fatima, do marido e dos dois filhos nascidos na Síria e da filha nascida na Jordânia. A família chegou à Espanha em um avião no dia 22 de abril de 2015, por meio do programa de reassentamento. Quando questionada da preferência por Espanha, Fatima respondeu que, se pudesse escolher, teria optado por Canadá ou Alemanha, visto que são países que possuem mais oportunidades de trabalho e oferecem mais auxílios para as pessoas refugiadas, contudo, a escolha não era possível.

A vida na Espanha

Acerca da documentação espanhola, a entrevistada contou que não teve muitas dificuldades, uma vez que o ACNUR organizou tudo desde a Jordânia. Cerca de dez dias depois que chegaram à Espanha, receberam a documentação de residência por meio da solicitação de refúgio. Em Madrid, a família de Fatima se estabeleceu, por meio do programa do ACNUR, no *Centro de Acogida a Refugiados* (CAR Vallecas), onde permaneceram por nove meses. No centro, naquele momento, estavam outras cinco

famílias da Síria e da Palestina, que também vieram da Jordânia. Porém, Fatima relatou que entre essas famílias, apenas a dela continuou na Espanha, as outras preferiram ir para a França e para a Alemanha. Quando perguntei se poderia ir a outro país dentro do programa de reassentamento, ela respondeu que sim, mas complementou:

Sí, puede ir. Pero ¿cómo es tu suerte? Si tu suerte es buena, vas a quedar, si tu suerte es muy mala, le van a volver aquí en España otra vez. Por eso mucha gente ha vuelto aquí, pero hay familias que no han vuelto, que se quedaron en Alemania, en Francia, en Holanda, en Noruega también, en otros países (FATIMA, 2021).

Com esta fala, Fatima ressalta que ela não teve sorte na vida e por isso não quis mais arriscar em uma nova migração. Quando completaram nove meses no CAR Vallecas - o período do fim da estadia no centro – estavam em um momento bastante complicado, pois Fatima estava grávida, sem trabalho e quase não falava espanhol. No centro, eles tinham aula de espanhol de segunda a sexta-feira, por duas horas por dia, contudo, Fatima avaliou que não é suficiente. No momento da entrevista, Fatima mostrou que sabe se comunicar bem em espanhol, e tem apenas pequenas dúvidas gramaticais e algumas palavras que não sabe traduzir. O marido não domina o idioma como ela, porque “*él no tiene muchas ganas para aprender otro idioma, no tiene cabeza. Pero ahora está bien, habla mejor*”.

Fatima contou que, após a estadia no centro, eles têm direito a um ano de “*ayuda para el alquiler de la casa y para los gastos*”, em que 575 euros são pagos para o aluguel do apartamento e os 775 são destinados para todos os outros gastos, que não são suficientes, porque

[...] aquí agua, luz, gas es muy caro, muy caro. La calefacción es muy cara, muy cara. Mira, ahora, no está encendida, solo esta, este y no da mucho caliente para la casa, mi casa es fría, no es caliente. ¿Y sabes la factura de luz cuanto ha salido sólo este desde octubre hasta noviembre? 240 (euros) la luz. Yo no tengo mucho, solo la televisión, el microondas, y este, solo esto, nada más. ¡Solo este está encendido y 240! ¿Cómo pago yo todo esto? Es mucho, mucho. Y mira (apuntando para su hijo menor) todos los días él está con las mantas (FATIMA, 2021).

Além de não ligar muito a calefação e, assim, viver em um ambiente gelado, Fatima afirmou que lava as roupas sempre após a meia noite, período em que a tarifa de luz é a mais barata da região, portanto, tem seu cotidiano pensado sempre na economia. Ela relatou que justamente quando terminou o auxílio para os gastos, nasceu o filho menor

e ficou desesperada. No entanto, ela contou com uma rede de apoio de trabalhadoras sociais:

La trabajadora social del ACCEM era muy buena persona, ha mandado los papeles y todo lo que tendríamos que hacer para ayudarnos a conseguir ayuda de la renta mínima. Pero la renta mínima tarda como cuatro meses para llegar. Pero la trabajadora social ha pagado para el dueño tres meses hasta que llegase la renta mínima. Pero había algunas personas que me ayudaron muchísimo para conseguir la renta mínima antes de pasar cuatro meses. Yo también tenía una persona, era jefe de un centro de servicios sociales para conseguir la ayuda (FATIMA, 2021).

Essa última pessoa da rede de apoio que Fatima menciona foi indicação de Sofia⁷³, uma voluntária que realizou estágio no CAR Vallecas durante a estadia dela e, neste período, desenvolveram uma relação de amizade. Quando Fatima e a família se mudaram para o apartamento, Sofia permaneceu em contato, realizando visitas e, por meio da igreja da qual frequenta, realiza muitas doações para a família de Fatima. Sofia também está auxiliando com os trâmites do aluguel social e, além disso, ajuda a família com doações da igreja, como roupas e alimentos. A entrevistada relatou, ainda, que Sofia, às vezes, leva os filhos de Fatima para algumas atividades, como acampamentos e outros passeios. Além de Sofia, outra pessoa importante da rede de apoio foi o chefe de segurança do CAR Vallecas, que faleceu no início de 2021, mas ajudou a família de Fatima a encontrar o apartamento, procurar o colégio mais próximo para as crianças e auxiliar na matrícula deles, organizando toda a documentação. Fatima chama a atenção que nenhuma organização deu suporte após a estadia no Centro, sendo os funcionários a sua rede de apoio.

Acerca de trabalho na Espanha, Fatima sempre cozinhou e vendeu comida árabe. No início de 2020, ela e o marido tiveram a oportunidade de alugar um espaço específico, a uma quadra da casa deles, para ser uma cafeteria que vendesse comida árabe, café e outros lanches. No entanto, devido à pandemia da COVID-19, não tiveram sucesso no negócio, conforme ela desabafa:

Antes sí, tenía uno (espacio para las ventas), pero el Coronavirus nos ha dejado hasta el suelo. No podemos pagar los gastos, teníamos una cafetería antes, pero no hemos podido pagar ni el alquiler, ni luz, ni los gastos otros, y la gente no venía, tenían miedo y todo el rato estábamos en confinamiento. Porque hemos abierto la cafetería en el 15 de marzo de 2020 (risas), justo en el cierre, en lo mismo día del confinamiento, en lo mismo día. Hemos puesto carta una semana

⁷³ Nome fictício.

antes, que “vamos abrir día 15 de marzo” y, después, dos o tres días lo han dicho que “día 15 se cierra Madrid toda”, Madre mía! (FATIMA, 2021).

Ela relatou que continuaram a pagar o aluguel do espaço durante um ano e, em todo esse tempo, ele permaneceu fechado, portanto, não tiveram nenhum lucro, apenas gastos. Desde então, Fatima cozinha em casa e afirmou vender somente para alguns amigos e conhecidos. Antes da pandemia, ela disse que o trabalho com comida árabe era muito bom, que cozinhasse para muitos eventos de 40 e 50 pessoas, contudo, nunca mais conseguiu esse número de clientes.

Sobre a dinâmica do trabalho, o marido de Fatima a ajudaria na cafeteria vendendo e administrando, no entanto, atualmente ela é a pessoa que cozinha, vende e contata os clientes e diz que “*mi marido no entra en la cocina, tiene miedo. Hay un monstruo en la cocina, que come los hombres árabes, si entra el hombre, se come el monstruo. Así, él no entra en la cocina nunca, sólo para beber un vaso de agua. Y si viene el vaso a él, mucho mejor* (risos)”. Isto é, a entrevista narra de forma divertida que é responsável por toda a renda da casa, mas não demonstra nenhuma queixa sobre as tarefas de trabalho. Para divulgar as vendas, Fatima coloca fotos das comidas nas redes sociais, como *WhatsApp* e no *Instagram*, onde tem uma página com 655 seguidores, mas afirma que a maioria dos compradores vem por meio de indicação dos amigos e conhecidos.

Ao ser questionada se já trabalhava com cozinha na Síria, a entrevistada respondeu que não precisava, porque o marido tinha um bom salário. Quando chegou à Espanha, Fatima tinha o desejo – e ainda possui – de trabalhar como analista clínica, no entanto, por não ter o diploma reconhecido, ainda não consegue. Desse modo, viu na cozinha a possibilidade de obtenção de renda e foi incentivada por sua rede de apoio:

Sabes ¿por qué? Porque ha venido Ana con su familia una vez aquí y he invitado a comer. Ellos han comido aquí y yo he dicho a ella “estoy pensando en vender mis dulces, ¿qué piensas? ¿Hago o no?” Y ella “sí, sí, yo te voy ayudar”. Y ella ha dicho en todo su grupo, a toda la gente, la iglesia, ellos también me han invitado a una reunión y con toda la gente en la iglesia, han hablado conmigo “que lo haces, que lo haces”. Entonces, he empezado a hacer comida, han cogido mi número cada uno, por ejemplo, cada uno si quería hacer fiesta, me llamaba “quiero esta comida”; “¿qué haces de esta comida?”; “haces esto?” “mándame fotos de comida, de dulce”. Al principio, ellos han hecho una fiesta y yo he hecho una cantidad grande de dulces para la fiesta, mucha gente para probar los dulces y ellos han gustado muchísimo y han cogido mi número, cada uno, y así me he quedado con muchos clientes. Pero ahora llevan parados dos años, desde el coronavirus, todos parados (FATIMA, 2021).

Outro motivo que levou Fatima a trabalhar com cozinha é a dificuldade de obter outro trabalho em Madrid:

Es más difícil para nosotros, por ejemplo, para encontrar trabajo es que no somos muy jóvenes, de 40 y más, ya no somos muy jóvenes. Aquí si quieren, por ejemplo, aceptar alguien para trabajar, escogen más jóvenes, de 20 a 30 años, lo máximo 35, mucho mejor que 43. Por ejemplo, si una chica no tiene niños, sola así y joven de 25 años y no está tapada (faz sinal para o véu), mucho mejor que una mujer con cuatro niños y que está tapada. Creo que van a elegir la otra, no van a escogerme para trabajo (FATIMA, 2021).

Dessa forma, ela destaca, além da idade e do gênero como maiores obstáculos na inserção do mercado de trabalho, o preconceito existente na sociedade espanhola, uma vez que ser muçulmana e usar o véu, a impede de obter um emprego. Sobre a religião, Fatima afirma ser muçulmana e ensinar o Alcorão para todos os filhos, contudo, não frequentam a nenhuma mesquita por estarem longe e, assim, terem gastos em relação ao transporte. Além de ensinar o livro sagrado do Islã, Fatima também dá aulas de árabe para os filhos, sobretudo nas férias escolares e faz questão de ser a língua utilizada no ambiente familiar, dizendo a eles com frequência “*‘por favor, hablame en arabe, porque no entiendo mucho español’*. *Yo entiendo, pero yo quiero que ellos hablen en árabe*”.

Atualmente, Fatima afirmou estar com muito medo de não ter mais onde morar, porque o proprietário do apartamento alugado quer vendê-lo e isso a deixa apavorada. A família recebeu o primeiro comunicado que teriam que sair até 2019, no entanto, estavam em uma situação bastante complicada:

[...] en el año 2018, mi marido ha conseguido un trabajo de dos horas al día, pero él no ha caído bien con el jefe del trabajo. Siempre estaba discutiendo con el jefe y al final, le echaron de su trabajo. Como mi marido no entendía mucho español, a veces el jefe decía palabras y mi marido entendía otra cosa o al revés, mal, y empezaban a discutir “por qué me dijo esto y todo”, era muy difícil. Y al final el jefe ha echado del trabajo, pero, lo ha dado bajo voluntaria para firmarla, y como mi marido no sabía español, no sabía leer en español bien, él estaba muy enfadado y ha firmado el papel y sacado en su cara. Y ha dicho “yo no voy a trabajar más”. Pero con esta baja voluntaria... yo estuve cobrando la renta mínima por un año, desde el año 2017 hasta 2018, y el gobierno me ha quitado la ayuda, me han quitado la renta mínima por culpa de mi marido que ha firmado la baja voluntaria (FATIMA, 2021).

A *baja voluntaria* mencionada é um documento de aviso do empregado à empresa comunicando que está rescindindo a relação laboral e, por assiná-la – sem saber o significado do documento por ainda não ter o domínio do espanhol – a família ficou impossibilitada de receber os benefícios, revoltando Fatima, pois não achou justo:

Y desde el año 2019 hasta noviembre de 2021 yo estuve sin ayuda. Tres años sin ayuda, sin ninguna ayuda. Me han castigado, yo y mis hijos, porque mi marido ha firmado una baja voluntaria, me han castigado a mí y a mis hijos, fíjate! [...] Los trabajos siempre pasan por la seguridad social y este contrato pasó por seguridad social. Y cuando él ha dejado el trabajo, han visto que era por baja voluntaria, él ha quitado el trabajo y lo han quitado toda la ayuda. Él estaba trabajando solo dos horas y son 230 euros al mes y lo ha quitado toda la ayuda. Luego, tres años he pasado muy mal, muy mal. Fíjate, que en Coronavirus estuvimos cerrados, sin trabajo, sin ayuda, sin nada y nadie le importa, nadie, ni trabajadora social, ni el gobierno, ni nada (FATIMA, 2021).

Sem nenhum auxílio, a família recebeu ajuda de Sofia, por meio da igreja da qual participa, que pagou durante um ano o aluguel do apartamento. Contudo, em 2019, eles ficaram três meses sem pagar o aluguel e o dono fez uma denúncia, que ainda está em processo, mas sabem que terão que sair do local. No momento, Fatima espera um auxílio de aluguel social que está em trâmite, e não entende a demora porque *“somos en seis personas, cuatro niños y dos adultos y no quieren hacer algo para nosotros, no sé por qué. No quieren ayudar nada aquí, los servicios sociales son muy malos, muy malos, no ayudan a la gente. A ver, ayudan a la gente lo que ellos quieren solo”*.

Acerca da situação atual e quando questionada se ela tem interesse em permanecer na Espanha ou migrar para outro país, Fatima responde que, no máximo, pensa em sair de Madrid para uma cidade pequena devido a um menor custo de vida, porque os filhos não cogitam, sob hipótese alguma, mudar novamente:

Ellos han dicho que “no vamos a salir de España e ir a otro país, ya estamos con la lengua muy bien, y estamos estudiando en el colegio muy bien y no queremos cambiar otra vez”. Porque hemos cambiado muchísimo, no querían cambiar otra vez. Cambiamos de Siria a Jordania, a CAR Vallecas y aquí, ahora no quieren salir de Aluche. Quieren quedar aquí, porque todos los amigos están aquí, el colegio, todo esto, no quieren salir (FATIMA, 2021).

Mesmo em contato com outras famílias refugiadas que estão na França e na Alemanha e, assim, tendo o conhecimento que estão com uma vida muito boa e recebendo conselhos deles como *“sale de España!”*, Fatima afirmou com segurança que não irá migrar outra vez porque não quer que os filhos tenham que aprender outro idioma. Da mesma forma que, quando questionada se não houvesse mais conflito na Síria e desejaria retornar ao país, responde que:

Para mí, sí, vuelvo. Pero ahora mis hijos no quieren volver. Y tampoco, ahora mismo, yo no puedo volver, porque mis hijos han llegado a estos niveles de estudio, yo no puedo ahora volver a Siria. Tengo que quedarme aquí para que ellos terminan cada uno su estudio, consigan cada uno su trabajo y, luego, si quiero volver, vuelvo, así, para siempre y si ellos quieren quedarse aquí, no me

importa, se quedan. Pero antes que yo, por ejemplo, me quedo segura que cada uno ha terminado su estudio, ha conseguido su trabajo, no puedo volver. Pero yo puedo ir, por ejemplo, a visitar mi familia, ahora llevo yo 12 años sin ver mi familia (FATIMA, 2021).

Com esses relatos, vemos que Fatima sempre pensa nas decisões da vida dela de acordo com o que os filhos desejam ou o que seria melhor para eles. É pelos filhos que ela afirma enfrentar todas as dificuldades em Madrid, “*por eso, estoy luchando muchísimo aquí para sobrevivir*”, mesmo com a possibilidade de migrar para um país com mais oportunidades de trabalho, com mais benefícios para pessoas refugiadas e com menos burocracias em relação a documentação. Desse modo, percebemos que a maternidade é um fator de resiliência na vida da Espanha para a interlocutora.

Depois de falar que está se preparando para o exame de nacionalidade, perguntei à Fatima se ela já se sentia espanhola e ela “*no, porque no soy de Madrid, no soy de España (risos). De verdad, porque la cultura siempre se queda con la persona. Yo soy de Siria, siempre me siento que soy siria, no soy española*”. Assim, Fatima demonstrou ter orgulho da cultura síria e que sempre vai ser e, a partir disso, podemos entender como um fator de resiliência.

As principais relações que afirma ter estabelecido em Madrid são, sobretudo, pessoas da Síria, algumas da Venezuela, da Colômbia, do México e da Ucrânia, os quais conheceu no Centro de Acolhida, e também amigos espanhóis. Fatima afirmou que os filhos foram os que se adaptaram mais rápido à Espanha, e o marido ainda não – mesmo depois de sete anos – porque não tem contato com espanhóis, apenas com homens árabes. Conforme o trecho abaixo, podemos analisar que Fatima não se sente adaptada quando sofre preconceito por parte da população espanhola:

A veces siento que sí, estoy adaptada, a veces siento que no. Porque, a ver, en general, la gente aquí es muy buena, pero a veces sale gente muy rara, como dice, la gente que no le gustan los extranjeros. A veces pasa conmigo cosas muy raras, me siento que este país no me quiere, “¿por qué me trajeron aquí?” ¡No sé cómo dice esta palabra, ¡racista! Hay gente racista, pero son muy pocos. En general, toda la gente que está aquí es muy buena. La gente aquí, al principio, piensa que yo soy de Marruecos y como los españoles con Marruecos tienen muchos problemas, a veces, se queda un poco lejos de nosotros (FATIMA, 2021).

Dessa forma, Fatima reafirma sua identidade síria, sua identidade de pessoa não-espanhola. Ao descrever que os espanhóis a vejam como marroquina, podemos pensar no

uso do véu como marcador importante na identidade, como já mencionado anteriormente como obstáculo maior para se inserir no mercado de trabalho. No que se refere à identidade de refugiada, ela menciona que espanhóis utilizam a categoria como forma de insulto, por exemplo, para os filhos:

[...] a veces hay chicos que le molestan a mis chicos, le dicen ‘refugiados, refugiados, no sé qué’. Mis hijos se enfadan mucho de esta palabra. Pero luego ha pasado bien, pero el primer año fue muy difícil. [...] Les dicen a ellos de una manera mala, le insultan con la palabra refugiado, a veces es diferente como dice. Pero ahora ya está (FATIMA, 2021).

Nesse sentido, vemos que mesmo os filhos, que não possuem marcadores visíveis como o uso do véu, também sofrem preconceito e, assim, têm o processo de adaptação dificultado, sobretudo no âmbito escolar, onde é a socialização deles. Embora se sintam discriminados por serem refugiados, Fatima compreende os direitos das pessoas refugiadas e sabe que pode denunciar casos de racismo e de xenofobia. Além disso, mostrou ter conhecimento sobre benefícios escolares, como as taxas de refeição que são cobradas em escolas públicas *“yo tengo los papeles de asilo; y con estos papeles yo, por ejemplo, solicito la beca del comedor desde el principio y me dan el comedor gratis para mis hijos. Esta es la única ayuda del gobierno, del ayuntamiento. Y no tengo que pagar nada”*.

Sobre a avaliação do processo migratório e do programa de reassentamento, Fatima tinha mais expectativas quando saiu da Jordânia, porque ouviu isso do ACNUR:

Decían que me darían un piso para vivir con mi familia tranquilos, me buscarían un trabajo, que me enseñarían el idioma, pero de todo esto, no ha pasado algo. Solo en el centro, que hemos vivido nueve meses, que me han enseñado español en el centro, solo esto. [...] Todo el resto que lo han prometido no han hecho nada ellos, nada (FATIMA, 2021).

Nesse sentido, Fatima opina que o programa de reassentamento, ao propor para pessoas refugiadas a oportunidade de viver em outro país, deveria conseguir atender às demandas dessa população. Por exemplo, *“tienen que por al menos me dar un piso para vivir tranquila con mis hijos [...] para buscar un trabajo bueno [...] así, no me dejar en la calle sin nada”*. Ademais, em relação à vida na Jordânia, ela afirmou que não precisava de tanto dinheiro para viver quanto necessita na Espanha, uma vez que o aluguel de um apartamento na Jordânia custava 100 euros e, em Madrid, no mesmo tamanho, custa 600 euros. Então, mesmo que o auxílio lá fosse menor, era suficiente para que a família

vivesse de forma segura, especialmente para pagar o aluguel de uma casa, que Fatima considera o mais importante de tudo.

Ainda, ao final da entrevista, Fatima reflete em como não teve tempo para pensar no processo migratório e em como seria a vida em outro país, e não teve tempo de planejamento. A saída da Síria, mesmo que pensada durante certo intervalo de tempo, uma vez que organizou passaportes com antecedência, representava um processo temporário, isto é, não imaginava que teria que recomeçar uma nova vida em outro país:

Nosotros, cuando hemos salido del país, no pensamos que íbamos quedar todos estos años fuera, porque hemos cogido cosas sencillas para, como, vivir meses fuera del país, no años fuera del país, pero ahora hemos terminado 10, 11 años fuera. Y pensábamos “solo tres, cuatro meses, pero como máximo en seis meses volvemos”; no pensamos que íbamos quedar todos estos años fuera. Todo lo que ha pasado es muy difícil, todo (FATIMA, 2021).

Assim, recomeçar a vida desde o zero, como ela diz, trouxe muitas frustrações. Por exemplo, não ter comida para dar aos filhos é o que a deixou mais triste desde que saiu da Síria, além de não encontrar um trabalho e, assim, ter dinheiro para todos os gastos. E mesmo que ela consiga uma renda para as necessidades básicas, não é da forma como ela estava acostumada a viver na Síria e nem como ela gostaria que fosse:

Porque a veces, como dicen, hay muchas veces que dejamos de muchas cosas. Por ejemplo, mis hijos quieren ropa, y yo no puedo comprar ropas para mis hijos, todos juntos al mismo tiempo; si quieren zapatos, no puedo comprar todos a la vez, no puedo. Yo tengo que, por ejemplo, comprar uno a uno, no todos, si dos necesitan zapatos, tengo que comprar uno y dejar el otro para otro momento, por el dinero. Porque no hay suficiente dinero para comer y vestir, por eso (FATIMA, 2021).

E no que se refere ao trabalho, o maior orgulho na vida dela é a sua formação como analista clínica, porque

[...] me gustaba mucho mi trabajo, muchísimo. Y como este trabajo ayuda mucho a la gente, a ver, este trabajo en laboratorio es como buscar el problema en el cuerpo de la gente y decir a ellos “este es tu problema, tienes que solucionarlo, vete al médico para darte unas pastillas”. Este es mi trabajo, ¿sabes? Lo que es, como dicen, como este trabajo para mejorar la gente a mejorar su salud. Ese es lo que más me orgullo (FATIMA, 2021).

Ao afirmar que o maior orgulho da vida dela é o trabalho de analista clínica e não poder realizá-lo na Espanha devido à falta de homologação de diploma, entendemos isso como mais uma grande frustração na vida de Fatima e mais um aspecto que enfrenta

efetivamente, com o sonho de poder ainda ter a documentação finalizada e exercer a profissão de origem.

Outro ponto levantado por Fatima é que, mesmo com a documentação de pessoa refugiada e com a residência já garantida na Espanha, o cotidiano é marcado por burocracias: *“vivo aquí siete años y en estos siete años estoy siempre con estos papeles, siempre con citas para hacer papeles. Son muy lentos y no trabajan muy bien. Creo que no son como otros países”*.

Na Espanha, vemos que são muitos os percalços que a interlocutora vem enfrentando com a família. Primeiramente, observamos que Fatima apontou a falta de suporte estrutural das organizações após a vigência da estadia no Centro de Acolhida, tendo apenas ajuda de alguns funcionários, especialmente voluntários. Esta falta de suporte pode desencadear em mais riscos, especialmente o econômico, o qual foi mencionado diversas vezes na entrevista. Por exemplo, no auxílio econômico insuficiente do programa para pagar contas básicas como aluguel, alimentação, conta de luz. Além de ter a vida pensada em como economizar nas contas básicas, Fatima e a família se preocupam onde morar com os altos valores de moradia na cidade de Madrid e a decisão do proprietário em vender o imóvel alugado, ademais de ela e o marido não terem um emprego estável. Neste âmbito, a pandemia da COVID-19 agravou a situação econômica, visto que foram obrigados a fechar a cafeteria que recém tinham aberto. E a dificuldade de obtenção de emprego, isto é, o risco de desemprego levou Fatima a vender comida árabe, o que nunca pensou em fazer no país de origem.

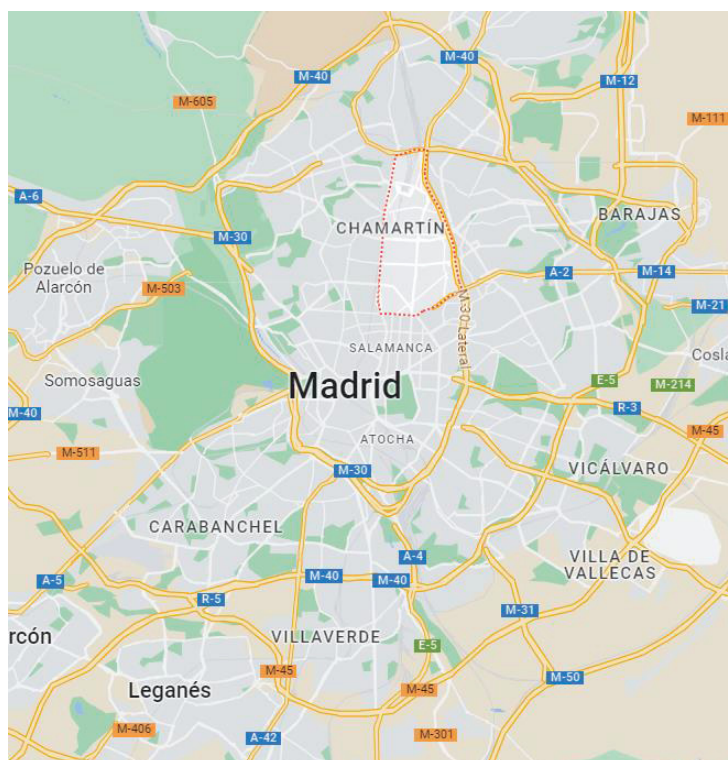
4.2 Jamille

A entrevista de Jamille foi obtida por meio do contato de Said, marido dela, dono de um restaurante⁷⁴ que conheci no final de janeiro de 2022. Por uma publicação nas redes sociais, vi que o jornalista Mohammad estava em um restaurante sírio e pensei que este seria um lugar em que pudesse encontrar possíveis entrevistadas para a pesquisa. Então, decidi ir até o restaurante na tarde de quinta-feira, dia 20 de janeiro.

⁷⁴ Devido à preservação do anonimato da entrevistada, o nome do restaurante também será preservado.

O restaurante se localiza na parte norte da cidade de Madrid, especificamente no bairro *Chamartín*, conhecido por abrigar um centro financeiro e ministérios, a *Plaza Castilla*, o estádio Santiago Bernabéu, entre outras atrações turísticas. A avenida onde o restaurante se localiza é grande e bonita, com prédios residenciais e com estabelecimentos comerciais que possuem cadeiras e mesas nas calçadas, bastante comum da cultura espanhola. Na imagem abaixo, destacamos (em vermelho) o contorno do bairro *Chamartín*:

IMAGEM 17 – Localização do bairro Chamartín em Madrid



Fonte: Google Maps

No local estava apenas um senhor atendendo no balcão e outras duas clientes e penso que o movimento estava pouco devido ao horário (16 horas e, portanto, pós almoço). No restaurante, me sentei e pedi um café. O senhor (que aqui chamo de Said) era bem simpático e iniciou uma conversa, aproveitei e perguntei a origem dele, que confirmou que era sírio. Me apresentei e expliquei a minha pesquisa e disse que gostaria de realizar entrevistas com mulheres árabes e ele prontamente respondeu “tem uma que

pode entrevistar! A minha esposa!” (risos). No entanto, a esposa estava viajando e então me passou o número do celular dele para que enviasse uma mensagem combinando um horário na semana seguinte. Por *WhatsApp*, agendamos a entrevista para domingo, dia 6 de fevereiro de 2022, às 14h no restaurante.

O primeiro número de celular contatado era o do Said e, também, do próprio restaurante. No perfil do aplicativo *WhatsApp* há uma foto do estabelecimento, além do nome, e na descrição consta como Restaurante sírio e restaurante árabe. Ademais, no espaço destinado a recado há a frase “*comida mediterránea siria hecha con mucho amor*”. Ainda, o perfil apresenta informações como horários (das 12h às 23h) e os links das páginas nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. No *Instagram*, a página do estabelecimento possui aproximadamente 600 seguidores e apresenta fotos do local e muitas fotos dos pratos, desde as entradas até as sobremesas.

Quando cheguei ao restaurante no horário sugerido pela entrevistada, percebi que Jamille estava trabalhando como garçonne e o local estava bastante movimentado, uma vez que estava no horário do almoço que os espanhóis costumam almoçar. Apesar disso, Jamille me recebeu muito bem e disse que poderia me sentar que ela conversaria durante o trabalho, mesmo eu perguntando se ela não preferiria em outro dia, mas ela insistiu que eu ficasse para conversar. Para descontrair, aproveitei e pedi o prato *Mashawi*⁷⁵ para almoçar, como mostra a foto abaixo:

IMAGEM 18 – Prato Mashawi do restaurante do marido de Jamille

⁷⁵ Mashawi é um prato árabe feito com carne grelhada na brasa.



Foto: Ana Julia Guilherme

Expliquei à Jamille a pesquisa e como seria a entrevista, e que ela não precisaria falar sobre algo que não tivesse vontade, como mencionado no início deste capítulo. A interlocutora assinou o termo de consentimento e permitiu o uso do gravador. A entrevista foi até umas 17h de domingo, no entanto, teve que ser pausada diversas vezes porque Jamille estava trabalhando ao mesmo tempo, seja atendendo clientes, seja limpando e organizando coisas. Isso dificultou bastante o andamento do roteiro e a fala da entrevistada, no entanto, ela destacou que não tinha outro horário disponível.

A vida no país de origem

Jamille tem 42 anos e é casada com Said. Os dois não têm filhos. A interlocutora nasceu em Damasco, capital da Síria, e está na Espanha desde setembro de 2013. Ela começou a falar sobre o cargo de trabalho que tinha em Damasco, que o descreveu como “*Directora de Apartments y Assistant Manager*”. Jamille afirmou que trabalhou “*toda mi vida*” em hotel, quer dizer, permaneceu neste trabalho por catorze anos.

Após terminar o colégio, Jamille realizou um curso de Turismo e, após finalizá-lo, prontamente começou a trabalhar em um hotel, quando tinha entre 19 e 20 anos de idade. A interlocutora deixou este cargo somente por deixar a Síria e, ao longo da entrevista, demonstrou que gostava bastante do trabalho que desempenhava.

Além do trabalho, Jamille afirmou que adorava a vida na Síria e a sua fala é marcada por muito carinho com a vida no país de origem. Antes de iniciarem os conflitos, a interlocutora mencionou que a vida em Damasco era muito segura e feliz, não apresentando fatores de perigo, diferente de outras regiões de Síria. Ela descreve que a vida na capital da Síria era “todo muy tranquilo con mi trabajo, con mi familia, con mis amigos, con casa, con mi coche” e com uma qualidade de vida melhor que boa: “*no sólo buena, excelente. Podemos decir, excelente. Todo que lo tenía antes de la guerra era excelente. Y cuando empezó la guerra, ¡ ‘madre mía! ¿Qué hacemos?’*”.

O pai de Jamille era advogado, e ela e os irmãos tinham uma vida confortável no país de origem. Conforme o trecho acima mencionado, a interlocutora tinha casa e carro próprios que representam uma vida mais estável e segura financeiramente. Também, o cargo de direção em hotel, o domínio de idiomas como inglês, árabe e francês mostram uma qualidade de vida boa de Jamille, ademais de sua afirmação citada no parágrafo anterior.

A família de Jamille morava perto de um aeroporto militar e de uma cidade pequena, onde começou a ter conflitos antes de Damasco e em uma situação pior, como ela descreve “*otro pueblo que la guerra estaba mala, tú podrías ver desde tu casa todo, todo. Por eso. Y también las bombas, ataques de bombas, eran muchos, muchos*”. Quando os conflitos chegaram a Damasco, a situação ficou bastante difícil e a família a convenceu a sair de Síria, em virtude de muitos riscos que estavam correndo. A mãe de Jamille faleceu há muitos anos, e o pai de Jamille faleceu em 2019 – a interlocutora não quis falar detalhes sobre os ocorridos.

O percurso migratório

O processo de saída da Síria foi um pouco diferente para Jamille, comparado com as outras interlocutoras. Jamille conseguiu sair do país de origem por meio de um

casamento arranjado, afirmação que não ficou clara no início da entrevista. O marido de Jamille chegou à Espanha em 2007 para trabalhar como diretor de uma empresa aérea, a Siria Airlines. Portanto, o destino migratório de Jamille foi a Espanha porque o marido morava no país e “*él quería se casar con una chica de Siria, estaba buscando por eso y yo llegué aquí por eso*”. No trecho abaixo, a interlocutora descreve como conheceu o marido:

Ah, bueno. Mi prima vivía aquí hace mucho tiempo y me dijo que un amigo de su marido conocía una persona que estaba buscando una chica de Siria para hablar por internet y etc. Fue como arreglado. Y eso, hablé por internet, hablamos. Hablamos por seis meses por internet, por *Facebook*, por *WhatsApp*, por *Twitter* después. Y me pareció una persona buena. Y dije “bueno, tú sabes las costumbres, tienes que mandar la familia” [...] tienes que mandar tu familia para pedir las manos” eso que necesitamos, las costumbres, ¿sabes? En principio, viene la familia del novio a la casa de la novia para pedir sus manos. Si aceptan la familia, hacemos una fiesta pequeña y luego estaba preparando mis papeles para hacer la visa, porque necesito visado para venir aquí. Y durante seis meses, estaba aquí en España, esto, demoró seis o siete meses, algo así. [...] Él estaba aquí, solo su familia vino a mi casa, a casa de mi padre, y lo han pedido mis manos, y lo aceptaron y estamos, casamos (JAMILLE, 2022).

Assim, Jamille conheceu Said pela internet e conversou com ele por seis meses até se conhecerem pessoalmente, quando acordaram o casamento. Quando perguntada se fizeram festa de casamento, ela respondeu que não, porque “*la situación estaba mala, no estaba para hacer una fiesta, nada. Sólo he hecho una fiesta pequeña para mi familia en un restaurante y nada más*”. A interlocutora destacou que:

El matrimonio era una oportunidad clara, una oportunidad de salir desde allí. Pero, en principio, por el matrimonio con mi marido, eso es, porque no quería dejar mi familia, eso es. Pero ahora yo vivo aquí, gracias a Dios estoy aquí, porque la situación allí está mal, muy mal (JAMILLE, 2022).

Dessa forma, o casamento arranjado foi a forma que Jamille encontrou para sair da guerra da Síria. No momento em que questionei “*si no hubiera el matrimonio, había salido de Siria igual?*”, ela reforçou que “*no, nunca. Sí para viajar, de vacaciones, sí. Pero para vivir toda mi vida, no. Porque yo tenía trabajo y el salario era muchísimo, podría vivir allí tranquilamente y por eso*”.

Isto é, a interlocutora não tinha nem planejado migrar para outro país nem se casar, e argumentou que “*porque yo estaba con mi familia, mi padre, mis hermanos. Antes de la guerra vivíamos en nuestra casa y siguiendo de esta forma, me quedaría con ellos. Y cuando conocí mi marido, era una oportunidad para salir de Siria, sólo esto*”. No trecho

abaixo, ela deixa claro que o incentivo do pai foi fundamental para ela aceitar a proposta de casamento:

Mi padre me dijo "es una oportunidad para salir del país por la guerra". Porque, en principio, cuando empezó la guerra, no tenía nada, y empezó la situación a quedar peor, peor, peor a cada día, estaba empeorando a cada día. Y eso, nada más. Él me dijo "sale, si no te gusta, puedes volver" Y nada más, eso es (JAMILLE, 2022).

Quando os conflitos em Damasco ficaram intensos, a família de Jamille também teve que sair de onde morava, assim, com o convencimento da família, ela aceitou a proposta de casamento mesmo sem conhecer o noivo. Jamille tem irmãos mais velhos, duas irmãs são advogadas e o irmão é engenheiro. Uma irmã está na França desde antes do conflito e foi para lá em virtude de casamento, também. Um irmão e uma irmã foram para Dubai em 2013, para fins de trabalho, isto é, se regularizaram lá por meio de um visto de trabalho.

A vida na Espanha

Said já trabalhava na Espanha desde 2007 e, portanto, já tinha visto de residência no país. Desse modo, Jamille contou que o marido solicitou “reunificación familiar⁷⁶ en el ayuntamiento”. Assim, a interlocutora não precisou solicitar refúgio e tampouco tem o status de refugiada na Espanha. Ela demonstrou saber muito pouco sobre o direito das pessoas refugiadas e não sabia muito bem sobre a diferença de visto de residência e a solicitação de refúgio, mas sabia que “*yo prefería lo de residencia porque cuando tú tienes el documento de refugiado, si hago esto, tú no puedes ir a Siria, no puedes volver. Y como yo tengo familia allí, necesitaba visitar mi familia, por eso estaba buscando tener uno de residencia, no de refugiado*”.

⁷⁶ De acordo com o Ministerio de Inclusión, Seguridad Social y Migraciones, a normativa espanhola de imigração inclui o direito das pessoas estrangeiras que residem legalmente na Espanha de reunir seus familiares, chamado “reagrupación familiar”. Os requisitos para exercer esse direito dependem do tipo de solicitação. Fonte: <https://inclusion.seg-social.es/web/migraciones/reagrupacion-familiar-traer-a-sus-familiares->

No início, a maior dificuldade que a interlocutora destaca que precisou enfrentar na Espanha foi a solidão:

he perdido mi familia, mis amigos, en principio estaba sola, no lo conocía nadie, me sentía sola. Pero poco a poco, conocí la gente, conocí amigos, sabes. Es diferente, pero echo de menos mi familia, mis amigos que vivían allí. Porque todavía mis amigos que vivían en Siria no habían salido cuando ha llegado en España (JAMILLE, 2022).

Isto é, podemos considerar a solidão como um risco que teve que enfrentar no país de destino. A pesar de se sentir sozinha, Jamille contou que acha que Madrid recebe bem as pessoas estrangeiras. Ela relatou que nunca teve problemas com madrilenos, nem com pessoas de outras culturas. No entanto, ela reconhece que o fato de não ter sofrido formas de preconceito é por não parecer árabe e por não usar o véu: *“creo que porque no uso hijab, eso ayuda mucho, porque ellos no saben que soy árabe, sabes? Ellos dicen ‘tú puedes ser italiana, tú puedes ser española también’. Pero nunca lo han hecho nada, de verdad”*.

Ao mencionar que não usa o véu, questioneei a interlocutora se ela era muçulmana e ela confirmou. Ao mesmo tempo, ela destacou que *“nunca usé el hijab. Nunca puse hijab en mi vida. Pero mis hermanas, sí”*. Jamille argumentou que mesmo que a mãe e outras mulheres da família usassem o véu, ela nunca foi obrigada a usar e acrescenta que *“pero mi familia, es una familia que tiene la mentalidad abierta, que está abierta, sabes? Que piensa que no es obligatorio poner el hijab, no. Eso es. Y así dicen ‘si quieres, puedes poner el hijab o no’. Eso es”*. Na Espanha, Jamille afirmou que nunca frequentou uma mesquita, mas ainda pratica a religião muçulmana durante o Ramadã e, também, costuma ler o Alcorão.

Jamille estudou espanhol em uma escola oficial em Madrid. Agora, ela afirma que fala espanhol bem melhor e realmente se expressava como uma nativa. No entanto, o início em Madrid foi difícil devido à comunicação, também:

Lo más difícil fue la comunicación con la gente, porque yo no sabía hablar español y los españoles no hablan en inglés, por eso, la dificultad del principio era sobre la comunicación con la gente. Pero la gente de verdad es amable. Y poco a poco cuando empecé a estudiar, empecé a integrar con la gente. Pero a mí me gusta este país, a mí me gusta mucho. Lo más difícil para mí fue el idioma, yo no podría hablar (JAMILLE, 2022).

Em relação à homologação de diplomas, a interlocutora contou que não enfrentou dificuldades, mas ainda quer continuar a estudar. E, acerca dos serviços públicos oferecidos pelos governos da Espanha e da Comunidade de Madrid, ela opina que *“sí, están buenos. Están súper, por ejemplo, si tengo tarjeta de servicio general público, de sanitaria, está bien. Bueno, tarda un poquito, pero está bien”*.

Acerca dos costumes, da cultura e do estilo de vida na Espanha, perguntei à entrevistada se ela procurou se informar no momento em que aceitou a proposta de casamento e teria que morar em Madrid:

Sí, sabía todo. Pero, de verdad, las costumbres, más o menos, están parecidas de nuestras costumbres. Y de diferencia la comida sólo. Porque aquí tienen una comida totalmente diferente de nosotros, de siria o de árabe. Pero aquí, por ejemplo, en Madrid la vida se no quita. Tú puedes salir cuando tú quieras, como mi país antes de la guerra, hablo de antes de la guerra. Es una vida, por ejemplo, mi hermana vive en Francia y me dijo "a las 19h o 20h no puede ver nadie en la calle". Pero aquí nosotros sí, tú puedes ver hasta las 00h, la 1h de la mañana, o sea, de madrugada, era igual como Siria... antes de la guerra (JAMILLE, 2022).

A partir disso, percebemos que a vida em Madrid lembra a vida tranquila e feliz que Jamille tinha em Damasco antes da guerra. Outra similaridade com a vida na Síria, foi um trabalho em um hotel que conseguiu em 2017, depois de já ter o domínio de espanhol, que havia estudado desde 2013. A vaga foi indicada por um conhecido, conforme o trecho abaixo:

Yo conocía un contacto y él me preguntó si “¿tú quieres trabajar en este hotel? Entonces, manda un correo y si ellos necesitan, van a llamar. Y lo han hecho una entrevista, una entrevista con la directora y ella me dijo "bueno, puedes empezar en la semana que viene". Y empecé el trabajo en 2017, creo (JAMILLE, 2022).

No entanto, por problemas de saúde (especificamente na coluna), teve que fazer uma cirurgia e, assim, teve que sair do trabalho. Segundo Jamille, o trabalho no hotel era *“súper bueno! Pero estaba lejos de mi casa, porque antes yo vivía en Plaza Castilla, vale? Y el hotel estaba en Fuenlabrada. Necesitaba una hora y media para llegar hasta allí. Pero a mí me gustaba”*. Embora tenha similaridade com o trabalho na Síria, o cargo que Jamille tinha em Madrid não era de diretora e sim de recepcionista. Questionei se ela se sentia bem com esse cargo e ela *“Si, si, si. Y es fácil para mí ser recepcionista, más fácil que ser directora. Si quieres comprar arriendo, bueno, una empleada es mejor que empleadora, bueno. A mí me gusta esto”*. Isto é, a entrevistada via vantagens em ser empregada, pois tinha benefícios para financiar um imóvel, por exemplo.

Desde então, Jamille não conseguiu mais trabalhar em hotel, que é a sua preferência

Si tu pregunta ahora '¿prefieres restaurante o hotel?' Yo digo no, prefiero el hotel. Me gusta el hotel, el hotel es bueno. Pero ahora con mi edad, es tan difícil encontrar trabajo, muy difícil, muy difícil" [...] y también puede ser que mi edad no ayuda. Yo también tengo experiencia en hoteles, puede ser, por ejemplo, prefieren chicas más jóvenes, porque es un trabajo duro. En hotel o en restaurante es un trabajo duro (JAMILLE, 2022).

Alegando dificuldades na inserção no mercado de trabalho, especialmente em razão da idade (cabe salientar que Jamille tem 42 anos), a entrevistada lamenta “*muy difícil, muy difícil. Por eso, por ejemplo, estoy trabajando aquí y dando clases*”. A entrevistada começou a dar aulas de árabe em 2019 em uma escola de Madrid, de forma presencial e remota. O trabalho como professora pode ser entendido como uma estratégia de resiliência na Espanha para ter uma fonte de renda a mais. Porém, o trabalho com aulas não é suficiente para a renda do casal e ela precisa ajudar o marido no restaurante.

Como já mencionado anteriormente, Said se mudou a Madrid porque se tornou diretor na Siria Airlines. No entanto, quando se intensificou a guerra na Síria, em 2012, fecharam o escritório em que trabalhava e Said teve que procurar outro trabalho e a entrevistada contou que “*él se quedó mucho tiempo sin nada, como yo* (risas)”. No momento da entrevista, Jamille relatou de forma engraçada que o marido ficou bastante tempo sem trabalho e comparou à situação dela.

Said abriu o restaurante em setembro de 2021 e teve a ideia porque, segundo a interlocutora, “*le gusta mucho cocinar y comer*”, além da dificuldade de conseguir outro trabalho. Ao mencionar que “*a mí me gusta comunicar con la gente y hacer otras funciones del restaurante*”, Jamille destacou que ela e Said se dão bem na divisão de tarefas no restaurante. Mesmo que pareça que o negócio está indo bem, o restaurante estar em uma boa localização e, pelo menos no dia da entrevista estava bem movimentado, o relato da entrevistada não é animador:

Aquí trabajo es muy difícil, muy difícil. Para encontrar, en principio, un trabajo, es con mucha dificultad. Y, luego, el salario no es bueno aquí. Por ejemplo, ahora en España, como tenía crisis económica, no veo que la situación aquí está buena. Ahora estamos pensando, por ejemplo, pensamos, mi marido y yo, si no mejorando el trabajo aquí, si vamos a volver a Siria, pero vamos ver. Porque el trabajo aquí no está bueno (JAMILLE, 2022).

Jamille relatou que a situação não está boa porque os custos em Madrid são muito elevados. Por exemplo, o casal mora em um apartamento de dois dormitórios, mas é muito antigo e bem pequeno, e pagam 625 euros por mês apenas no aluguel. Ainda, o apartamento é longe do restaurante, no bairro Antonio Machado, e precisam ir de carro até o local de trabalho. Ela explicou que não tem como morar perto do restaurante porque os alugueis são mais caros ainda.

Durante a estadia na Espanha, Jamille voltou a Síria durante três ou quatro vezes. Conforme o relato dela, para ir a Damasco tem que ir, inicialmente, a Beirute (Líbano), onde precisa pegar um carro para a capital da Síria. Ela descreve a situação como tranquila, porém ela chama a atenção que o visto de residência que ela possui na Espanha torna mais fácil, diferentemente para pessoas refugiadas: *“pero si no tengo la residencia o algo de refugiado, creo que no, no se permite. Y cogen el pasaporte de Siria, cogen el pasaporte de Siria”*.

Em fevereiro de 2020, Said foi a Síria e, devido à pandemia, não conseguiu voltar a Madrid em razão do fechamento das fronteiras. Jamille contou que foi uma situação bastante difícil, porque teve que ficar oito meses sozinha e acrescentou que *“Y él no tenía trabajo, no tenía nada. Y yo estuve sola aquí, porque él no podría volver, estaba atrapado en Siria por ocho meses menos mal yo tenía trabajo, que era dar clases online, menos mal. Tuve mucha suerte por online, pero menos salario”*. Ou seja, durante este momento, Jamille foi a responsável pela renda do casal, pois só ela tinha um tipo de renda.

A entrevistada afirma que tem amigos espanhóis e sírios, no entanto confessa que não tem muito tempo livre para vê-los. Os amigos sírios que Jamille têm foram à Espanha antes da guerra, por exemplo, há mais de 20 anos. Portanto, os amigos sírios de Jamille não têm o status de refugiados, da mesma forma que ninguém de seu núcleo familiar. A entrevistada afirmou que não tem conhecimento sobre a vida de refugiados sírios em Madrid, nem sobre organizações e nem sobre políticas do governo espanhol para esta população.

Jamille confessou que ela e Said têm interesse em voltar à Síria, mesmo a vida lá não estando melhor:

No está mejor, pero no podemos hacer nada, ¿sabes? Eso es. Porque aquí tú necesitas mucho dinero. Si el trabajo aquí no está mejorando, necesitas pagar, pagar y pagar, para el alquiler de la casa, del restaurante, de todo, por eso, ¿sabes? No lo sé. Estamos pensando. Podemos pensar en otra salida para nosotros, no sé, no sabemos lo que vamos hacer (JAMILLE, 2022).

Ao expressar que ela e o marido pensam em voltar a Síria se os lucros do restaurante não melhorarem, perguntei à ela como estava a situação no lugar de origem, mesmo que em Damasco não tenha mais conflitos intensos:

Bueno, te explico. Cuando termina la guerra, sale otra guerra... la económica. Ahora todo cuesta mucho en Siria en la vida. Se corta la luz, se corta el agua, se corta.. Se necesita, por ejemplo, gas, no tiene gasolinera, tiene un límite, una tarjeta para llenar un coche con algo de gasolinera, por ejemplo, tú puedes llenar un coche a la semana, puede ser sólo 20 litros. Cada persona que tiene coche, tiene que llenar así. Eso, la vida allí está mala, pero nosotros no tenemos, no podemos hacer nada aquí. Pagamos todo en este negocio aquí (el restaurante) y si no está mejorando... Porque tú necesitas dinero para vivir (JAMILLE, 2022).

Isto é, apesar de saber dessas limitações que teriam voltando à Síria, as dificuldades financeiras em Madrid fazem o casal pensar nessa possibilidade. Ademais, além de mencionar que os irmãos estão e melhores condições que ela porque na França há mais incentivos do governo e em Dubai a economia está bem melhor que na Espanha, ela não consegue visualizar migrar para outro país: *“si voy a Francia, tengo que aprender otro idioma más. No, no pienso. Seguimos aquí o volvemos a Siria. No quiero empezar desde cero otra vez, en esta edad es muy difícil. Mi marido porque tiene 62 años, y encontrar algo es muy difícil”*.

Antes do relato acima e das demais falas sobre o descontentamento com Madrid, pensei que ela e Said tinham uma vida mais segura na cidade, visto que o restaurante está em um dos principais bairros da capital. Perguntei a ela se eles têm uma vida cômoda em Madrid:

Bueno, a veces, sí y a veces, no. Porque la situación aquí no está, tan.. Como dice... Bueno, en Siria yo tenía todo, todo y aquí, no. Trabajo, casa, coche, salario bueno. Aquí, no. Aquí tengo un trabajo, pero no tiene contrato, estoy buscando un trabajo con contrato, con salario bueno. Y también, por ejemplo, la casa que tenemos aquí es casa de alquiler, no es casa propia. En Siria teníamos casa propia, aquí no. Yo no tengo coche, tampoco. Mi marido tiene su coche, pero yo no. Bueno, a ver. Aquí tú tienes luz, no se corta, internet, agua, también tú puedes vivir con mucha seguridad, más que en Siria, esto es la diferencia. Pero las otras cosas, las otras cosas son mejores en Siria (JAMILLE, 2022).

A partir disso, Jamille mostra seu descontentamento ao comparar à vida que tinha em Damasco, sobretudo ao trabalho, ao carro e à casa que tinha. E isso, em Madrid, somente seria possível se conseguisse um trabalho com salário melhor e com contrato. Ainda, quando questionei se ela se sentia madrilenha, ela respondeu que *“no. Porque no*

soy. No soy madrileña. Bueno, la gente aquí, de verdad, es muy amable, pero no siento como ellos. Siento, a veces, por ejemplo, si busco el trabajo, ellos eligen española y no yo, ¿sabes?”. Desse modo, podemos analisar que um contrato de trabalho representa um privilégio para espanhóis na visão de Jamille, que ressalta “*van hacer un contrato con una española, no con una extranjera*”.

Também, a entrevista acrescentou que “*no vivo como una española*”, por exemplo, quando diz que aos finais de semana não costuma sair como as espanholas saem, embora afirmou que tenha liberdade e que gosta de ir em parques. Ela e Said ainda mantêm alguns hábitos do país de origem, como assistir programas e escutar músicas de Síria, mas também assistem televisão espanhola.

Jamille e Said parecem ter uma relação de companheirismo no casamento e no trabalho. Durante a chegada, Said ajudou bastante porque conhecia muito mais de Madrid e da Espanha. Quando indaguei sobre outras ajudas, como a encontrar trabalho, ela respondeu que “*bueno, encontrar trabajo, no me ayudó. Pero entrar con el sustento, sí, me ayudó, sí. Bueno, un poquito, no mucho (risas)*”. Ainda, perguntei se o marido dela quería que ela trabalhasse, ela justificou que os dois precisavam trabalhar para ter uma vida mais cômoda.

Ao final da entrevista, perguntei à Jamille se ela tem alguma frustração em relação à trajetória dela e ela rebate a minha pergunta “*tú saliste de tu país y vives ahora aquí, tú sientes feliz También?”* e complementa que “*bueno, no digo muy feliz, pero tampoco no mucho infeliz, no muy triste. Pero en algunos días sí, me siento más triste que feliz*”. Assim, Jamille parece não saber dimensionar muito bem como se sente na Espanha e dá a entender que tende a ser mais triste que feliz no país de destino, o que podemos ver no trecho abaixo, também:

Tú pierdes muchas cosas y tú no puedes encontrar aquí en España. Como yo tenía una vida súper maja antes de la guerra, no puedes encontrar esta vida otra vez aquí en España ahora, no se puede. Por eso, no estoy muy feliz, no estoy también tampoco muy triste. Pero digo siempre "gracias a Dios", nosotros decimos (JAMILLE, 2022).

Entendemos que o sentimento de Jamille é complexo devido às circunstâncias do processo de migração forçada devido a conflitos, porque ela gostava da vida na Síria e, antes da guerra, nunca havia pensado em se casar nem migrar para outro país:

Yo, de verdad, yo no quería casarme con nadie. Te digo esto. Era una oportunidad de casar y de salir de Siria, por eso. Porque a mí me gustaba mucho mi trabajo, mucho, y eso es el principio de mi vida, junto con mi familia, claro. Pero como empezó la guerra, tú sabes... por eso, yo salí de Siria. Si no viene mi marido para casarme, no pensaba en salir, no, en principio. Pero cuando salieron mis hermanos, puede ser que saldría también (JAMILLE, 2022).

Neste sentido, ao aceitar a proposta de casamento, sobretudo incentivada pela família, como uma maneira de sair do país em guerra e ter uma vida mais segura, tranquila e com novas oportunidades, pensou que teria uma vida melhor e foram criadas expectativas no processo migratório:

Esperaba mejorar mi vida, pero no. De verdad, no, no está mejorando. Creo que es esto. Bueno, pero te digo, y también ahora yo no podría, el problema es que no puedo decir cómo sería en Siria, porque la situación está mala y tú no tienes nada, no podría volver. Por eso no tengo planos para el futuro, no puedo decir, por eso (JAMILLE, 2022).

A partir disso, aceitar o casamento arranjado para poder sair do país pode se configurar em uma estratégia de resiliência. Em síntese, Jamille resume a trajetória que teve na Espanha como começar uma nova vida, nas palavras dela: *“no puedo hacer o seguir de la misma forma de mi vida que tenía antes. Aquí tengo que empezar desde cero, menos de cero, tuve que empezar desde menos que cero. En Siria yo tenía todo, todo estructurado, y aquí no, no tengo nada”*.

4.3 Latifa

Na segunda semana de dezembro de 2021, Mohammad me informou que teria um evento da organização PorCausa, em que apresentariam uma publicação periódica dos trabalhos. O evento foi realizado na noite de uma quarta-feira, na sede da organização e contou com uma série de apresentações e, ao final, um coquetel em que pude conversar com muitas pessoas que estavam presentes e, assim, conheci Latifa, a quem fui apresentada por um dos diretores da organização que havia conhecido naquele momento.

Oriunda da Síria, Latifa me pareceu bastante interessante para ser entrevistada para a minha pesquisa de doutorado. Após explicá-la sobre a entrevista e sobre a investigação, trocamos contatos e combinamos de agendar um horário quando ela

estivesse disponível. Enviei uma mensagem a ela dois dias depois do evento, no entanto, ela disse que iria viajar a outra cidade, tendo em vista as festas de final de ano.

Após algumas trocas de mensagens, conseguimos agendar um horário para a entrevista somente em fevereiro de 2022. Latifa sugeriu o encontro em uma cafeteria no centro de Madrid, perto da estação de metrô *Sol*, na manhã do dia 14 de fevereiro. Em um momento com muitas atribuições – Latifa estava mudando de residência – ela respondeu às minhas perguntas e descreveu aspectos da vida dela por aproximadamente duas horas.

A vida no país de origem

Latifa tem 31 anos e é natural da Síria, de Damasco. A interlocutora viveu na capital da Síria até os 24 anos de idade. Antes de sair do país de origem, Latifa trabalhava na área de Tecnologia da Informação, ela era secretária executiva de uma marca de distribuidora de produtos conhecida globalmente. A entrevistada tinha uma vida tranquila e bastante cômoda em Damasco com a família, os pais e três irmãos mais velhos, os quais viviam em uma zona mais afastada do centro da cidade.

A interlocutora se formou em Filologia inglesa na Universidade de Damasco. Na Síria, ela relatou que desde cedo foi muito ativista e trabalhou em organizações locais e internacionais. Sobre a vida na Síria antes dos conflitos, ela relatou parte da juventude:

Era como la consultora de los jóvenes de las Naciones Unidas del Medio Ambiente durante dos años. También trabajaba como educadora de la salud de las mujeres en general en escuelas y también trabajaba con desplazados de las zonas desplazadas en los colegios, porque ellos se desplazaron, entonces algunos pudieron desplazarse en algunas escuelas, no todos, algunas personas. Era un programa de Naciones Unidas. Bueno, casi toda mi vida en Siria era voluntaria en organizaciones, asociaciones, desde que tenía 16 años, muy jovencita (LATIFA, 2022).

Em resumo, de acordo com a fala acima, observamos que a entrevistada tinha uma vida bastante ativa, de fato, em que ela se interessava por questões sociais desde o último ano do colégio. Latifa ressaltou que todo este trabalho voluntário descrito abriu muitas portas na vida dela, além de fazê-la uma pessoa melhor: *“me dejó madurar más, ser más consciente de mi sociedad, de la gente a mi alrededor, de ser más responsable, mas fuerte,*

más dedicada. Me ayudó muchísimo, es una experiencia del voluntariado en general que yo lo recomiendo a cualquier joven”.

No entanto, essa vida mudou completamente em 2011, quando iniciou uma “*revolución*” segundo ela, que se transformou em uma guerra com a intensificação dos conflitos. De acordo com Latifa, perto de Damasco, os conflitos iniciaram em Daraa, no sul da Síria, e, depois, se espalharam para a parte rural e, posteriormente, para a parte central da capital. Na fala abaixo, podemos ver como era a vida da interlocutora nos últimos anos no país de origem:

En Damascos donde vivía yo, ahí salían muchas manifestaciones, protestaciones y bueno, por eso, sufrimos mucho, bombardeo. Vivimos la guerra literalmente, no podía ni ir a mi trabajo, tuve que alquilar un cuarto en el centro, bueno, pagaba todo mi salario casi en este alquiler, pero claro, estaba como luchando mucho para seguir viviendo. Tenía que estar muchos meses encerrada en mi casa sin poder salir, atormentada, con mucho miedo, escuchando el bombardeo, algunos misiles. Algunos misiles cayeron ahí, sabes, en la zona, pasando por riesgo de vida todos los días. Y yo era muy joven, llena de vida, que quería alcanzar mis sueños, mis ambiciones y de repente vivía la vida muy muy dura. Entonces, en una época ya decidí a mudarme al centro y fue también muy complicado encontrar un cuarto porque o era muy caro o no había. Y me ofrecieron trabajo y, claro, hasta mi familia, a lo mejor, no lo sabía en aquella época que yo estaba pagando casi más de 80% de mi salario para el alquiler, pero eso es que quería vivir, sentirme humana, entiendes? Fue duro. Pero es que fue la única manera para mantenerlo, para poder seguir adelante. Y estaba imposible también seguir viviendo en la casa de mis padres porque estaba muy lejos y además el camino hasta casa estaba casi bloqueado y había guerra, es que, literalmente guerra. Yo en vez de coger un autobús que me lleva al centro en 45 minutos, más o menos, pues debía que coger otro camino por las montañas de Damasco, por la zona de áreas rurales para poder llegar y eso me costaba casi tres horas para evitar ir por las calles y autovías donde había conflictos y cadáveres. Fue horrible y, bueno, ya estoy aquí, no me gusta contar, es que me cuesta (LATIFA, 2022).

A entrevistada, então, afirmou que alugou um quarto no centro de Damasco para poder continuar trabalhando, para ter uma vida comum na medida do possível. Mesmo bastante emocionada em falar sobre a guerra (desde o início destaquei que ela falasse apenas o que ela quisesse e se sentisse confortável em contar), ela chamou a atenção que queria que as pessoas soubessem o que ela passou:

Para que entiendan también nuestra historia, porque venimos, qué tipo de sufrimientos habíamos vivido. Eso me interesa transmitirlo y también decir que somos personas igual que cualquiera, que tenemos sueños, tenemos nuestras carreras, experiencia profesional. Pero la revolución, luego con la guerra, no salíamos de nuestro país, menos si se hacía falta o si como cualquier persona queremos mejorar nuestra vida, hacer estudios superiores (LATIFA, 2022).

Isto é, a entrevistada demonstrou bastante sofrimento em diversas falas, visto que vivenciou uma guerra aos 20 e poucos anos de idade, teve a vida transformada completamente, além de ter a insegurança e o risco de morte no dia a dia. Ao mesmo tempo, como era jovem, se sentia cheia de vida e queria ter uma vida como qualquer outra jovem, estudar, trabalhar, ter um salário, ações que ela conseguiu estender ao máximo possível e se esforçou para isso.

O percurso migratório

Latifa tem um percurso migratório distinto comparado a muitas pessoas que saem da Síria, como ela descreveu no trecho destacado: *“Yo no tuve una trayectoria como muchos sirios, por el mar, por la frontera. Yo tenía aquí una familia, unos miembros de mi familia que me mandaron una carta invitación. Y bueno, hicimos todos los trámites a través de la embajada española de Beirut”*. Isto é, Latifa conseguiu sair da Síria porque tinha uma *carta invitación*⁷⁷ de familiares que moravam na Espanha, facilitando, assim, a entrada dela no país. A partir disso, ela explicou que, desde o início da guerra na Síria, todas as Embaixadas foram fechadas e, por isso, tinham que fazer todos os trâmites pela Embaixada da Espanha em Beirute.

No entanto, quando chegou à Espanha, Latifa solicitou refúgio como a maioria das pessoas oriundas de países em guerra:

Sí, aquí sí tuve que solicitar asilo. Porque, bueno, ahí sufría de situaciones muy duras, por la verdad. Estaba en una zona donde había muchos conflictos en general, entre varias partes. Tuve que echar mi vida y la vida de mi familia. Yo estuve que huir de cualquier manera y en realidad yo tuve la suerte de tener la gente de aquí, la familia, que me podrían ayudar y mandar afectos de mi familia (LATIFA, 2022).

Isto é, mesmo que a forma de saída da Síria tenha sido distinta da maioria das pessoas refugiadas e migrantes forçadas de um país em guerra, a entrada no país de

⁷⁷ A *carta invitación*, em português carta convite, para entrar na Espanha é um documento oficial exigido pelas autoridades espanholas a certos estrangeiros que pretendem visitar a Espanha por um curto período, normalmente até 90 dias, e que não têm um local de residência definido no país. A autorização é emitida pela polícia correspondente ao endereço do anfitrião em Espanha, na sequência de um processo de candidatura que envolve tanto o anfitrião (residente em Espanha) como o hóspede (visitante estrangeiro). Disponível em <https://abogadoextranjeriabarcelona.cat/carta-de-invitation-para-entrar-a-espana/>

destino foi similar, tendo em vista a necessidade da solicitação de “*asilo*” e às mesmas justificativas de saída da Síria. No entanto, a entrevistada ressaltou, em diversas vezes, como para ela foi fácil sair de um país em guerra “*bueno, yo tuve mucha suerte porque la situación era muy muy difícil y para conseguir salir de Siria no era simple. Ni todos tienen esta suerte*”, diferentemente da maioria dos sírios.

Se, por um lado, a entrada na Espanha foi facilitada pela *carta invitación*, por outro lado, a saída da Síria para a família de Latifa não pôde ser feita em conjunto e isso demonstrou ser um grande sofrimento para a interlocutora e ela disse: “*no me preguntes por qué estamos repartidos*”. Nas vezes em que mencionou a família, a entrevistada se emocionava bastante e, portanto, não pude perguntar sobre alguns tópicos, apenas o que ela se sentia à vontade em falar. Um dos irmãos de Latifa está na Noruega, outro na Holanda e o mais velho na Alemanha, onde também vivem os pais dela.

A vida na Espanha

Latifa chegou à Espanha em 2014 e teve a sua entrada no país facilitada pela *carta invitación* de familiares, como descrito na seção anterior. No entanto, ela disse que não chegou a viver com estes familiares e eles não a ajudaram em nenhum momento⁷⁸. Para permanecer na Espanha, a interlocutora solicitou refúgio: “*solicité el asilo, fue muy duro venir, a cambiarme de país, pero al mismo tiempo, estaba bien, contenta, porque quería mejorar mi vida, entonces para mí venir a España es como una oportunidad de estudiar, de trabajar, de disfrutar una vida segura*”.

Por meio de apoio da organização ACCEM, ela morou durante nove meses em um Centro de Acolhida, no bairro *Alcobendas* de Madrid. O início na Espanha foi bastante difícil para Latifa. Aos 24 anos, ela teve que enfrentar as adversidades do processo migratório sozinha e, neste contexto, tem muitas críticas à proteção oferecida pela Espanha às pessoas refugiadas:

Aquí, en general, el programa de asilo es muy mal. En España no mantiene a los refugiados. En general, en el centro de acogida pagan mensualmente 50 euros al mes. Y ahí dan tres comidas, desayuno, almuerzo y cena. Y ahí vives como compartes el cuarto con otras mujeres, en mi caso. Y el baño está fuera, tienes que salir, es como una residencia, un edificio con tres plantas Y ahí tienes que

⁷⁸ Latifa não quis falar mais sobre este assunto na entrevista.

compartir todo con la gente, es un poco raro, ¿no? Estar con gente de diferentes nacionalidades, aunque soy una persona abierta, pero claro que no era tan cómodo. Y el programa de la enseñanza español no era de todo bien, no era nada suficiente (LATIFA, 2022).

Assim, observamos que a interlocutora teve dificuldades na sua estadia no Centro de Acolhida, por exemplo, ao dividir quarto com mulheres desconhecidas e compartilhar todos os ambientes de uma casa, além de um auxílio financeiro baixo e um ensino de espanhol insuficiente. Ao mesmo tempo, ela demonstrou ter encarado a vida no Centro de Acolhida como algo temporário:

Ya, bueno, era una estancia temporal hasta que consigas la residencia y el permiso de trabajo. Primero, te dan una tarjeta roja y luego la residencia. Hay gente que consiguió la residencia en nueve meses, otra en un año y medio, otras personas en dos años, es que depende, aquí hay mucha burocracia. Yo con suerte conseguí la residencia en poco tiempo, no tardó mucho como otros, creo que en un año (LATIFA, 2022).

Desse modo, em relação à documentação espanhola, a entrevistada não teve muita dificuldade. Entretanto, reconhece que para a maioria das pessoas sírias, esse processo costuma ser demorado, sobretudo no período da entrevista: *“ahora la documentación está cada vez más difícil con el COVID. Los trámites están muy lentos en general”*.

Para Latifa, a primeira adversidade encontrada no país de destino foi em relação à aprendizagem do idioma:

Aunque a mí no me costó tanto aprender el español, pero eso, es solo que te dan un curso adecuado. En los centros donde me apuntaron los cursos de español no eran buenos, hasta que una vez me enfadé, porque yo soy una persona muy dedicada, muy trabajadora, quería... Le he dicho "yo quiero ser un miembro productivo en esta sociedad y no me estáis ayudando", esto lo comentaba en el Centro de Acogida. Le dije "necesito un curso en la escuela oficial de idiomas, donde sí se puede aprender". Ellos tienen el idioma, pero no quieren pagar, no quieren ayudar a nosotros. Quieren ahorrar lo más posible. Y nada, de ahí, al final me apuntaron en esta escuela durante tres meses y ahí aprendí mejor que todos los meses anteriores (LATIFA, 2022).

Isto é, a entrevistada relatou que o ensino de espanhol ofertado às pessoas refugiadas não é suficiente, ou seja, as pessoas refugiadas não conseguem ter o domínio do idioma com as aulas oferecidas pelos processos de proteção internacional na Espanha. Por achar o ensino de espanhol bastante fraco e não ter resultado, Latifa teve que solicitar matrícula na *Escuela oficial* para o Centro de Acolhida, que possibilitou o ensino por três

meses, conforme o trecho acima. E todo este empenho em aprender o idioma é resumido na fala abaixo:

Es la vida, uno de los retos, ¿no? mi vida es llena de retos en general. Y entonces el idioma es uno de los retos. El idioma es lo más importante. Por eso yo recomiendo a cualquier mujer o cualquier persona refugiada o migrante que lo más importante es aprender el idioma porque así se puede tocar muchas puertas, conseguir trabajo, poder integrar mejor, comunicar con la comunidad que está de la sociedad de acogida. Y claro, es una llave importante, ¿no? (LATIFA, 2022).

Isto é, podemos analisar que a aprendizagem do idioma foi uma forma de resiliência na Espanha. Cabe ressaltar que a entrevistada disse que tinha muitas dificuldades na aprendizagem do espanhol mesmo que já tivesse contato com o idioma no país de origem: *“en Siria estudié en poco español, porque era el segundo idioma en la carrera universitaria, tenía que elegir otro idioma. Yo desde siempre me gustaba el español, entonces estudié, pero sólo los básicos, que no ayudan tanto, pero, bien, ya estudiaba”*. Portanto, se para Latifa, que já tinha estudado o idioma, o ensino não era suficiente, outras pessoas refugiadas que nunca tiveram contato com o espanhol enfrentariam maiores dificuldades ainda.

Como achava muito pouco o auxílio de 50 euros por mês, a entrevistada pensou em uma estratégia de renda:

Entonces, me acuerdo que cuando vivía en Alcobendas me enteraba que había una revista en la zona donde la gente publicaba como un anuncio, ¿no? Entonces, ahí, entré a la página, investigué mucho, así es mi vida, investigar mucho, y luego me puse un anuncio "Soy profesora de inglés y árabe y ahora estoy dando clases tal y tal". Y así la gente me llamó (LATIFA, 2022).

Dessa forma, Latifa se mostrou bastante ágil para ter uma renda além do auxílio mensal do Centro. Sem conhecer ninguém, ela explicou que essa foi a maneira que ela encontrou para trabalhar, conhecer pessoas e fazer contatos. Ainda, destacou que *“Yo trabajaba en un mejor trabajo en mi país, pero aquí era nueva. Y buscaba que faltaba, que faltaba a la gente era el idioma, ¿no? Porque muchos querían y, bueno, voy a empezar a dar clases, y a ver qué me sucede después. Y así empezó todo”*. Assim, a entrevistada começou a dar aulas de inglês e de árabe em cafeterias ou nas casas de pessoas, por exemplo, para alunas de ensino médio.

Quando terminou o período da estadia no Centro de Acolhida, Latifa teve que procurar um lugar para ela morar e, novamente, foi um período de muita angústia e de cansaço descrito por ela, e ainda acrescentou que:

Fue muy difícil buscar casa, alquiler, compartiendo con gente porque, claro, sin nóminas, sin trabajo, no te alquilan, tuve que, bueno, un amigo mío estaba trabajando en algo, me ayudó. Aquí es muy duro, aquí nadie te ayuda. Aquí hay organizaciones, pero tienes que conseguir trabajo. Hay que buscarte la vida, al final. Bueno, pues, ya pasó ya, eso es del pasado (LATIFA, 2022).

Devido a não ter contrato de trabalho e não ter muito dinheiro, a entrevistada teve que dividir apartamento com outras pessoas, algo bastante comum em Madrid. No entanto, procurar um quarto também é bastante difícil na capital espanhola, visto que há muita procura e o valor do aluguel aumentou de forma expressiva desde a pandemia.

No final do ano de 2015, a vida de Latifa em Madrid mudou bastante ao conseguir uma bolsa de estudos para um curso de especialização em Mulheres e Liderança em uma Escola Internacional de Negócios. A interlocutora descreve da seguinte forma: *“fue impresionante para mí. Fue una experiencia, ¡Wow! Y así pude conocer a muchas mujeres españolas que son empresarias, emprendedoras. Yo era joven, empezando mi vida, tenía mi experiencia, pero no a la altura y, en realidad, fue muy bien”*. Neste momento, a entrevistada narrou com muito orgulho este feito que conseguiu em pouco tempo no país de destino, em meio a tantas adversidades e vivendo sozinha em Madrid. Latifa explicou que a bolsa de estudos pagou o curso, que custava em torno de sete mil euros e, como fonte de renda, continuou dando aulas particulares de inglês e de árabe.

Latifa terminou o curso e, durante este tempo, contou que sempre procurou trabalho fixo, além de ser professora particular. Até que, em 2016, relatou que teve uma das maiores alegrias da vida ao conseguir um trabalho com contrato em uma empresa de seguros médicos multinacional. Segundo ela, *“estaba muy contenta, porque por fin puedo establecerme, puedo tener mi salario, vivir bien, empezar la vida en realidad”*. Isto é, Latifa ressaltou que a sua vida começou de fato quando conseguiu este trabalho, visto que teria um contrato, uma estabilidade e um salário fixo. Neste âmbito, a entrevistada destacou também que

Yo veo que muchas personas tienen problemas para encontrar trabajo. Bueno, mira, en realidad, yo trabajaba mucho para conseguir trabajo y lo conseguí gracias a mis esfuerzos, nadie me ayudó, nadie me recomendó a otras personas o a empresas. Entonces yo siento alegría de poder conseguir este contrato

indefinido en esta empresa, pero en general yo veo que aquí tienes que tener contactos que alguien te recomienda, ¿sabes? Porque, imagínate, si hay muchos candidatos, más de 500 personas, entonces si alguien te recomienda si tú lo mereces, pues eso te puede dar un paso más adelante para conseguir. [...] Pude conseguir este trabajo en esta aseguradora y tenía un contrato indefinido que es muy raro que un español lo consiga, por eso algunas personas españolas me dicen ¿Cómo? ¿Cómo lo conseguiste? o sea, estaban un poco envidiosos. Aquí hay mucha envidia. Me acuerdo que tuve que salir de un piso porque la casera, cuando me veía que mi vida había cambiado, había mejorado, estaba un poco, no sé. Estaba buscando, porque yo tengo muchas capacidades y estoy calificada, tengo mi carrera y creen que la gente que viene aquí como no tiene nada en su vida. [...] Pero en general tiene mucha competencia y yo cuando solicité a algunas personas veía que yo la verdad merezco este trabajo, pero ellos prefieren la persona que ya la conocían, pero yo tengo que saberlo bien, si me acuerdo eso cuando estaba buscando trabajo. Yo estudié mucho, trabajé duro. Aquí ellos creen que son superiores o mejores que nosotros, algo así, que la situación de mi vida era diferente, ¿no? Bueno, cuando conseguí trabajo, ella empezó a tratarme un poco mal, entonces tuve que dejar el piso (LATIFA, 2022).

A partir deste trecho, observamos que Latifa reconhece que é bastante difícil conseguir um trabalho e, ao consegui-lo, se sente orgulhosa da trajetória que a fez chegar a essa conquista, sobretudo em outro país. Também, em razão do trabalho ter contrato indefinido, que não é temporário, ela sente maior orgulho ainda, uma vez que ela diz que até para os espanhóis é difícil de conseguir. Ademais, em relação aos objetivos profissionais, ela acrescenta que:

Yo desde siempre quería trabajar con organizaciones internacionales, como tenía la experiencia anterior en mi país. Aquí fue más difícil, más difícil encontrar esta oportunidad. También, una de las cosas es que aquí, por ejemplo, prefieren una persona española que otra migrante o refugiada, bueno, refugiada no va ser toda la vida refugiada, cuando conseguir la residencia va ser una persona productiva, ¿no? (LATIFA, 2022).

Portanto, na fala acima destacada, Latifa mencionou o preconceito existente no mercado de trabalho que espanhóis têm sobre pessoas migrantes e refugiadas. E, para ela, refugiada é uma condição momentânea, em que a pessoa, depois de conseguir o visto de residência, deixa de ser.

Em resumo, Latifa elenca as principais adversidades que teve na Espanha:

Aquí lo más difícil es eso de manejar la vida, buscar el piso, el alquiler, aprender el idioma. Y en general aquí hay dificultades comunes y hay otras más especiales a ser una persona de otra nacionalidad. Hay prejuicio, hay algo de discriminación aquí. Eso, la vivienda es difícil encontrarla, el trabajo en general, hacer amigos en general al principio fue difícil. Pero, bueno, yo era una persona sociable y sigo, sí podía hacer amigos en general. Homologar mi título también, era uno de los desafíos. Bueno, lo que pasó es que aquí, por ejemplo, no entienden que hay

dificultades de homologar algunos documentos universitarios. Yo vine con todos mis documentos universitarios, enseñados y traducidos al español. Luego, me pidieron algunos papeles que no los tenía y los tuve que sacar desde Siria, hablar con algunos familiares y ahí me lo tenían que enseñar y luego mandar a la Embajada Española de Beirut para ensayarlo también y mandarlo otra vez aquí. Esto tardó la vida, ¿no? (LATIFA, 2022).

Entretanto, em meio a tantas adversidades, especialmente referente à homologação dos diplomas, em 2018, Latifa relatou que teve outra grande conquista e alegria na Espanha. Ela foi selecionada para o curso de Mestrado profissional MBA em *Periodismo Multimedia*⁷⁹ em uma das melhores universidades da Espanha. Quando perguntei se Jornalismo era algo que ela sempre quis, em razão de ser uma área diferente da que ela se formou e trabalhou no país de origem, ela respondeu que “*sí, me gustaba este sector, pero nunca me imaginaba estudiando la carrera de periodismo*”.

Durante o curso de Mestrado, Latifa teve outra grande oportunidade: um estágio na *Agencia Internacional de Noticias Españolas*.

Fui Becaria durante seis meses. Ahí trabajaba en la sección internacional. Y bien, fue una buena oportunidad, ¿no? Claro, mucha experiencia de trabajo. Tener experiencia, estar rodeada con los profesionales, personas muy conocidas y todo, llevan toda la vida trabajando. Fue muy interesante. Hice entrevistas con... Bueno, ellos, la verdad, me dieron mucha confianza. Confiaron mucho en mí. Y me dan un... trabajo gordo, ¿no? Hacer entrevista con grandes personas. Como es Mohamed Yunes, el ganador del premio Nobel de la Paz. Hice la entrevista con él, eso fue increíble. Yo acuerdo, vino mi jefe y me dijo "Vas, mantienes cuatro o cinco días para prepararte la entrevista hecha". ¿Cómo? ¿Con quién? Me dijo, me dio su libro y me dice "tienes que ver, es el premio Nobel de... ¿Cómo? ¡Oh! Wow! ¿Qué? Sí, tú eres capaz. Wow, fue una gran responsabilidad, ¿no? Y preparé la entrevista y todo en inglés. Y nada, fuimos y la hicimos esta entrevistada. Fue un éxito. Estaba muy, muy nerviosa, pero bueno, salió bien. Impresionante. Cuando me acuerdo de eso digo ¡wow! (LATIFA, 2022).

A narrativa acima apresentada deixa claro os sentimentos de Latifa com um estágio na Agência Internacional de Notícias Espanholas e como ela se orgulha desta experiência em sua trajetória, sobretudo ao entrevistar pessoas conhecidas internacionalmente e que ela admirava. Em diversos momentos, ela não tinha palavras para descrever este trabalho como jornalista internacional, apenas usava a expressão “wow” com muita alegria. Além dessas oportunidades e experiência, o estágio fez com que Latifa tivesse outra descoberta: “*descubrí que me encanta entrevistar la gente*”.

⁷⁹ Jornalismo Multimédia em português.

Essa descoberta fez com que Latifa tivesse outras ideias também para os trabalhos do curso de Mestrado. Além da *tesis* exigida para a conclusão do MBA, a interlocutora fez um projeto – uma plataforma em um site – em que apresenta mulheres que inspiram outras mulheres, em que o objetivo é “*entrevistar a mujeres influyentes migrantes y refugiadas y darle la oportunidad para levantar su voz, contar su historia real y fue impresionante la verdad*”.

Na plataforma, ainda disponível online, Latifa publicou a história de três mulheres sírias que vivem, no momento da entrevista, na Europa. Além do texto, há fotos e vídeos das mulheres retratadas. Em suma, as mulheres retratadas por Latifa na plataforma têm em comum, além do país de origem e do processo migratório, trajetórias de luta por direitos e de estudos e conquistas profissionais em meio a muitas adversidades em outro país, como o preconceito e a xenofobia. Desse modo, percebe-se que a interlocutora teve o interesse de retratar mulheres com a trajetória similar a dela, com o objetivo de inspirar outras mulheres.

Se, por um lado, Latifa estava bastante contente e orgulhosa do Mestrado e do estágio, por outro lado, ela estava trabalhando de forma exaustiva, especialmente porque

Estaba haciendo el doble y a veces el triple del trabajo, porque la mayoría de los estudiantes ya hicieron la carrera de periodismo, entonces para ellos nada era nuevo, pero para mí era como empezar desde cero. [...] Y aunque el máster era periodismo multimedia, pero en realidad, era más periodismo que multimedia. Entonces, yo por mi cuenta tuve que, sé que el mundo es digital, ¿no? y tenía que aprender herramientas digitales y multimedia para llegar a la audiencia, para poder ser buena periodista, no como tradicional, porque hay muchos periodistas, pero la diferencia es tener las herramientas para poder brillar y encontrar mejor trabajo. Entonces eso de poder aprender, de aprender herramientas multimedias y de elegir un tema y un proyecto, crear una plataforma digital desde cero, aprender, montar vídeos, grabar, hacer mapas interactivos, visualizaciones, gráficas. Todo esto para mí era nuevo. Muchísimo trabajo durante todo el master. Y, bueno, al final puedes ver el resultado de todo este proyecto a través de esta página y ahora la quiero desarrollar y avanzar para lanzar el segundo pase, pero claro, para conseguir esto necesito financiación, crear un equipo, porque yo trabajaba eso sola porque que era mi trabajo además de la tesis que escribimos (LATIFA, 2022).

Em resumo, observamos que Latifa foi bastante exigente com ela mesma, ela quis aprender e fazer dois grandes trabalhos resultantes do Mestrado, a tese e a plataforma. Também, conforme a narrativa dela, ela teve que estudar e trabalhar mais porque era oriunda de outra área, não tinha estudado Jornalismo anteriormente, nem tinha

experiência com ferramentas digitais dessa área, diferentemente da maioria dos colegas. Desse modo, com os trabalhos do mestrado e o estágio, ela “*estaba agotada, muy agotada, pero felizmente agotada*”.

Desse modo, vemos que a vida na Espanha narrada por Latifa é resumida, sobretudo, em estudos e trabalho. Na narrativa dela, vemos o objetivo de estudar e trabalhar e o orgulho dessas conquistas em diversos trechos:

Yo siempre quería hacer estudios superiores igual. Somos muy trabajadores, yo y mis hermanos. Hasta mi marido flipa con nosotros, porque cada uno tiene una historia, todos trabajan, todos aprendieron el idioma, se hicieron un trabajo, un negocio, tengo un hermano que hizo un negocio de un supermercado, y ahora está haciendo un máster. [...] Oh, orgullo. Bueno, podría ser que estoy muy orgullosa de mí misma, de poder hacer un máster en un idioma que no lo manejaba de todo bien y podía mejorarme muchísimo, escribir de manera académica y español y competía con mis compañeros y hasta en algunas asignaturas estaba con muy buenas notas, que hasta ellos no lo creían (LATIFA, 2022).

A partir desse orgulho e dessas conquistas acadêmicas e profissionais descritos por Latifa, podemos analisar o trabalho e o estudo como estratégia de resiliência desde o país de origem, sobretudo na vida no país de destino. E o estudo e trabalho como forma de resiliência também é compartilhado entre os irmãos dela.

No momento da entrevista, Latifa explicou que estava procurando trabalho ao lamentar que tinha sido demitida do trabalho na empresa de seguros médicos: “*ellos despidieron al equipo porque contractaron a otro servicio en Filipinas e hicimos una negociación con ellos para que no estarán en nuestra administración y no conseguimos*”. Assim, em razão da demissão, questionei a entrevistada quais seriam os planos para o momento e ela respondeu que:

Surgió eso, no fue fácil, fue un poco duro porque nos estaba viendo una incertidumbre total, pero bueno, al final, ahora estoy más tranquila buscando otro trabajo, haciendo colaboraciones como periodista con periódicos españoles o árabes. Para el momento tengo varios planes en realidad, ahora yo quería trabajar como freelance, pero es, mira, una de las dificultades para alquilar una casa, las casas son muy caras, entonces exigen que las dos personas tengan una renta. Entonces mi plan no era buscar trabajo con contrato, yo quería trabajar como freelance y desarrollar mi proyecto y esto, registrar el proyecto como Organización y desde ahí conseguir financiación. Pero lo que pasa es que claro, esto tarda, necesitas mucho tiempo. Y aquí tengo prioridades, entonces ahora sí, estoy buscando trabajo, por lo menos, para alquilar un piso, porque aquí son muy exigentes. Es que dicen no, si no hay dos nóminas, pues no. Y yo mi prioridad

es mi familia. Tengo una hija pequeña. Luego este plan que tengo, sí lleve pie, pero más lejos (LATIFA, 2022).

Isto é, como mencionado anteriormente, Latifa está em processo de mudança de casa e, por isso, percebe a necessidade de um emprego com contrato para apresentar para a imobiliária, além do trabalho do marido. Latifa contou que se apaixonou por um espanhol de Cádiz, o qual conheceu em Madrid, se apaixonaram e tiveram uma filha, que tem um ano e meio apenas. O marido da entrevistada tem um emprego com contrato e trabalha na área de *e-commerce*, como *IT developer*, segundo ela. A partir disso, a interlocutora destacou que, se não precisasse de um contrato de trabalho, gostaria de continuar como jornalista freelance e poder desenvolver mais o projeto da plataforma que ela criou no Mestrado.

Latifa afirmou que tem muitas críticas às políticas para as pessoas refugiadas na Espanha, como algumas delas já mencionadas anteriormente. No que se refere à proteção internacional, ao apoio das instituições e aos serviços públicos da Espanha, a entrevistada ressaltou que

Las organizaciones no me ayudaron lo suficiente, la verdad. Las personas, sí. Creo que la gente que conocí me ayudó más, sabes, preguntar, resolver dudas con personas residentes aquí o algunos españoles que los conocí. Me acuerdo que conocía una madre de dos chicas que les enseñaba inglés, me ayudó así emocionalmente... eso me ayudó más. Vivía yo en el centro, luego, cuando me mudé, ella también me ayudaba. Era una persona muy agradable, hasta ahora tengo contacto con ella. Ella también me presentó a otras personas y esas personas me apoyaron bien. Sí, aquí la verdad conocí a personas muy buenas. Pero aquí, en general, estoy hablando sobre los primeros años, porque mi vida ha cambiado durante siete, ocho años (LATIFA, 2022).

A partir disso, a rede de apoio construída por ela também se mostra uma estratégia de resiliência, especialmente quando os sistemas de proteção são falhos. Ademais, pode-se observar a sociabilidade, descrita por ela, também como uma estratégia de resiliência:

Ah, yo fui bien recibida. Bueno, algunas personas me recibieron bien, otras no tanto, normal ¿sabes? Pero yo que sé, la verdad tenía suerte de quedar con personas amables. Yo soy una persona sociable, sonriente, a lo mejor eso da un poco de paz a otras personas. Soy más abierta, eso también ayuda, más abierta, más integrada, vamos a decir, claro. Porque yo vivía y viajaba durante mi vida antes de venir aquí, entonces tenía la base. Soy un poco multicultural, entonces, abierta, me ayudaba a enterarme más rápido, aprender el idioma rápido. Tenía un plan para aprender el idioma, conseguir trabajo, y yo trabajaba muchísimo aquí para conseguirlo, nada ha sido fácil (LATIFA, 2022).

Ao se descrever como multicultural, podemos pensar nos hábitos e costumes do país de origem mantidos pela entrevistada. Por chegar na Espanha muito jovem, e também por ter seus familiares em outros países da Europa, Latifa não afirmou manter muitos aspectos culturais da Síria, além do idioma. A língua árabe é sempre presente, por meio do ensino do idioma, do trabalho e do contato com familiares. Latifa não usa o véu, apesar da família ter a religião muçulmana. Ela se mostrou a favor de causas e direitos dos povos árabes e das pessoas muçulmanas, além de manifestar apoio à Palestina nas redes sociais. Embora sempre fale da origem da Síria, em diversos momentos, inclusive na plataforma, a interlocutora menciona que é uma cidadã do mundo ou é uma mulher síria/espanhola.

Até o momento da entrevista, Latifa ainda não tinha a nacionalidade espanhola, no entanto, como ela tinha um perfil público no *Instagram*, comecei a segui-la e acompanhei que, em maio de 2023, ela postou uma foto com o documento com a legenda “*¡Imagínate que mi vida con ciudadana siria cambia por completo al obtener la nacionalidad española! Tras años de espera y esfuerzo, por fin llegó el momento*”.

4.4 Aisha

Conheci Aisha no encontro do grupo *Amigos del Arte* que participei. Desde o início, percebi que a interlocutora falava muito bem em espanhol e se mostrava bem articulada com as outras pessoas. Após o encontro do grupo, Aisha também foi à cafeteria para conversarmos, desse modo, conversamos, trocamos contatos, e combinamos de realizar a entrevista naquela semana. Enviei uma mensagem para a interlocutora naquela mesma tarde para agendar a entrevista, e ela sugeriu na quinta ou na sexta-feira seguintes. Marcamos a entrevista para quinta, às 10h30min na casa dela (por preferência da entrevistada).

Aisha vive com a família em Torrejon de Ardoz, um município da Comunidade Autônoma de Madrid. O município tem uma população de aproximadamente 114 mil habitantes⁸⁰ e está localizado a cerca de 20 km da capital espanhola. Na ilustração abaixo, podemos ver a localização do município destacado:

⁸⁰ Fonte: Instituto Nacional de Estatística da Espanha. Disponível em <http://www.ine.es/>

IMAGEM 19 – Localização de Torrejón de Ardoz na Comunidad Autónoma de Madrid



Fonte: <https://dondeesta.net/donde-esta-torrejon-de-ardoz-mapa-torrejon-de-ardoz/>

Para ir à casa de Aisha, primeiramente, peguei um metrô para a estação de trem mais próxima. Após o trem, tive que pegar um ônibus e caminhar algumas quadras. O trajeto levou cerca de duas horas, que foi afetado por muita chuva e por eu ter que perguntar e verificar a direção correta no meio do percurso.

Aisha vive com a família em um condomínio grande, com infraestrutura como piscina, pátio, brinquedos para crianças. Antes de chegar à residência da interlocutora, ela me perguntou por mensagem se eu tomava café com leite e eu confirmei. A entrevistada estava me esperando na portaria do prédio e quando subi até o apartamento dela, ela tinha preparado um café da manhã, como mostra a foto abaixo, além de salgados e doces que estavam no forno.

IMAGEM 20 – Café da manhã oferecido por Aisha durante a entrevista



Foto: Ana Julia Guilherme

Quando entramos no apartamento, Aisha tirou o véu, se mostrando confortável e à vontade com a minha presença. A interlocutora demonstrou estar alegre com a minha visita, e acredito que estabelecemos um nível de confiança importante, por exemplo, ao longo da entrevista, ela me chamava de “*mi hija*”. Desse modo, Aisha respondeu às perguntas e ficou à vontade para descrever aspectos importantes da vida dela.

A vida no país de origem

Aisha tem 44 anos e nasceu na cidade de Ádem, localizada no Sul do Iêmen. Ádem foi a capital da República Democrática Popular do Iêmen até a unificação do país com a República Árabe do Iêmen e deu origem ao Golfo de Ádem, situado no mar de Omã, entre a Somália, no Chifre da África e o Iêmen. Conforme as últimas estatísticas, tem cerca de 1 milhão de habitantes⁸¹ e é a segunda maior cidade do país, atrás da capital, Sanaa. A entrevistada é casada e mora na Espanha com os três filhos, um menino de 18 anos, e duas meninas, uma de 15 e a outra de 9 anos. Todos os filhos nasceram no país de origem,

⁸¹ Fonte: <https://www.dadosmundiais.com/asia/iemen/index.php>

na capital Sanaa. O marido de Aisha também é natural do Iêmen e se casaram no país de origem.

Aisha disse que tinha uma vida normal e comum no país de origem, no entanto, pode-se observar que Aisha é de origem de classe média alta, a partir do relato do estilo de vida, das profissões da família, entre outros fatores que serão mencionados nesta seção. A interlocutora narra a vida no país de origem de forma saudosa, dizendo que tinha tudo no Iêmen. Aisha é formada nos cursos de Farmácia e Química e, no país de origem, trabalhava em uma farmácia (em que o pai dela era proprietário) no período da tarde e, durante as manhãs, era professora de química e de biologia em um colégio. No Iêmen, o marido de Aisha já trabalhava na área de engenharia solar (trabalho em que ainda desempenha no momento da entrevista) e a empresa em que é sócio tem negócios também na Espanha.

Aisha mencionou que tinha uma vida muito cômoda no Iêmen. A família era proprietária de uma casa grande com muitos quartos, além de outras propriedades em diferentes cidades do país de origem. O pai de Aisha é médico e também trabalhava como professor em uma universidade e, no momento da entrevista, estava aposentado e mora no Iêmen. A interlocutora contou que tem três irmãos: o mais velho é médico cirurgião e mora em Londres e tem quatro filhos; o outro irmão também é médico e ainda mora no Iêmen, assim como a irmã mais nova, que trabalha para uma organização internacional no país de origem.

O percurso migratório

Aisha não teve um percurso migratório para descrever como as outras entrevistadas, visto que a interlocutora e a família não são refugiados e não migraram para outro país antes, uma vez que se regularizaram na Espanha por meio do visto de trabalho do marido. Em razão de ser sócio, desde 2012, de uma empresa que tem relações com a Espanha, o marido de Aisha já tinha visto de trabalho para a Espanha desde 2016:

La empresa coge algunas cosas de España como baterías, panal y otras cosas y vende en Yemen. Vende este trabajo en Yemen o en Dubái o en Egipto, en países de Asia. [...] En Yemen no hay embajada, nada, de ningún país, porque está en guerra. Entonces, para llegar aquí en España y trabajar o hacer negocio, cada no sé cuántos meses, tiene que tener residencia más larga. Por eso pidieron una

residencia para él. Y él en este tiempo podía venir aquí en España, pero solo. Y después, no sé cuántos meses, el abogado me llamó y me dijo que “tú y tus hijos tienen visado”, “¿por qué? no he pedido nada”. Dice, “es normal, porque tu marido tiene empresa y tiene visado”. En este tiempo, no decidí venir aquí en España, pero cuando la situación se quedó muy difícil, decidimos venir y coger mis hijos y esperar aquí (AISHA, 2022).

A interlocutora explicou que a situação no Iêmen estava cada vez mais complicada e os conflitos se intensificaram, segundo ela, com a presença dos Houthis (apoiados por Irã) na região em que morava. Neste contexto, a entrevistada disse que ficou desesperada: *“y entonces cogieron los niños, no niños, los chicos que tienen más de 12 años para luchar en la guerra en las frentes y todo”*. Isto é, ela e marido temeram pela vida do filho, que poderia ser recrutado pelo exército para a guerra e, neste momento, decidiram sair do país de origem: *“me daba miedo coger a mi hijo, por eso decidí salir del país, por eso. Y llegamos aquí, y esperamos”*.

Desse modo, devido à intensificação dos conflitos e suas consequências, o marido de Aisha sugeriu que a família ficasse por alguns meses na Espanha até que a guerra terminasse, visto que já tinham a autorização de residência no país por meio do visto de trabalho. Aisha destacou que ir para a Europa era a única alternativa que tinha sobrado para a família, que estava com temor à vida com a intensificação dos conflitos.

A vida na Espanha

Como mencionado acima, Aisha e o marido não tinham o objetivo de migrar para começar uma nova vida na Espanha, apenas queriam ficar alguns meses até que a guerra no Iêmen terminasse, *“pero la guerra no ha terminada hasta ahora, por eso estamos aquí”* – destacou a entrevistada sobre a guerra que dura há mais de sete anos.

Desde maio de 2020 na Espanha, Aisha e a família passaram por muitas dificuldades. Devido ao contexto da guerra, a interlocutora explicou que *“no teníamos nada y no sabíamos lo que íbamos a hacer. Y no podíamos sacar dinero del banco, de nuestra cuenta, era muy difícil, no podía hacer nada”*. Aisha explicou que tinham também um limite de transferência de dinheiro, portanto, o começo de vida na Espanha foi difícil após os primeiros meses planejados:

Mi marido tiene empresa aquí, por eso el principio sí, en cuanto a la documentación fue muy fácil, y vivimos aquí, no sé, unos meses, bueno y nada. Pero con respecto a dinero, fue difícil. No podía transferir mucho dinero, ellos decían “de los países de guerrilla es difícil. Pero cuando llego aquí a España, él podía pagar todo o poner dinero en el banco y todo, pero del banco de mi marido, de Yemen, hasta aquí es difícil, ellos dicen “no, de los países de guerra, ¡no!””. (AISHA, 2022).

Isto é, mesmo que Aisha e a família tivessem boas condições financeiras, o contexto da guerra e as consequentes limitações, além da saída de maneira forçada do país de origem, deixaram a família da interlocutora em situação de vulnerabilidade. Após os meses planejados na Espanha, Aisha e o marido não sabiam o que fazer porque não tinham dinheiro para cobrir o custo de vida na nova cidade e o marido estava com dificuldades no trabalho e recorreram a ajuda de algumas pessoas: “*el dueño de esta casa, gracias a Dios, no pidió la renta, el alquiler, por casi dos años, todo estaba difícil. El abogado, mi marido tiene un abogado de la empresa, también nos ayudó, nos ayudó mucho*”. Neste sentido, Aisha explicou que a família viveu os primeiros três anos em Madrid somente com a ajuda de amigos e da família, porque não tinham como pagar aluguel, alimentação e demais custos básicos para viver.

Para melhorar a situação da família e devido à região sul do Iêmen não apresentar mais conflitos, a interlocutora contou que, em 2021, o marido decidiu voltar para o Iêmen para trabalhar, e a cada três meses vai para a Espanha e em um ou dois meses volta para o país de origem. O trabalho do marido continuou o mesmo na área de engenharia solar:

La empresa vende el trabajo en Yemen o en Dubai o en Egipto, en países de Asia. Y por eso, desde aquí, desde España no podía trabajar, porque la gente en otros países no tiene fee. Hay empresa. Hay gente que puede comprar este. No aceptan transfer de dinero, por eso él ahora trabaja en Yemen, si hay algo o hay unas personas o empresas que quieren comprar algo, él puede arreglar todo desde Yemen. Una persona española se queda en España, y el otro, su hermano, trabaja en Dubai, y mi marido en Yemen y ya está. (AISHA, 2022).

Mesmo que o país de origem já tivesse regiões que não apresentavam mais conflitos, ainda havia muitas dificuldades quanto aos itens básicos de sobrevivência, além da falta de oportunidades. Por esses motivos, Aisha explicou que decidiu permanecer em Madrid com os filhos, além de não terem dinheiro para todos voltarem ao país de origem.

Em diferentes falas, comprova-se que Aisha e a família jamais imaginavam começar uma nova vida na Espanha, como as seguintes frases: “*cuando pensaba llegar aquí en España, pensaba uno, dos, tres meses, podemos hacer vacaciones, una vacación*

muy grande y podemos ir hasta el sur, norte, disfrutar tres meses y ya está”; “pero después de dos, tres meses, se empeoró el conflicto, yo tuve que cambiar el cerebro”; “esperamos meses, un año y después de ver que la guerra no iba a parar y tendríamos que empezar nuestra vida en España, empezamos a estudiar la lengua, tener amigos y todo”; e “hasta ahora todas mis cosas están en mi casa (en Yemen), no sé si está todo bien en mi casa, pero he dejado todo en mi casa y mi coche, todo allá”.

Quando a entrevistada disse “*tuve que cambiar el cerebro*”, ela quis dizer que mudou todo o planeamento da vida dela e da família e, de repente, teria que começar a vida do zero.

Yo empecé a pensar “mis hijos tienen que estudiar en una escuela de árabe, o internacional, o público, o privado”. No sabía nada. Pero el embajador, el director de la embajada de España en Yemen, su esposa⁸², que hablaba conmigo me dijo “tienes que registrar tus hijos en una escuela pública, para aprender español muy rápido. Porque la gente habla español aquí”. También no tenía dinero, mucho dinero, para ponerlos en un colegio privado o algo así. Eso era un problema, era muy difícil para mí, pensar “¿qué tengo que hacer?”. Y cuando fui para registrarlos, no sabía cómo hablar aquí y cómo escribir los papeles. Y En Google Translate era difícil, había muchos errores. Y ahora estamos aquí. (AISHA, 2022).

A partir do relato acima, percebemos que Aisha desempenhou o papel central na família ao realizar funções burocráticas essenciais no país de destino, como matricular os filhos em uma escola. Mesmo que o marido já tivesse relações com a Espanha no trabalho, ele nunca aprendeu o idioma espanhol, apenas falava em inglês e não tinha interesse em aprender outra língua. No dia da matrícula, a entrevistada relatou que recebeu ajuda de migrantes marroquinos que também estavam matriculando os filhos. Mesmo falando em árabe distinto, Aisha destacou que se sentiu acolhida de certa forma, uma vez que já tinha escutado que não havia vagas na escola e, depois, conseguiu matricular os filhos.

Quando perguntei o que ela conhecia sobre Madrid e Espanha ao migrar, ela respondeu que “*nada, nada de nada de nada, yo no sabía cómo hablar, como leer por la internet todo, cero*”. Isto é, Aisha se mostrava totalmente dependente da rede que tinha, especialmente de amigos e dos colegas de trabalho do marido e, também, de algumas mães de colegas dos filhos da escola:

⁸² Aisha relatou que conversou por duas horas com a esposa do diretor da embaixada da Espanha no Iêmen, visto que ele era colega do marido dela.

Desde el colegio de mis hijos, unas madres, sí, me ayudaron mucho, me ayudaron mucho. Y después no sé cuántos, dos años, dos años y medio, una madre me dijo "tienes que empezar a estudiar". El principio hablaba inglés con estas madres, entonces unas madres no, porque ni todo el mundo sabe inglés. Pero después dos, tres años, una amiga me dijo "tienes que estudiar español, no en casa de cultura, porque en casa de cultura la mayoría de la gente no sabe cómo escribir, cómo leer, cómo que es. Pasa muy lento. Y hay que estudiar en escuela de idioma, en la escuela oficial de idiomas". Y en dos años, sí, estudié español (AISHA, 2022).

Desse modo, Aisha foi incentivada por amigas a estudar espanhol para ter mais autonomia na nova sociedade. A entrevistada começou a estudar espanhol em uma escola particular de idiomas e pagava cerca de 200 euros por mês. Nesse momento, a família já estava em uma situação melhor, porque o marido já tinha voltado para o Iêmen para trabalhar. Antes de Aisha, os filhos, que já estavam matriculados na escola, já dominavam o idioma espanhol: "*mis hijos ya hablaban perfectamente el español después de seis meses*" e ajudavam a mãe. No momento da entrevista, Aisha sabia se comunicar muito bem em espanhol, apenas errava algumas conjugações de verbos.

Além das dificuldades econômicas e do obstáculo com relação ao idioma, percebemos, a partir da narrativa de Aisha, um sofrimento com as percepções que as pessoas espanholas têm acerca da identidade dela:

Además del idioma, para mí, fue difícil aceptar como la gente piensa. Porque normalmente piensan, "ah, eres musulmana, significa que aquí en España, significa muchas cosas: eres muy antigua, eres muy tímida, un extraterrestre, muchas cosas. En la mayoría, la gente aquí en España no quiere hacer amigos, amistad con nosotros. Pero ahora al principio me enfadó, porque no estamos como tú, nada. Solo vestimos un poco diferente y el pañuelo y ya está. Y había mucha gente, cuando hablaban conmigo en la escuela, ellos tienen unas ideas, no sé de dónde. Pero ahora está bien. Cada uno tiene su idea o tiene su... Puede pensar cómo quieres, cómo quiere y otra cosa era difícil cuando quería trabajar aquí, no podía trabajar. No, no hay opciones. La gente aquí en España no sé otro país. No quieren... Hay gente que quieren ayudar, pero la mayoría no. No aceptan. "¿Eres de otro país? ¿Si no tienes dinero? Ok, puedes trabajar como en limpieza o en un restaurante o cuidar chicos". O la mayoría no quieren cuidar chicos con nosotros porque como somos musulmanes, no quieren sus niños a mezclarlos con musulmanes, sí, eso. Pero ahora está bien. Yo conocí muchas gentes amables y ya está, el resto no es importante (AISHA, 2022).

Isto é, um dos principais aspectos elencados referentes às dificuldades no processo de chegada no novo país foi o preconceito sentido por ela ser mulher árabe, muçulmana e migrante. A partir da narrativa da entrevistada, percebemos que Aisha demonstrou nunca ter sentido algum preconceito no país de origem e estava surpresa como as pessoas

muçulmanas e migrantes eram vistas na Espanha. Neste sentido, essa percepção e preconceito criam obstáculos para o mercado de trabalho:

Con la visa de trabajo puedo trabajar, pero aquí la gente no quiere Bioquímica, solo farmacéutica, pero mi certificado y esto no valen aquí, tengo que validar. Para validar este certificado para nosotros, de Yemen, es muy difícil, muy difícil. Y tengo que hacer exámenes y después de aceptar, hasta ahora no aceptan. Tengo que esperar. Para trabajar, ¿qué tipo de trabajo puedo? No aceptan. Y no quiero trabajar como limpia de casas o en el restaurante o algo así. Entonces, para trabajar para nosotros es algo muy, muy difícil. Y ya está. Gracias a Dios, mi marido puede trabajar aquí (AISHA, 2022).

Desse modo, a entrevistada destaca que mesmo qualificada para diversos trabalhos e com diploma de ensino superior, há obstáculos na obtenção de trabalho. Além da dificuldade em validar os diplomas, as pessoas migrantes enfrentam o preconceito, em que mesmo com a revalidação no país, dificilmente conseguem vaga de trabalho na área desejada.

Como já mencionado, Aisha é muçulmana e, na Espanha, mantém a prática da religião, incluindo o ensino do Alcorão para os filhos, além de ensinar árabe e obrigar a falar o idioma em casa: *“ellos tienen que hablar árabe para no olvidar del idioma. Porque mis hijos tienen que hablar árabe todo el día. Y fuera de mi casa hay que hablar inglés también con la gente. En el colegio hablan español”*. Desse modo, a entrevistada contou que ensina Alcorão para os filhos aos sábados ou domingos e disse que tem muitas aulas online. Quando perguntei se os filhos gostam de aprender sobre o islã, ela respondeu que *“mis hijos si le gustan, a veces no, a veces sí. Como cualquier religión, cuando somos niños, a veces tenemos más ganas”*.

No âmbito das práticas religiosas, questionei se Aisha frequentava alguma mesquita em Madrid e ela respondeu:

Yo no, porque hay dos mezquitas aquí, pero pequeñas. No hay... Mujeres. la mezquita que me gusta mucho de Madrid es la de m30, pero es lejos y, en nuestra religión, las mujeres se pueden quedar en casa, no necesitan ir a la mezquita, pero si hay actividades o hay fiestas o algo, sí. Pero yo nunca voy, es muy lejos, no tengo coche, no tengo nada, es difícil (AISHA, 2022).

Neste sentido, perguntei à entrevistada se a filha dela usa o véu e ela respondeu que *“de mi, es algo personal. Si quiere, quiere. Si no, no. Es algo personal. Es su vida.*

Porque en islam es bueno poner pañuelo y vestir una, o vestir así. Pero si no quieres, es algo personal. No puedo obligar. Si quiere, no pasa nada". Dessa forma, mesmo que Aisha ensine o Alcorão para os filhos, ela não obriga a filha a utilizar um marcador importante da religião, o qual ela usa.

Além da religião, outro hábito cultural que Aisha destacou que é diferente dos costumes espanhóis, é a comida:

La comida de Yemen es distinta. Sabes, mis padres vivían mucho en Londres, desde hace mucho tiempo, tenían el pasaporte británico. Y desde hace mucho tiempo en mi familia es normal esas diferencias como aquí. Tenemos fiestas, muchas cosas iguales. Cuando llegamos aquí, no teníamos muchas cosas diferentes, solo la comida y ya está, nada más. Ahora como tengo amigas árabes, tenemos dos fiestas, El Ramadán y del Cordero, entonces hacemos reuniones con los niños, tengo amigas de otros países, que celebran con nosotros, como navidad. El 2 de abril o 3 de abril empezamos el Ramadán. A veces mis amigos vienen para comer con nosotros (AISHA, 2022).

A partir desse relato, observamos que Aisha e a família já estavam acostumados a costumes diferentes e a hábitos de outros países, visto que o pai trabalhou por algum tempo em Londres, como funcionário de uma Embaixada. Desse modo, a família já estava inserida em um contexto globalizado. Na Espanha, a entrevistada se une a amigas também árabes para manter as festividades do país de origem, de acordo com a narrativa.

Outra dificuldade destacada pela interlocutora no processo de integração à nova sociedade é a burocracia referente a qualquer documentação e a qualquer acesso aos serviços públicos:

En un tiempo muy pequeño tenemos que aprender todo, como conseguir algo aquí. Hay citas, citas, papel, papel. Cuando mis hijos vienen con un papel o algo (risos), yo digo "puedes leer" (risos). Ahora como hay una cosa en Google que pone la traducción, es más fácil pero aún es difícil porque a veces no salen, no salen. Ok, a veces hay, ok, traducir, este significa aquí, en aquí, ok. ¿Y dónde puedo encontrar esta información? No sé. Muchas citas. Pero ahora, en principio, sí, con cada papel tardo una hora, mucho tiempo (risos) (AISHA, 2022).

Isto é, a dinâmica das “citas” para acessar os serviços públicos se torna um obstáculo para a interlocutora, além da dificuldade em relação ao idioma. Em relação aos serviços públicos, Aisha elogiou a saúde da Espanha, mencionando os direitos neste âmbito que sabe que ela e a família têm.

Após elencar as diversas dificuldades e obstáculos que teve que enfrentar na nova sociedade, Aisha consegue perceber, ao mesmo tempo, que tem menos problemas que as pessoas refugiadas:

Además, no hay problemas, si tenemos dinero podemos vivir, si no, ¿sabes? Yo no tengo problemas como los refugiados, por eso no tengo muchos problemas. Tengo dinero para vivir una vida digna, pero ellos no. Si no tengo dinero.... pero para trabajar no puedo para hacer muchas cosas, yo personal, no puedo, pero mis hijos pueden vivir normal como los españoles, y qué más tengo problemas? Nada más, puedo viajar, puedo hacer muchas cosas (AISHA, 2022).

Desse modo, em relação às pessoas refugiadas, a interlocutora reconhece que tem uma vida digna e que, mesmo que ela não consiga viver como os espanhóis, os filhos dela conseguem. Neste âmbito, Aisha mencionou que a Espanha não aceita pessoas do Iêmen como refugiadas como aceitam as oriundas da Síria, por exemplo, e, também, lamenta que muitos refugiados chegam ao país pelo mar e enfrentam mais dificuldades que ela. Sabendo das dificuldades que as pessoas refugiadas têm em Madrid, a interlocutora percebeu que ser voluntária era uma forma de ajudar e, assim, ela expôs os motivos pelos quais participa dos encontros do grupo “*Amigos del Arte*”:

En primer lugar, quiero ayudar la gente porque sé cómo piensan y como sufrieron mucho. El gobierno aquí ayuda mucha gente. Pero los requisitos o papeles son un poco difícil y tienen muchas reglas para ayudar. Hazan⁸³ es refugiada y conoce mucha gente o muchas familias de refugiadas. Y todos los días, cuando Hazan viene, por la mañana, "hoy tengo tres familias. Hoy tengo dos familias. Una familia". Y cada familia tiene una historia muy triste. La mayoría creo que todos, no tienen educación buena, no saben cómo leer o escribir bien y no tienen tiempo para estudiar o hacer vida personal. Tienen que cuidar los niños, sus hijos, y no tienen dinero y todo, todo el día luchar, luchar, como podemos pagar la renta, como podemos comprar cosas, sí. Algunos sí tienen y tienen mucha ayuda del gobierno o de otras organizaciones, pero la mayoría no, no pueden y la gente aquí no aceptan este tipo de refugiados, decimos. Ellos tienen muchos problemas dentro de casa y fuera de casa, entonces es como una ayuda emocional también (AISHA, 2022).

Referente ao grupo “*Amigos del Arte*”, Aisha teve conhecimento do grupo por meio do contato de Hazan, que conheceu na escola de idiomas. Na terça que conheci Aisha, foi a primeira vez dela no encontro, e ela conhecia Maria e Hazan apenas. A partir da fala acima destacada, Aisha começou a descrever histórias muito tristes de mulheres

⁸³ Outra entrevistada para esta tese.

refugiadas que escutou no encontro do grupo. Em algumas vezes, ela se diferencia ao dizer que não é refugiada, especialmente como a fala abaixo:

Yo sé cómo viven esta gente, que su vida es muy, muy difícil, porque sabes, en mi situación, yo pensaba si en el futuro, en algún momento, la situación iba a mejorar porque tengo dinero en el banco, tengo familia que puede ayudarme, tengo muchas cosas. Pero estas familias, estas familias no tienen nada, no tienen nada de nada, estás esperando a nada, pueden tener, es difícil. Pero en mi situación no. Yo sabía que en un día todo iba a arreglar, pero ellas, no, por eso quiero ayudarlas (AISHA, 2022).

No entanto, em outras vezes ela se insere na mesma categoria que as participantes do grupo, quando argumenta que entende as dificuldades de mulheres refugiadas e árabes, visto que teve similaridades nos riscos enfrentados nos contextos de chegada à Espanha. Neste sentido, a interlocutora analisa também as diferenças culturais existentes nas famílias árabes que migram para a Europa, contando que há muitas discussões entre pais e filhos de pessoas oriundas de países árabes, por exemplo, *“a veces sus hijos no aceptan esta vida y salen a casa, empiezan a beber”*. Ademais, no trecho acima, vemos que a entrevistada quando disse *“la gente aquí no aceptan este tipo de refugiados”* se refere à tipificação de pessoas refugiadas árabes e muçulmanas, as quais, na visão dela, não são aceitas pelos espanhóis.

No entanto, em outro momento da entrevista, Aisha afirmou que as principais diferenças entre as pessoas com quem convive não são de acordo com a nacionalidade: *“no es mucho por la nacionalidad de la persona, pero el perfil, la cultura, la mentalidad, y eso no quiere decir, no depende de la nacionalidad”*. Isto é, para a interlocutora, o perfil e a mentalidade interferem mais que o país de origem e isso se destaca em outra fala dela:

Sí, hay diferentes, pero entre las familias de Europa no hay muchas diferencias. Son iguales, casi iguales, tienen algunos pensamientos, ideas diferentes, pero en general son iguales. Pero de otros países son un poco diferentes. Ok, yo conozco unas mujeres de Marruecos y la mayoría de estas chicas no estudiaban mucho. Ellas tienen ideas, su cultura o costumbre un poco diferente. Son buenas, pero no podría ser amigas conmigo porque tienen mentalidad diferente. Pero creo que el diferente es el nivel de educación, porque soy musulmana y el resto de mi grupo son de cristianos y somos amigos todos los días porque hablamos sobre algo diferente de la región. Hablamos sobre la vida, sobre el gobierno, que hace, que es nuevo y esas cosas. Pero con chicas que no tienen nivel de educación, solo hablan sobre... que van a comer, que los hijos que hacen y su marido y cosas sencillas o personales (AISHA, 2022).

Em síntese, de acordo com a narrativa de Aisha, ela não tem interesse em fazer amizades com pessoas árabes e muçulmanas por apenas esses marcadores em comum, a interlocutora defende que as pessoas precisam ter educação e maneira de pensar semelhantes e isso ela encontrou em um grupo de amigos que são pais dos colegas dos filhos:

[...] mañana tengo un grupo con mis amigos, los padres del colegio de mi hija, hay dos padres y tres, cuatro madres y quedamos todos los días en una cafetería para tomar un café todos los días, media hora o 45 minutos y después llevamos... Todos los días, pero de muchos países, tres de España uno de Grecia, uno de Alemania, uno de Irlanda, uno de Holanda que más, y yo de Yemen risas. A veces el sábado o domingo quedamos en un parque para jugar los niños. Aquí en Torrejón hay muchas actividades. Sabes, estos padres me ayudaron mucho cuando llegué aquí en España y desde, no sé, hace cuatro años estamos juntos, todos los días. A veces uno tiene trabajo, el otro no, este día somos siete, el otro día cuatro, pero siempre estamos (AISHA, 2022).

Desse modo, percebemos que Aisha conseguiu estabelecer uma rede de apoio forte também neste grupo de pais dos colegas de escola dos filhos. A interlocutora descreve os encontros com estes amigos com muito entusiasmo e ao destacar *“también como ayuda a personas de otros países que ya saben hacer como las cosas. Si tengo problemas o quiero hacer algo, pongo en el grupo “quiero hacer esto, esto”. Y ellos “que bien, ¡hagalo!”*. *Si, cada uno ayuda”*, podemos analisar esta participação neste grupo como uma forma de resiliência de Aisha na Espanha, que a auxilia em diversos momentos, além dos momentos de companheirismo.

Outra forma de resiliência de Aisha na nova vida na Espanha é o voluntariado. Como mencionado anteriormente, a entrevistada é voluntária em uma organização pequena em que trabalha Maria, que também participa do grupo “Amigos del Arte”. O trabalho voluntário é descrito pela interlocutora dessa forma:

Esta organización es para ayudar gente, cómo pueden vivir después de la ayuda del gobierno. Porque después de dos años no pagan nada, no mucho. Pero hay muchas organizaciones o en el gobierno que pueden ayudar. Pero la mayoría de estas familias no saben cómo hacerlo, qué tipo de ayuda. En esta organización el principio organizamos qué tipo de ayuda y cómo pueden solicitar esta ayuda y estas cosas. Y cada mes o cada semana quedamos con una familia o dos o tres y escuchamos qué tipo de problemas y los datos personales. Y después hacemos un plan cómo podemos ayudar y solicitar y esas cosas. En martes descargué la aplicación a clave PIN. Y otra vez este clave PIN o esta aplicación podemos ayudarlas a hacer declaración de renta y otras cosas. Es más fácil, pueden hacerlo en casa o con una amiga, pueden hablar o leer o español o con sus hijos, pueden leer español (AISHA, 2022).

Ou seja, Aisha trabalha como voluntária para ajudar famílias refugiadas que vivem em Madrid e possuem dificuldades no acesso a políticas e a benefícios do governo, especialmente após o período de acompanhamento das organizações locais no processo de refúgio e de proteção internacional. Os motivos para participar deste trabalho voluntário são diversos e, além de gostar de ajudar pessoas que enfrentam riscos semelhantes aos seus, ela afirma que *“quiero hacer algo, algo bueno y no tengo tiempo y me gusta trabajar, no me gusta quedar en casa o solo venir al colegio o tomar café y mercado y ya está”*. E, quando questionei o que os filhos e o marido dela pensam sobre ela participar destes trabalhos e grupos, ela respondeu que *“Les gusta. Ellos saben que yo quiero hacer algo y no me gusta quedar en casa sin hacer nada y ahora puedo ayudar la gente. es algo muy bueno y ellos están felices y yo solo trabajo por la mañana. Por la tarde estoy con ellos”*. Assim, a entrevistada também recebe o apoio da família nestas atividades que lhe dão prazer e entusiasmo.

Em relação ao grupo *“Amigos del Arte”*, Aisha relatou que sua presença é importante porque pode ajudar na tradução e no diálogo com mulheres que não falam espanhol e com as mulheres que não falam árabe. Ademais, ela achou a ideia de ser um grupo apenas com mulheres muito boa, visto que *“así me siento libre, porque en general tenemos el mismo pensamiento y podemos hablar libre. Yo me siento libre cuando estoy con otras mujeres. En mi cultura o en islam, preferimos quedar las chicas juntas”* e também destacou que *“si la mujer está sola puede hablar y, de nuestra parte, podemos preguntarla, y ella puede hablar y decir la verdad y todo. Con el marido, no y a veces sí, es necesario quedar con las chicas solo”*. E, no que se refere às diferenças de gênero, ela defende que

Migrar es muy distinto para los hombres y mujeres. Hay todo nuevo, gente. Si tienen dinero o no es algo difícil porque, ok, el hombre puede salir, puede vivir su vida, pero las madres o las mujeres piensan más en la casa, en los chicos, en los hijos y no tienen tiempo para su vida personal. Todo el tiempo piensan sobre sus hijos, como pueden ir a casas. Algunas, si no pueden ayudar sus hijos en estudios, las cosas matemáticas o lengua o algo, piensan mucho cómo pueden hacer, dónde pueden ir para ayudar sus hijos, pero los padres normalmente no piensan en esas cosas. Ellos solo piensan en cómo pueden tener dinero, qué tipo de trabajo y ya está. Entonces es difícil. Es un país muy nuevo, cultura nueva, no tiene familia, no tiene nada. Si la mujer está enferma o quiere ir en no sé dónde, no tiene nada, nadie a ayudarla. Muchas cosas para pensar las mujeres. Sabes, ok, la semana pasada tenía dolor de cabeza. Pensaba que estaba con COVID o algo. Ok, sí, tengo COVID, tengo que quedar en casa. Y pensaba "mi hija, ¿cómo puede ir al colegio?" Ok, tiene que estar conmigo en casa. ¿Si necesitamos algo, como puedo salir y comprar? No tengo nadie aquí en España. Y mis amigos, como Hazan u otros, viven en otro sitio. Viven lejos, muy lejos.

Es difícil. Sí, sí. Pero está bien, estamos bien. Dios, nos ha ayudado mucho (AISHA, 2022).

Em suma, em diferentes partes da entrevista, Aisha ressaltou que os processos migratórios são diferentes para homens e mulheres e que as mulheres têm necessidades específicas porque têm mais obrigações e mais demandas no trabalho do cuidado. Além disso, ela usou o exemplo da vida dela, em que, devido ao marido passar muitos meses no Iêmen, acaba se tornando a única responsável presente no cuidado com os filhos.

No que se refere às mulheres migrantes e refugiadas, ela tem as seguintes percepções:

Las mujeres de otros países no hablan español, es difícil para ellas, porque no estudian aquí el idioma y no pueden hablar, no saben cómo ir a Madrid o en algún sitio. Ellas sólo están en casa esperando su marido, él tiene que ayudar y la mayoría del tiempo no puede porque él trabaja o no quiere o está agresivo o no sé. Y quedan en casa y ya está. Si salen, salen en el parque cerca y ya está. [...] La mayoría de los musulmanes aquí en España tienen una cultura cerrada. Algunas tienen amigas de España, no mucho. Yo tengo amigas árabes y españolas. Pero la mayoría aquí no tienen otras amigas, solo su vida de su país, no quieren hacer amigas fuera. Ellas saben, conocen otras personas de España, pero no como amigos. Quizás sus hijos sí, pero los mayores, los adultos no. Poco, no mucho (AISHA, 2022).

A partir dessa fala, Aisha argumenta que, por um lado, há muitas mulheres migrantes e refugiadas que não querem se integrar de fato à sociedade espanhola, visto que não têm interesse em aprender o idioma espanhol e acabam permanecendo dependentes, muitas vezes, dos filhos para traduzir tudo, inclusive, compras no mercado. Por outro lado, há um estereótipo das mulheres árabes e muçulmanas visualizadas pelos espanhóis:

Creo que los europeos tienen esta idea porque hay muchas noticias en la tele, pero no somos víctimas. Sí, hay problemas en algunas familias, pero normal como en otros países, pero aquí sabes, por ejemplo, el conserje de este edificio le preguntó a mi hija "¿estás casada?" Mi hija dice "no, porque estoy estudiando, ¿por qué?" Él dijo "porque la mayoría de las musulmanas no pueden estudiar y deben casar muy pronto". No. ¿Qué tiene necesidad? Eso no es verdad. En islam, la chica no puede casar antes de los 18 años. Más de 18 años, sí se puede. Y tiene que estudiar hasta el final. Si tiene hijos o no, tiene que estudiar. Pero aquí tienen otra idea. La mayoría de las personas creen que somos víctimas y están ahí. No hay límites, pero algunos tienen su cultura, difícil un poco, la vida es muy dura para las mujeres y la mayoría de los europeos tienen una idea un poco equivocada (AISHA, 2022).

Isto é, a entrevistada analisou as relações de gênero existentes também com relação à sociedade espanhola e o preconceito existente com mulheres árabes e muçulmanas, como já mencionado no início desta seção. Podemos ver que até mesmo na

residência dela, no condomínio, ela precisa defender os direitos que ela e a família têm na religião, com comentários preconceituosos e uma visão de que são vítimas da cultura e da religião do país de origem. A partir disso, ela mostra muito orgulho da educação e da religião:

Yo fui enseñada que puedo hacer todo como los hombres. Nunca hube separaciones. Eso es algo, depende de la cultura, no del islam, no del país. Algunas familias aquí vienen del pueblo y no estudiaban nada, por eso tienen dificultades. Pero es su cultura. El resto, todas mis amigas están trabajando y tienen vida normal. Podemos hacer todo y dentro de la religión también. Dentro de la religión podemos, salgo normal. Si pienso que estoy aceptada en este país, aceptable, es algo bueno. Y para ser, quiero ser aceptable yo, mi persona, soy de Yemen, musulmana, mujer, con el velo, no mucha gente acepta esto, ser amigos con una chica como yo, y ya está, el resto está bien, puedo manejar (AISHA, 2022).

Assim, Aisha demonstra que, mesmo em um país que tem dificuldades em aceitar a sua identidade, a sua religião e a sua origem, ela não tem interesse em mudar quem ela realmente é. E a força que ela defende a identidade dela também é reforçada pelos laços com a família, que mesmo distante fisicamente, é bastante próxima.

A entrevistada contou que sempre conversa com a família por redes sociais e por vídeo pelo WhatsApp. Também, costuma encontrar o pai e os irmãos no Egito, onde não precisa de visto, e foi ao Iêmen apenas uma vez de férias. Sobre o país de origem, ela disse que

Yo quería volver a mi país. Si la situación estuviera bien, quería volver, no quería quedar aquí. En mi país tengo todo, todo, mi casa, mi casa muy grande y nueva, y mi familia, mis amigos, mi trabajo, todo. La vida de aquí es un poco dura y la gente tiene que trabajar mucho para ganar un sueldo muy pequeño, es difícil (AISHA, 2022).

Essa fala mostra certa frustração com a Espanha, que pode ser explicada pelas diversas dificuldades encontradas no país de acolhida. Também, o maior lamento de Aisha é ficar longe da família. Durante a pandemia, a mãe da entrevistada faleceu e ela disse que passou pela maior dor da vida dela, especialmente porque não pôde estar no funeral dela, devido aos problemas de entrada em um país em guerra. No trecho abaixo, ela descreveu como é ter o marido e familiares em um país em guerra:

Todos los días cuando despierto, miro la primera cosa que tengo que hacer es ver mi móvil si hay algo nuevo, si hay noticias de mi familia y después puedo ir al baño o la cocina, es difícil. Porque estoy lejos y sabes, en algunos días, no tienen internet, no tienen nada y no sabe si puedo hacer llamada internacional y también no pueden, no tienen para recibir llamada tampoco algunos días, no porque se corta más y así es difícil pero no puedo hacer nada, muchísimo difícil.

Ahora está mejor, sí, ahora es mucho mejor. Hay problemas, hay dificultades, pero se acostumbra en esta vida. Y ahora hay internet un poco mejor. A veces no pueden hacer vídeo llamada, porque el internet es muy malo, sí, pero podemos escribir y grabar un vídeo y ahí enviar y todo. Sí, bueno, por lo menos lo mínimo (AISHA, 2022).

Desse modo, observa-se que, mesmo a família vivendo em uma região sem conflitos no Iêmen, há muitas dificuldades no país ainda em guerra, especialmente a falta de alimentos, por isso, ainda não tem como Aisha criar os filhos no país de origem. Quando questionei se ela pensou em ir a outro país, ela disse que tinha interesse em ir para a Alemanha ou para Londres, onde mora o irmão. No entanto, ela acrescentou rapidamente que *“yo pensaba en ir a otros países, pero ahora que mis hijos pueden hablar español bien y tienen su vida personal y amigos y no quiero hacer esto. No quiero repetir los problemas y dificultades otra vez. Por eso seguimos aquí. Y ahora estoy bien”*. Isto é, a justificativa para permanecer na Espanha é pensada em razão do bem estar dos filhos.

Sobre o futuro em Madrid, além de cuidar e pensar na vida dos filhos, Aisha ressaltou, em diversas vezes, que tem interesse em estudar:

Quiero hacer algo bueno y también quiero mejorar mi idioma y sí puedo homologar mis títulos, O sea, quiero estudiar, si no tengo trabajo, no pasa nada, quiero estudiar. Quiero estudiar algo dentro de ciencia, pero no sé. qué tipo de estudiar, todavía no sé. Me gusta ciencias Mucho. Mi hijo quería estudiar cirujano en dentista, y la otra quería estudiar Nutrición, pero yo quiero estudiar algo nuevo, para mí nuevo. Como Food technology. Quiero estudiar. Es algo en las fábricas, como puedes hacer una fórmula buena, que todos los ingredientes y cuántos gramos y esas cosas (AISHA, 2022).

Dessa forma, o principal objetivo, até o momento da entrevista, de Aisha é conseguir estudar algum curso que ela tem interesse. Fora os estudos, ela também afirmou que se sente frustrada em não trabalhar mais na área em que trabalhava no Iêmen:

Me gusta trabajar en farmacia y como profesora, me gustan los dos, porque en la farmacia, en mi país, llega mucha gente que no pueden pagar para ver el médico y quieren ayuda, y la situación es diferente, como aquí, y hay mucha gente, se puede ayudar, puedes dar muchas cosas. Y como una profesora es algo bueno, enseña a los niños. Yo trabajaba con los chicos o chicas de más de tres años. El principio era difícil, pero después sí, era bien. Me gusta (AISHA, 2022).

A partir dessas falas em destaque, observamos que os estudos e o trabalho são aspectos de resiliência para Aisha e a família em Madrid. É por esses objetivos que a

entrevistada planeja o dia a dia dela, ao procurar atividades que desenvolvam o idioma espanhol, e o cuidado dos filhos. Isso é evidenciado no trecho abaixo, em que ela descreve como costuma conversar com os filhos:

Yo digo "tienen que estudiar, tienen que hacer algo bueno" porque estamos aquí no para vivir, no para salir y hacer cualquier cosa. Tenemos que tener un certificado bueno para ayudar la gente aquí o en mi país. No estamos aquí para vacaciones. "Ok, mamá". ¡Estudian!" (AISHA, 2022).

Isto é, Aisha espera do futuro que os filhos tenham um diploma. Quando perguntei o que o marido dela espera do futuro, ela apenas respondeu que *“mi marido está feliz porque él puede trabajar bien”*. Como mencionado em algumas falas, Aisha relatou que a família não tem mais dificuldades financeiras e ela não precisa procurar os produtos mais baratos no mercado. Cabe ressaltar que a família melhorou as condições quando o marido voltou para o Iêmen para trabalhar. No entanto, o marido teve que se sujeitar a voltar a morar em um país ainda em guerra, com falta de alimentos, falta de água e luz em alguns momentos, com hospitais e outros locais destruídos. Além da família ficar separada por muito tempo. E, sem o marido, Aisha não tem condições de ter outro trabalho no momento, porque é a única responsável pelos filhos.

4.5 Khadija

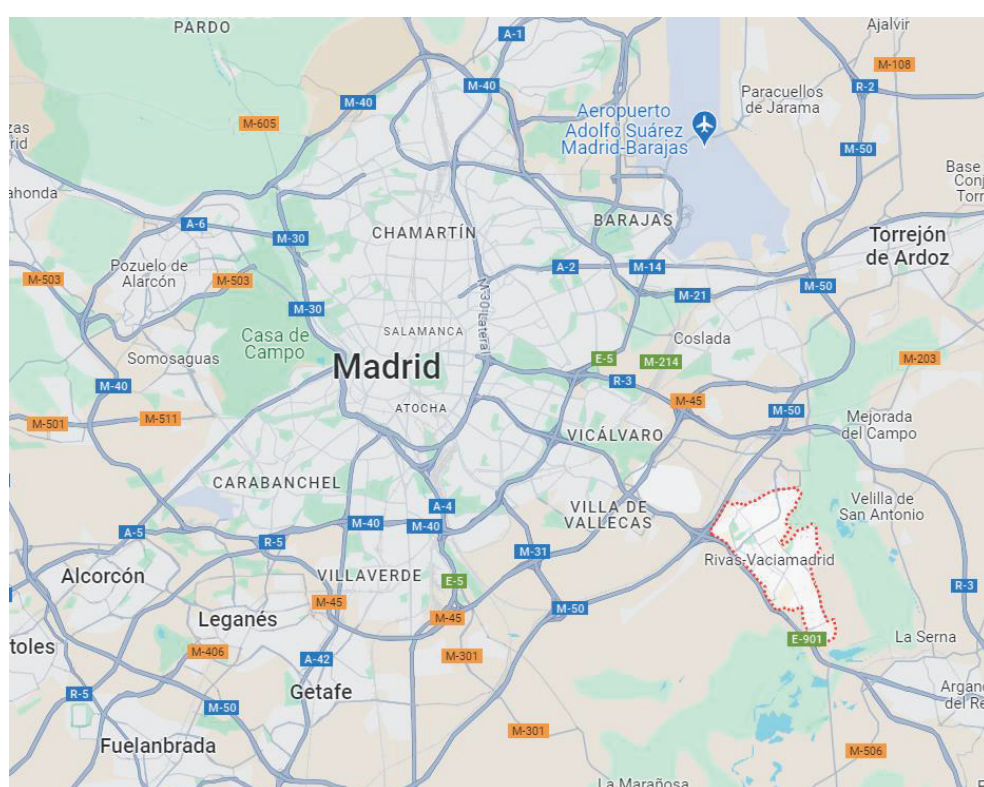
No dia que fui ao encontro do grupo de Ana Ramírez com as mulheres refugiadas, fui apresentada à Khadija e à mãe dela. Elas estavam presentes quando Ana falou sobre a minha pesquisa e concordaram em realizar a entrevista. Inicialmente, conversei com a mãe de Khadija, mas ela apenas sabia dizer poucas palavras em espanhol, por isso, sugeri que a filha realizasse a entrevista, dizendo algo *“siempre es Khadija quien habla”*.

Enviei uma mensagem à Khadija no dia 23 de março de 2022 perguntando quando ela teria disponibilidade para o encontro. Ela respondeu que estava muito ocupada durante a semana, porque estava saindo mais tarde do instituto em que ela estudava. Insisti um pouco, então, perguntando se poderia ser no final de semana, e ela concordou em realizar a entrevista na sexta-feira, dia 25, à noite, na casa dela.

Khadija é a mais nova das entrevistadas, com quase 20 anos de idade. Ela vive com a família em *Rivas-Vaciamadrid*, um município pertencente à Comunidade

Autônoma de Madrid que está a 16 quilômetros da capital espanhola e, em 2021, tinha cerca de 93 mil habitantes⁸⁴. Desde a estação de trem mais próxima, caminhei por cerca de 20 minutos até a residência de Khadija, e a impressão que tive é que o município é mais residencial, com alguns prédios não muito altos e áreas mais verdes. No mapa abaixo, pode-se ver a localização de *Rivas-Vaciamadrid*, que está em destaque:

IMAGEM 21 – Localização de Rivas-Vaciamadrid na Comunidade Autônoma de Madrid



Fonte: Google maps⁸⁵

Para ir à residência de Khadija, tive que ir em metrô e em trem, com algumas conexões nos dois meios de transporte. No dia da entrevista, houve um problema em uma das principais linhas de metrô, o que ocasionou o meu atraso na casa da entrevistada.

⁸⁴ Fonte: Instituto Nacional de Estatística da Espanha. Disponível em <http://www.ine.es/>

⁸⁵ Disponível em <https://www.google.com/maps/place/Rivas-Vaciamadrid,+Madrid,+Espanha/@40.3977088,-3.7960212,11.25z/data=!4m6!3m5!1s0xd423c0de6c9b919:0x9014cc03cd201292!8m2!3d40.3519065!4d-3.5357334!16s%2Fm%2F047dwhd?entry=ttu>

Quando cheguei ao local, em um apartamento de um prédio de 5 andares, Khadija e os pais estavam me esperando na sala da casa, e todos foram bem receptivos. Durante a entrevista, os pais permaneceram na sala e, em algumas vezes, o pai interrompia para pedir à filha o que eu perguntava e, em poucas vezes, a mãe chamava a atenção dela. A família me recebeu muito bem, com doces e chás na mesa, feitos por Khadija.

A vida no país de origem

Khadija tem quase 20 anos e é natural de Dayr az Zawr, a sétima maior cidade da Síria e a maior da parte oriental do país. Khadija é solteira e mora na Espanha com os pais e com os quatro irmãos mais novos, sendo duas meninas, que têm 11 e 9 anos, e dois meninos, que têm 15 e 13 anos. Todos os irmãos nasceram na Síria.

Antes da guerra, a família da entrevistada tinha uma vida tranquila e confortável no país de origem, o pai era assistente social e a mãe dona de casa. Eles moravam no centro da cidade e a vida de Khadija estava centrada em frequentar à escola e à mesquita. A interlocutora estudava em uma escola pública e disse que gostava de estudar religião.

A família de Khadija saiu da Síria no ano de 2015 e, por ter menos de 20 anos no momento da entrevista, Khadija deixou o país de origem muito jovem, aos 14 anos de idade, no entanto, afirmou que se recorda de tudo o que passou no processo migratório. O deslocamento forçado da família de Khadija começou ainda em 2011, no início dos conflitos na Síria. Conforme iniciava algum conflito em determinada região, a família migrava para outro local e, assim, foram diversas mudanças por quase cinco anos:

Había zonas que no tenían conflicto. Pero faltamos un año a la escuela debido a los conflictos. A cada tres, cuatro meses cambiábamos de casa, porque empezaba un conflicto, íbamos a otro sitio, empezaba el conflicto, íbamos a otro sitio, así. Estuvimos así durante cuatro o cinco años, de un lugar a otro. Era muy duro (KHADIJA, 2022).

Desse modo, a vida de Khadija e da família foram duramente impactadas desde o início da guerra na Síria. Atividades essenciais como ir à escola não eram mais possíveis e *“en nuestra ciudad ya había muchos conflictos. La ciudad estaba cerrada, no dejaban entrar comida, nada. Nos quedamos sin nada. No había como continuar, no teníamos*

como vivir”. Assim, após uma série de deslocamentos internos, a família da entrevistada não viu outra alternativa a não ser sair do país de origem.

Khadija relatou que a saída da Síria foi, de certa forma, facilitada para a família devido à deficiência de um dos irmãos. Também, a saída da família foi autorizada devido ao trabalho do pai de Khadija, que era assistente social. O pai de Khadija alegou que não era mais possível viver na Síria porque o filho com deficiência precisava de remédios e de tratamento específicos.

O percurso migratório

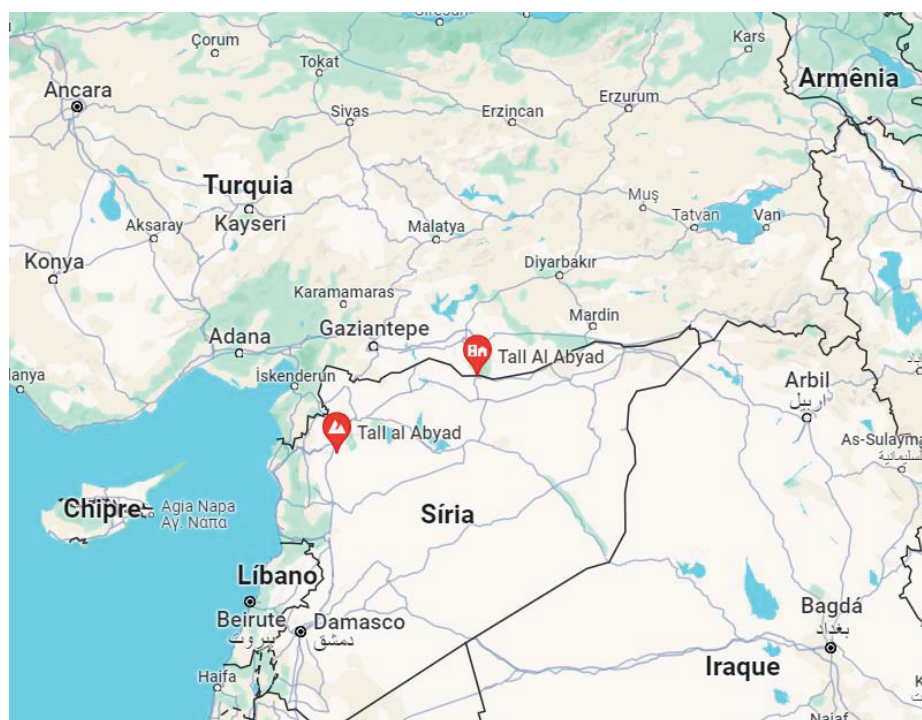
Quando Khadija tinha 14 anos, a família decidiu sair da Síria pelos motivos elencados acima. A entrevistada descreveu que a família saiu caminhando no dia 10 de outubro de 2015, de uma cidade próxima ao Iraque em direção à Turquia, onde não exigia visto. A escolha da Turquia como destino foi feita pelo pai da interlocutora: “Turquía era lo país más cerca, mejor dicho. Mi madre no quería, mi padre sí quería ir, porque mi tía y mi abuela querían salir de allí”. A partir disso, Khadija começou a narrar o que lembrava do percurso migratório:

[...] tuvimos que andar. Desde Siria hasta Turquía fuimos caminando. Era muy difícil. Era casi invierno, en octubre. Estaba lloviendo y hacía mucho frío. Era como diez, once días, nos quedamos durmiendo en la calle porque no había casas, ni nada en las fronteras. Dormíamos debajo de los árboles, por ejemplo. [...] Fuimos todos caminando, claro. Y había mucha gente más, mucha gente más. Cuando baja el sol, así, o a las 6 de la mañana así, la gente se va. La gente se pierde porque es un bosque muy grande, muy grande. Y luego la frontera. Yo casi me perdí porque ellos salieron y me quedé sola. Igual mi padre tuve que venir a recogerme y todo. Mucha gente se perdió. Los hijos que son bebés. Se pierde mucha gente. Hay mucha gente. La gente corre y empuja, o sea, tiene que salir, no mirar atrás. [...] De tanto correr, nos perdimos todo en el camino. Y no podríamos llevar mucho. Mi madre estaba con mi hermana que era pequeñita, con 1 año, el otro con la mano, mi hermano que tiene discapacidad mi padre llevaba en los hombros. Mi abuela también que era mayor. Mi tía tenía hijos pequeños (KHADIJA, 2022).

Em suma, a entrevistada relatou que o percurso migratório da família dela foi realizado, em conjunto, com o tio, a esposa, os filhos deles e a avó. Ao chegar na Turquia, todos foram diretamente a um campo de refugiados, visto que não tinham outra opção e, ainda, não tinham quase pertences. De acordo com Khadija, o campo de refugiados onde

a família dela permaneceu estava localizado perto da fronteira com a Síria, em uma cidade chamada Tall Al Abyad, a qual está ilustrada na parte central do mapa abaixo:

IMAGEM 22 – Fronteira da Síria com a Turquia, em destaque Tall Al Abyad



Fonte: <https://www.google.com/maps/search/Tall+Al+Abyad>

A entrevistada contou que a família dela residiu no campo de refugiados durante quase oito meses. Quando questionada sobre o que se lembrava do tempo no campo de refugiados, ela descreveu da seguinte forma:

Mucha gente. Muy sucio. No había agua, tenía que arrear el agua. Luego los aseos y los baños eran...uf, muy sucios. En este campo había 50 mil personas. Sí, 50 mil. Porque era cerca de Siria. Mucha gente de Siria en ciudades muy pequeñas de Turquía. El campo estaba en Tall Al Abyad, es cerca de las fronteras. Luego, mis tíos y mi abuela fueron a una ciudad que se llama Sanliurfa (KHADIJA, 2022).

Khadija explicou que o campo de refugiados estava muito próximo à cidade, onde tinham que ir para fazer compras. Durante a permanência no campo de refugiados, a família dela ganhava um tipo de cartão de crédito com 50 euros, que utilizavam para comprar comida. Além disso, ganhavam roupas e alguns casacos, os quais tinham que

dividir entre eles. A entrevistada lembra que as organizações presentes no campo eram a Cruz Roja e o UNICEF.

Durante os oito meses no campo, Khadija e os irmãos (com exceção das menores) estudavam e a entrevistada disse que concluiu a ESO⁸⁶. Segundo ela, o pai conseguiu um trabalho informal como pedreiro, mas praticamente não recebia salário. Devido à falta de perspectiva na Turquia, a família decidiu ingressar no programa de reassentamento:

Nos llamaron por teléfono. Mi padre apuntó su nombre y teléfono. Le han dicho “¿Le interesa venir hasta aquí (España)?”. Mi padre dijo que sí. Porque estaba muy interesado. Porque allá no había trabajo, ni nada. Y no pagaban. Antes mi padre trabajaba y no le pagaban. Trabajaba cerca del campo de refugiados. Porque en el campo no había trabajo. Entonces él trabajaba en una ciudad cerca pero no le pagaban, o sea, trabajaba, trabajaba duro y no le pagaban. Trabajaba cinco veces al día. [...] Y solo teníamos la opción de España. Mi padre dijo que quería Alemania porque su hermana y su hermano estaban ahí y en España no nos conocíamos a nadie. Pero no. Fue difícil (KHADIJA, 2022).

Desse modo, a família migrou para a Espanha por meio do programa de reassentamento do ACNUR. De acordo com a interlocutora, as famílias são selecionadas por meio de um sorteio para o reassentamento: “*mi padre puso su nombre para salir de Turquía para ser llamado. Si tiene suerte, te llaman, si no, no*”. Isto é, na visão de Khadija, tiveram sorte de ter a oportunidade de migrar para a Espanha, o que os demais familiares não tiveram e, dessa forma, permaneceram na Turquia.

A vida na Espanha

Khadija explicou que ela e a família não sabiam nada sobre a Espanha antes de migrar, nem o idioma: “*no sabíamos hablar nada. Ni decir hola*”. Quando chegaram em Madrid, em 2016, a família recebeu assistência do CEAR e foram diretamente para o apartamento onde ainda residem, isto é, não passaram pelo Centro de Acolhida aos Refugiados.

Ainda, na Turquia, Khadija lembrou o que os funcionários do CEAR disseram para a família: “*Decían que tendríamos una vida buena. Pero lo que pasa que no nos ayudaron mucho. Solo un año tuvimos contacto. Hay gente que recibió ayuda por más de*

⁸⁶ESO na Espanha significa Educação Secundária Obrigatória, um sistema educativo espanhol que tem como objetivo preparar os alunos entre 12 e 16 anos para o mercado de trabalho.

dos años, pero nosotros no". Dessa forma, a entrevistada já demonstra o descontentamento que a família teve com a assistência na chegada no novo país.

Em relação à documentação espanhola, a interlocutora descreveu que a família não teve dificuldades nesta parte

Ellos nos han tramitado antes de venir. Llegamos con todo. Cuando llegamos, en una semana, ya teníamos el NIE, los pasaportes y todo. Los de asilo y esto ya traemos. Yo conozco a mucha gente que ha venido con nosotros y no tienen los NIEs, tienen la tarjeta roja (KHADIJA, 2022).

Com a fala acima, a entrevistada analisa que algumas pessoas refugiadas tiveram dificuldade para a obtenção do NIE, diferente da família dela, que conseguiu o NIE no início da estadia na Espanha. O NIE, em espanhol, é o *Número de Identidad de Extranjero* e, como o nome já diz, é o identificador da pessoa estrangeira na Espanha, e deve constar em todos os documentos emitidos ou processados, incluindo os procedimentos que estejam carimbados no passaporte ou na identidade⁸⁷.

Khadija e a família têm a autorização de residência com o refúgio. Quando perguntei se eles sabiam sobre os direitos das pessoas refugiadas, ela respondeu que ela e a família não sabiam quase nada sobre a situação de refúgio. No momento da entrevista, a interlocutora explicou que estavam tramitando a documentação para a nacionalidade espanhola e Khadija disse que queria ser a primeira da família porque é a pessoa que fala melhor espanhol.

O apartamento onde a família de Khadija reside tem quatro quartos, uma sala e um banheiro. No processo de chegada a Madrid, a família da interlocutora recebeu auxílio do CEAR, que no primeiro ano pagou o aluguel do apartamento e outros custos:

Pagaban el alquiler, las facturas, la comida, todo, nos daban dinero para pagar las cosas. Creo que daban 500 euros por mes y el transporte para todos. En el segundo nos ayudó la trabajadora social. [...] Luego, acabó el primer año, nos quitaron todo. Porque mi hermano tuvo problemas, él se cayó y tuvo problemas en el corazón, tuvo que operar y todo (el que tiene discapacidad). En este momento nos querían sacar de la casa. Pero no sacaron al final. Nos han dicho "si quieres quedar en esta casa no vamos ayudar en el segundo año". Porque el correcto serían dos años. Y mi padre dijo que queríamos quedar, porque es difícil alquilar algo para mucha gente, porque somos entre 7 personas. Si tú vas alquilar una casa, te dicen "¿cuántas personas son?" Decimos 7 y dicen "no, 7 personas no, mucha gente en casa". Entonces buscar un sitio sería difícil (KHADIJA, 2022).

⁸⁷ Fonte: <https://www.interior.gob.es/opencms/es/servicios-al-ciudadano/tramites-y-gestiones/extranjeria/ciudadanos-de-la-union-europea/numero-de-Identidad-de-extranjero-nie/>

Assim, a família esperava receber auxílio da organização por dois anos após a chegada no novo país. Mesmo após o comunicado que teriam que sair do apartamento no final do primeiro ano, com o problema de saúde do irmão com deficiência, a família pôde continuar na residência e, com a orientação de uma assistente social, começaram a receber um auxílio da metade do valor do aluguel do apartamento, em torno de 350 euros. A entrevistada não quis falar muito sobre a deficiência do irmão, apenas relatou que ele é bem assistido pela saúde pública da Espanha.

Outro tipo de assistência que Khadija mencionou que a família recebeu no processo de chegada à Espanha foi no âmbito educacional. A organização CEAR se responsabilizou pela matrícula da interlocutora e dos irmãos nas escolas e, também, com aulas de espanhol para toda a família. Khadija relatou que o professor de espanhol era um homem da Palestina, que falava árabe também, facilitando a aprendizagem para eles. As aulas de espanhol foram oferecidas por CEAR durante um ano, em um local próximo à residência deles.

Khadija começou a estudar em uma escola distinta das irmãs e, no momento da entrevista, estudavam também em escolas diferentes que as primeiras. Acerca da adaptação escolar, ela desabafou: *“Yo sufrí mucho, mucho. Enseñan español, pero no ayudan, por ejemplo, con física, matemáticas, química, biología, con terminologías, con palabras que no entiendes. No nos ayudaban”*. Neste sentido, no início da estadia na Espanha, Khadija relatou que na escola apenas tinha aulas de educação física, de música e de espanhol, visto que não tinha o domínio do idioma ainda. A interlocutora confessou que demorou um pouco para ter coragem em falar espanhol:

Mi hermano aprendió primero, porque yo tenía vergüenza. Yo tuve vergüenza porque tenía miedo de hablar mal. Nos han dicho que no pasaba nada. Al comienzo, mi hermano traducía todo para mí, hasta que el dicho “basta, no voy a traducir más, ¡tú tienes que hablar!” Y por necesidad, tuve que hablar (risos) (KHADIJA, 2022).

Desse modo, percebemos o apoio entre os irmãos na adaptação ao novo idioma. Além desse apoio, foi destacado que Ana Ramírez enviou um professor particular à residência da entrevistada para que a família praticasse mais o espanhol: *“él venía todas las semanas y nos ayudaba con todo. Nos ayudó a buscar en YouTube, a buscar los sitios, todo, por internet”*. Isto é, um ano de aulas de espanhol ofertado por CEAR não se mostrou suficiente para o aprendizado do idioma e, ademais, no caso da entrevistada, as

aulas não representam o primordial no domínio do espanhol: *“y lo que más me ayudó fue relacionarme con la gente, porque cuando te relacionas con la gente, cuantas más personas conoces, mejor para hablar español”*.

Quando perguntei como a família da entrevistada conheceu Ana Ramírez, Khadija respondeu que eles tinham contato com uma família palestina (a qual conheceram por atividades realizadas com CEAR) e, assim, foram apresentados à uma organização local pequena em que Ana trabalhava. Essa organização auxiliava famílias sírias na Espanha, no entanto, no momento da entrevista, a organização não estava mais em funcionamento. De acordo com as falas da entrevistada, essa organização foi fundamental para o acolhimento da família em Madrid:

La ONG nos ayudó con el tema de ropas, de mantas, cosas escolares, por ejemplo, cuadernos, lápices, pinturas. Y nos organizó algunas salidas, salíamos a menudo, los jóvenes, por ejemplo. Hacía, actividades para niños y jóvenes, excursiones, salidas a la granja, al zoo, muchos lugares. Con Ana fue muy importante, salíamos mucho. Antes de la pandemia, tenía excursiones a otros lugares (KHADIJA, 2022).

A partir disso, vemos a importância das organizações locais na adaptação da família da entrevistada ao novo local. Na chegada, é destacado o papel de CEAR na integração com outras famílias refugiadas: *“CEAR reunía todas las familias y nos encontrábamos en un lugar, traíamos comida, juegos, hacíamos actividades en los parques. [...] Entonces fuimos a estos lugares que estaban otras familias”*. Assim, Khadija relatou que conheceram famílias de Iraque, de Romênia, em atividades com CEAR em idas ao parque Retiro, à Casa de Campo, entre outros de Madrid. No entanto, percebe-se também uma frustração que o apoio de CEAR tenha sido curto: *“Nos ayudaron un año y después tuvimos que encargarnos de todo, tuvimos que buscar la vida, tuvimos que buscar la vida”*.

Essa frustração com a falta de apoio é somada às dificuldades da independência financeira da família. De acordo com a entrevistada, o pai de Khadija ainda não conseguiu trabalho na Espanha, no entanto, no momento da entrevista, fazia quatro dias que tinha começado uma experiência (em espanhol, práticas) na construção: *“Él todavía no está trabajando, no tiene contrato. ¿Los constructores que tienen piedras blancas ahí en frente, ¿has visto? Con piedras. [...] trabaja como peón, el tritura las piedras”*. É importante salientar que, no momento da entrevista, o pai da entrevistada tinha 49 anos

e, sobretudo, pessoalmente, aparentava ser bem mais velho, portanto, o trabalho como pedreiro mostra-se pesado para a idade dele.

Uma das dificuldades que Khadija apresentou ter no âmbito da adaptação à nova sociedade foi relacionada à religião e à cultura. Ao mencionar que o irmão se adaptou de forma mais rápida porque sempre saía com os amigos, a entrevistada explicou que no caso das meninas é mais difícil:

Creo que para mí el problema es con el velo. En los centros, no se acerquen con las mujeres que llevan el velo, con las musulmanas. Desde mi punto de vista, eso es. Si le ven con el velo, dicen "uf, no me voy con ella". Hay gente que sí, hay gente que no. [...] ? Creo que es esto, las personas ven la gente con el velo y no se acerquen mucho, eso. Creo que son más racistas por así decirlo. (neste momento a mãe chama a atenção dela). Hay mucha gente que son racistas, pero hay gente que no. [...] Depende de la persona. Hay gente que son, bueno, racistas, no quieren se acercar, no sé. Y hay gente que sí. Porque hay gente buena y hay gente mala. Desde mi punto de vista, es esto. Creo que aquí no es como Alemania, Francia, en que hay mucho más racismo. España es un país laico, no es como Francia que obliga a las mujeres a quitar el velo, a las niñas a entrar en el colegio sin velo. En Madrid, en España no hay estas cosas (KHADIJA, 2022).

Em síntese, percebemos que a interlocutora, mesmo observando práticas racistas na sociedade espanhola, defendeu que, por um lado, a Espanha é um país laico, diferentemente de outros países que recebem mais pessoas refugiadas, principalmente a França. Por outro lado, Khadija destacou que o uso do véu é um obstáculo no mercado de trabalho na Espanha: *“Los trabajos exigen quitar el velo. Pero no sé, no entiendo, ¿qué les da si una mujer trabaja con el velo? Yo veo como una forma de vestir, hay gente que pone un gorro, algo así, no entiendo”*. Quando questionei se ela sabia quais trabalhos exigiam que as mulheres tirassem o véu, ela respondeu que quase todos não permitiam o uso do véu em Madrid, como bares, restaurantes, *churrerías*, “todos”, disse ela. Ainda, aproveitei para perguntar se na escola em que ela estudava aconteceu algum episódio sobre o uso do véu, e ela relatou que *“nunca me hablaron nada sobre el velo. En mi instituto hay muchas chicas de Marruecos y ellas usan el velo”*.

Sobre o uso do véu, Khadija relatou que começou a usar quando estava no quinto ano do colégio: *“Me lo puse porque sí, yo quería. Estaba yendo a la mezquita, aprendiendo El Corán y esto. Mi padre no me dejó. Pero yo dije ‘yo quiero’. Mi hermana todavía no he puesto por eso. No es obligatorio, hay gente que no lo pone”*. Desse modo, no caso da entrevistada, o uso do véu não foi algo imposto pela família, foi um desejo

dela, e até mesmo o pai dela foi contra usar o véu tão cedo. Percebe-se que a decisão do uso do véu foi feita a partir de estudos do Alcorão no país de origem.

No que se refere às práticas religiosas, Khadija mencionou que frequenta a mesquita nos sábados: *“los sábados mis hermanos tienen clase de árabe para enseñar árabe en la mezquita de M30. Ellos dan clase para los niños, para que aprenden a leer y todo. Mañana ellos tienen clase”*. Em síntese, Khadija afirmou que a religião é muito importante para a família dela: *“La religion influye en todo, en nuestras tradiciones, en nuestra comida, en todo. Yo la veo muy interesante. Hay gente que se cambia desde el cristianismo para ser musulmana”*. Também, na casa da entrevistada, eles estudam o Alcorão com frequência e falam árabe:

Sí, hablamos árabe en casa. Porque si nosotros hablamos castellano, las niñas se olvidan del árabe. Ellas hablan todo el rato español, entonces se olvidan del árabe. Por eso no hablamos en casa en español. Yo con mis padres intento hablar un poco español para que ellos aprenden el español, porque ellos no van a la escuela. Pero siempre hablamos árabe. Mi hermana está aprendiendo a leer, pero la otra le cuesta más porque es más pequeña. Yo antes daba clases de árabe, pero ahora no. Antes tenía un local del ayuntamiento, pero ahora no conozco la gente para dar clases (KHADIJA, 2022).

A partir deste trecho, a entrevistada confessou que gosta bastante da área de ensino, gosta de dar aulas: *“antes daba clase para los niños y todo, daba para un amigo de Ana también. Enseñaba árabe. Yo le enseñaba árabe. Para otra amiga de Ana también”*. Assim, a vida de Khadija gira em torno de aulas. Ao ser perguntada sobre a rotina em Madrid, ela respondeu que:

Mi rutina, bueno, me levanto a las 6h de la mañana, salgo a las 7h30 para coger el autobús, metro, y Renfe para llegar hasta Atocha. es un camino muy largo. Hoy volví pronto pero ayer llegué tarde, por la noche, porque tenía clase por la tarde. Algunos días tengo clase por la tarde. Cuando llego desde el colegio, tengo que hacer el recorrido, muchos autobuses, y todo. Es muy difícil. Y cuando llego aquí tengo que ayudar a mi madre. Si tengo trabajo, deberes, ayudo mis hermanos con el colegio y todo (KHADIJA, 2022).

Isto é, a rotina descrita por Khadija é a mais comum que qualquer menina do ensino médio ou da idade dela teria. Também, a entrevistada disse que gosta de cozinhar doces com a mãe. No entanto, observei a ausência de menção de amizades ou de interações com outras pessoas na rotina dela. Desse modo, perguntei se ela tinha amigos espanhóis ou da escola em que estudava e ela explicou que

Sí, tenía, pero este año no he salido con nadie. Bueno, los españoles no les gusta salir con chicas musulmanas, ¿sabes? Por ejemplo, ellos van a las discotecas, yo no. Ellos sí, fuman. Nosotros no podemos. Por ejemplo, ellos van a discotecas, yo no puedo ir. Ellos comen cerdos, toman cervezas, yo no puedo estar en estos sitios. Y ellos prefieren no salir conmigo, ¿sabes? [...] Yo soy la mayor de la clase. Todos tienen 15, 16 años, y yo soy la mayor. Ellos fuman y yo no. Para mí es muy raro que gente con 15,16 años fuman. Mucha gente. Y otro día, algunos chicos (que tiene la edad de mi hermano) me pidieron para comprar tabaco y yo dije "no, tú eres menor, no puedes fumar". Ellos me pidieron para comprar porque saben que soy mayor. En mi país no fumaba mucho, ni toman cerveza, todo. Aquí los jóvenes y adolescentes fuman, se drogan, de todo (KHADIJA, 2022).

Com o relato acima, observamos que o principal obstáculo para fazer amizades em Madrid para Khadija é a questão cultural, especialmente referente à diferença dos hábitos na juventude, em que a entrevistada mantém da cultura e da religião do país de origem. Quando questionei se ela tinha amigas de outros países, por exemplo, da Síria, ela contou que *“pero chicas sirias si, antes tenía amigas, ahora ellas se casaron. Ellas tienen mi edad, pero se casaron, fueron a otro país, bueno, otras amigas fueron a otra ciudad. Ahora no tengo muchas amigas”*. Perguntei também se ela tinha amigos do Marrocos, uma vez que ela tinha dito que haviam muitos marroquinos estudando no mesmo instituto que ela, mas ela respondeu que *“no. No hablamos el mismo idioma, es muy raro, no entiendo nada. Ellas hablan marroquí. Entiendo un poco”*. Em relação às amizades dos pais, Khadija contou que a mãe dela conhece bastante gente da mesquita, uma vez que os pais levam os filhos para as aulas e ficam esperando no local.

Ao observar que Khadija não possuía amizades consolidadas em Madrid, mencionei o grupo da Ana Ramírez na entrevista, e ela confirmou que foi um apoio importante para a resiliência dela e da família na Espanha. A entrevistada destacou a importância das saídas com outras famílias refugiadas para conhecer a cidade e interagir com outras pessoas. Além da interação social, Khadija desenvolveu trabalho voluntário com jovens na organização, em que ajudava a organizar passeios culturais, dar aulas de reforço e articular doações de materiais.

A interlocutora afirmou que sempre frequenta os encontros do grupo *Amigos del Arte* com a mãe e só falta quando tem aula. Ela destacou que

este proyecto es importante porque hay mucha gente, bueno, como nosotros, que tienen el tema de la ayuda del ingreso mínimo vital, para hacer la aplicación, como acceder. Porque ahora todo es online y hay gente que no sabe solicitar las cosas, pedir las citas y todo, porque todo es online. Yo sufrí mucho el año pasado, en verano, porque teníamos que hacer muchas citas, todo, porque cambiamos de NIE, entonces, tuvimos que hacer muchas citas para pedir el nuevo. [...] Porque a cada 5 años se cambia. Ya teníamos casi 6. Y, bueno, tuvimos que hacer

muchas citas. Entonces, en el verano pasado, tuve que hacer muchas citas, aprendí a coger por internet, ahora sí. [...] Nosotros nos informamos, como pedir citas, hacer los papeles. Por ejemplo, otro día tuve que ayudar a una señora, ella estaba en silla de ruedas. Si alguien necesita ayuda con los estudios, algo así. Unos ayudan los otros. Todas son migrantes y árabes en los encuentros. [...] El grupo es muy bueno. Estaba diciendo otro día, hacemos muchas salidas, nos ayudamos unas a otras. Si una mujer necesita trabajo, nos ayudamos, si necesita otra cosa, no sé, nos ayudamos siempre. Si una persona conoce un sitio que dan ayuda, por ejemplo, Nahla sabe mucho de Ingreso Mínimo Vital, como se solicita, los papeles necesarios, donde, como y cuando y ella ayuda a las mujeres. Si necesita cita, tienes que enseñarla como se pide porque ellas no pueden. Porque se pide desde las 2h de la mañana, tienes que madrugar mucho para pedir y hay gente que no lo sabe. Nos ayudamos mutuamente (KHADIJA, 2022).

Desse modo, percebe-se o grupo *Amigos del Arte* como um suporte importante para as mulheres refugiadas participantes e suas famílias no processo de integração na sociedade espanhola. De acordo com o relato de Khadija, primeiramente, ela e a família foram ajudadas com os encontros para o processo de renovação do NIE e, recentemente, ela auxiliou uma senhora que precisava de ajuda.

Além disso, a interlocutora afirmou que, sempre que pode, tenta chamar mais pessoas para os encontros do grupo, por exemplo, contou que foi parada por uma família síria na rua que pediu informações sobre matrículas em escolas. Khadija ainda destacou que muitas famílias refugiadas ainda estavam chegando na capital espanhola, portanto, muitas precisariam de suporte e, assim, ela pensa que o grupo “*ayuda en la integración porque nos relacionamos. Cuando conocí Ana, no sabía hablar castellano muy bien, me relacioné mucho con Ana y sus amigos [...] nos ayudamos mutuamente, ellos me enseñan [...] entonces esto me ayuda muchísimo para hablar*”.

Ademais, o grupo *Amigos del Arte*, sendo um grupo para mulheres, trabalha com as questões de gênero, as quais Khadija já tinha proximidade com o tema, visto que na organização anterior trabalhou como voluntária em um projeto sobre violência de gênero. Na entrevista, a interlocutora disse que um dos pontos de discussão era o “tema del velo, porque no dejaban trabajar las mujeres que tienen velo. Las mujeres tienen un tema distinto, porque los hombres sí pueden trabajar. Pero nosotras es muy raro, no sé, solo por usar el velo”. Para finalizar, ela ressaltou que o uso do véu é apenas uma forma de se vestir, como já mencionado anteriormente.

No âmbito do tema de gênero, a entrevistada analisa que o grupo *Amigos del Arte* apresenta uma boa relação entre mulheres árabes e espanholas. Khadija contou que se interessa por aprender diferentes culturas e gostou bastante de conhecer, a partir dos

encontros do grupo, o passado da cultura espanhola, que – na visão dela - tem similaridades com a cultura árabe: *“hay muchas palabras en España que proceden de árabe. Y aquí tiene mucha cultura árabe. Nosotros, por ejemplo, decimos “quien madruga Dios ayuda” esto es procedente de árabe. Hay muchas cosas, muchas costumbres”*.

Neste sentido, questionei a entrevistada se ela se sentia espanhola e ela respondeu que *“sí, creo que sí. ¿Por qué no?”*. Depois, questionei se ela pensava em como seria a vida se estivesse na Síria e ela desabafou da seguinte forma:

Sería muy distinta. Por ejemplo, antes cuando estaba en Siria, sacaba buenas notas. Aquí cuando llegué, por el idioma, por faltar muchos años sin estudio, tuve muchos problemas, no entendía nada, mates me costaba. Cuando salí tenía 9 años, dejé de estudiar unos años y no me formé bien, o sea, no tenía la base bien. Y esto influye hasta hoy, casi ya superé. Si estuviera en Siria, estaría haciendo la carrera ya. Cuando era pequeña quería ser profesora (risos). Pero después empecé a pensar "lo que pasa en Siria, está faltando muchos médicos, profesionales de salud, las personas mueren en las calles". Mi objetivo era ser médica, luego, cambié, ahora no sé, médica es muy difícil, pero un día conseguiré (KHADIJA, 2022).

Isto é, ao pensar em como seria a vida na Síria, o que vem em primeiro lugar à mente da interlocutora é a formação educacional e profissional. A educação de Khadija foi bastante afetada pelos conflitos no país de origem e pela migração forçada e, aos 20 anos, ainda sofre consequências disso, ao ainda não ter finalizado o ensino médio. Mesmo que não tenha mais interesse em voltar ao país de origem, *“a mí me encanta España, no quiero volver a Siria. Volvería si no hubiera conflicto, pero para siempre no. Volvería para vacaciones, algo así”*, o país de origem sempre é lembrado por Khadija e é sobre ele que pensa o seu futuro. Por exemplo, a escolha profissional da entrevistada se dá pelo contexto da Síria, que - segundo ela - precisa de profissionais da saúde: *“tengo un objetivo y es tener una carrera, odontología, enfermería, no sé muy bien, pero en ramo de sanidad”*. A interlocutora destacou que não tem nenhuma vontade de voltar a morar na Síria e disse que os únicos familiares que ainda estão no país de origem continuam lá porque não têm alternativas para sair de lá, se tivessem, já teriam saído há mais tempo.

Ao longo da entrevista, observamos que Khadija e a família mantêm muitos costumes e hábitos do país de origem, especialmente as práticas religiosas e culturais. Ao mesmo tempo, a entrevistada analisa características das tradições do país de origem que ela e a família não seguem e não querem seguir, por exemplo:

Mis amigas algunas de Siria están casadas. No tengo interés de casar temprano, mi interés es estudiar primero. Soy muy joven. Mi familia no deja casar niñas muy pronto como otras familias dejan niñas que son menores. De hecho, conozco mucha gente de Siria que casa sus hijas con 14 o 15 años, que son muy pequeñas, son niñas. Para mí y mi familia, no. No queremos esto. Primero, estudiar y trabajar, voy hacer esto. [...] En nuestra familia hablamos de las diferencias, pero, así... Nosotros, con mis hermanos, tenemos dos culturas. Una cuando estamos dentro de casa es nuestra cultura, cuando salimos es cultura de los españoles, por ejemplo. Mis hermanos se relacionan mucho con españoles, si están en la calle, dicen que son españoles. Pero cuando llegan en casa, empiezan a hablar árabe (risas). Mis hermanas también. Mis hermanas tienen clase, están en un instituto aquí cerca, mas son muy jóvenes (KHADIJA, 2022).

Dessa forma, na vida de Khadija se misturam os costumes e hábitos culturais do país de origem com os da Espanha e, especialmente, com os desejos e interesses que têm em Madrid. Em um novo país, bem diferente da Síria, Khadija tem na família uma forma de união e conforto, que, dentro de casa, tem uma vida com culturas e tradições específicas compartilhadas por apenas aquele núcleo, como uma forma de resiliência do processo de integração na Espanha.

Quando perguntei sobre a trajetória dela na Espanha, ela se sente orgulhosa e pensa que para o futuro, é ter um bom trabalho e *“lo principal para conseguir trabajo es tener buena basis de estudio, tener títulos. Si no tiene títulos, no puede trabajar”*. A partir disso, questionei qual a percepção que a entrevistada tem sobre a Espanha:

Las citas, los papeles no me gustan (risos). Si yo fuera la presidenta, no haría tantos papeles y citas. Hay mucha gente que le cuesta mucho. Se pasan un año con los papeles, citas, casi perdemos la ayuda de Renta mínima, todo. Muy difícil todo esto de citas, papeles. Pero los servicios son buenos, la salud. Mi tío estaba aquí en 2018 y estaba enfermo, y dijo que los médicos estaban muy buenos, mismo no hablando español. Él vive en Alemania y dijo que todos los centros son privados, tienes que pagar para que te atiendan, Aquí casi todos los medicamentos le dan gratis y te atienden en salud pública, creo que es muy bueno aquí. Los transportes también están muy buenos. La educación está bien. Quiero estudiar en universidad pública porque la privada no puedo pagar. Las públicas se pagan, pero no es mucho. Depende también de la carrera que hace (KHADIJA, 2022).

Em suma, a percepção de Khadija sobre a Espanha é positiva. Mesmo que a família tenha enfrentado e continua enfrentando adversidades como questões burocráticas de documentação, riscos econômicos e sociais como as dificuldades em pagar o aluguel, falta de trabalho dos pais e falta de autonomia financeira, Khadija vê o futuro na Espanha. A entrevistada elogia especialmente os serviços de saúde, de educação e de transporte. Pode-se entender que os estudos de Khadija com a finalidade de conseguir um bom trabalho a partir de uma formação são uma forma de resiliência na nova sociedade.

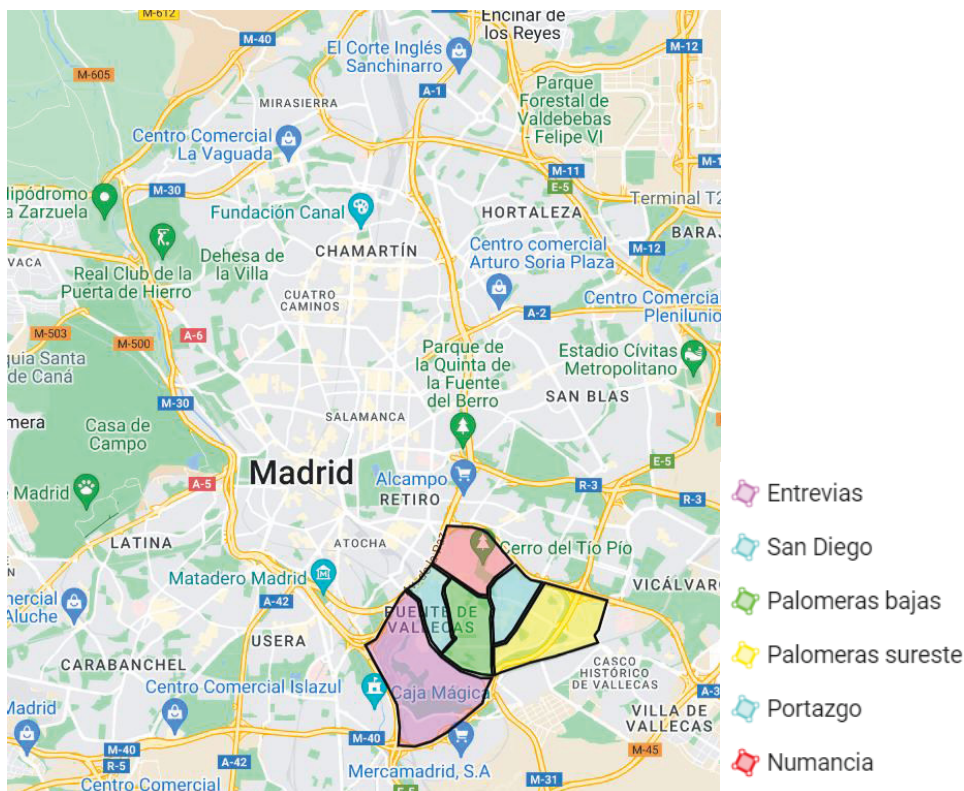
4.6 Amirah

Amirah é mais uma das mulheres que participavam do grupo *Amigos del Arte* e a conheci no dia que fui à reunião. Entrei em contato com a Amirah no dia 22 de março de 2022, por meio de mensagens via WhatsApp. Nas mensagens iniciais, reforcei que a Ana Ramirez tinha me apresentado ao grupo e perguntei quando ela estava disponível para a entrevista, visto que ela já tinha aceitado, assim como as outras participantes. Amirah não me respondeu e, portanto, decidi telefonar e ela atendeu prontamente.

Não conheci a residência de Amirah, mas ela contou que, no período da entrevista, residia na região do distrito *Puente de Vallecas*, onde nos encontramos. O distrito está localizado na região sudeste da cidade de Madrid e é um dos mais populosos da capital espanhola e, desde 1950, foi local de chegada de migrantes. De acordo com dados apresentados em matéria⁸⁸ do *El País*, no distrito há mais de 4.000 pessoas que recebem a *Renta Mínima de Inserción* (um tipo de auxílio público aos mais pobres) e o bairro *Entrevías*, inserido no distrito, é o mais pobre de Madrid. Na imagem abaixo, ilustramos a localização do distrito de Puente de Vallecas na capital espanhola e a sua divisão entre bairros, conforme as diferentes cores:

IMAGEM 23 – Localização de Puente de Vallecas em Madrid

⁸⁸ Disponível em https://elpais.com/elpais/2019/01/20/album/1548000759_091272.html#foto_gal_18.



Fonte: Google maps⁸⁹

Amirah agendou a entrevista para o dia 25 de março e enviou como local o endereço de uma *Granier* (uma rede de cafeterias bastante conhecida na Espanha), no distrito *Puente de Vallecas*. A cafeteria escolhida é próxima da estação de metrô *Puente de Vallecas*, a qual estava a apenas duas estações de distância de onde eu morava, portanto, foi bastante rápido o deslocamento para o local combinado.

No dia 25, cheguei ao local no horário agendado, às 16h. Esperei alguns minutos e Amirah chegou. Ela explicou que preferiu marcar em uma cafeteria porque na casa dela teria muito barulho dos filhos, e respondi que não tinha problema, o que fosse melhor para ela. Na *Granier*, pedi um café e uma água e perguntei se ela gostaria de mais alguma coisa, descrevi a minha pesquisa, perguntei se ela estava de acordo, ela aceitou, assinou o termo de consentimento e autorizou o uso do gravador.

A vida no país de origem

⁸⁹ Disponível em

https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1guSUjo3s9Kk9KfOuyHfbWuUyQQU&hl=en_US&ll=40.43566931119359%2C-3.662472081287491&z=12

Amirah tem 26 anos e nasceu em Aleppo, na Síria. Ela é casada e tem dois filhos, um menino de 6 anos e outro menino de 3. Amirah entende bem o espanhol e também consegue se comunicar neste idioma, no entanto, ela ainda não sabe conjugar alguns verbos. Em diversos momentos, ela utilizou um tom descontraído, fazendo brincadeiras, por exemplo, quando perguntei se ela era casada, ela respondeu dando risadas “*casada pero pensando en volver soltera*”.

Na Síria, Amirah tinha uma família grande, vivia no centro de Aleppo com a família. Antes de sair da Síria, Amirah era a única filha menina ainda na casa dos pais, os outros três irmãos que ainda moravam com a filha eram meninos. No momento da entrevista, a idade destes irmãos era de 35, 27 e 20 anos de idade.

A entrevistada estudou em uma escola até os 13 anos, e não terminou o Ensino Médio, diferente dos irmãos, que concluíram o ensino básico. Ela contou que não quis mais estudar porque queria ser cabeleireira e não tinha mais interesse em ir para a escola. Amirah fez um curso profissional de dois anos para ser cabeleireira e trabalhou durante um ano nesta área, cortando e pintando cabelos.

Ela contou que no país de origem tinha uma vida feliz e tranquila, e vivia bem dentro de uma família grande. Amirah descreveu a boa relação que tinha com os pais, que a apoiavam nas decisões e, mesmo recebendo muitas visitas de famílias que queriam casar os filhos, os pais diziam para ela apenas se casar depois dos 18 anos de idade, que antes disso seria muito cedo para ela. Dessa forma, a entrevistada quis destacar que não recebia nenhuma pressão dos pais para se casar cedo, nem para seguir determinada característica da cultura ou da religião.

A interlocutora saiu da Síria quando tinha 17 anos, em 2012. Ela e a família tiveram que sair do local de origem devido ao perigo dos conflitos. Amirah não se sentiu à vontade para detalhar sobre a saída do país e, entendendo o contexto difícil, não insistiu. Ela resumiu a saída da seguinte forma: “*cuando salí de Siria, ya había la guerra, muchas bombas y todo. Yo fui desde Aleppo hasta Libano para salir de la guerra. Yo salí de Siria cuando tenía 17 años, estaba soltera*”. A partir disso, a entrevistada mencionou que em Aleppo a situação estava bastante crítica pelo cenário de guerra e a família de Amirah estava horrorizada com as diversas bombas dentro da cidade, as quais estavam destruindo tudo.

O percurso migratório

Para sair do país de origem, a família de Amirah foi com o carro que tinha até o Líbano, para onde os pais da entrevistada tinham conhecimento que muitos sírios estavam indo. A interlocutora disse que a ida ao país vizinho foi fácil devido à praticidade porque tinham carro, mas para outras pessoas que não tinham veículo, a situação de fuga do país em guerra estava mais difícil. No Líbano, Amirah permaneceu por cinco anos, e saiu de lá para ir à Espanha por meio do programa de reassentamento do ACNUR.

Em Beirute, Amirah afirmou que morava em um apartamento de dois dormitórios com muitos familiares. Quando estava no país, ela confessou que decidiu se casar com o primo para ter uma casa só para ela:

no pensé mucho si quería casar o no, porque había mucha gente en casa en Líbano. En Líbano, mi casa había 29 personas en dos habitaciones y en un salón. Así, yo tenía siempre dolor de cabeza, pensaba siempre ‘yo quiero salir de aquí’. Ahí mi marido viene y yo ‘sí, sí’. (AMIRAH, 2022).

As 29 pessoas que a entrevistada menciona são os familiares dela. Amirah tem nove irmãos e, além deles e dos pais, estava dividindo o apartamento com os tios e alguns primos. Amirah se casou com o primo depois de dois anos que estava no Líbano, portanto, tinha 19 anos. Quando recebeu o convite de casamento do primo, ela descreveu que ficou surpresa, mas ao mesmo tempo feliz porque gostava dele e pensou que, ao se casar, teria um lar apenas para ela e para o marido. Assim, ela ressaltou que o convite de casamento, mesmo que inesperado, foi uma solução para os problemas que estava enfrentando ao dividir uma casa com mais de vinte pessoas.

A família de Amirah e do marido eram contrárias ao casamento deles. Os pais do marido queriam outra mulher para ele se casar e a mãe de Amirah não gostava do comportamento do cunhado, pai do marido da interlocutora e, assim, dizia que o filho seria igual ao pai. Também, outro fator mencionado pela entrevistada é que, ao se casar, ela não moraria mais com a mãe, e as duas era muito próximas. Com o tempo, a família passou a aceitar o casamento.

Quase ninguém da família de Amirah conseguiu trabalho no Líbano. A entrevistada relatou que trabalhava um pouco na casa em que residia. Quando perguntei se os pais dela tinham algum trabalho em Beirute, ela respondeu “*no, sólo mi hermano. Mi hermano trabajaba con, siempre me olvido la palabra. Él trabajaba en una tienda que limpia las ropas, y planchar las ropas, así*”. Dessa forma, entendemos que, sem trabalho, os familiares de Amirah tiveram que compartilhar uma casa entre muitas pessoas devido à falta de renda para pagar os custos de um aluguel entre poucas pessoas. O marido, que tem 31 anos, chegou depois dela no Líbano, e tinha uma renda de alguns trabalhos esporádicos, por exemplo: “*él trabajaba también en peluquería. Y también en una tienda de dulces, así, cocina árabe, así. Yo también cocino. Y también él trabajaba con limpieza, de todo, en Líbano*”.

Devido às dificuldades enfrentadas no país de percurso migratório, como a falta de trabalho e de perspectivas, os familiares de Amirah começaram a se interessar por migrar para a Europa, e o marido dela, também:

Mi marido tenía más ganas de salir de Líbano. Yo estaba con mi familia, con madre, con mis hermanos en Líbano, entonces, a veces yo quería, a veces no. Pero la vida en Líbano era muy difícil. Necesitaba siempre los papeles, y los papeles costaban siempre en dólares, y no trabajaba. A cada seis meses, años, 200 dólares. Muy caro. Y era difícil conseguir trabajo también, todo (AMIRAH, 2022).

Assim, podemos perceber que uma das vantagens em ficar no Líbano, para Amirah, era ficar perto dos familiares, embora eles também estavam interessados em migrar. Inicialmente, o irmão de Amirah foi para a Suécia pelo programa de reassentamento do ACNUR e a interlocutora afirmou que desejava ir com ele, no entanto, ele dizia para ela que ela tinha que se inscrever no programa com a família dela, isto é, com o marido. Amirah, então, procurou o ACNUR e se informou para ir à Suécia, entretanto, esperou meses e não conseguiu ir para o país onde estava o irmão, conseguindo apenas a Espanha como país de destino do reassentamento.

Amirah mencionou que, antes de viajarem para a Espanha, o marido lembrou que conhecia um sírio que estava no país e entrou em contato com ele por uma rede social para perguntar como estava a vida na Espanha: “*habló con él en Facebook ‘qué tal España?’ Y él dijo que bien, bien para vivir aquí y todo. Pero también dijo que tenía pocas ayudas*”. A interlocutora demonstrou que não estava muito animada em migrar para

a Espanha, contudo, foi incentivada pelo programa de reassentamento do ACNUR e pelo marido dela.

A entrevistada relatou, ainda, que nenhum dos familiares continuou no Líbano. Como já mencionado, um irmão foi para a Suécia, outro para a Turquia, e os demais para outros países. A mãe de Amirah “*volvió a Siria porque estaba sola en Libano y tiene 65 años, ella no puede trabajar, entonces volvió a Alepo*”, isto é, a mãe da entrevistada voltou ao país de origem, mesmo com a permanência dos conflitos, porque havia ficado sozinha no Líbano e preferiu o local de origem para viver.

A vida na Espanha

Antes de chegar à Espanha, a interlocutora confessou que não conhecia nada sobre o país, apenas sabia da existência do flamenco (uma das expressões mais populares da cultura espanhola). Amirah contou que o trajeto do Líbano à Espanha foi organizado pelo programa de reassentamento do ACNUR, mas perdeu o contato com a agência assim que desembarcou do avião. Em Madrid, quando chegou, foi recepcionada pela organização *Provivienda*⁹⁰. Segundo Amirah, a organização forneceu um apartamento para ela, o marido e o filho morarem na capital espanhola durante seis meses. E, após os seis meses, teriam que procurar uma moradia por conta própria. Desde então, eles residem no apartamento que alugaram após o programa de acolhida da organização *Provivienda* e, no momento da entrevista, completavam três anos de moradia no local escolhido.

Amirah demonstrou não ter tido dificuldades em relação à documentação inicial na Espanha. De acordo com a interlocutora, quando ela saiu do Líbano, tinha apenas um “*papel blanco*” e, quando chegou em Madrid, recebeu o documento de refúgio. No momento da entrevista, ela contou que tem o visto de residência de cinco anos e, em setembro de 2022, teria que solicitar outro visto de residência.

No entanto, com relação à documentação do filho mais novo, que nasceu na Espanha, a interlocutora enfrentou dificuldades na obtenção do NIE – Número de

⁹⁰ *Provivienda* é uma organização, existente desde 1989, que trabalha para atender as demandas residenciais, especialmente para pessoas em situação de maior dificuldade. Fonte: <https://www.provivienda.org/somos/>

Identificação do Estrangeiro. Cabe salientar que, ao final da entrevista, Amirah confessou que antes de saber que estava grávida do segundo filho, já sabia que enfrentaria dificuldades:

Mi marido quería sólo un hijo y ya está. Pero cuando llegué aquí, un año y tres meses, después mi marido quería otro hijo. Porque un solo es difícil, él quería otro hijo. Él decía "mi hijo será siempre sólo, no quiero esto". Fui al médico un año y él dijo "su mujer no embarazada, vuelve para tomar medicina o algo así. Cuando él quería y yo no quería, mi hijo tenía 3 años y me quedé embarazada, pensé "¿por qué? ¿por qué?" Porque sería muy difícil aquí tener otro hijo. Pero está bien, está bien (AMIRAH, 2022).

Desse modo, a segunda gravidez não foi planejada e a entrevistada demonstra que estava um pouco assustada. Amirah contou que a dificuldade em relação à documentação do filho mais novo se deu, inicialmente, em razão da pandemia da COVID-19 e, conseqüentemente, a recomendação da quarentena e, assim, a impossibilitando de sair de casa, o que ocasionou uma demora na obtenção do NIE. Posteriormente, ela enfrentou contrariedades na organização dos documentos exigidos para o NIE.

É importante ressaltar que essa demora do NIE do filho mais novo interferiu no aumento do *Ingreso Mínimo Vital*. Amirah e a família recebem o *IMV*, em que o valor do benefício era de 600 euros por mês e, com este valor, a família precisa sobreviver: “*con este dinero tenemos que pagar el alquiler, y todo, de comer, luz, internet, todo*”. A situação melhorou apenas recentemente, com a inclusão do filho menor no registro para o recebimento do auxílio e, dessa forma, tiveram um aumento de 250 euros no auxílio mensal: “*mi hijo pequeño no estaba junto en los papeles, con la demora del NIE. Ahora, en febrero, cogi todos los papeles de mi hijo pequeño y empezamos a ganar 850 euros. Ahora estos dos meses están bien. Ahora ya recibimos en febrero, en marzo, ojalá*”. A entrevistada resume o assunto com os trechos “[...] *fue muy difícil todos estos papeles*” e “[...] *tres años. Mucho tiempo, pero ahora bien*”. Isto é, a demora na inclusão do filho mais novo para o *Ingreso Mínimo Vital* demorou três anos, que é a idade dele e, sem o registro do filho mais novo, a família ganhava apenas 600 euros por mês para pagar todas as contas.

Dessa forma, podemos ver a frustração de Amirah com os três anos em que poderia ter ganho um auxílio maior para sustentar a família. E essa situação é analisada pela entrevistada da seguinte forma:

Cuando él pequeño nació, necesité de mucha ayuda porque no sabía nada, por los papeles, todo. Para el mayor todo ya estaba listo. Para el pequeño no sabía nada. En el hospital no sabía nada, fue todo muy difícil para mí. Para hablar era difícil, entender todo, la comunicación muy difícil. Ahora conozco algunos médicos árabes, pero dentista no hay. (AMIRAH, 2022).

Isto é, essa adversidade enfrentada na obtenção do NIE do filho nascido na Espanha e, conseqüentemente, na impossibilidade do recebimento de um auxílio maior do benefício foi sentida pela entrevistada pelo fato dela ser estrangeira e não entender os procedimentos necessários, sobretudo por não dominar ainda o idioma local. E essa dificuldade relatada não foi sentida anteriormente, quando teve auxílio na obtenção de outros documentos.

A partir dessa adversidade narrada, percebemos, também, a maneira como Amirah teve acesso aos serviços públicos. Para Amirah, os hospitais e demais serviços de saúde da Espanha parecem bons, mas é difícil comparar com os serviços da Síria, porque, segundo ela, lá ela não estava grávida e nem passou por um parto. Com relação aos serviços públicos do Líbano, a entrevistada mencionou que os da Espanha seriam melhores em razão de não precisar pagar por tudo, isto é, ela elogiou o sistema de saúde público e gratuito do governo espanhol.

No acesso às políticas públicas, o maior obstáculo enfrentado pela interlocutora foi a falta de domínio do idioma espanhol, em que ela ressaltou diversas vezes na entrevista como *“difícil, difícil es el idioma”*. Além do idioma, outra adversidade destacada por Amirah é a falta de uma rede de apoio na Espanha: *“también es difícil porque no tengo familia aquí, esto es lo más difícil. Pero el idioma primero”*.

Com a ausência de uma rede de apoio, Amirah já está preocupada que no ano de 2023 (um ano depois da realização da entrevista) terá que trocar o filho mais velho de escola e não sabe como proceder. Ele terá que mudar de escola visto que ele tem 6 anos de idade, e a escola atual é para alunos de até 6 anos. Quando chegaram na Espanha, o filho mais velho não foi diretamente à escola, primeiro, ele teve aula com uma assistente social. Depois, recebeu ajuda da organização para matricular em uma escola, sobretudo porque ele tinha dificuldade em se comunicar. No momento, os dois filhos têm aulas das 9h às 15h, mas frequentam escolas diferentes, em bairros distintos, um estuda em *Numancia* e o outro em *Buenos Aires*.

Como já mencionado anteriormente, Amirah e a família sobrevivem com o *Ingreso Mínimo Vital* e nem ela e nem o marido possuem outra fonte de renda. A entrevistada relatou que, desde que chegaram a Madrid, o marido dela vem procurando trabalho, no entanto, ela argumenta que ele fala muito pouco espanhol e quase não entende o que as pessoas falam. Assim como Amirah, o marido dela também trabalha como cabeleireiro e os dois atendem os amigos em casa: “*a veces los amigos necesitan cortar el pelo y ellos cortan en casa*”. Porém, infelizmente, o trabalho é realizado raramente, afirma Amirah: “*pero en dos meses hay una persona* (risos). *Pero, está bien*”. Assim, com exceção do trabalho de cabeleireiro, o marido dela não conseguiu outro trabalho, mesmo tendo capacitação em outra área: “*mi marido tiene curso de limpieza y todo, pero no hay trabajo, todo es muy difícil aquí*”, desabafa a interlocutora.

Amirah também procurou trabalho em Madrid, porém não obteve sucesso nas buscas: “*cuando busqué trabajo en la organización, sólo tenía trabajo de limpieza. Pero cuando estaba con los niños pequeños era muy difícil trabajar también, difícil. Limpieza o cuidar de los niños, así*”. Dessa forma, a entrevistada revela que não tinha condições de ter tido outra fonte de renda além do trabalho de cuidado com os filhos e com a casa. Ainda, podemos perceber o preconceito com pessoas migrantes e refugiadas quando ela menciona que só tinha oferta de emprego na área da limpeza.

No dia da entrevista e no dia do encontro do grupo *Amigos del arte*, Amirah estava usando o véu. No decorrer da narrativa, ela confirmou que é muçulmana, e em Madrid ela frequenta mesquitas algumas vezes, mas não sempre. Ainda, ela faz uma ressalva importante “[...] *En mi país, las mujeres no iban a la mezquita, sólo los hombres. Solo a veces voy, en Ramadan, así*”. A religião também é praticada pelos dois filhos, a quem Amirah ensina o Alcorão e, no momento, o filho mais novo está estudando mais.

A interlocutora contou que toda a família dela é muçulmana e a mãe dela usava burca e começou a usar apenas o véu quando era mais velha. Amirah começou a usar o véu quando tinha 16 anos de idade, e ressaltou que “*me gusta. Yo quiero usar. No es sólo un deseo de mi familia. Yo quiero usar. Mi padre dijo ‘tranquila, cuando quieres’*”. Isto é, ela deixou claro que usar o véu foi um desejo dela e não foi imposto pela família, uma vez que o pai a deixou confortável para usar quando ela queria.

Além do Alcorão, outro hábito mantido do país de origem é a língua árabe. A entrevistada relatou que ensina árabe para os filhos durante todo sábado. No entanto, os

filhos se queixam para ela, por não gostarem do idioma: *“mis hijos no quieren más hablar árabe, ellos dicen que español es más fácil. Pero el niño de mi amiga siempre habla árabe. Pero mi hijo habla ‘no me gusta árabe, no me gusta’”*. Mesmo os meninos dizendo que não gostam de árabe, Amirah mantém as aulas porque para ela é muito importante.

Em relação aos hábitos e à cultura do país de origem, quando questionada sobre o que mais ela mantém na Espanha, temos a seguinte resposta:

Muchos (hábitos). Cocinar, que es diferente de aquí. Por ejemplo, cuando tu vienes a mi casa, no usamos zapato en casa, dejamos en la puerta. Aquí todos entran con los zapatos en casa. Hay niños pequeños y todo, entonces dejamos los zapatos en la puerta, hay muchos animales en la calle, así que es. En mi casa fue un español y no sacó los zapatos. Hay muchas cosas diferentes aquí. En mi país hay mujeres que trabajan, pero poco. Las mujeres se quedan más en casa con los niños (AMIRAH, 2022).

Na fala de Amirah, vemos que o fato de não tirar os sapatos quando alguém vai visitar a casa dela não é um detalhe pequeno para ela e sim um sinal de respeito e bastante cultural do país de origem, dado à importância ao ser mencionado naquele momento. Por fim, a interlocutora introduz a questão de gênero nas diferenças culturais entre os dois países. Ao ser perguntada se ela gosta que na Espanha mais mulheres trabalhem fora de casa, ela respondeu que *“a veces sí, a veces no. Porque hay veces que hay hombre, que decir, a veces las mujeres quieren salir de casa, trabajar y los hombres no dejan. Pero hay muchas cosas distintas”*.

A partir disso, incentivei a interlocutora a se expressar mais sobre a temática de gênero e as diferenças entre o país de destino e o de origem. A entrevistada analisa uma diferenciação que acontece no processo migratório: *“el hombre aquí es diferente del hombre de los países árabes. Porque en los países árabes solo hablan los hombres, no todos, pero así. Y cuando van a España o a Suecia o a otros países, las mujeres hablan y los hombres no hablan mucho, esto es diferente”*.

Isto é, segundo Amirah, quando as mulheres árabes migram para a Espanha, elas *“tienen más fuerte que los hombres, ellas hablan más”*, ocasionando uma mudança em relação à dinâmica cultural do país de origem. Após essa análise, perguntei a ela se ela gostava dessa mudança, em que as mulheres árabes pareciam ter mais autonomia após a migração, e ela respondeu:

Claro. Yo cuando vivía con mi familia, con mi madre y con mis hermanos, no pasaba nada, las mujeres trabajaban. Pero en otras familias, no. Las chicas estaban en casa, en casa de sus maridos. Hay muchas familias así. Y yo decía "hay que salir" para las mujeres. Mi madre trabajaba en una clínica, ella era secretaria de una clínica de médicos. Pero cuando hice 45 años, ella tenía muchos hijos y quedó en casa (AMIRAH, 2022).

A partir dessa fala, entende-se que a interlocutora percebe que, na Síria, muitas mulheres não saíam de casa, nem trabalhavam fora, diferentemente do que acontecia na família dela. E, na Espanha, as mulheres se destacam, falam mais que os homens, saem de casa, entre outras coisas, e destaca que *“hay muchos hombres aquí que no consiguen se adaptar”*. Desse modo, Amirah interpreta a migração como uma forma das mulheres árabes terem mais autonomia e algo difícil para os homens, que parecem perder a posição que tinham no país de origem. No entanto, isso não é uma regra, ou seja, não acontece da mesma forma com todas, uma vez que a entrevistada menciona que *“tengo una amiga que el marido no le deja salir de casa, que sólo queda en casa, para cocinar, y le digo que ella también tiene que salir”*. Ela, então, analisa desigualdades de gênero que percebe com amigas e tenta incentivá-las a terem mais independência.

Neste sentido, ao longo da entrevista, percebe-se que Amirah desempenha um papel central na família dela em Madrid. É ela que domina mais o idioma, é ela que fica responsável pelas demandas das escolas dos filhos. Ela argumenta que o marido fala pouco espanhol *“yo hablo mejor. Porque siempre salgo, siempre escucho a la gente. Voy a la escuela y todo. Yo practico. Mi marido no. [...] Yo salgo siempre, voy a la clase, a la escuela, recoger los niños, hacer los papeles, siempre yo, yo, yo.”* e, também, que o marido sempre diz para ela *“tú hablas más español, hazlo tú, tú, tú”*.

Além disso, contou que o marido não costuma sair como ela *“[...] mi marido siempre está en casa, risas. A veces le digo ‘ ¡por favor, sale de casa un poco! ’”* risas, nem conversar muito com outras pessoas: *“ahora él tiene dos amigos de Siria, pero no hablan mucho. Él siempre está en casa, sólo en casa”*. Ademais, ela acrescenta o fato de a mãe do marido ter falecido recentemente, o que o deixou muito triste e sem vontade de sair. Ela mencionou que além do suporte emocional, a mãe do marido o ajudava muito financeiramente e, ela não estando mais presente, o afetou bastante.

Amirah soube do grupo *Amigos del Arte* por meio de outra amiga da Síria, que conheceu em outra atividade de encontro de mulheres migrantes. Quando questionada sobre o que o marido pensa na participação de Amirah no grupo *Amigos del Arte*, ela respondeu que

mi marido no piensa nada (risos). [...] no hablamos mucho sobre esto. Sí, a veces hablamos. ¿Él pregunta “por qué tú vas a este encuentro?” Yo digo “porque no hablo bien español”. El “está bien, está bien”. No me gusta quedar siempre en casa. Él no tiene interés en hablar sobre esto (AMIRAH, 2022).

Dessa forma, vemos que o marido de Amirah não se opõe à participação dela nos encontros do grupo com Amigos del Arte. Entretanto, conforme os trechos destacados acima, o marido parece não incentivar à ida da interlocutora nos encontros e parece não entender muito por que ela gosta de frequentar o grupo.

A entrevistada afirmou que gosta muito dos encontros do grupo e que participa há um tempo, desde antes da pandemia da COVID-19. Sobre o projeto, ela diz: “*me gusta mucho. Me ayudaron mucho, las personas son muy buenas. [...] Nosotros, que hablamos árabe, siempre necesitamos cosas. Hablamos, enseñamos cosas*”. Perguntei à entrevistada se era bom que no grupo participassem apenas mulheres, e ela comentou que

Sí. Mejor que sólo mujeres para hablar tranquilo, así. Pero no pasa con hombres, está bien. Ahora en mi clase hay chicos y chicas, no pasa nada. [...] A veces hay momentos que necesita sólo mujeres, sí. Ahora en el colegio de los hijos hay de todo, hay marroquíes, hay hombres que hablan mucho. Hay hombres que, mi marido no pasa nada, pero hay hombres que no hablan con mujeres, por ejemplo, los marroquíes. Los marroquíes están cerca de España y son más distintos, hablan poco con nosotras (AMIRAH, 2022).

Assim, ela entende que, em alguns momentos, é melhor que tenham apenas mulheres para conversar, contudo, ela mostra que não se importa com a presença de homens nos lugares que frequenta. Na resposta, ela ainda ressalta uma diferença que sente em relação aos homens marroquinos, que não costumam conversar com as mulheres árabes, como Amirah, mas ela não quis falar mais sobre o assunto. Aproveitei o assunto e instiguei como ela se sentia em relação às mulheres espanholas, como elas costumam agir com a presença dela. Ela respondeu que:

No sé. A veces hay personas que, yo con el pañuelo, que no dicen “¡hola!”. Hay una mujer que se llama Basma, una mujer mayor que dice que llegó aquí con el hijab muy grande y todo negro y ella decía que la gente tenía mucho miedo, en el metro salía de cerca de ella. Y ahora ella no usa más, ella usa vestimenta normal (AMIRAH, 2022).

Isto é, Amirah prontamente relatou o caso de uma conhecida árabe que deixou de usar o véu em Madrid pelo medo que as pessoas espanholas demonstravam nas ruas. A partir disso, questionei se ela também sentia esse medo das pessoas espanholas, por usar o véu, e ela contou que:

No sé. Pero a veces, sí. A veces yo quiero ir a algún lugar, pero no sé dónde, y pregunto a la gente y la gente sale, la gente dice "no". No entiendo, "¿por qué?". Pero en países árabes también hay gente así. A veces mi vecino dice "hola" aquí, otros no dicen. En todos los países hay gente mala, hay gente buena, así (AMIRAH, 2022).

Assim, a interlocutora percebe um receio de parte da sociedade local por ela vestir o véu, ou seja, por apresentar um marcador cultural distinto aos costumes locais da Espanha, característico da religião islâmica. Ela relativiza ao afirmar que esse receio ou medo existe em qualquer país, não sendo uma característica específica de Madrid ou da Espanha. No entanto, em outro momento da entrevista, ela detalhou que *“aquí hay gente que no quiere hablar con gente árabe, pero tranquilo, no pasa nada”*. Além desse último trecho em destaque, em outro momento da entrevista, Amirah deixou claro que está ciente do preconceito existente na sociedade espanhola com pessoas migrantes e árabes:

Hay una mujer de Siria que está aquí hace 14 años y me dijo que no trabaja por el pañuelo, que tiene diploma, pero no consigue trabajo. Sólo hay trabajo para limpieza. [...] Es difícil con el pañuelo. ¿Por qué no se ves mujeres con el pañuelo trabajando, por ejemplo, en el supermercado, en una tienda? No he visto. Un día yo he visto una mujer con el pañuelo en Primark, pero nunca más la vi. Sólo vi una vez. [...] es triste. Yo también quedo triste por una cosa. ¿Por qué cuando nosotros buscamos trabajo porque dicen sólo limpieza? ¿Por qué? No pasa nada, limpieza, es un trabajo. Pero ¿por qué yo, por ejemplo, cuando busco trabajo como peluquería o cocina me dicen que tiene sólo para limpieza? ¿Por qué? Hay muchas mujeres que estudiaron, que tienen diploma. Por ejemplo, todos los marroquíes trabajan con limpieza. Yo hablé con otros de Siria y también están en limpieza, ¿no hay otra cosa? [...] No he visto la gente trabajando en otra cosa (AMIRAH, 2022).

Embora homens muçulmanos também estão sujeitos à discriminação, o marcador do uso do véu é algo somente das mulheres, destacado pela entrevistada *“hay esta diferencia que los hombres no usan el pañuelo”*. Neste âmbito, a interlocutora lembra que *“cuando llegué aquí, en la calle las personas me miraban con el pañuelo y mi marido les preguntaba “¿qué está mirando? ¿qué miras?”*. Isto é, em diversas falas ao longo da entrevista, Amirah destacou que o principal marcador de discriminação, por parte da sociedade espanhola, é o uso do véu, que impacta fortemente para mulheres muçulmanas na inserção no mercado de trabalho na Espanha, nos processos de interação e socialização do dia a dia na nova sociedade.

Além do preconceito e do medo percebidos, outro fator que as pessoas espanholas ou ocidentais apresentam e são observados por Amirah é o desconhecimento sobre a Síria ou sobre países árabes, por exemplo:

A veces, hay en la calle, mujeres más mayores que, no sé qué piensan. Creo que ellas piensan de nosotras "no saben nada, no tienen casa, no tienen nada". Creo que piensan esto. ¿En Turquía hay mi hermana que le preguntan "¿tiene coche en Siria?" (risas). "¿tiene esto? ¿tiene esto?" piensan que en Siria no tiene nada, risas. [...] Año pasado yo estaba en el autobús y una mujer me preguntó "¿tiene autobús en tu país?" No, dice "no, no tiene" risas. No sé porque piensan así, piensan que no tiene tele, no tiene teléfono. Hay todo allá (AMIRAH, 2022).

Amirah destacou que essas atitudes a deixam bastante incomodada e disse que estava cansada de ouvir essas perguntas. Outra atitude que ela não gosta é quando espanhóis perguntam se ela é marroquina, uma vez que há muitas mulheres marroquinas na Espanha e a maioria delas costuma usar o véu, como ela. Sobre o uso do véu, ela também relatou que espanhóis têm certas curiosidades sobre o uso, tais como: *"hay una mujer de España que me preguntó 'tu duermes con el pañuelo?' risas. No necesito usar el pañuelo en casa, risas. Una vez una amiga me vio sin el pañuelo y me dijo '¿eres tú? ¡Qué diferencia!'"* (risas). Amirah aproveitou para explicar que apenas usa o véu na presença de homens que não são da família dela.

No âmbito de socialização e interação com pessoas de Madrid, a interlocutora mencionou que não tem amizade com pais dos colegas dos filhos, os quais encontra no colégio e *"sólo hablo 'hola, como estas?' sólo esto"*. Amirah diz que só tem amizades árabes em Madrid, tais como Zulmira e Zaya, que são sírias. Na entrevista, expliquei que encontraria Zulmira dias depois e Zaya⁹¹ não havia aceitado conceder a entrevista, porque tinha muito trabalho e pouca disponibilidade para se encontrar. Amirah relatou que Zaya não tinha tempo livre porque tem sete filhos e, naquele momento, estava procurando uma escola para um deles. Amirah reconhece que no momento tem poucas amizades porque *"no me gusta muchos amigos. Porque cuando hay muchos amigos, se termina sola. En Siria tenía muchos amigos, en Líbano también tenía muchos amigos, pero ahora no hablo más. [...] es difícil las despedidas"*.

Na entrevista, perguntei para Amirah se ela tinha conhecimento de comunidade síria em Madrid e ela mencionou que apenas sabia que tinham muitos sírios na cidade, inclusive sírios que chegaram há muitos anos e não eram refugiados como ela e, a partir

⁹¹ Nome fictício.

disso, a entrevistada detalha diferenças que percebeu entre sírios refugiados do conflito e sírios que chegaram em outras décadas:

[...] hay mucha diferencia. Hay mujeres que están hace mucho tiempo aquí. Y yo estoy hace poco tiempo. Y ellas no hablan conmigo, por ejemplo. Porque ellas están hace mucho tiempo, trabajan, están hace mucho tiempo, tienen casa buena y todo. Y yo recibo ayuda. Sí, hay mucha diferencia. Yo he visto estas mujeres. Hay mujeres que ayudan en estos lugares, que dan ropas, por ejemplo. Ahora yo hablo bien español, pero cuando llegué aquí, yo pedí ayuda para unas mujeres sirias y ellas no hablaban árabe conmigo, sólo en español y yo no entendía nada. Ellas están aquí hace mucho tiempo. En el primer día yo no sabía nada. Y ellas no hablaban conmigo (AMIRAH, 2022).

Então, a partir da fala de Amirah, vemos que a questão nacionalidade não é crucial para a criação de redes de pessoas refugiadas, que têm o status migratório e o status econômico/social como mais marcante. Neste sentido, questioneei a interlocutora se o grupo *Amigos del Arte* auxiliava na integração, e ela disse que “*estas reuniones me ayudan a encontrar amigas. Me quedo muy feliz con el encuentro, las mujeres muy felices, hablamos mucho*”. Desse modo, participação neste grupo configura-se como um processo de resiliência para a entrevista por ajudar a fazer amizades, o que é fundamental para criar uma rede de apoio.

Amirah descreveu de forma feliz as amizades com outras mulheres árabes e resumiu o que costumava fazer com elas:

Vamos al parque con los hijos. Vamos a Sol, así. Siempre con los hijos. Llevamos los niños. A veces salimos entre nosotras, también. En verano vamos a la piscina, pero solo los niños van a la piscina. Pero este año yo también quiero ir. No tenía ropa, ahora tengo ropa de baño. Pero tengo miedo si la gente vas a pensar (AMIRAH, 2022).

Assim, na maioria das vezes, a amizade de Amirah com outras mulheres é marcada também pela relação com os filhos, visto que ela destacou que, na maioria das vezes, as saídas são realizadas com as crianças. É importante salientar que no final do trecho acima, a interlocutora se preocupa com o que as pessoas iriam pensar ao vê-la com roupa de banho (com o véu), porque ela quase não vê muçulmanas nas piscinas. Desse modo, a interlocutora demonstra que tem certo medo de discriminação em aproveitar a cidade, em se integrar à sociedade local.

Em certo momento, indaguei Amirah se ela pensava como seria a vida dela se ela estivesse na Síria, e ela afirmou que não pensa muito sobre isso, mas a primeira coisa que

fala é que *“mi marido antes tenía una casa para él. Pero con las bombas, no tuve más casa en Siria”*. Em seguida, desabafa da seguinte forma:

Primero, en Siria, creo que nosotros estaríamos trabajando, yo y mi marido. Pero no sé. En Siria ahora está muy difícil vivir, muy difícil. Es difícil pensar ahora. Porque cuando salí de Siria yo era muy pequeña, tenía 17 años. Y ahora todo cambió. La cabeza cambió muchas cosas. Ahora la gente en Siria está, bueno, no quieren cambiar. Yo cambié, mi cabeza cambió mucho. Ahora cuando hablo no tengo miedo. En Siria, cuando la mujer habla, hay gente que habla muy mal para ella, ¿sabes? Antes yo decía para mi madre "quiero volver a Siria" y mi madre "no, no, tú estás muy bien en España" (AMIRAH, 2022).

Analisa-se que Amirah, ao ser indagada sobre a possibilidade de vida na Síria, pensa bastante sobre a questão do trabalho e da casa própria. Perguntei se ela teria se casado tão jovem se continuasse em Aleppo e ela afirmou que não, porque os pais também não queriam que ela se casasse tão cedo. Assim, ela pensa sobre as diferenças culturais que teria se voltasse para aquele país, especialmente em questões relacionadas à situação das mulheres no país de origem. Também, em relação ao casamento, ela ressaltou como é distinto entre a cultura árabe e a cultura ocidental:

Aquí hay amor entre un chico y una chica. En Siria las familias buscan una chica para casar. [...] Aquí, primer, amigos, después novios, después casados. En Siria cuando el chico tiene 24 o 25 años, por ejemplo, la madre sale a buscar a una chica para el hijo. Después el chico fue a casa de la chica y dice "quiero" y ya está (AMIRAH, 2022).

Questionei a interlocutora se ela prefere a cultura de casamento da Síria e ela respondeu que *“no, pero está bien. A veces no porque hay familias y chica que no quieren el chico, quieren otro*. No momento que Amirah tem dois filhos homens, perguntei se ela arranjaría casamento para eles, e ela explicou que:

No, no. Ellos que quieren. A mí me gusta, primero, la mirada, esto. Ellos van hacer lo que quieren. Cuando mi hijo joven querer una chica, con amor, y querer casar, está bien. Pero no quiero que sea novio sin casar. Con amor, está bien, pero sin casar, difícil. Puede casar con amor, pero tienes que casar. A veces hay hombres que son novios y, después, dejan las chicas, cogen otra. Pero se casan, ya está. Tienen que casar. [...] Yo pienso mucho. No pasa nada si hay amor, y quieres un año, dos años, juntos, pero no voy a dejar él ir a su casa como novio. Porque hay chicas aquí muy tristes que los chicos le dejan. ¿Por qué? Esto no es amor. Si aman, no hacen esto. Por ejemplo, aquí un hombre se queda con una chica por un año y después con otra. Esto no me gusta. [...] No me gusta. Esto no es amor. Cuando hay amor, se casa y ya está (AMIRAH, 2022).

Isto é, a entrevistada disse que não vai escolher noivas para os filhos e eles vão poder escolher com quem querem se casar, e se querem se casar por amor. Porém, ela afirmou que não vai permitir que os filhos apenas namorem, no momento que assumirem um compromisso, eles terão que se casar. Desse modo, percebemos que Amirah mistura um pouco da cultura do país de origem com a cultura do país de destino na maneira de criar os filhos.

A partir disso, ela ainda acrescenta que a mãe dela acredita que ela está melhor na Espanha. O marido da entrevistada não deseja voltar para o país de origem, contudo, Amirah afirmou que ela sim:

sí, sí. Yo, sí. Porque me gusta Siria. Ahora en Siria todo está muy difícil. Para mis hijos sería muy difícil. Aquí está mejor. Ahora mi hijo no quiere aprender árabe, imagina volver a Siria” (risas). [...] Ahora mi hijo pequeño ya habla más español. Pero si no tuviera problemas en Siria, yo vuelvo. Mi hermano en Siria trabaja. Mi madre no porque está mayor, así el ayuda mi madre. Los otros que están en otros países también ayudan. Yo quería trabajar para ayudar mi madre, pero ahora no consigo (AMIRAH, 2022).

A interlocutora mostra que ainda tem certo desejo de voltar ao país de origem, destacando que “*pero si no tuviera problemas en Siria, yo vuelvo. Está bien, pero en Alepo aún hay bombas. Entonces, las personas, todavía tienen miedo*”. Em seguida, ela lembra que os filhos não iriam querer isso e, também, que não possuem documentação síria, porque nasceram no Líbano e na Espanha, assim, ela finaliza “*yo tengo niños, no puedo volver*”. Ainda, após pensar no desejo dos filhos ao ser indagada se voltaria para o país de origem, a entrevistada destacou que “*las mujeres piensan en los hijos, los hombres no sé*”, isto é, as mulheres planejam a vida pensando no melhor para os filhos, de acordo com Amirah.

Ela relatou, também, que gostaria de trazer a mãe, que está na Síria, para a Espanha, porém, o processo é bastante difícil, uma vez que ela e o marido precisam trabalhar, ter alguma renda e organizar muitos documentos para a reunião familiar. O processo seria mais fácil se a mãe dela estivesse no Líbano. Um irmão de Amirah também vive na Síria, ele trabalha e ajuda a mãe, que também recebe auxílio de outros filhos que estão em outros países. Não poder ajudar financeiramente a mãe, que é idosa, é algo que entristece a interlocutora: “*yo quería trabajar para ayudar mi madre, pero ahora no consigo*”.

Como já mencionado anteriormente, o desejo da entrevistada, quando estava no Líbano, era ir para a Suécia com um dos irmãos, portanto, questionei se ela ainda tinha esse desejo, e ela contou que pensa que a vida no país onde o irmão está seria melhor no âmbito econômico:

Mi hermano en Suecia, él tenía mucha ayuda. Ahora él trabaja, pero antes de trabajar, él fue a la escuela y ganaba dinero. Mi prima también está en Suecia y a cada mes recoge ayuda. Ellos reciben dinero sólo por la ayuda. Por ejemplo, mi sobrino gana 600 euros solo para él. Aquí ganaba 600 euros para mí, para mis hijos, para toda mi familia. [...] También los trabajos en Suecia pagan muy bien. Para mi hermano fue más difícil porque el sólo hablaba árabe. Pero es solo hablar el idioma que consigue trabajo (AMIRAH, 2022).

Em síntese, a entrevistada lamenta que poderia ter recebido mais auxílios e benefícios como pessoa refugiada, ressaltando que, embora Suécia seja um país mais caro, a Espanha apresentou um aumento no custo de vida nos últimos anos e o valor dos benefícios iniciais não era suficiente para uma família de dois filhos. Assim, pensa que teria uma vida com menos dificuldades se tivesse ido para a Suécia, por exemplo, porque sabe dos auxílios que o irmão, que tem o mesmo status migratório, recebeu no país.

Ao longo da narrativa, a interlocutora se mostrou adaptada, de certa forma, à vida na Espanha, mas destacou que não se sente espanhola ou madrilenha: *“no me siento de aquí. Ahora vivo aquí, mis hijos viven aquí”*. Amirah afirmou que gosta muito de Madrid e da Espanha, mas algo que deixa a interlocutora muito triste e chateada é que ela ainda não tem um trabalho, isto é, a principal frustração que demonstra na entrevista. Perguntei qual emprego ela gostaria de ter em Madrid, e ela contou que *“en todo, no pasa nada. A mí me gusta mucho cocinar y también la peluquería. Pero aquí es más difícil, no sé. Es muy difícil por el pañuelo, todo”*. Mais para o final da entrevista, Amirah relatou que logo quando chegou em Madrid, ela começou a cozinhar com um chefe de cozinha árabe, porém, devido à pandemia da Covid-19, tiveram problemas e não trabalhou mais nesse lugar. O trabalho era algo muito esporádico, por exemplo, em dois meses, trabalhava um dia, em três meses, outro dia, assim.

Outra frustração descrita pela interlocutora é que não conheceu ainda as belezas da Espanha que apresentaram para ela: *“antes de venir aquí, en Líbano, había un grupo español y árabe que decían ‘miren fotos de España y todo’. Las fotos que ACNUR mostraba de España eran todos muy bonitas. España es así, es así...todo muy bonito por foto”*. Então questionei se ela não tinha achado um país bonito, e ela explicou que *“sí,*

pero necesito dinero para esto de esta foto, por ejemplo, para ir a Málaga”, risas. Assim, as expectativas que começou a ter da Espanha quando aceitou o programa de reassentamento do ACNUR ainda não foram realizadas, porque ela ainda não consegue desfrutar da vida apresentada que teria ao aceitar o reassentamento para a Espanha.

A dificuldade e a burocracia enfrentadas no acesso aos serviços públicos na sociedade de destino se mostram como mais uma frustração para Amirah: “[...] *Y antes de venir aquí, no sabía que necesitaba para hacer el papel, todo. Y cuando estaba sola, sin ayuda, no sabía nada, cuales papeles, donde ir para hacer, todo*”. Amirah apenas teve auxílio do ACNUR durante o trajeto do Líbano para Madrid e, na chegada, durante algum tempo, pela organização local. Depois que passou o período de acompanhamento de um ano pela *Proviendas*, a entrevistada não obteve mais nenhum auxílio, enfrentando obstáculos no acesso às políticas públicas e aos direitos.

Mesmo que tenha algumas frustrações com a vida na Espanha, Amirah se mostra satisfeita que a família está bem e segura:

Después de la guerra yo pienso que, si tiene otra guerra, siempre necesito quedarme fuerte siempre, estar preparada para salir, todo. Pienso así ahora. También he visto gente en la calle durante la guerra, entonces pienso que mis hijos están bien, tienen una vida buena sin guerra, sin armas (AMIRAH, 2022).

Ao vivenciar uma guerra e ter que sair de maneira forçada do lar e do país de origem, criar os filhos em um país sem conflitos é o que tranquiliza a interlocutora. Do mesmo modo, percebe-se que fugir de uma guerra foi um fator de força e de resiliência que sempre Amirah terá.

4.7 Zulmira

Zulmira foi mais uma das interlocutoras que conheci no grupo *Amigos del Arte*. No entanto, ela era uma participante nova, apenas era a primeira vez que havia ido quando fui à reunião do grupo. A entrevista com a Zulmira foi a mais difícil de todas as realizadas, visto que ela dominava muito pouco o espanhol e se emocionava bastante com as lembranças. No entanto, ela demonstrou muito interesse em participar da pesquisa, e disse que as outras mulheres do grupo a incentivaram a participar. Ela agendou a entrevista para o dia 26 de março de 2022, às 17h30 na saída do metrô *Villa de Vallecas*, ilustrada na foto abaixo:

IMAGEM 24 – Saída do metrô Villa de Vallecas



Foto: Ana Julia Guilherme

A interlocutora residia perto da estação de metrô mas não cheguei a conhecer a casa dela. Ela preferiu que fizéssemos a entrevista em outro local, e sugeri uma cafeteria que aparece ao fundo da imagem acima, com toldos claros. *Villa de Vallecas* é um dos 21 distritos de Madrid, e a região está a 9 quilômetros do centro da capital espanhola. O distrito, como outros bairros periféricos, era conhecido por mim por apresentar custos de aluguel mais baratos que os centrais, e está na parte sudeste da Comunidad Autónoma de Madrid, como mostra a imagem a seguir:

IMAGEM 25 – Localização de *Villa de Vallecas* em Madrid



Fonte: Google maps

O local combinado era de fácil acesso pois a estação de metrô pertencia à linha 1, a qual é bem conectada com outras linhas do transporte. Demorei cerca de trinta minutos para chegar ao lugar e esperei certo tempo por Zulmira. Quando ela chegou, estava acompanhada por três amigas, as quais me cumprimentaram, mas em seguida foram embora. Fomos à cafeteria e expliquei sobre a pesquisa, sobre as possibilidades de participação, sobre o termo de consentimento e ela aceitou a proposta e a gravação.

A vida no país de origem

Zulmira tem 34 anos e é natural de Aleppo (Síria). Ela é viúva e tem dois filhos, um de 12 anos e uma de 10 anos (idades referenciadas no momento da entrevista). No país de origem, Zulmira se formou em um curso de dois anos de Engenharia Florestal, que concluiu em 2005 na cidade natal. Depois disso, ela decidiu fazer uma especialização em Educação Primária, porque queria dar aulas para crianças em casa. Antes mesmo de terminar o curso de Especialização, ela começou a dar aulas de matemática, de física, de ciências naturais e de inglês para crianças. Também, ela afirmou que deu aulas de inglês durante três anos em uma escola.

Durante a entrevista, a interlocutora demonstrou que o que mais gostava de fazer era estudar e era incentivada pelos pais a terminar os estudos antes de se casar. Conforme a vida confortável e o acesso aos cursos descritos, percebemos que os pais de Zulmira tinham boas condições financeiras, uma vez que ela contou que estudava para adquirir conhecimento e não com o objetivo principal de conseguir um trabalho. Após o casamento, a interlocutora fez mais cursos de inglês (até o nível C1) e um curso de informática em *Advanced Online & Onsite Course on Data Science & Machine Learning*. A entrevistada contou que o marido trabalhava com costura e, com o trabalho dos dois, tinham uma vida muito boa, segundo ela.

Com os estudos e o casamento, a vida de Zulmira na Síria era feliz e tranquila. Porém, essa vida calma mudou completamente quando iniciaram os conflitos em Aleppo, e a interlocutora teve a vida dela transformada e impossível de continuar lá, pois “*empezó la guerra, no fue más posible trabajar ni estudiar. No funcionaba nada más, las cosas todas cerradas*”. Zulmira se casou aos 21 anos e, aos 23, saiu da Síria, junto com o marido e os dois filhos. Naquele período, a situação estava tão complicada devido à guerra, que não tinham outra alternativa a não ser saírem do país de origem caminhando até a Turquia. A entrevistada não mencionou um acontecimento determinante para a saída do país, mas relatou que o último ano na Síria foi “*muy malo, muy malo, terrible*”. Os pais de Zulmira e as duas irmãs dela continuaram na Síria (e ainda estavam até o momento da entrevista). A família do marido foi para a Turquia e, até então, estava em Istambul.

O percurso migratório

A saída da Síria foi bastante traumática para Zulmira, que, ao mencionar alguns aspectos do processo de saída, se emocionava e não queria continuar a narrativa e, claro, respeitei a comoção dela e não insisti. Além disso, lembrar e falar sobre o processo migratório compreende, também, o falecimento do marido, que ocorreu na Turquia, em 2018, por um problema no coração. Cabe salientar aqui que em vários momentos, a entrevistada afirmava que “*no recuerdo*” para muitas das perguntas, por exemplo, quando perguntei sobre o tempo do trajeto até a Turquia, ela respondeu “*no recuerdo*” e mudou de assunto.

Na Turquia, Zulmira, o marido e os filhos se estabeleceram, primeiramente, em um campo de refugiados na região de Anatólia, onde permaneceram durante sete meses. Depois desse tempo, conseguiram sair do campo de refugiados e se mudaram para Istambul. Abaixo, mostramos uma foto, tirada em 2015, de um dos campos de refugiados na região onde Zulmira permaneceu com a família:

IMAGEM 28 – Foto de um campo de refugiados na mesma região do campo onde Zulmira permaneceu com a família



Fonte: Image via Shutterstock/ Tolga Sezgin⁹²

De acordo com a imagem, observamos que Zulmira, o marido e os filhos vivenciaram momentos bastante difíceis em um campo de refugiados. Por exemplo, na foto aparecem jovens carregando baldes e bacias, provavelmente, para buscar água. Os campos de refugiados são compostos por numerosas barracas, em que as pessoas precisam conviver lado a lado com milhares de pessoas desconhecidas, enfrentando baixas ou altas temperaturas em barracas de panos e de lonas, pisando sob pedras. Além disso, as pessoas em campo de refugiados podem enfrentar escassez de alimentos, falta de saneamento básico, falta de condições mínimas para uma vida razoavelmente digna.

⁹² Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/940754/campos-de-refugiados-de-assentamentos-temporarios-a-cidades-permanentes/5ece8757b35765c6730001e3-refugee-camps-from-temporary-settlements-to-permanent-dwellings-image?ad_medium=widget&ad_name=navigation-prev

Zulmira destacou muitas vezes que “*en Turquía, yo no parada, no sentarse. Siempre estaba buscando algo para hacer*”. E, conforme a narrativa, realmente a entrevistada realizou muitas coisas em Istambul. Por exemplo, ela fez curso de turco nos níveis A1, A2, e B1 e fez um curso de pintura durante cinco meses. Ainda, a interlocutora contou que deu aulas de árabe em um curso de uma Faculdade e, ademais, trabalhou como voluntária para a *Cruz Roja* durante três meses. Além disso, ela afirmou que aprendeu a dirigir, fez o curso e foi aprovada no exame para obter a Carteira de Habilitação.

Embora tenha narrado essa lista de cursos, trabalhos e ocupações, Zulmira não fala da vida na Turquia com ânimo, e resume ela como “*a veces bien, a veces mala*”. Em Istambul, por meio do programa de reassentamento do ACNUR, surgiu a oportunidade de ir para a Espanha:

Cuando surgió la oportunidad de ir a España, pensé en los niños, en su futuro, dónde estarán dentro de unos años. España mejor. Pensé en las universidades conocidas internacionalmente. En Turquía estuvo bien, pero pensé que España sería mejor. Turquía bien, pero España muy bien (ZULMIRA, 2022).

Neste sentido, Zulmira preferiu a Europa pelos filhos. Mesmo que os filhos estivessem adaptados à Turquia, estavam estudando turco, matriculados em escola, a Espanha aparecia com um futuro melhor para as crianças. Zulmira disse que não conhecia nada da Espanha além de saber que era um país europeu e o ACNUR não explicou como estava a situação do país.

A vida na Espanha

Zulmira e os filhos chegaram à Espanha em 2019. Ela afirmou que não teve nenhuma dificuldade em relação à documentação, pois já estava com os documentos de asilo: “*ACNUR hizo todo, estos papeles aquí fueron muy fáciles, ACNUR dejó todo listo*”. No momento da entrevista, a interlocutora e as crianças já tinham o visto de residência. Zulmira relatou que o trabalho do ACNUR consistiu no programa de reassentamento, isto é, no processo de saída da Turquia e na regularização dos documentos. Enquanto refugiada, ela admitiu que não conhece os direitos das pessoas refugiadas, apenas sabe que têm direito a residir no país que defere a solicitação.

Ao chegar em Madrid, ela contou que o ACNUR fez uma reunião com mulheres refugiadas e dividiram elas em alguns apartamentos. Desse modo, no primeiro ano, Zulmira e os filhos moraram um apartamento com mulheres refugiadas da Venezuela e da Colômbia. Em 2020, ela se mudou para outro imóvel alugado para morar apenas com os filhos, onde ainda morava no momento da entrevista, perto de onde nos encontramos.

Depois da chegada, o trabalho de integração foi realizado por organizações locais. A primeira organização que Zulmira mencionou foi a Fundação CEPAIM, organização que atua na Espanha em diferentes frentes, como na fase de acolhimento e de proteção internacional. De acordo com a entrevistada, os funcionários da CEPAIM a ajudaram por meio de diferentes formas, no auxílio a documentos, a “citas”, a aulas de espanhol, entre outras coisas. Os filhos foram matriculados em uma escola, que se localiza a sete minutos caminhando da casa deles. No início, a escola deu aulas de espanhol durante cinco meses e somente depois de terem domínio do idioma local, começaram a ter aulas regulares de ensino, *“ahora están en las clases normales con los españoles. Están perfecto. Ellos hablan bien, igual tu”*.

A primeira dificuldade na Espanha que Zulmira descreveu foi o idioma, que afirma ser muito diferente do árabe e do turco, idiomas que ela já dominava. Ela destacou que aprender a se comunicar na língua do país é fundamental para que ela consiga um trabalho e outros objetivos de vida, e tem estímulo da Fundação CEPAIM: *“estoy en contacto con la Fundación, con mi trabajadora social, e ella siempre me habla ‘el idioma es importante, es la llave. Si sabes el idioma, consigues todo’”*.

Assim, ela mostra que é incentivada e encorajada pela assistente social a estudar e dominar a língua espanhola para que ela consiga trabalho e, assim, a autonomia que ela tinha na Síria. No início, Zulmira tinha aulas de espanhol durante quatro dias por semana e, no momento da entrevista, ainda estava tendo aulas, em um curso oferecido pelo *Ministerio del Empleo*. Ela conta que os filhos dizem que ela fala pouco espanhol, e que precisa praticar mais. Perguntei se eles a ensinavam em casa, mas ela respondeu que:

No. En mi casa sólo árabe. Solo hablamos árabe en mi casa. No quiero hablar español en mi casa. En Türkiye también, en casa solo hablaba árabe. En casa tiene que ser árabe. Porque es muy importante, es mi idioma. Todos aprenden español, y no recuerden árabe. Mis hijos grandes pueden traducir para árabe después, porque hablan 2 idiomas, yo pienso. Yo respecto el español, pero en mi casa es árabe. Español hablan en la escuela (ZULMIRA, 2022).

A partir disso, a interlocutora demonstra que mantém o idioma e a cultura do país de origem e incentiva os filhos a fazerem o mesmo, e argumenta que *“Siria sigue siendo mi país a pesar de que estoy en un país diferente. Mi primer país es Siria, luego Turquía y luego España. Viví mucho tiempo en Siria y mi período en Türkiye ha terminado. Ahora mi vida es para España”*. Além de árabe, Zulmira ensina o Alcorão para os filhos em casa, visto que é muçulmana. Em Madrid, ela disse que raramente frequenta a mesquita, mas faz questão de ensinar o livro sagrado do Islã para as crianças. Além das aulas em casa, os filhos frequentam uma mesquita de uma fundação pequena aos domingos, onde têm aulas de Islã. A interlocutora também mostra outro elemento da religião islâmica: o uso do véu.

Em relação às culturas de Síria e da Espanha, quando questionei Zulmira, ela fez algumas diferenciações, por exemplo:

Hay mucha diferencia. Por ejemplo, en mi país, si salgo a la calle, pasa un hombre, no dice hola, hola. No decimos hola para los hombres. Aquí sí. Pero en Siria no. Aquí sí estoy en la calle, pasa un hombre, y él me dice hola, ¡yo digo hola! qué tal? Pero en Siria no puedo decir, si dice hay problemas. Es una cultura diferente (ZULMIRA, 2022).

A partir disso, ela contou que na Turquia também havia diferenças em relação à Síria, especialmente, segundo ela, porque lá haviam mais pessoas refugiadas e, por isso, haviam diferenças no tratamento. As principais diferenças que Zulmira se refere ficam claras nos trechos abaixo da narrativa:

Aquí está mejor así. Prefiero España, el modo de vivir. [...] Prefiero aquí porque hay respecto en la calle, en la universidad, los hombres, las mujeres, curso de español, aquí es normal para todos. En Siria, en mi país, no. Hay muchos problemas entre hombres y mujeres, no es igual para todos (ZULMIRA, 2022).

Isto é, quando Zulmira foi questionada sobre as diferenças culturais, ela destacou as diferenças de gênero existentes, que, de acordo com a percepção dela, eram mais acentuadas no país de origem. E, dessa forma, ela fala que se sente melhor na Espanha porque se sente mais respeitada pelo modo de vida do país de destino. As diferenças nas relações de gênero também foram mencionadas em outra parte da entrevista, quando questionei sobre o que ela gosta de Madrid: *“lo que me gusta de Madrid que puedo salir a cualquier hora, no hay problema. En Siria, si una mujer sale a la calle, ya tiene problema, porque es mujer. Esto es diferente”*.

Ademais das relações de gênero ressaltadas na fala de Zulmira, outro marcador que aparece na narrativa, quando questionada do que gosta do país de destino, é a religião: “*me gusta España porque respectan los musulmanes. Aquí respectan todos, aquí hay mucho respeto*”. Desse modo, a entrevistada mostra uma visão positiva e sem preconceitos da nova sociedade, o que faz parecer que não sofre dificuldades por ser muçulmana. Zulmira ainda reforça a identidade da seguinte forma: “*no cambié mi cultura, no cambié mi religión. Yo respeto si tú eres cristiana, pero yo no soy, tengo mi religión*”.

No dia a dia em Madrid, Zulmira leva e busca os filhos na escola, prepara as refeições, compra alimentos, cuida da casa. Além das aulas de espanhol que faz quatro vezes por semana, ela iniciou um curso de informática recentemente. E, no momento da entrevista, ela estava buscando um curso de cozinha para fazer sobremesas e pensava em ter uma renda com isso. Apesar de estudar espanhol desde 2019, ela fala pouco e não acha suficiente o curso, afirmando que em seguida queria buscar um curso oficial de espanhol. Para praticar a língua, Zulmira disse que gosta de encontros com pessoas espanholas e estrangeiras, visto que a estimular a falar melhor. Dessa forma, ela justificou que gostou muito da proposta das reuniões com Ana Ramírez, uma vez que além de contribuir com burocracias, pratica espanhol conversando com outras pessoas.

No momento da entrevista, ela e os filhos viviam apenas com a renda do *Ingreso Mínimo Vital* (IMV), cujo valor ela não quis mencionar⁹³. A interlocutora demonstrou que está bastante focada em ter o domínio do idioma com o objetivo de conseguir um emprego:

Me gusta mucho Madrid, quiero quedarme aquí para siempre, hasta muerte. Solo necesito de un trabajo y quedarme fuerte. Necesito mucho un trabajo. [...] Tú sabes, si tiene trabajo, tiene mucho dinero, tiene para pagar el alquiler, las facturas, los estudios de los hijos. [...] Lo que no me gusta en Madrid es que necesito buscar trabajo, lo único que no me gusta es que no tengo trabajo (ZULMIRA, 2022).

São diversas as vezes que Zulmira menciona que quer um trabalho em Madrid, mas que não consegue porque ainda não sabe se comunicar bem em espanhol,

⁹³ De acordo com o artigo 10.2, o valor base do IMV é a quantia de renda garantida a uma pessoa beneficiária individual (lar unipessoal), que equivale ao valor das pensões não contributivas da Seguridade Social, determinado anualmente pela lei orçamentária do Estado. Para o exercício de 2020, tal valor é de 5.538,00 € anuais, o que equivale a 461,50 € mensais. Disponível em <https://www.lamoncloa.gob.es/consejodeministros/resumenes/Documents/2020/290520-Ingreso-minimo-vital.pdf>

demonstrando estar um pouco frustrada. Essa frustração parece aumentar por afirmar que ela é viúva, ou seja, os filhos somente dependem dela: *“quiero mucho trabajar, yo necesito porque soy sola. Sola y con los niños”*. Em sua fala, ela não adiciona nenhum outro obstáculo para a obtenção de emprego, apenas a barreira linguística.

Ela acrescentou que gostaria de trabalhar como voluntária para o ACNUR, e já havia contatado a agência para isso. De acordo com Zulmira, trabalhar como voluntária seria bom para ter uma experiência de trabalho na Espanha e, principalmente, para praticar a língua, e que ela poderia trabalhar como tradutora, uma vez que domina outros idiomas, como o árabe e o turco. Quando perguntei se ela não tinha interesse em trabalhar na área de formação, ela respondeu (de forma um pouco revoltada) que gostaria muito de trabalhar nas áreas de estudos, no entanto, não tem o idioma. Por isso, ela afirmou que queria ser tradutora, para praticar o espanhol e, depois, conseguir outro trabalho: *“estoy triste que no sé mucho español, quiero practicar para ayudar más. Hay muchas personas refugiadas. Y aprendiendo más el idioma, puedo trabajar, ayudar otras personas refugiadas”*. Neste âmbito, a entrevistada relatou que está juntando os documentos para homologar o diploma, e está recebendo auxílio da família que está na Síria e da assistente social do *Ministerio del Empleo*. A entrevistada complementa a fala elogiando os serviços públicos de Madrid, especialmente a assistente social, que a ajuda em todo o processo e chama a atenção dela *“Zulmira, el idioma, el idioma. El idioma es importante, tienes que hablar”*!

Por meio da narrativa de Zulmira, podemos ver que ela possui uma rede de apoio de amigas em Madrid. Por exemplo, ela afirmou que é muito amiga de Hazan (entrevista descrita a seguir), e conheceu ela na Fundação CEPAIM. Foi Hazan que convidou Zulmira a participar do grupo de Ana Ramírez, e a entrevistada adorou prontamente a ideia *“el grupo me pareció muy bueno, porque ayudan con los refugiados, para coger los papeles, las citas. Muchas ayudas. Porque si una necesita de ayuda, otras pueden ayudar”*. Zulmira também é amiga de Amirah, a entrevistada descrita anteriormente. As duas se conheceram no curso de espanhol e têm uma relação de apoio, por exemplo, trocam roupas e sapatos das crianças, saem juntos a parques e a outros lugares. Ela acrescenta que *“ahora por ejemplo mis hijos están con mi amiga. Nos ayudamos así. Es bueno tener amiga”*.

Outra amiga mencionada por Zulmira é também uma mulher refugiada da Síria, que conheceu na Turquia. Elas se conheceram no hotel, onde ficaram por três dias, no processo de deslocamento até a Espanha. No hotel, a interlocutora conheceu algumas famílias de refugiados e ficou bem amiga de uma delas, a qual também está morando em Madrid, porém, não moraram juntas no apartamento porque teve a acolhida por outra organização. Elas ainda mantêm o contato.

Assim, a entrevistada demonstrou que tem amigas que são a rede de apoio dela e, ainda, demonstrou que desejaria construir outras formas de sociabilidade:

Quiero mucho tener amigos españoles, participar de grupos. Yo converse con mi profesora de español para encontrarnos en un grupo, con una mujer de Gana, otra de Mali, y vamos hablar en español. Me gustan los grupos. Hay mucha gente de África, Marrocos también (ZULMIRA, 2022).

Isto é, Zulmira ressalta que está disposta a fazer amigos e a construir outras redes no país de destino. Ao mencionar que sugeriu à professora a formação de grupos de conversação, observamos que ela percebe a importância da sociabilidade no processo de integração, por praticar o idioma e por estabelecer vínculos. Essa disposição e facilidade em socializar pode ser compreendida como um fator de resiliência.

Cabe salientar aqui que, para Zulmira, ter uma rede de apoio é fundamental em outro país, talvez mais do que para outras interlocutoras, em razão de ser viúva. Em diferentes momentos, a entrevistada desabafou como é difícil não ter um companheiro na vida na Espanha:

Cuando estuve con mi esposo, era mejor. Y tenía la familia de mi esposo que me ayudaba. Mi familia también. Tenía un niño, mi madre y mi esposo ayudaron mucho para yo estudiar inglés, para yo trabajar. Mi esposo ganaba dinero con la costura, estas cosas. Tenía mucho más ayuda. Ahora sola, no puedo todo esto. [...] Ahora estudio español, cocino, comprar cosas, médicos, hay muchas cosas. Es mucho más difícil sin esposo. Muchas cosas para hacer. Es difícil ser sola con los hijos. Hace cuatro años estoy sola. Y cambiamos la cultura, el idioma, muchos cambios. Cuando hablaba turco, hablaba muy bien. Y ahí cuando viene a España, tiene que empezar desde cero (ZULMIRA, 2022).

Isto é, ser viúva e, conseqüentemente, ter o trabalho do cuidado com os filhos e com a casa, tornou uma adversidade maior para a interlocutora no processo migratório dela. Perder a rede de apoio de familiares e amigos é algo que acontece com praticamente todas as pessoas migrantes e refugiadas, no entanto, no caso de Zulmira, ela perdeu esta

rede e, também, o marido e pai dos filhos dela. A situação também se torna mais difícil devido à idade das crianças, que precisam de maior suporte.

A decisão de ir à Turquia durante os conflitos na Síria não ficou clara se foi da Zulmira ou do marido, ou dos dois. No entanto, vemos que a escolha de ir à Espanha foi pensada sobretudo para os filhos, conforme escrito anteriormente. No geral, Zulmira confessa que se planeja sempre pensando no melhor para as crianças:

Primero veo lo que les gusta a los niños y luego elijo lo que es mejor. Cuando surgió la oportunidad de ir a España, pensé en los niños, en su futuro, dónde estarán dentro de unos años. Ahora mi hijo juega al fútbol y aquí está el Real Madrid. Él está aplicando para jugar. Los colegios están muy bien. Mis hijos están muy bien. [...] Me gusta España porque a los niños les gusta España (ZULMIRA, 2022).

Na Turquia, Zulmira avalia que tinha mais auxílios e benefícios que em Madrid, por exemplo, recebia dinheiro para realizar curso de turco, para o aluguel e para demais contas. Ainda, na Turquia ela afirma que tinha mais oportunidades de se aperfeiçoar, como cursos de informática, de pintura, entre outros. Outra vantagem que a Turquia tinha era o custo de vida mais barato. Por exemplo, lá ela conseguiu estudar e tirar a Carteira de Habilitação e em Madrid ela sabe que isso é extremamente caro e não vê uma possibilidade para ela.

Mesmo a Turquia tendo as vantagens acima elencadas, Zulmira não pensa em sair da Espanha, e um dos motivos é o futuro dos filhos, como já mencionado:

No quiero, no (salir de España). Porque los niños han aprendido el idioma, están felices. Mi niño para el futuro quiere Real Madrid. Y mi niña creo que va ser mejor para ella. Mi esposo le gustaba Real Madrid desde Siria. Cuando tenía partido de Real Madrid, me mandaba para otra habitación, yo no podría hablar nada, porque iba a jugar Real Madrid. A él le gustaba mucho Real Madrid. Solo sabía esto de España, Real Madrid, Cristiano Ronaldo, Santiago Bernabéu. Imagina el sueño de mi marido tener un hijo que juega en Real Madrid. Me gustaría esto (ZULMIRA, 2022).

A partir desse relato, podemos analisar que o desejo de permanecer em Madrid, além de ser pensado conforme o futuro dos filhos, pode ser atribuído também a uma relação de afeto com o sonho do marido, que era torcedor fanático por um dos maiores times do país. Mesmo destacando as escolhas da vida em razão dos filhos, no final da entrevista Zulmira expressa alguns planos que deseja realizar sozinha: “*en dos años mis*

hijos seran grandes y puedo salir. Quiero viajar. Cuando mis hijos serán grandes, quiero esto, quiero salir, viajar. Ahora no puedo todavía”.

Em resumo, após um processo migratório forçado e, sobretudo, traumático, após a perda do marido, Zulmira tem mais aspectos bons do que ruins na cidade de Madrid. Vemos que a principal estratégia de resiliência da interlocutora é o aprendizado do idioma, tanto na Turquia quanto na Espanha, mas ela admite que “*mismo me gustando muchos idiomas, es muy difícil todo. Porque tenemos que empezar desde cero*”.

Ao ressaltar diversas vezes o desejo de ter um trabalho, perguntei à Zulmira em que ela preferia trabalhar se tivesse continuado na Síria e ela

Si yo continuase en Siria me gustaría abrir una oficina con una amiga o con mi esposo para educación primaria. Me gustaría tener este trabajo. De trabajar con educación o con el Ministerio en Siria. Yo tenía hablado con mi amiga en Siria, ella tenía dinero, e iba a pagar el alquiler para la oficina (ZULMIRA, 2022).

Isto é, Zulmira tem no imaginário ainda como seria se tivesse permanecido no país de origem. Ao mesmo tempo que as mulheres migrantes e refugiadas têm que começar desde o zero a vida na Espanha, elas precisam lidar com certa frustração em não ter mais a vida que esperavam ter no futuro no país de origem, a vida que sempre desejavam ter.

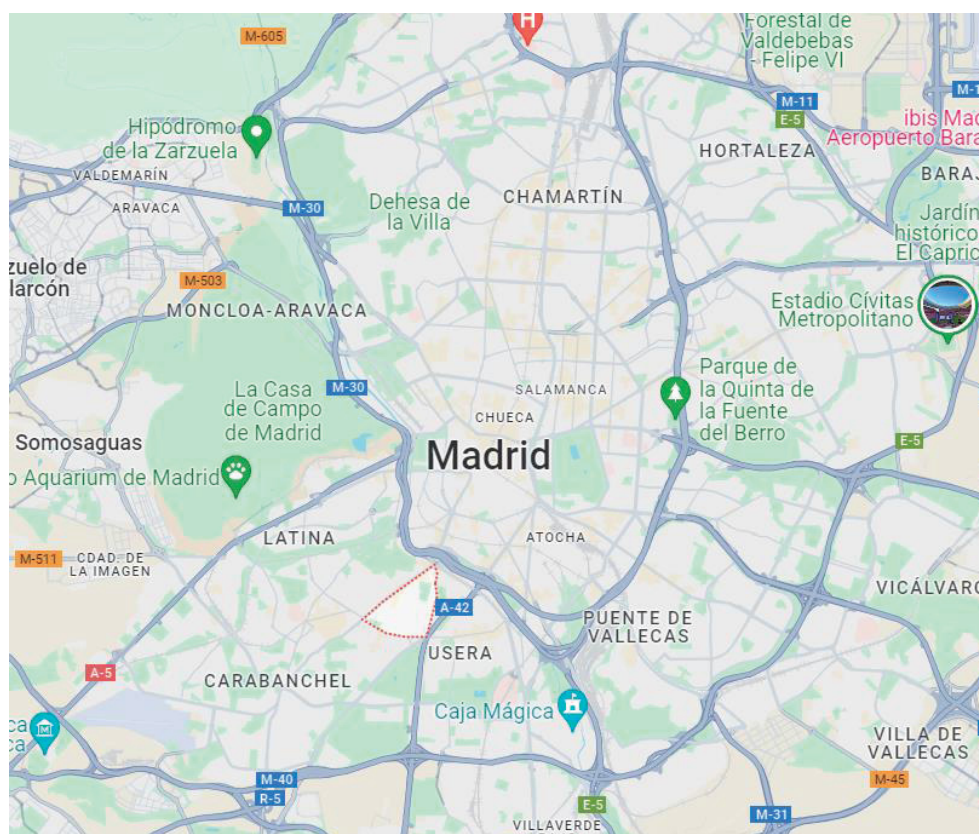
4.8 Hazan

Hazan foi mais uma das mulheres que conheci por meio do grupo de Ana Ramírez. Assim como Aisha, após o encontro da terça-feira, Hazan também foi à cafeteria para conversarmos mais. Na cafeteria, após explicar a minha pesquisa, Hazan aceitou ser entrevistada e me passou o contato para combinarmos o dia e o horário. Um dia depois do encontro, enviei uma mensagem por WhatsApp para Hazan perguntando qual dia ela teria disponibilidade e ela respondeu que só poderia no domingo, dia 3 de abril, ou seja, três dias antes do fim da minha estadia na Espanha.

Por preferência da interlocutora, o local da entrevista foi na residência de Hazan, que vive no bairro *Opañel*, que está a cerca de 45 minutos (de transporte público) da estação central de Madrid. *Opañel* é um dos sete bairros que compõem o distrito de *Carabanchel* da capital espanhola, e tem mais de 30 mil habitantes. Para chegar à

residência de Hazan, peguei duas linhas metrô e caminhei algumas quadras, em que todo o trajeto levou cerca de 40 minutos. Na ilustração abaixo, está destacado em vermelho o bairro onde mora a interlocutora:

IMAGEM 27 – Localização do bairro *Opañel* em Madrid



Fonte: <https://www.google.com/maps>

No domingo, cheguei às 12 horas (horário combinado) e Hazan me recebeu com os filhos na porta. A interlocutora mora em uma rua tranquila, em que o prédio se localiza em frente a uma praça e, talvez por ser domingo, quase não tinha nenhum movimento. O prédio da Hazan tem cor de telha (cor clássica da maioria dos prédios de Madrid) e apenas quatro andares, no entanto, pareciam ter outros blocos do mesmo condomínio. No apartamento, os filhos estavam na cozinha fritando batatas e também na sala jogando. Hazan se sentiu bastante à vontade durante a entrevista (ela apenas não quis comentar alguns tópicos, especialmente sobre familiares) e acredito que demonstrei confiança para ela, que me convidou para almoçar inclusive.

A vida no país de origem

Hazan tem 36 anos e nasceu em Bagdad, capital do Iraque. Hazan é divorciada e tem quatro filhos meninos: o maior tem 14 anos, o segundo 8, o terceiro 7 e o mais novo 5 anos. A interlocutora é formada em Engenharia Química e também trabalhava como professora de matemática. Ela resume a vida no país de origem da seguinte forma: *“yo tenía mi trabajo, yo tenía una casa muy grande de 300 metros y teníamos coches, teníamos todo ahí, una vida muy buena, muy buena, muy muy buena, porque, miras, es un país muy rico, no como otros. Pero al final no era seguro, siempre vivía con miedo”*.

Em praticamente todas as falas da entrevistada sobre a vida do país de origem, ela menciona os conflitos ou o medo dos conflitos, portanto, a vida no Iraque para Hazan é sempre marcada pela presença da guerra. Por exemplo, ao descrever que ela ingressou na universidade em 2005, ela contou que iniciou dois anos depois da guerra e, neste período, também começou uma guerra civil, sendo muito perigoso frequentar a universidade. Dessa forma, ela destacou que *“era muy difícil para mí, por eso decidí ir al sur, que en el sur era más tranquilo, ha tenido que estudiar un año allí. Luego, volví otra vez a volver para terminar mi carrera”*. Isto é, a interlocutora já era uma deslocada interna em razão da guerra, visto que os ataques estavam concentrados na capital:

Era lo más en Bagdad, había más ataques en Bagdad. Bueno, luego también, entre el 2005 hasta el 2009 había como una guerra civil. Era, era muy, muy duro. Esta época yo estudiaba en la universidad y era muy muy difícil. No podías entrar a unos barrios de, por ejemplo, sunitas y chiitas. No podía ir a otra ciudad. Es que ya controlaban el camino, muchos grupos con armas. Era muy, muy mal esta época (HAZAN, 2022).

Assim, a entrevistada passou um tempo no sul do país, onde não tinha quase conflitos. No segundo ano da universidade, Hazan se casou e teve dois filhos durante a graduação, um no meio do curso e o segundo no final da faculdade. Em razão de ter filhos, a interlocutora disse que não conseguiu trabalhar como engenheira química, porque não podia ter um trabalho tão exaustivo e teria que trabalhar muitas horas por dia, o que dificultaria o cuidado dos filhos. Desse modo, ela trabalhou como contadora em uma companhia petroleira. Ademais, Hazan destacou que *“yo no necesitaría trabajar. Yo solo*

trabajé porque yo quería trabajar, fui a trabajar. Porque el padre de mis hijos estaba trabajando, estábamos viviendo bien, no necesitábamos". Ou seja, a entrevistada deixou claro que tinha boas condições financeiras e uma vida bastante cômoda no país de origem. O pai dos filhos de Hazan trabalhava como mecânico e tinha um negócio próprio e estava muito bem financeiramente.

Na infância, a interlocutora também nunca precisou enfrentar dificuldades. O pai dela era esportista: *"Mi padre era olímpico de lucha libre, viajaba todo el mundo. Y también, aparte, él era como es pintador de coches, mis hermanos también, tenían una fábrica de pintar coches. Tenían una fábrica muy grande de pintar coches"*. A partir disso, ela ressaltou que nunca precisou de nada no país de origem, nem enfrentou dificuldades, além do contexto de guerra, em que teve que lidar com a falta de energia elétrica ademais do medo, insegurança e risco de morte.

Ao perguntar se teve alguma situação específica que a fez decidir em sair do país de origem, Hazan respondeu que:

Pues, yo para salir de Irak tenía muchos motivos. Primero, han matado mi tío, luego, mis dos cuñados. ¿Y entiendes? Es que era muy peligroso quedarse así. Hay muchos grupos que empiezan a coger los niños y piden dinero y luego no devuelven los niños y lo maten. Es que, si tú vas al colegio o tu hijo al colegio, a lo mejor, no va a volver a casa. Vas a ver uno de tus hijos o tú vas al supermercado, por ejemplo, hay bombas, no vas a volver. Es que hay muchas, muchas cosas. Al final yo decidí dejar todo y buscar una vida más tranquila para mis hijos. Es que, no sé, pero yo tenía que dejar todo, todo. He empezado a ir y buscar un lugar más seguro para nosotros (HAZAN, 2022).

Em síntese, a saída do país de origem é marcada por tristeza em perder familiares e o medo em continuar vivendo em meio à guerra. De acordo com a fala acima em destaque, observamos que Hazan pensou mais na segurança dos filhos ao sair do país de origem e demorou a tomar a decisão, uma vez que já vivenciava alguns anos o cenário de guerra no país:

Es que al principio yo no quería porque tenía mucho miedo, dejar todo e ir a un camino desconocido. No sabes dónde pasa a ir y cómo pasa a ir y, bien, es un poco difícil. Yo ha quedado mucho tiempo pensando antes de decidir eso. Pero al final, como ha vivido muchas cosas, y ha visto muchas cosas, yo he decidido que estaba dispuesta de dejar todo solo por mis hijos, porque yo no podía imaginar que iba a pasar algo a mis hijos y yo no puedo hacer nada. Por eso he decidido dejar todo e ir (HAZAN, 2022).

Portanto, a segurança dos filhos foi o principal motivo para deixar o Iraque. Neste contexto, a entrevistada acrescentou que a decisão de sair do país de origem era bastante discutida com o pai dos filhos dela, que queria sair do Iraque há mais tempo e tentava convencer Hazan a sair de Bagdad o quanto antes. O pai da entrevistada continuou no Iraque e, ele e alguns irmãos de Hazan tiveram que ficar alguns anos no sul do país devido à intensificação da guerra na capital, no entanto, há pouco tempo voltaram para Bagdad para trabalhar. A entrevistada não quis mais falar sobre outros familiares, apenas mencionou que *“todos casi han tenido que cambiar la vida. Algunos están en Kurdistán, otros en sur, todos tuvieron que cambiar, en general. Nada está bien, todo cambia, nadie está seguro, siempre hay bombas, es que hay muchos grupos con armas, nada está bien ahí todavía”*.

O percurso migratório

Hazan e a família saíram do Iraque em fevereiro de 2016 e tiveram um longo percurso até chegar na Espanha. De Bagdad, a família viajou de avião para o Curdistão, na cidade de Arbil. Desde o Curdistão, foram caminhando até a Turquia: *“andamos, subimos montañas, cruzamos ríos, todo andando, porque era ilegal. Unas veces en coches de un lugar a otro, pero la mayoría fue andando. Porque en este momento Turquía no daba visa a nadie, por eso tuvimos que ir ilegal”*. Na Turquia, a família não ficou muito tempo:

Cuando entramos a Turquía, como hemos entrado sin papel, ilegal, en la frontera hemos quedado dos semanas encerrados en una escuela antigua, quedamos ahí dos semanas y luego nos han dado un papel, a ver, nos han dicho que "tenéis un mes que dejar Turquía". Y nosotros ya fuimos a Esmirna, donde ya empezó el viaje hasta Grecia, en un barco (HAZAN, 2022).

Isto é, Hazan teve que fazer grande parte do caminho a pé, porque não tinham visto para entrar na Turquia e isso foi dificultado porque, naquele momento, tinha três filhos pequenos. Ademais, ela acrescentou que: *“yo cuando salí de mi país estaba embarazada. Ya estaba embarazada, pero no lo sabía, luego me contaron en Grecia”*. Assim, podemos imaginar o quão sofrido foi o percurso caminhando.

E o percurso não parou quando chegaram a uma ilha na Grécia, uma vez que decidiram ir para norte do país. Na Grécia, a família enfrentou mais adversidades durante o trajeto, antes de chegarem a Atenas:

Antes de Atenas fui a un campo en el norte de Grecia, era una tienda, pero yo no he quedado ahí, sólo un mes porque nosotros huimos, hacía mucho frío. Mis hijos se caían al suelo porque todo era de piedra y muchas veces tenía que llevarnos al hospital porque tenían heridas ahí, ahí pues que, ya no he podido, nos huimos, hemos quedado ahí solo un mes y fuimos luego a Atenas porque queríamos continuar el viaje, no queríamos quedarse ahí en Grecia. Y fuimos de Atenas andando también y hemos llegado hasta Macedonia. Fuimos por la noche, andamos, por la mañana teníamos que escondernos y fuimos hasta Macedonia. Pero como hemos terminado, no teníamos ni comida, ni nada de vida, nada de agua, nada, los niños estaban cansados, tenían hambre. Hemos mandado dos chicos, que estaban con nosotros, para comprar agua y comida y ahí les ha visto la policía y han traído la policía con ellos y la policía nos obligó a volver otra vez andando de Macedonia hasta Grecia. Otra vez, el mismo camino, tuvimos que volver, verdad (HAZAN, 2022).

No trecho acima, foram descritas muitas situações de sofrimento. Primeiro, a vida no campo de refugiados em que Hazan não aguentou ver os filhos passando frio e se machucando no chão, que era de pedras. Depois, é narrado o percurso a pé, em que sentiam fome e sede e, por último, o momento em que foram pegos pela polícia, a qual mandou eles voltarem caminhando pelo mesmo trajeto que tinham percorrido. Em Atenas, a família de Hazan ficou um pouco mais de um ano e meio e, quando perguntei porque decidiram ficar na capital da Grécia, ela respondeu que:

Otras personas querían continuar, porque cuando nosotros salimos, salimos en un grupo de tres o cuatro familias y yo les ha dicho que "yo no puedo más". Era muy peligroso para los niños, estábamos cansados, los niños no podían aguantar más. Además, yo estaba embarazada, me dolía mucho la espalda y todo, y he decidido quedarme en Atenas, en Grecia, esperando el programa que nos lleva a otro país. Además, han cerrado todas las fronteras, teníamos que esperar ahí, pero como nosotros hemos llegado a Grecia antes del 20 de marzo de 2016, nos han dicho para apuntar en un programa en que ellos nos llevan a otros países diferentes de Europa (HAZAN, 2022).

O programa que Hazan mencionou na fala acima é o programa de reassentamento do ACNUR, que ofereceram a eles. A entrevistada relatou que ela e o marido escolheram alguns países que falavam em inglês e o processo de espera levou alguns meses. Quando comunicaram a eles que o país de destino da família seria a Espanha, eles ficaram supresos *“no sabemos cómo nos ha salido España, pero está bien”*.

Perguntei à entrevistada se as outras famílias que estavam com eles no percurso também participaram do programa de reassentamento, mas ela afirmou que perdeu o contato depois de um tempo *“ellos continuaron otra vez, pero también no han podido continuar, han vuelto otra vez y no lo sé si han intentado más o no, no lo sé, porque ellos no vivían el mismo campo, ellos tenían que volver a otro campo”*. Neste momento, perguntei também qual era o objetivo inicial do percurso que tentaram fazer, e Hazan respondeu que *“el objetivo era llegar en otro país, no sé donde, pero algún país de Europa, o Alemania o Holanda”*.

A vida na Espanha

Hazan, o marido (naquele momento) e os quatro filhos chegaram à Espanha na metade do ano de 2017. A entrevistada contou que estava aliviada em começar a vida em outro país, visto que não era possível ter uma vida digna em um campo de refugiados. Além das dificuldades mencionadas anteriormente, ela relatou que:

En Grecia vivíamos como un año y medio en un campamento de refugiados, como si fuera viviendo en una calle. Había peleas, no era seguro tampoco, los niños todo el tiempo sin colegio, sin nada, no llegaron a estudiar. No podía trabajar, pero ¿en que trabajar? Yo trabajé un año ahí, pero como voluntaria con la Cruz Roja española. Trabajé como voluntaria, como yo hablaba el árabe e inglés, los he ayudado durante un año ahí. Pero ¿trabajar? ¿Qué vas a trabajar? Si no tienes papel, no tienes nada (HAZAN, 2022).

Isto é, para Hazan, não tinha como continuar vivendo em um campo de refugiados sem a família poder fazer o básico, como estudar e trabalhar. Portanto, a ida para a Europa foi bastante aguardada para, de fato, voltar a ter uma vida normal. E, embora não tivessem escolhido a Espanha, qualquer outro país seria melhor que permanecer em um campo de refugiados, de acordo com a interlocutora.

Quando chegaram na Espanha, o programa de reassentamento enviou a família de Hazan para Almeria, onde ficaram por cerca de 20 dias. No entanto, a interlocutora disse que não queria ficar naquela cidade e sim na capital espanhola, visto que conhecia algumas pessoas que estavam em Madrid. A solicitação de Hazan foi atendida e a família recebeu um traslado para a capital da Espanha.

Em Madrid, Hazan afirmou que solicitou *asilo*, portanto, a família não tinha a documentação pronta durante a viagem, diferente de outras famílias de refugiados. No processo de solicitar refúgio, foram descritos diversos impasses por Hazan:

Al principio, tuve muchas dificultades. Al principio, como tú no entiendes, no sabes nada del español, y también al principio nos ha traído un trabajador de Marruecos y Marruecos ellos hablan otro árabe, no hablan árabe clásico. Y nosotros cuando hablamos para solicitar el asilo, (risas) fue confuso. Para solicitar el asilo, tienes que contar tu historia y nosotros hemos contado todo. Pero luego, unos meses después, ya ha empezado a hablar un poco español, yo hablo también inglés, la abogada habla inglés, me ha leído todo lo que hemos dicho en la primera entrevista, y yo le ha dicho que nosotros no hemos dicho eso, todo era mal, todo ha traducido muy mal, porque era un marroquí. En Marruecos, es que ellos hablan como árabe dariya, no hablan árabe clásico, a veces cosas no lo entienden, ellos dicen lo que entienden. Y, después de seis meses, tuvimos que repetirlo de nuevo, por eso hemos tardado un año para considerar los papeles, otras familias en seis meses. Aunque normalmente es tarde, entre seis meses, un año, dos años, que, a nosotros por el error de la traducción, tuvimos que devolverlo otra vez. Marruecos habla un texto dialectico como se llama dariya, eso no existe en árabe (HAZAN, 2022).

Desse modo, os apuros que Hazan descreveu que passou em relação à documentação foram em decorrência do idioma. O intérprete escolhido para a entrevista era marroquino e a entrevistada explicou que marroquinos falam outro árabe, por isso, não conseguiram se entender. No momento da entrevista, a entrevistada e os filhos já tinham a autorização de residência, que demorou mais de um ano para sair, conforme relato. Neste processo, Hazan foi auxiliada também por um advogado da Fundação, ele falava em inglês apenas, mas para ela não tinha problemas, porque dominava este idioma.

No momento da entrevista, a adversidade em relação à documentação era sobre a homologação dos diplomas, de acordo com ela: *“estoy intentando homologar mis títulos, pero, la verdad es que ellos piden muchos documentos, hasta ahora creo que tengo todo listo para empezar el trámite”*. Assim, o principal obstáculo para homologar é a burocracia exigida para este processo.

Para se estabelecerem em Madrid, a família da interlocutora recebeu apoio da Fundação CEPAIM, que a acompanhou durante o período previsto pelo programa de proteção internacional, que são dois anos. Hazan e a família começaram a morar em um apartamento pago pela organização, que, segundo a entrevistada, era bastante pequeno para o casal e para os quatro filhos.

Outra forma de apoio da Fundação CEPAIM que Hazan teve foi na matrícula dos filhos na escola, mas não concordou com a escolha da organização:

Nosotros, cuando llegamos a España, CEPAIM nos han ofrecido, nos han elegido algunos colegios. Ellos querían ponerlos en una escuela bilingüe, pero yo no quería. Yo he elegido un colegio, donde tienen una clase de compensatoria. En este, por ejemplo, donde están ellos hay una clase de compensatoria, que ayudan muchos en español hasta que llegan a un nivel y pueden ir con su edad y con su clase (HAZAN, 2022).

Desse modo, a entrevistada afirmou que escolheu a escola pensando no reforço do idioma espanhol que os filhos teriam e em um maior acompanhamento. Os filhos gostaram tanto que não quiseram trocar de colégio, mesmo que tenham se mudado para um apartamento mais longe: *“ahora está muy lejos el colegio, pero ellos no quieren cambiarlo. Dicen que “sí, vamos en el metro cuatro paradas”, tenemos que andar hasta cuadro paradas y ahí andar otra vez. Pero ellos no quieren cambiarlo”*. É importante salientar que o tempo sem estudo durante o percurso migratório ainda impacta no aprendizado do filho maior, de acordo com a entrevistada: *“hasta ahora mi hijo mayor va al segundo de la ESO. Este año ha aprobado el primero de la ESO y el segundo de la ESO. Ahora ya va a empezar a estudiar el segundo de la ESO con sus compañeros. Así, este colegio le ayuda un poco a poco”*. Em suma, Hazan destacou a escolha do colégio em dar aulas de reforço até que o filho alcance o nível dos colegas do mesmo ano.

A entrevistada contou que o voo da Grécia para a Espanha, por meio do programa de reassentamento, estava lotado e todas as pessoas eram refugiadas do Iraque e da Síria. No entanto, ela relatou que a maioria das pessoas preferiu ir para outros países:

Pero todos, al llegar a España, han dejado España, fueron a otros países. Todos, menos nosotros y dos familias. Porque aquí en España es muy difícil. No es como otros países, como Alemania, Holanda, Suecia, ayudan muchos a los refugiados tranquilamente hasta que aprenden el idioma, trabajan y eso. Aquí en España no. Aquí tienen un programa durante solo dos años. En estos dos años tienes que hacer todo, pero tú vienes de un país que no hablas nada del español y tienes que hablar el español en dos años. Yo creo que es muy poco, no solo es muy poco. Ellos no te apuntan en una escuela para aprender el español, ellos te dan clases en la fundación, muy básicos. Tú tienes que luego estudiar más o apuntarse en otra escuela. Tú tienes, hay algunos que, hasta ahora, lleva mucho tiempo en España, no hablan español porque no hay clases suficiente para ellos. No les apuntan unas escuelas para aprender español de verdad, porque lo que dan en las fundaciones son muy básicos. Por eso, yo creo que dos años son muy muy pocos, yo creo que (HAZAN, 2022).

Assim, Hazan começou a analisar criticamente o acolhimento a pessoas refugiadas na Espanha, especialmente em relação ao ensino de espanhol. No início da estadia em Madrid, a entrevistada explicou que tinha aulas de espanhol da Fundação somente duas vezes por semana e o ensino era muito básico. Segundo ela, as pessoas refugiadas deveriam receber um curso intensivo, com aulas todos os dias. Em razão de achar fraco o ensino oferecido pela fundação, Hazan se matriculou na Escuela Oficial de Idiomas, da Comunidad de Madrid, onde passou a ter aulas todos os dias. Na Escuela Oficial, a entrevistada explicou que não precisava pagar nenhuma taxa porque *“yo tenía una tarjeta de familia en juez especial. Ahí me dan beca para estudiar gratis”* e conseguiu aprender, realmente o idioma do país. Ainda, ela acrescentou que:

El idioma, la base de todo, es la clave. Las organizaciones, por ejemplo, traen las familias de los campos de refugiados, tienen que invertir más en el idioma, en las clases o pueden, por ejemplo, llegar a un acuerdo con la comunidad de Madrid y, cuando llegan, directamente les ponen a todas, todas, en clases de la Escuela oficial de idiomas de Madrid. La ONG puede pagar algo o la comunidad para ayudar. Porque, mira, tú para seguir en un país, tienes que aprender el idioma de este país. Y yo creo que es muy, muy, muy importante hablar español aquí. Por eso yo digo, a lo mejor, tienen que concentrar mucho más en el idioma y en cómo enseñar a la gente el español. Todo depende del idioma (HAZAN, 2022).

Dessa forma, a entrevistada deixou claro a importância do idioma para os refugiados se integrarem ao novo país e, por isso, as organizações que trabalham no acolhimento a essas famílias deveriam se atentar mais a isso. Ao mesmo tempo que acha pouco tempo o período de dois anos de ajuda da organização, Hazan estava ciente desse tempo desde a Grécia: *“nos han dicho solo que la ayuda va a ser durante dos años, después de dos años tú tienes que buscar tu vida. Durante dos años la verdad nos ha dado todo lo que necesitamos, durante dos años. Pero después de dos años ya te dejan”*.

Após o período de dois anos, a família da entrevistada enfrentou muitas dificuldades, especialmente em relação ao aluguel do apartamento em que moravam. A família de Hazan recebia um auxílio mensal, a *Renta Mínima*, que era muito pouco para pagar os custos que tinham, conforme a fala abaixo:

La renta mínima era muy poco para pagar el alquiler, para vivir. Pero nosotros nos ha ayudado muchos amigos españoles, nos ha ayudado para pagar el alquiler durante seis meses, porque cuando salimos del programa no teníamos nada y yo no podía pagar el alquiler y no estaba trabajando, estaba sola con mis hijos. Nos ha ayudado unos amigos para pagar el alquiler y vivir con ellos. Y luego, poco a

poco, han empezado a mejorar la situación un poco más, poco a poco, yo no trabajaba, no tenía contrato, nada (HAZAN, 2022).

Em síntese, a entrevistada destacou a rede de apoio que teve em Madrid e como ela foi importante no âmbito financeiro, por exemplo, ao receber ajuda dos amigos que pagaram o aluguel por seis meses. Os amigos que Hazan mencionou eram pessoas que ela conheceu na Grécia e, por exemplo, a Maria, voluntária que ela tinha conhecido no campo de refugiados e reencontrou em Madrid. É importante salientar que Maria é bem articulada e faz muitas campanhas de doações. A rede de apoio, por meio de amigos, pode ser entendida como uma estratégia de resiliência de Hazan, uma vez que foi essencial para a família no novo país: *“lo más que nos ayudó fueron los amigos. Que bueno que tengo amigos porque hay otras personas que no conocen, no consiguen hacer y no tienen otro tipo de ayuda. Tengo suerte”*. Ademais, Hazan relatou que têm como amigos pais dos colegas dos filhos das aulas de futebol.

De maneira geral, Hazan não avaliou bem a comunicação com a Fundação CEPAIM, organização que acompanhou a família por dois anos. De acordo com a entrevistada, havia um problema de comunicação e no tratamento da organização:

Pero, mira, las ONG como no tienen experiencia para tratar los refugiados, no lo sé, pero no lo hacían todo bien, porque ellos no tenían experiencia. Muchas cosas, por ejemplo, nosotros no hemos podido hacerlo porque ellos no nos han dicho. Muchas cosas. No lo sé, yo creo que era muy difícil para nosotros, para ellos. Ellos como tienen un tiempo de dos años, tienen que hacerlo todo en dos años. Y nosotros como no podíamos conectarse con ellos por el idioma, era también para nosotros un poco difícil (HAZAN, 2022).

Isto é, a interlocutora destacou que um dos maiores percalços na solução dos problemas ou na resolução das demandas das famílias de refugiados eram baseados no tratamento da organização e na comunicação. Isso fica claro, também, na comunicação com as famílias após os dois anos do processo:

Sí, si tienes buena relación con ellos, si necesitas algo, sí te ayudan (depois dos dois anos), pero en papel y eso, solo, pero otras cosas, y económicamente no ayudan más. Pero si necesitas algo, a lo mejor sí te ayuda. Yo, por ejemplo, el año pasado tenía un error en el ingreso mínimo vital, me lo han quitado una parte, me han reducido el IMV hasta la mitad, pero por error. Y yo he puesto en contacto con el director de CEPAIM, y me ha ayudado mucho, hasta que ha podido recuperarlo de nuevo. Es que eso depende, mira, depende de si tú hablas español o no. A lo mejor, hay muchas familias, cuando ya termina el programa,

dejan de hablar con ellos, porque no saben comunicarse con ellos. Por eso ya, imagínate (HAZAN, 2022).

Em síntese, a interlocutora reconheceu que, por um lado, mesmo após ter passado os dois anos de acompanhamento, a Fundação estava à disposição para ajudá-la em algumas demandas. Por outro lado, a barreira da comunicação está sempre presente, visto que Hazan destacou que é preciso dominar o idioma para ter uma boa comunicação com a organização, o que dificilmente as pessoas refugiadas já têm em apenas dois anos, em razão de um ensino fraco do idioma oferecido pela Fundação.

Outra adversidade que Hazan teve que enfrentar no primeiro ano em Madrid e, ainda vem enfrentando, de certa forma, é o processo de divórcio do marido. De acordo com a interlocutora, o marido não conseguiu se adaptar à nova sociedade:

Antes él quería ir, decía "tenemos que ir, tenemos que salir de Irak". Pero él cuando llegó ahí en España, no quería quedarse, me dijo que "yo quiero volver a Irak". Porque ha visto que es muy difícil de vivir aquí, él tenía su puesto ahí en Irak, de su trabajo. Ahí hemos venido aquí, todo ha cambiado. Ahora estábamos viviendo, por ejemplo, en una casa de 39 metros. Y en Irak teníamos una casa, no piso, de 300 metros, ¡mira qué cambió! Él no podía aguantar, teníamos muchos problemas entre nosotros también, y hemos decidido nos separar (HAZAN, 2022).

Neste contexto, devido à separação e à não adaptação na Espanha, o pai dos filhos de Hazan decidiu ir para a Alemanha, onde permaneceu por cerca de um ano. No entanto, ele teve que voltar à Espanha porque tinha solicitado refúgio neste país e não poderia solicitar novamente em outro. Ao voltar para Madrid, ele trabalhou durante alguns meses e, novamente, voltou à Alemanha, onde ficou até 2019 e, depois, voltou para o Iraque. Há algum tempo, Hazan soube que ele tinha voltado para a Europa outra vez, mas desta vez foi para a Suécia.

Hazan demonstrou que não tem muito contato com o pai dos filhos dela e também pode-se observar que ele praticamente não contribui no cuidado com os filhos, não está presente e não colabora financeiramente. A interlocutora não quis falar mais detalhes sobre o pai dos filhos dela, apenas mencionou que “*él dice que ahora está trabajando, pero ya no lo sé*”. O divórcio e a ida do pai dos filhos de Hazan para outro país acarretou na responsabilidade total e única pelos filhos em Madrid. De acordo com a narrativa, a interlocutora e os filhos recebem o benefício do *Ingreso Mínimo Vital*, desde 2021. Em

mais de um momento, a entrevistada destacou que a *Renta Mínima*, benefício anterior, era muito pouco, bem mais baixo que o *Ingreso Mínimo Vital*.

Neste sentido, a entrevistada deixou claro o desejo de trabalhar na área em que se formou: “*me gustaría mucho trabajar en mis inversiones, para que estudié tanto?*” desabafou. Entretanto, em seguida, Hazan reconheceu as dificuldades que têm para trabalhar na Espanha:

Para mí, no tengo nadie aquí, por ejemplo, es que yo quiero trabajar y van a decirme “¿tus hijos por la mañana están en el colegio? puedes trabajar! Pero además de eso, un niño va a quedarse mal, está enfermo, te llaman del colegio o pasa algo, es que tienes siempre de... no puedes tener trabajo. Y si dices yo quiero, por ejemplo, ir a traer mi hijo, mi hijo está enfermo, tengo que quedar con él dos, tres días en casa, es muy difícil. Tus horarios también, tienes que llevarlos al colegio, recogerlos del colegio, eso todo limita el trabajo. Tú no puedes encontrar un trabajo como quieres, porque no tienes nadie aquí contigo para, por ejemplo, si tu pasas algo a tu hijo, tú estás en el trabajo, puedes llamar alguien de tu familia para que acompañe eso o traer al colegio o quedarse con él. Es que como no tenemos nadie ahí y tenemos hijos pequeños, yo creo que es muy difícil trabajar. A mí me gusta trabajar, me encanta trabajar, pero no puedo trabajar porque, por ejemplo, ahora viene semana santa y van a quedar en casa los niños porque toda la semana no tienen clase. Pero en el trabajo no puedes decirlos que “mis hijos están en casa y yo tengo que quedar con ellos en casa”. Hay también las vacaciones de navidad igual, las vacaciones del colegio en el verano. Es que son muchas, muchas las dificultades que no podemos encontrar trabajo. Es que es muy difícil encontrar trabajo que quieras con los horarios lo que quieres, no solo eso, a lo mejor, tú puedes trabajar de 10 a 2 pero si un día no puedes porque un niño está mal u otro día no puedes porque pasa algo en el colegio. Es muy, muy complicado (HAZAN, 2022).

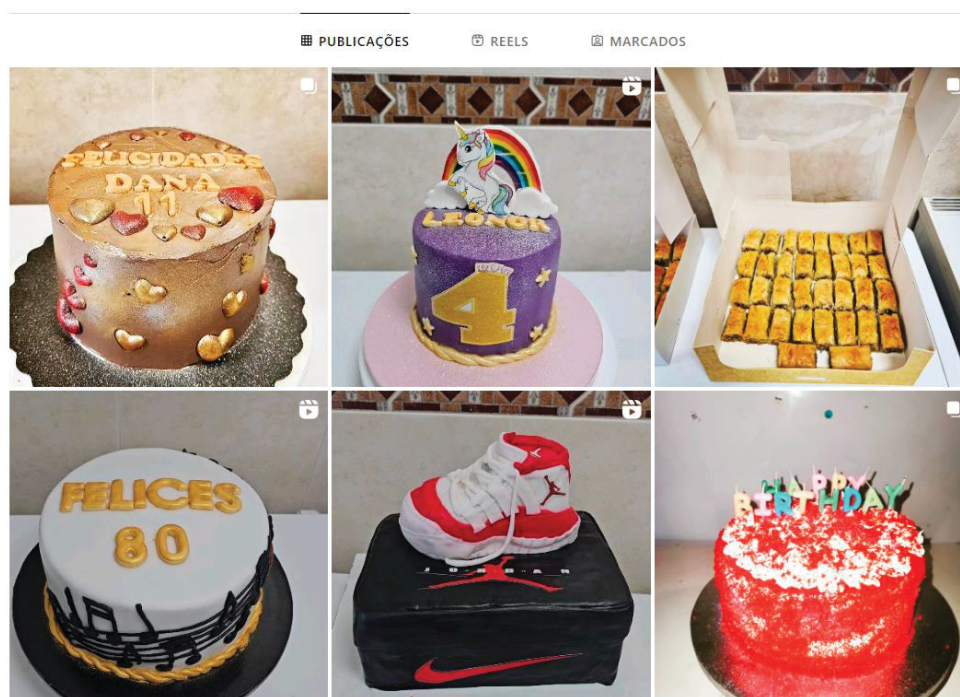
Em síntese, para a entrevistada, a maior adversidade em ter um emprego é conseguir conciliar com o trabalho de cuidado dos filhos. Mesmo que os filhos frequentem a escola, há horários e dias que eles precisam de atenção e, por ela ser sozinha, somente ela pode realizar esta função. E isso seria muito diferente se ela tivesse continuado no país de origem: “*en mi país sería diferente, porque tendría mis amigos, mis hermanos, mis vecinos, llevamos muy bien todos. Es que Iraq tenía alternativas, pero aquí nada*”. Ou seja, é uma adversidade que muitas mulheres migrantes e refugiadas enfrentam na sociedade de acolhida, porque mesmo que tenham amigos “*cada uno tiene su familia, cada uno tiene la misma dificultad, es que tienes que hacer todo tú con tus hijos, es un poco difícil*”.

Não ter um contrato de trabalho formal prejudica Hazan e a família em outros aspectos além da segurança financeira, trazendo assim, mais percalços. Por exemplo, a

entrevistada contou que teria interesse em mudar para um apartamento maior e mais perto do colégio dos filhos, mas destacou que os alugueis são muito caros e, também, que “*no podemos alquilar. Es muy dificil alquilar pisos sin papeles de trabajo, no puedes. Yo quiero cambiar, por ejemplo, este piso, pero he intentado mucho, pero no pueden. Porque no se alquila piso para alguien sin trabajo. Es muy, muy dificil*”.

Além do *Ingreso Mínimo Vital*, para ter outra fonte de renda, Hazan cozinha doces e tortas para vender, o que Maria e Aisha já haviam me contado, elogiando o talento de Hazan. Para divulgar o trabalho e impulsionar as vendas, a entrevistada mostrou que tem uma página no Instagram, chamada *las tartas de Hazan*⁹⁴, as quais podemos ver algumas ilustrações abaixo:

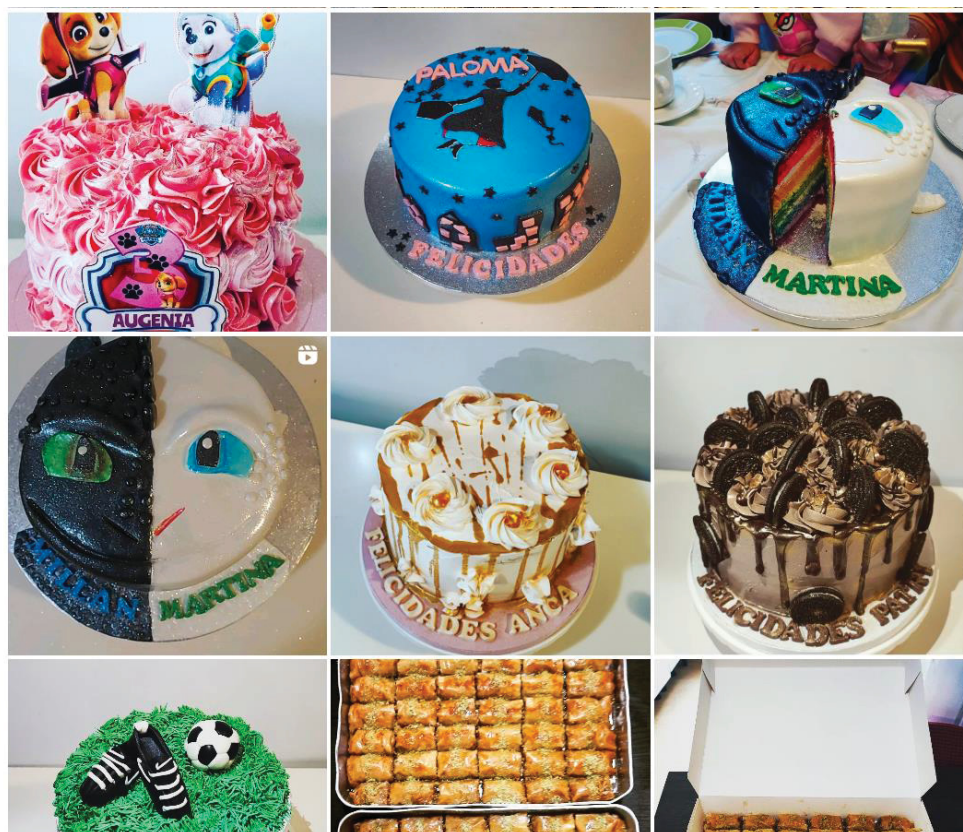
IMAGEM 28 – Fotos de tortas feitas por Hazan e publicadas no perfil do Instagram dela



Fonte: reproduzido de Instagram

⁹⁴ A página original é com o nome verdadeiro.

IMAGEM 29 – Fotos de tortas feitas por Hazan e publicadas no perfil do Instagram dela



Fonte: reproduzido de Instagram

Assim, a interlocutora relatou que sabe e gosta de fazer tortas para aniversários, especialmente de crianças, com desenhos em diferentes modelos. Além de ser um trabalho prazeroso, ela consegue uma renda extra, sendo assim, uma estratégia de resiliência frente às dificuldades financeiras. Entretanto, para fazer as tortas acima, ela afirmou que precisa de muito tempo para se dedicar, por isso, não consegue fazer tantas como gostaria. O dia a dia de Hazan é marcado por *“llevar los niños, siempre con ellos. No tengo tiempo para hacer más cosas”*, de acordo com o relato.

Neste contexto, Hazan também explicou que o cuidado dos filhos a impede de frequentar a mesquita: *“no voy a mezquita, porque no tengo tiempo. Estoy todo el tiempo con los niños y eso, entonces practicamos aquí en casa. Enseño el Corán, especialmente para el mayor”*. Assim, como é muçulmana, a interlocutora manteve algumas práticas religiosas do país de origem, como o aprendizado e o ensino do Alcorão para os filhos.

Além da religião, a entrevistada demonstrou o desejo de manter, também, o idioma árabe dentro de casa:

Hablamos árabe en casa, aunque ellos (os filhos) me responden en español (risos). Pero digo que hablen conmigo en árabe. Porque quiero que hablen en árabe. Mi hijo mayor ahora tiene clases de árabe dos días de la semana, ahora el mayor sabe leer, escribir. El otro está aprendiendo y los pequeños todavía no les ha apuntado porque son pequeños, pero yo hablo árabe con ellos en casa, porque tienen que practicar aquí porque en la escuela es todo de España (HAZAN, 2022).

No âmbito do lazer e da cultura, a interlocutora afirmou que não consegue manter costumes do país de origem. Por exemplo, quando assiste televisão, algum programa, tudo é da Espanha, porque *“mis hijos no quieren cosas árabes, porque ellos no saben árabe bien, así miramos todo de España, lo ponen en Español”*. Neste sentido, ao ser questionada se ela já se sente madrileña ou se algum dia vai se sentir, ela responde que não sabe, apenas tem certeza que os filhos já se sentem espanhóis, porque *“mis hijos salieron muy pequeños, solo el mayor se acuerda más. Pero el menor cuando llegó a España tenía seis meses, imagínate. Él otro tenía como un año y pico, un año, dos, tres meses. Es que eran muy, muy pequeños”*.

Ao ressaltar em diversos momentos que a rotina é basicamente cuidar dos filhos, perguntei se Hazan tinha tempo para sair com os amigos, e ela respondeu que *“es difícil, estoy intentando, pero muy pocas veces, porque no puedo dejar los niños, son muy pequeños, por eso pocas veces”*. Neste sentido, a entrevistada lembrou que trabalha, também, como voluntária na organização de Maria:

Yo trabajo con María como voluntaria hace poco tiempo, es un proyecto de ayudar las familias o las mujeres cuando terminan el tiempo de la ONG, cuando termina el programa. Nosotros les ayudamos para enseñarles cómo pueden, por ejemplo, hacer los papeles, pedir ayudas, encontrar trabajo o hacer lo que ellos necesitan. Porque como nosotros nos hemos pasado en el mismo camino, tenemos un poco de experiencia para saber lo que tienen que hacer ellos, porque después de dos años, van a quedar solos. Nadie les va a ayudar para hacer todo eso. La mayoría de ellos no hablan español. Va a ser para ellos un poco difícil. Por eso nosotros tenemos este proyecto para ayudarlos. Pues me gusta ayudar lo que aprendí yo, porque yo he pasado un tiempo muy difícil y puedo sentir lo que van a pasar mucha gente. Porque yo también, después de dos años, yo me quedé sola. No sabía qué iba hacer, si no fuera la ayuda de mis amigos y el apoyo y todo eso, no sé qué iba hacer. Pues me gusta también ayudarlos a ver qué pueden hacer, qué tienen que hacer. No lo sé, yo sentí bien para ayudarles y eso. Me gusta hacer eso (HAZAN, 2022).

Isto é, o trabalho voluntário na organização de Maria é para auxiliar famílias refugiadas que não têm mais o acompanhamento da organização depois dos dois anos de apoio em diversas demandas. Na fala acima, a interlocutora destacou que gosta de realizar este trabalho porque pode ensinar o que ela precisou aprender na prática, afinal, enfrentou as mesmas adversidades que estas famílias enfrentam agora. Neste sentido, ela afirmou que também se interessou pelo propósito do grupo de Ana, visto que iniciativas como estas:

Ayudan en la integración, pues no lo sé, a lo mejor ayuda con el intercambio, hablar más, comunicar más con familias de España, por ejemplo, es que por eso creo que yo le veo que es muy poco que hablan con otras familias de otra cultura. [...] Yo creo que es muy importante hacer como intercambio, un encuentro, por ejemplo, una vez al mes, cada dos, tres meses, un encuentro entre familias de árabes con familias, por ejemplo, de España, para hacer intercambios, hablarnos, comunicarnos. Creo que eso es importante (HAZAN, 2022).

Assim, além de ressaltar a contribuição para a integração de famílias de refugiados, estes trabalhos voluntários e os encontros do grupo de Ana podem ser entendidos como uma estratégia de resiliência para Hazan, o que também pode ser analisado nas falas abaixo:

Es bueno solo con mujeres pues podemos hablar de muchas cosas, podemos aprender cosas, también contarles cosas que les viene bien. Es que nosotros también, las mujeres, necesitamos un espacio para nosotras. Es que no todo el tiempo trabajando con los niños o en casa, yo creo que es muy importante tener un encuentro para nosotras [...] yo siento bien, yo tengo muchas amigas españolas y llevo muy bien con ellos, todas, y todos también. En estos encuentros, todos respetan mi religión, mi cultura y todo eso. Con mis amigos, no pasa nada, pero en la calle lo he pasado dos veces. Una vez en mi camino, cuando estaba yendo al fútbol de mi hijo, nos paró una mujer en la calle, ha empezado a gritar, a insultar, ha intentado quitarme el pañuelo, me ha dicho "¡vete a tu país! qué estás haciendo aquí?" Muchas cosas. Y yo estaba con los niños, fue muy duro. Fue una señora mala, creo que estaba mala de cabeza (HAZAN, 2022).

Em suma, o trabalho voluntário e o encontro com outras mulheres refugiadas e também espanholas se mostram lugares seguros e confortáveis para a interlocutora. Ao mencionar que sofreu preconceito e xenofobia na rua, ela destacou que isso não acontece nesses espaços, pelo contrário, as pessoas respeitam a religião e a cultura dela.

Durante a entrevista, Hazan afirmou que há outros países da Europa que melhor acolhem as pessoas refugiadas, tanto que não havia escolhido a Espanha ao se inscrever

no programa de reassentamento. Ao ser questionada se pensou em migrar para outro país, ela respondeu que:

No, voy a quedarme aquí. Estoy cansada de cambiar países. Quiero estabilidad, quiero quedarme tranquila con mis hijos, no cada vez otro país, otro idioma. Empezamos de nuevo, otra vez, ¿hasta cuándo? Yo he vivido eso del principio, "no salir de España y voy a afrontar todo. Afronté todo y empezamos de cero". Lo estamos haciendo ahora. Fuimos a Turquía, luego a Grecia, quedamos como un poco menos de dos años en Grecia y llegamos a España, y hasta cuándo mis hijos... hasta ahora mi hijo mayor tiene dificultades porque ha dejado dos años de estudiar en Grecia, le cuesta mucho ahora porque él no estudió en aquellos años, y si vamos a otro país tiene que aprender otra vez, ¿y qué? No puedo hacer esto con ellos. Voy a quedarme aquí hasta que... sí, quiero volver a mi país, pero no ahora porque ahora muy difícil, no está bien para volver a mi país. En verdad, ahora es imposible volver a Iraq. [...] En todos los países si empiezas desde cero, es difícil, tienes que hacerlo todo de nuevo. Yo sabía que sería difícil en España, vas a ir a cualquier país, vas a empezar de cero, hasta los niños tienen que aprender el idioma, tienen que salir del colegio, ir a otro. Todo desde cero. Ellos no hablaban nada, nosotros tampoco. Eso lo sabía que íbamos a pasar, pero teníamos que intentarlo (HAZAN, 2022).

Em suma, Hazan não cogitou e não pensa em migrar para outro país em razão de estar cansa de mudar, sobretudo, porque não quer mais começar do zero, sobretudo para não gerar ainda mais apuros e obstáculos para os filhos. Ao acrescentar que *“todo es muy difícil. No hablas el idioma, no trabajas, no tienes familia aquí a tu lado, aunque tiene amigos. Estoy sola con mis hijos, tengo que hacer todo. Es más difícil. No lo sé, pero yo hasta ahora lo veo que son difíciles todos los momentos”*, ela destacou que as dificuldades permanecem no novo país, a pesar de estar há mais de quatro anos na Espanha, a vida para Hazan e os filhos ainda é difícil.

Também, no trecho acima, a interlocutora mencionou que é impossível voltar para o país de origem e, neste âmbito, ela reforçou que:

Sería mejor, para mí mucho mejor que aquí, mi país es un país muy bonito, además es un país de los países ricos y ahora tiene mucho valor y toda la guerra por el petróleo. Y toda la guerra es por el petróleo que tenemos y por interés. Pero es que tenemos que elegir o vivir ahí con miedo o vivir en un lugar seguro, tranquilamente, con los niños, aunque no hay todo. (HAZAN, 2022).

A partir disso, a interlocutora afirmou que, sobre o futuro, espera *“nada más de mejorar mi vida, que mis hijos estén bien y nada más”*, além de sonhar que os filhos joguem profissionalmente no Real Madrid. Em meio a tantos riscos enfrentados no país de acolhida após um percurso migratório sofrido, e a tanta coisa para conquistar ainda na

Espanha, a entrevistada sublinhou que ela e os filhos “*podemos conseguir todo poco a poco, podemos aprender, trabajar, conseguirlo todo de nuevo. Pero si no vives tranquilamente, ¿cómo vas a vivir? Con miedo, con miedo*”, uma vez que estão seguros em um país sem conflitos.

CAPÍTULO 5 – OS RISCOS E OS FATORES DE RESILIÊNCIA IDENTIFICADOS NAS ENTREVISTAS

A partir da descrição das entrevistas narrativas realizadas e dos principais relatos das interlocutoras relacionados à problemática desta tese, neste capítulo, faremos uma análise específica referente aos riscos enfrentados pelas migrantes e refugiadas e os fatores de resiliência que elas demonstraram ter na Espanha. Embora sejam de países de origem distintos, de contextos, de cultura e educação diversos, as mulheres entrevistadas compartilham vivências análogas em meio aos riscos e estratégias de resiliências similares. Ao final do capítulo, sintetizamos os riscos e os fatores de resiliência em uma tabela, para melhor visualizarmos as categorias trazidas neste texto.

Mesmo não sendo o foco do trabalho os âmbitos do país de origem e do percurso migratório, compreendemos que as pessoas migrantes e refugiadas, embora a maioria das entrevistadas destacam que no país de destino “*empezan desde cero*”, trazem uma “estrutura complexa: uma larga historicidade ali comprimida, mas que se abre ao presente da ação; e uma geografia registrada em seus passos compactada no agente migrante” (MARCHIORO, 2021). Por isso, trazemos os riscos nos contextos do país de origem e do percurso migratório em que as migrantes e refugiadas estavam inseridas e como tudo isso também influencia a vida na Espanha. Também, entendemos a saída do país de origem, de um cenário de guerra, a migração e a busca por um lugar seguro e digno para viver com a família como práticas de resiliência, que conduzem as estratégias no país de destino.

Os primeiros riscos identificados na narrativa das mulheres migrantes e refugiadas que elas enfrentam são aqueles do país de origem, obviamente, em razão do contexto de conflitos e, assim, a migração forçada. Primeiramente, foi observado o risco de morte nos países em guerra, com a presença de grupos armados, tiros, bombas, explosões. Por exemplo, o apartamento onde Fatima estava com a família teve disparos de metralhadora. A família de Jamille vivia ao lado do aeroporto militar e presenciavam diariamente ataques com bombas. A casa do marido de Amirah foi destruída por bombas. Familiares de Hazan foram mortos.

Neste contexto, também foi identificado: o medo de perder familiares e filhos (em meio à guerra e a suas circunstâncias como assassinatos, ida ao exército); a

impossibilidade de sair de casa (caminhos bloqueados, vias perigosas, risco de ser morta, prédios destruídos); falta de itens básicos de sobrevivência (falta de alimentos, de água, de energia elétrica, de outros bens de consumo); e a falta de direito a uma vida digna (impossibilidade de trabalhar, de ter renda, de estudar, de ter liberdade, de ter oportunidades).

No percurso migratório das entrevistadas, também foi verificado que o risco de morte continuou na vida delas, especialmente devido à periculosidade do contexto. Nos países em guerra, foi relatado que os aeroportos fecharam e, assim, restaram poucas alternativas de saída via terrestre. E, quando as fronteiras também estavam fechadas, as entradas em países foram de maneira irregular que não garantiam direitos às mulheres migrantes e refugiadas ou optavam por países que não exigiam visto. Também, como visto nas entrevistas relatadas, o percurso migratório, às vezes, teve que ser feito a pé (como nos casos de Khadija, de Zulmira e de Hazan) e, ainda, tiveram trajetos feitos em barcos, aumentando a vulnerabilidade e os riscos para toda a família.

A partir disso, consideramos, neste trabalho, que a saída do país de origem e a migração são práticas de resiliência destas mulheres. Isto é, mesmo sabendo de todos os riscos que teriam que enfrentar no percurso migratório, as migrantes e refugiadas entenderam a migração como única alternativa de vida digna e segura, sendo uma resposta adaptativa aos riscos da guerra no país de origem. E as práticas de resiliência utilizadas para migrar podem ser diversas, por exemplo, caminhar até a Turquia, aceitar um casamento arranjado, acompanhar o trabalho do marido na Espanha, solicitar carta convite de familiares, se inscrever no programa de reassentamento de proteção internacional. Assim, as mulheres entrevistadas utilizaram os meios que tinham acesso entre as condições no contexto da vida delas.

Antes de chegar à Europa, cabe salientar que, de acordo com as entrevistadas, por meio do programa de reassentamento de proteção internacional, não houve poder de escolha do país, sendo a Espanha uma escolha do programa e não das interlocutoras. Desse modo, além de sair de maneira forçada do país de origem, não houve um conhecimento prévio acerca do país de destino. Ademais, nos casos em que as mulheres não migraram por meio do programa de reassentamento, também foi observado que a Espanha não foi uma decisão planejada, seja pela forma, por exemplo, por casamento arranjado, seja pelas circunstâncias de saída rápida do local de conflitos, ocasionando uma circunstância de risco.

Em suma, ressaltamos que a situação de refúgio ou de migração forçada se refere à vivência de situações de sofrimento passado que impulsionam o processo de deslocamento forçado por agências externas. Desse modo, o processo migratório já estaria atravessado por experiências de sofrimento passado e, portanto, o acolhimento das refugiadas e migrantes forçadas também estaria condicionado a um sofrimento (PEREIRA, 2018). Esse processo pode ser chamado por “traumatização da experiência” ou por “conceitualização do evento passado como uma cicatriz dolorosa (FASSIN E RECHTMAN, 2009).

As entrevistadas não demonstraram um sofrimento no ponto de vista de saúde e doença em termos médicos, mas foi observado um sofrimento com enfoque social do processo migratório, especialmente em razão das perdas que afirmaram ter tido (OLIVEIRA, 2022). De acordo com Fassin e Rechtmann (2009), migrar de forma forçada é um fenômeno regulado pela perda de amigos, de familiares, de laços sociais, do lugar de origem e da identidade anterior, que pode impactar de acordo com os fatores culturais e individuais de cada pessoa.

Além disso, neste contexto de saída do país de origem e processo migratório para outro país, Martínez, Kumbrian e Ramírez (2024) destacam que

De acuerdo con Weill (1995) el desarraigo que se produce por el proceso migratorio conlleva traumas importantes en la persona. Ciertamente, abandonar la sociedad de origen, la separación de las familias, el desarraigo, el aislamiento social, la precaria situación legal que soportan y las expectativas truncadas son factores muy importantes que influyen en su proceso de integración y participación social (MARTÍNEZ, KUMBRIAN, RAMÍREZ, 2024, p. 356).

Isto é, o processo de perdas e o desenraizamento que ocorrem devido ao deslocamento forçado podem levar à solidão e ao isolamento social. Em suma, esses fatores se configuram em riscos para as mulheres migrantes e refugiadas, que interferem no processo de integração e de adaptação na sociedade de destino.

Sobre os riscos enfrentados por migrantes e refugiados na Espanha, Brey (2022) destaca como as redes de apoio auxiliam na integração dessa população à sociedade espanhola e como são importantes ao desempenharem um tipo de proteção social, especialmente no âmbito do mercado de trabalho e nas dificuldades econômicas:

La profesionalización de los migrantes se ve garantizada cuando las redes permiten la transmisión de «saberes migratorios», relativos a los procesos de

regularización, pero también relativos a otros aspectos de sus carreras migratorias, especialmente en época de crisis económica. Son factores claves la densidad de las redes y la adecuación de los recursos proporcionados (BREY, 2022).

Desse modo, as redes de apoio são fundamentais quando a proteção social institucional se mostra falha em seus objetivos, como observado no processo de chegada das entrevistadas ou como afirmou Ana Ramírez, percebemos “*errores de los programas de acogida de las instituciones*” como riscos para as mulheres migrantes e refugiadas. Em conformidade com os relatos, o processo de acompanhamento das organizações de dois anos do processo de proteção internacional do programa de reassentamento se mostrou insuficiente em algum âmbito para o acolhimento das mulheres e das famílias refugiadas. Com a experiência de trabalho e de muita proximidade com as mulheres oriundas de deslocamento forçado, Ana Ramírez fez o seguinte apontamento:

Todos los desplazados, y a mí me parece importante hablar de todos los desplazados no solo refugiados, todas las personas que se desplazan, se desplazan porque vienen de una situación dramática, sea económica, sea ideológica, sea por la vulnerabilidad. Cuando alguien sale de su lugar, sale porque está en una vulnerabilidad. Con toda la formación que tenemos, no me parece para nada adecuado que no piensan en la vulnerabilidad, que solo piensan en ayudas y comida, como si fuera un perrito. Porque esto solo no basta, estas personas tienen otras necesidades, el acogimiento, la palabra como caricias, el acercamiento, el afecto, el intentar acompañar su dolor, su sufrimiento, su malestar, su rabia, porque vienen con muchos problemas. Ellas no vienen solo con problemas económicos, vienen con una situación de estrés, y esto, para mí, es lo peor. Y las instituciones, cuando vienen estas personas, tienen que ofrecer la lengua, todas las informaciones no solo para las ayudas, pero para todo el sistema. Por ejemplo, en este sistema tiene derecho a la sanidad, tienes derecho a la educación, a los servicios sociales, porque pagan los impuestos, para darle todos estos servicios. Entonces, hay todo un sistema de acogimiento. Pero este sistema no es democrático, es caritativo, que no cuida de la dignidad de las personas, porque no se pone en el lugar de la otra persona (RAMÍREZ, 2022).

Isto é, na entrevista, Ramirez evidenciou a falta de um preparo das organizações em trabalhar diversas questões no acolhimento das mulheres migrantes e refugiadas e, assim, na integração à nova sociedade. Na visão da entrevistada, o processo de acolhimento precisa se basear não só em caridade ou assistencialismo momentâneo, é preciso um sistema que aborde questões sociais, emocionais e que garanta o acesso a políticas educacionais, de saúde, entre outras políticas sociais.

Também, o programa de proteção da Espanha se mostra falho quando as entrevistadas afirmaram se sentir frustradas com a falta de apoio das organizações em relação às expectativas criadas no processo migratório. Por exemplo, isso se evidencia quando Khadija desabafou “*decían que tendríamos una vida buena. Pero lo que pasa que no nos ayudaron mucho*”. Também, as narrativas indicam que as falhas do sistema de proteção da Espanha não acontecem em outros países, e as pessoas migrantes e refugiadas têm ciência que em outros lugares há políticas e programas de proteção mais adequados e suficientes, como a fala de Hazan: “*pero todos, al llegar a España, han dejado España, fueron a otros países. Todos, menos nosotros y dos familias. Porque aquí en España es muy difícil*”. Desse modo, os objetivos da Cruz Roja e do CAR em relação ao processo de proteção, descritos no capítulo 3, não se sustentam com os relatos das entrevistadas.

Neste âmbito, outra falha do processo de proteção verificado é o ensino do idioma oferecido pelas organizações locais, que se mostrou insuficiente pelas migrantes e refugiadas retratadas nesta tese, por ser muito básico, por ser em poucas horas e aulas semanais, e por não ser suficiente para ter domínio em dois anos. Na entrevista com Ramírez, a interlocutora reforçou as críticas às organizações espanholas que trabalham no acolhimento a pessoas migrantes e refugiadas, em razão de não possuírem um planejamento adequado de ensino linguístico:

Yo soy muy crítica con las instituciones por lo que he observado en estos años con mi experiencia. Para mí, partiendo de que es muy importante la lengua, y hay programas de acogida de 18 meses o 2 años y que no hablan español, y me parece super traumático. Comparado con Alemania, reciben 20 horas semanales de lengua alemana durante el primer año y después pasan a un examen. Los que no pasan, se quedan y continúan recibiendo ayuda y apoyo. Es hecha una inversión y cuando hablan la lengua, pueden ingresar en el mercado laboral. Es como un año de inversión para tener muchos trabajadores disponibles en tu mercado laboral. Aquí no. Aquí hacen tu ser dependiente de las ayudas, porque tú, sin la lengua, no tiene autonomía. Aquí tiene 4 horas a la semana, una persona árabe no puede aprender español en 4 horas por la semana. Eso me parece que es un gravísimo error de los programas de las instituciones, que no hay un programa lingüístico adecuado (RAMÍREZ, 2022).

Desse modo, as mulheres relatam um ensino do idioma insuficiente e uma falta de onde praticar o idioma, uma vez que não possuem redes estabelecidas, amizades, formas de sociabilidade, etc. Isto é, a falta da prática do idioma e uma aprendizagem fraca se configuram como fator de risco no país de destino.

Em suma, Ramírez compara a realidade espanhola com o planejamento linguístico do processo de acolhimento da Alemanha, o qual tem o propósito de que a pessoa refugiada domine o idioma e, assim, tenha a autonomia para poder seguir a vida. Como mencionado por Aisha, as pessoas migrantes e refugiadas já tinham conhecimento qual curso de espanhol era o mais adequado e fizeram recomendações a ela, visto que alguns cursos, como o oferecido pelas organizações locais, não capacitam os alunos para ler, escrever e dominar o idioma no tempo previsto.

Nos relatos das entrevistadas, observamos que a barreira na comunicação influencia em todos os âmbitos da vida das mulheres. Foi descrito que a falta de domínio do idioma criou obstáculos no processo da solicitação de refúgio, na matrícula dos filhos na escola, no acesso a outros direitos, como benefícios sociais, em questões relacionadas à documentação, no diálogo e na interação com a comunidade, na busca por trabalho, entre outros.

A partir disso, ressaltamos a dinâmica de começar do zero ou “*empezar desde cero*”, como muitas das entrevistadas enfatizaram, ou ainda “*empezar desde menos que cero*”, como destacou Jamille, como um risco a ser enfrentado pelas migrantes e refugiadas, após todo o processo de perdas que tiveram com o deslocamento. Na dinâmica de começar do zero, elas descreveram processos como busca de apartamento, escolher colégio para os filhos, aprendizagem do idioma, busca por trabalho ou criar diferentes estratégias de fonte de renda, fazer amizades, criar uma rede de apoio, enfim, conquistar novamente tudo o que já tinham alcançado no país de origem.

Quando as interlocutoras mencionaram que não têm a rede de apoio que tinham no país de origem, mesmo que tenham alguns amigos, não têm o mesmo significado para elas, por exemplo, quando precisam de ajuda no cuidado dos filhos. Zulmira é a única responsável pelos filhos, visto que é viúva; Hazan é divorciada e o pai não aparenta cuidar dos filhos; e Aisha também é a única responsável pelo cuidado das crianças em razão do marido permanecer meses no Iêmen. E embora algumas mulheres tenham migrado com o núcleo familiar, outras tiveram que se separar dos pais e dos irmãos, como no caso de Jamille, que migrou para viver somente com o marido que não conhecia e, também, no caso de Latifa, que foi para a Espanha completamente sozinha aos 20 e poucos anos de idade.

Ao desempenharem o trabalho do cuidado em seus lares, devemos levar em conta o sistema patriarcal como um elemento fundamental de funcionamento da sociedade. Em um sistema desigual, às mulheres são atribuídas funções consideradas inatas para cumprir tarefas relacionadas ao trabalho doméstico e ao cuidado, diferente dos homens, que são condicionados a exercerem o trabalho no espaço público e não privado (PATEMAN, 1988; NASH 1999; TURNS, 2003). Neste sentido, no caso da nossa pesquisa empírica, percebemos que, além de terem outras formas de renda, o trabalho do cuidado é atribuído a elas e, às vezes, sem o apoio de nenhuma rede.

Ademais, começar do zero está também essencialmente ligado ao viés econômico, na medida em que as migrantes e refugiadas perderam seus bens no país de origem, como imóveis e carros, gastaram economias no percurso migratório, tiveram dificuldades em tirar dinheiro das contas dos bancos em razão da guerra e, assim, chegaram à sociedade de acolhida em vulnerabilidade. No caso das entrevistadas que vieram pelo programa de reassentamento, após o período de dois anos do processo de proteção, não tinham condições financeiras para cobrir os custos básicos. Também, foi evidenciado que fatores externos como a pandemia da COVID-19 potencializou a vulnerabilidade, como no caso de Fatima, que tinha aberto um restaurante com o marido e tiveram que encerrar o empreendimento. Segundo Martínez, Kumbrian e Ramirez (2024), na Espanha, *“la mujer migrante, con nivel académico bajo y perteneciente a un colectivo racializado es el perfil más vulnerable ante los efectos provocados por la pandemia”* (p. 355).

Neste âmbito, também se destacam os altos custos da cidade de Madrid, como valores de aluguel, valores das taxas de condomínio como calefação, valores do supermercado. No caso de Fatima, ela afirmou que, mesmo sentindo muito frio, não podia ligar a calefação pelo alto custo que teria todo mês. Outro risco mencionado pelas entrevistadas é não ter casa própria e depender do aluguel, em que muitas tiveram que recorrer à ajuda de amigos e voluntários para pagar. E isso era um contraponto à vida do país de origem, onde afirmaram que tinham casa própria e carro, por exemplo.

A mudança do nível social e econômico se evidencia em nossas entrevistadas ao relatarem que, na Espanha, não têm mais a vida que tinham no país de origem, o trabalho que desempenhavam com sua formação, a casa onde moravam e os bens a que tinham acesso. E isso acontece por múltiplos fatores, como dificuldades financeiras, empecilhos para a revalidação de diplomas, preconceito no mercado de trabalho, falta da rede de apoio no trabalho de cuidado dos filhos, falta de apoio do pai dos filhos, entre outros.

As dificuldades no processo de reconhecimento de diplomas para pessoas migrantes são relatadas em diferentes países e, nesta pesquisa empírica, não foi diferente. Em estudos sobre mulheres árabes na Espanha, Martínez, Kumbrian e Ramírez (2024) destacam que *“hay evidencias que ponen de manifiesto que el proceso de reconocimiento u homologación de estudios para las mujeres migrantes es dificultoso, pudiendo llevarlas a encontrarse ‘subempleadas’ debido a la ‘pérdida de cualificación’”* (p. 358).

Não desempenhar mais o trabalho que realizavam no país de origem se mostrou uma frustração para muitas das entrevistadas. As interlocutoras descreveram a boa formação que tiveram, as experiências de trabalho que tinham no país de origem e, na Espanha, se sentem frustradas que dificilmente vão conseguir um trabalho no mesmo cargo que tinham antes.

Outro risco enfrentado na Espanha verificado nas entrevistadas é a não aceitação de parte da sociedade espanhola devido a seus marcadores sociais, são mulheres migrantes ou refugiadas oriundas de países árabes, muçulmanas, não ocidentais. Isso acontece porque a população muçulmana é um setor estigmatizado na Espanha. Pesquisadores demonstram que a islamofobia é baseada, sobretudo, em uma aversão à religião islâmica e ao coletivo de muçulmanos (BUNZL, 2007; BRAVO, 2010; MARTÍNEZ, KUMBRIAN, RAMÍREZ, 2024).

Dentro do âmbito da xenofobia e da islamofobia, o gênero acentua as adversidades ou a discriminação de parte da sociedade espanhola. Martínez, Kumbrian e Ramírez (2024) chamam a atenção que

El uso del velo (hiyab) produce rechazo entre la población. Un estudio del Institute of Labor Economics (IZA) en Francia, señala que mujer con nombre árabe y con velo tiene un 1% de posibilidades de conseguir una entrevista de trabajo, frente al 72% de mujeres con nombre francés y sin velo (IZA, 2017). Ellas también manifiestan que este tipo de creencia ha generado entre la población, una visión errónea sobre el uso del velo islámico. Se considera como un símbolo de la dominación o discriminación del islam hacia las mujeres. Ellas ponen de manifiesto que dicha cuestión no es así y algunos discursos hacen eco de la libertad de las mujeres para decidir sobre su uso. El velo forma parte de la cultura musulmana y no debe convertirse en un obstáculo en su integración en la sociedad de acogida (MARTÍNEZ, KUMBRIAN, RAMÍREZ, 2024, p. 356 – 357).

Nesta circunstância, de acordo com as narrativas descritas, as interlocutoras, com exceção de Jamille, confirmaram que sentiram algum tipo de discriminação, preconceito,

xenofobia, por exemplo, pessoas nas ruas mandavam voltar ao país de origem. A fala de Jamille de não se sentir discriminada reafirma o preconceito existente com mulheres árabes e muçulmanas: “*creo que porque no uso hijab, eso ayuda mucho, porque ellos no saben que soy árabe, sabes?*” (JAMILLE, 2022).

A entrevistada Ana Ramírez chama a atenção para o choque cultural enfrentado por essas mulheres, visto que elas “*vienen con códigos culturales, con códigos morales, con códigos religiosos que son diferentes a los países de acogida, entonces, ese es el riesgo que tiene que enfrentar*” (RAMÍREZ, 2022). Sobre o preconceito da população espanhola, Ana Ramírez afirmou que um dos maiores obstáculos para as pessoas migrantes e refugiadas é o medo que os europeus têm de pessoas árabes e muçulmanas, com a islamofobia. Ela reiterou que esse medo é imposto para as pessoas por meio da mídia, de governantes e, com isso, a população começa a recusar a chegada e a permanência de pessoas muçulmanas. Assim, os marcadores de religião, etnia e origem influenciam na não aceitação e nas adversidades do processo de acolhimento de migrantes e refugiados. Conforme as entrevistas, o uso do véu é um fator polemizado pela sociedade espanhola, mas, para as interlocutoras, é apenas uma forma de se vestir e um desejo que elas tiveram, não sendo algo imposto por ninguém e pela religião.

Percebemos que a xenofobia e a islamofobia interferem nas estratégias de trabalho e de planejamento futuro das entrevistadas. Por exemplo, Khadija, que ainda está no colégio, afirmou que sabe que precisa estudar, porque dificilmente conseguirá um trabalho por usar o véu, o que é proibido em muitos ambientes de trabalho, de acordo com o relato dela. Aisha argumentou que, mesmo com a formação que tem e com o visto de trabalho na Espanha, dificilmente vai conseguir um trabalho na área dela, que conseguiria mais facilmente trabalhar na área de limpeza ou em restaurantes. Jamille desabafou que, na busca por trabalho, percebeu que as empresas só assinariam contrato com pessoas espanholas e não com migrantes, como ela.

Ademais, Khadija relatou que os irmãos se adaptaram mais fácil e conseguiam interagir com mais gente, ela concluiu que “*creo que para mí el problema es con el velo*”. Desse modo, as mulheres árabes e muçulmanas têm, assim, mais obstáculos no mercado de trabalho, como explicou Amirah: “*¿Por qué no se ves mujeres con el pañuelo trabajando, por ejemplo, en el supermercado, en una tienda? No he visto*”.

Em relação ao sofrimento do processo migratório de migrantes forçados, Oliveira (2018) destaca que às pessoas nesse contexto é exigida uma atenção ao sofrimento que se dá no presente e que se projeta no futuro. A partir disso, verificamos que as entrevistadas se mostraram mais apreensivas nas adversidades relativas ao aprendizado do idioma, à fonte de renda, a buscar trabalho, à educação dos filhos, a questões de documentação, à não aceitação. E é neste âmbito que desenvolvem práticas e estratégias de resiliência frente a esses riscos.

Se, por um lado, foi evidenciado que o ensino do idioma espanhol inserido no processo de acolhimento de proteção não é suficiente, por outro lado, as entrevistadas perceberam a importância da aprendizagem do idioma e isso se mostrou uma prática de resiliência frente à barreira da comunicação. A partir do trabalho e dos encontros com mulheres refugiadas e migrantes, Ramírez destacou na entrevista que

Yo creo que las mujeres van a integrarse primer conociendo la lengua. Creo que esto es importante. Porque cuando tú conoces la lengua, puedes vivir en este lugar de otra manera. La lengua es importantísima, no hay ninguna autonomía, y tú lo ves, también, si no conoces la lengua del lugar que habitas. A través de la lengua, vamos a conocer los códigos culturales y entonces tú puedes elegir. Porque hay códigos culturales que serán peores que los que tu traes, pero hay otros que serán mejores. Entonces la lengua te posibilita también muchas opciones que no tendrías si no conoces la lengua (RAMÍREZ, 2022).

Em síntese, a aprendizagem do idioma possibilita o início do processo de integração à sociedade de acolhida. Latifa, por exemplo, estava inserida no programa de proteção internacional e percebeu que o ensino do idioma não era satisfatório para ela e procurou outro curso para que tivesse o domínio do espanhol e esse mesmo processo foi descrito por Hazan.

Em relação ao grupo de mulheres (*Amigos del arte*), Ramírez chamou a atenção de como o domínio do idioma é primordial para que as mulheres (e, também para os homens) não percam informações fundamentais para elas e suas famílias. Por exemplo, durante o contexto da COVID-19, o governo espanhol começou a oferecer o *Ingreso Mínimo Vital* e para fazer a declaração e a solicitação do benefício era bastante complicado. Como as migrantes e refugiadas não falavam espanhol, foi necessário um apoio específico para elas no grupo, para que não perdessem esse auxílio para suas

famílias, e facilitassem a solicitação. Ana relatou que, quando saem atualizações sobre os benefícios,

Generalmente envío a Hazan la información y Hazan pone en chat con la traducción. Esta semana, por ejemplo, Hazan me dijo que no tenía tiempo para traducir, pero la noticia era muy importante, que el *Ingreso Mínimo Vital*, durante tres meses, han aumentado el 15% para intentar parear esta crisis económica, y esto está muy bien. Entonces he puesto en el chat lo que tienen derecho a cobrar cada grupo familiar, porque depende del número de hijos. Ahora estamos muy antenados a todo lo que pueda ocurrir para parear la crisis. Tener la información es muy importante (RAMÍREZ, 2022).

Ou seja, famílias refugiadas que não dominam o idioma e, assim, não têm acesso às informações, correm o risco de perder direitos importantes, no caso, o direito a um valor maior do *Ingreso Mínimo Vital* ou o próprio benefício, fundamental para as famílias que não têm contrato de trabalho ou outra fonte de renda significativa para a sobrevivência. No caso de Fatima, vimos que, por não entender o idioma, o marido dela assinou um termo de *baja voluntaria* e não teve direito a benefícios sociais, prejudicando a vida da família, que precisou de doações para pagar o aluguel e demais custos básicos. E, assim, iniciativas como os encontros desses grupos servem também para divulgar o acesso às informações, necessário para o acesso aos serviços e aos direitos, podendo, assim, ser considerado um fator de resiliência a busca por informações.

Em síntese, Pareda (2006) defende que a comunicação é fundamental para uma relação intercultural, visto que certo domínio do idioma local favorece as relações sociais e diminui o isolamento, se tornando, assim, uma prática de resiliência. Por exemplo, vimos que Amirah e Zulmira, por terem se interessado em frequentar um curso de espanhol, se conheceram nas aulas e ficaram amigas, se tornando rede de apoio uma da outra, que se mostra bastante importante para a vida no novo país. Em suma, destacamos que “*el no conocimiento de una lengua totalmente distinta en un nuevo país [...], provoca un difícil desarrollo de la resiliencia y una complicada adaptación*” (DE LA TORRE, 2021, p. 367).

Outro fator de resiliência é o desejo da autonomia. Percebemos o interesse pela autonomia quando as mulheres afirmaram que desejam continuar os estudos para ter determinado emprego; quando criaram outras estratégias de renda mesmo que as que tinham no país de origem não eram mais possíveis; quando elas tiveram o objetivo de

dominar o idioma espanhol por diversos motivos, especialmente para não dependerem de outras pessoas; quando elas mostraram desempenhar o papel principal do núcleo familiar, que culturalmente seria ocupado pelos homens.

O trabalho como prática de resiliência das migrantes e refugiadas no país de destino já foi indicado nas pesquisas de POTTS, BARADA e BOURASSA (2021). Nas entrevistas desta tese, observamos como as mulheres tiveram que criar estratégias de trabalho e renda em meio às dificuldades econômicas que as famílias enfrentavam e como o trabalho melhorou a qualidade de vida delas, mesmo que seja em ocupações distintas às do país de origem.

Por exemplo, Fatima era analista clínica na Síria e, na Espanha, começou a cozinhar e a vender comida árabe para ter alguma renda. Jamille era diretora de hotel e, em Madrid, decidiu dar aulas de árabe e trabalhar como auxiliar em restaurante do marido. Hazan começou a fazer tortas e vender como uma estratégia de renda, o que não fazia no país de origem, uma vez que era engenheira química e trabalhava como contadora.

Aisha e Hazan têm no trabalho voluntário um fator de resiliência ao praticarem o idioma, conhecerem pessoas, estabelecerem vínculos com espanhóis e com migrantes e se aproximarem da cultura do país de destino, além de desenvolver uma solidariedade com pessoas de origem e situação migratória semelhantes. Zulmira tem como uma prática de resiliência a realização de um curso de informática e, ainda, no momento da entrevista, estava procurando um curso de cozinha para também ter essa estratégia de trabalho e renda.

No caso de Khadija, por ser muito nova e ainda estar no colégio, os estudos se mostram um fator de resiliência ao planejar o futuro no país de destino. A interlocutora sonha com uma carreira e, para conseguir este objetivo, ressalta que *“lo principal para conseguir trabajo es tener buena basis de estudio, tener títulos. Si no tiene títulos, no puede trabajar”*. Também, mesmo em casos de entrevistadas que já tinham formação, os estudos estavam presentes como possibilidade de mudar de vida. Latifa ganhou uma bolsa de estudos e, a partir disso, teve a sua vida transformada em Madrid, ao ter um emprego formal com contrato e cursar um Mestrado.

Mesmo com estereótipos reproduzidos que mulheres árabes e muçulmanas são submissas, dependente dos homens da família e sem autonomia financeira, as nossas

entrevistas mostraram que muitas mulheres desempenham o papel central nas famílias. Zulmira é viúva e ela é a responsável pelo cuidado dos filhos, e deseja ter um emprego depois que dominar mais o idioma. Hazan é divorciada e a única responsável pelo cuidado e pelo sustento dos quatro filhos. Latifa passou pelo processo migratório e durante anos teve que enfrentar todas as adversidades sozinha na Espanha. Fatima e Amirah são casadas e afirmaram que os respectivos maridos não falam espanhol e não têm interesse em outras interações, são elas que precisam lidar com as questões documentais, matrículas dos filhos, etc. Jamille tem a ajuda do marido e trabalha como auxiliar no restaurante dele, no entanto, buscou oportunidades próprias, como ensino de aulas e trabalho em hotel. Aisha é casada, mas o marido passa a maior parte do tempo no Iêmen, sendo a única responsável pelo cuidado dos filhos durante muitos meses no ano. Khadija ainda está no colégio, mas ela almeja sua independência ao focar nos estudos e na carreira e, também, ao dominar o idioma e ensinar espanhol para os pais.

Assim, vemos a pró-atividade como fator de resiliência nas entrevistadas. Segundo De la Torre (2021), um temperamento pró-ativo também foi identificado em pesquisas sobre sírios e afegãos na Espanha, o qual se configura como uma estratégia para melhorar a vida no país de destino, que pode melhorar tanto o estado emocional da pessoa migrante ou refugiada quanto a situação social dela na nova sociedade.

Outro fator de resiliência verificado nas narrativas são as redes sociais. Nas entrevistas, vimos, por exemplo, vínculos importantes para as mulheres como grupos de pais dos colegas dos filhos da escola, voluntários e trabalhadores de organizações, de instituições religiosas, outras pessoas migrantes e refugiadas, colegas do curso de espanhol, iniciativas de encontros criadas por voluntários ou pelas organizações do processo de acolhida, o núcleo familiar.

De acordo com Bastide (1978), *“a medida que se produce el proceso de adaptación al nuevo contexto socio-cultural se va reconfigurando la pertenencia del individuo al entorno”*. Ou seja, vimos que na medida em que as entrevistadas estabelecem redes sociais e começam a se adaptar à nova cultura e à nova sociedade, se produz um sentimento de pertencimento.

Na entrevista com a assistente social da *Cruz Roja*, durante o processo de acompanhamento do programa, Alicia mencionou o uso das redes de apoio informais que as mulheres migrantes e refugiadas utilizam:

Pues, yo creo que, en este tiempo que están en el itinerario, en el Programa, yo lo que veo que son importante sus redes de apoyo informales, eso es, las amistades, las personas que van conociendo y las que se pueden apoyar, incluso, mientras durante el itinerario, pero sobre todo cuando salen, cuando ellos ven que ya les queda poquito para finalizar la ayuda, pues, las redes de apoyo informales son fundamentales, también. A parte de que, claro, son conscientes de que se van informando ellos de que, en sus salidas, tienen otras instituciones, otros organismos, incluso Cruz roja y otras que puedan seguir recibiendo apoyo, pueden seguir siendo atendidos por trabajadores sociales, pero ya desde otros recursos (Alicia, 2022).

Em suma, a trabalhadora da *Cruz Roja* observa que migrantes e refugiadas começam a estabelecer a rede de apoio ainda no processo do itinerário, em que são acompanhadas pela instituição, uma vez que depois que termina esse processo, as redes de apoio são fundamentais para o cotidiano delas. Assim, como também indicado em estudos, o recurso das redes sociais facilita o processo de integração, além de ajudar a evitar o isolamento e a solidão, auxilia no enfrentamento dos riscos e se mostra bastante significativo para o bem-estar de migrantes (SMITH et al, 2012; LUCK, TORRES, 2018).

No âmbito das redes sociais, as entrevistadas também trazem a questão emocional na resiliência. Latifa passou a ter um suporte emocional a partir de uma rede de apoio construída a partir do trabalho, em que ela afirma que *“me acuerdo que conocía una madre de dos chicas que les enseñaba inglés, me ayudó así emocionalmente... eso me ayudó más”*.

Ao participar do encontro *Amigos del arte* e ser voluntária em uma organização, Aisha destacou o porquê se inseriu nesses grupos: *“en primer lugar, quiero ayudar la gente porque sé cómo piensan y como sufrieron mucho [...] Ellas tienen muchos problemas dentro de casa y fuera de casa, entonces es como una ayuda emocional también”*. Isto é, as interações geradas por essas iniciativas servem como suporte emocional que, talvez, algumas mulheres não tenham em outros lugares, nem nos lares.

Neste âmbito, identificamos nas nossas entrevistas um fator importante que é a sociabilidade. Ramírez relatou que percebe como fator de resiliência *“buscar grupos de*

apoyo y elegir grupos de apoyo, grupos con otras mujeres, con otras culturas, con otras personas” para enfrentar as adversidades no processo de chegada à nova sociedade.

Vemos essa resiliência quando Aisha relatou que *“Si tengo problemas o quiero hacer algo, pongo en el grupo ‘quiero hacer esto, esto’. Y ellos ‘que bien, ¡hagalo!’ . Sí, cada uno ayuda”* sobre o grupo dos pais dos colegas dos filhos. Assim, a interlocutora tem neste grupo um apoio de amigos, de companheirismo, de ajuda no acesso às informações, etc.

Como mencionado anteriormente, com o processo migratório, as pessoas migrantes e refugiadas passam por um processo de perdas, como a perda da rede de apoio, de vínculos afetivos e familiares que faziam parte da vida no país de origem. Com isso, é preciso estabelecer novos vínculos, o que verificamos nas nossas entrevistas.

Hazan demonstra a sociabilidade ao dizer que sempre se encontra com os pais dos colegas dos filhos em cafeterias, Zulmira e Amirah demonstram a sociabilidade na amizade que elas têm, Latifa deixa claro que conquistou vínculos porque *“yo soy una persona sociable, sonriente, a lo mejor eso da un poco de paz a otras personas. Soy más abierta, eso también ayuda, más abierta”*.

Por exemplo, as entrevistadas que participam do grupo *Amigos del arte* se mostram sociáveis por estarem dispostas a se encontrar pessoalmente, a conversar e a interagir com mulheres migrantes, refugiadas e espanholas, além do trabalho voluntário, também um fator de resiliência. Khadija ressaltou que o projeto *“es importante porque hay mucha gente, bueno, como nosotros, que tienen el tema de la ayuda del ingreso mínimo vital, para hacer la aplicación, como acceder. Porque ahora todo es online y hay gente que no sabe solicitar las cosas”*.

Em suma, a partir da confiança em participar de um grupo como este, da vontade de realizar um trabalho voluntário, as mulheres têm em troca a prática do idioma, a sociabilidade, a empatia, o companheirismo, fatores que facilitam integração social. Isto é, se configuram em estratégias de resiliência frente aos riscos que têm que enfrentar na sociedade de destino.

Hazan demonstra a sociabilidade ao dizer que sempre se encontra com os pais dos colegas dos filhos em cafeterias, Zulmira e Amirah demonstram a sociabilidade na amizade que elas têm, Latifa deixa claro que conquistou vínculos porque *“yo soy una*

persona sociable, sonriente, a lo mejor eso da un poco de paz a otras personas. Soy más abierta, eso también ayuda, más abierta”.

A partir das observações em seus trabalhos, Ramírez apontou o sentimento de confiança, e sistematizou da seguinte forma:

Yo creo que es muy importante la confianza. Porque no se puede reparar ningún trauma, porque son mujeres que vienen muy traumatizadas, sino confíes, primer, en ti misma, que puedes salir de la situación traumática e en las personas. Ellas tienen que dejar su país en conflicto, en guerra civil, donde hay otros muchos que han quedado, viene, así, con una gran desconfianza. Porque a veces su familia, su Estado lo han echado y a veces es muy difícil recuperar la confianza. Esto también se trabaja. Cuando tú compartes tus emociones, también genera la confianza y esto es muy importante para reparar el trauma (RAMÍREZ, 2022).

Isto é, em um contexto de traumas que vivenciam as mulheres migrantes e refugiadas, trabalhar a questão emocional é fundamental para elas recuperarem a confiança e conseguirem lidar com a permanência dos riscos. É preciso sentir confiança no suporte das organizações locais, na rede de apoio, no âmbito econômico e social.

No caso do grupo *Amigos del arte*, percebemos que a confiança tem extrema importância para a participação das mulheres. Na entrevista, Ramírez apontou que muitas das participantes precisaram da autorização do marido para que participassem das atividades, então, a entrevistada precisou ganhar a confiança deles também, a partir de seu trabalho voluntário.

Como visto nas entrevistas, o grupo se configura em um espaço seguro, em que migrantes e refugiadas podem falar o que têm vontade, tirar dúvidas e ajudar outras mulheres em suas demandas, isto é, sentem confiança para participar deste projeto. Flores-Yeffal (2013) defende o papel fundamental de proteção das redes de confiança entre os migrantes, as quais oferecem um suporte social, desenvolvem capital social, auxiliam na integridade cultural e, a partir disso, ajudam a superar as adversidades, isto é, a tornarem-se resilientes.

Também, podemos observar a autoconfiança que as interlocutoras demonstraram como fator de resiliência ao se sentirem capazes de enfrentar as adversidades e se integrarem à nova sociedade, ao estabelecerem novos vínculos, novas estratégias de trabalho. Estudos sobre migrantes e refugiados na Europa demonstraram que a presença

de autoconfiança leva a uma posição ativa, afetando o sentimento de esperança com a expectativa de futuro (MOFFIT et al, 2011; DE LA TORRE, 2021).

Acerca do otimismo e do pensamento em relação ao futuro, percebemos como isso influencia às entrevistadas a lidarem com o processo migratório. Por exemplo, quando Zulmira destacou que *“cuando surgió la oportunidad de ir a España, pensé en los niños, en su futuro, dónde estarán dentro de unos años. España mejor. Pensé en las universidades conocidas internacionalmente”*. Também, quando Hazan mencionou que gostaria de voltar ao país de origem, mas vai permanecer na Espanha porque pensa no futuro dos filhos e em um lugar seguro e digno.

Em suma, mesmo reconhecendo o elevado estresse que mulheres migrantes apresentam, Torres e Lusk (2018) apontaram que os indicadores de saúde mental das mulheres não eram fracos, uma vez que elas demonstravam uma enorme capacidade de adaptação e uma resiliência no país de destino. Os autores lembram que a resiliência, que antes era vista especialmente como um traço psicológico resultado do desenvolvimento pessoal e da personalidade, atualmente é entendida como enraizada na ecologia social, em que inclui redes sociais, grupos de parentesco, comunidade e recursos culturais (UNGAR, 2008; 2013).

De acordo com a perspectiva de Walsh (2004), as mulheres superam as adversidades em maior número que os homens, independentemente da idade. Esta lógica é fundamentada na socialização baseada em gênero, em que as meninas são ensinadas a serem mais afáveis e sociáveis, isto é, são ensinadas a serem mais abertas para se apoiarem ao entorno, enquanto que os meninos são ensinados a serem duros e a confiarem apenas em si mesmos, não tanto ao ambiente.

Neste contexto de redes sociais e de suporte emocional, também compreendemos o núcleo familiar e a maternidade como fatores de resiliência, visto que são âmbitos importantes como suporte da proteção social. Isto é, pesquisas indicam que as famílias, as redes sociais e os valores sustentam as mulheres, como a preocupação pelo bem-estar dos filhos e a importância de histórias e modelos familiares (CARDOSO, THOMPSON, 2010; LUSK, TORRES, 2018).

Conforme as narrativas, analisamos que as mulheres que são mães se preocupam bastante com o bem-estar dos filhos e isso se configura em otimismo, luta por objetivos, força para seguir a vida e começar do zero na Espanha em meio aos riscos, enfim, como

fator de resiliência. Isso se evidencia quando ouvimos Fatima dizer “*por eso (pelos filhos), estoy luchando muchísimo aquí para sobrevivir*” ou quando Zulmira destaca “*primero veo lo que les gusta a los niños y luego elijo lo que es mejor*” ou quando diz “*quiero mucho trabajar, yo necesito porque soy sola. Sola y con los niños*”.

Desse modo, as mulheres que são mães demonstraram que, ao planejar as ações do presente e do futuro na Espanha, primeiro, pensam na preferência dos filhos e no bem estar deles, isto é, se migrassem para outro país, teriam que aprender outro idioma, trocar de escola, fazer novos amigos, enfrentar outras adversidades e começar do zero novamente. Da mesma forma, que pensaram nos filhos ao sair do país de origem, para viverem em um lugar sem conflitos, em segurança.

Neste sentido, cabe salientar que o marcador de gênero é importante. Por exemplo, Aisha explicou que o processo migratório é distinto para homens e mulheres, uma vez que aqueles se preocupam apenas com o trabalho e a renda e as mulheres têm múltiplas preocupações, principalmente com o bem estar dos filhos, em todos os âmbitos. O mesmo analisado por Amirah que destacou que “*las mujeres piensan en los hijos, los hombres no sé*”.

Para Khadija, que ainda é muito jovem, vemos que o núcleo familiar tem uma importância na medida em que ela demonstra não ter conseguido, ainda, estabelecer outros vínculos sociais. Ao relatar a dificuldade de ter amigos na escola devido às diferenças culturais existentes, ela tem na família com quem compartilhar as práticas religiosas, os costumes e hábitos que ela quer manter, as práticas culinárias com a mãe, evidenciando que a família se configura em um dos principais fatores de resiliência, como já apontado por Lusk e Galindo (2017).

Pareda (2006) enfatiza que, nos processos migratórios, certos fatores de proteção se evidenciam na família, como a capacidade de se vincular ou de apego (na capacidade de ter relações afetuosas); a identidade familiar (quando as famílias têm uma percepção sobre elas mesmas e se veem competentes para solucionar conflitos e enfrentar adversidades); o sistema de crenças flexível a outros significados e conexão e a intimidade em que a união se intensifica nas situações de crise.

Ademais, outra prática de resiliência identificada nas narrativas das entrevistadas é que elas mantêm repertórios culturais do país de origem. A maioria das migrantes e refugiadas retratadas que são mães afirmaram que ensinam árabe para os filhos e, dentro

das casas, fazem questão de apenas conversar em árabe para não esquecer do idioma, visto que no colégio e em outros lugares os filhos apenas falam em espanhol. Quando Fatima destacou que costuma falar para os filhos: “*‘por favor, hablame en arabe, porque no entiendo mucho español’. Yo entiendo, pero yo quiero que ellos hablen en árabe*”, vemos a importância que o idioma do país de origem ainda tem para ela, de modo a querer que os filhos também falem.

Fatima utiliza dos repertórios culturais como fonte de renda ao cozinhar e vender comida árabe. A mesma situação observada no caso de Jamille, que dá aulas particulares de árabe, e, junto com o marido, tem um restaurante árabe. Latifa também deu aulas de árabe como estratégia de renda em Madrid. As entrevistadas demonstraram gostar desses hábitos, na medida em que lembram das raízes, porque deixaram de praticar os costumes no lugar de origem de maneira forçada.

Outro repertório cultural é referente à religião, em que mães ensinam o Alcorão para os filhos, de forma remota ou levam a mesquitas. Também, o uso do véu é evidenciado como este repertório cultural. O repertório cultural e religioso do país de origem também pode impulsionar os vínculos com outras pessoas, como Aisha relatou que “*ahora como tengo amigas árabes, tenemos dos fiestas, El Ramadán y del Cordero, entonces hacemos reuniones con los niños*”. Também, no caso de Khadija, que saiu ainda muito jovem do país de origem, vemos que a religião trazida pela família se configura em algo que guia os comportamentos da interlocutora e da família, de acordo com o relato dela: “*La religión influye en todo, en nuestras tradiciones, en nuestra comida, en todo. Yo la veo muy interesante*”.

O recurso de repertórios culturais como resiliência também foi apontado em estudos sobre mexicanos que saíram de maneira forçada do país e, ao chegarem no lugar de destino, recorriam a valores culturais da comunidade, de amigos próximos e da fé para manter a integridade pessoal em momentos de adversidades (LUSK, CHÁVEZ-BARAY, 2017). Ademais, em pesquisa sobre refugiadas no Líbano, a maioria das refugiadas respondeu que buscava alento na religião para lidar com a violência (POTTS, BARADA, BOURASSA, 2021). Farley Gálvez, Dickinson e Díaz (2015), ao pesquisarem mexicanos nos Estados Unidos, apontaram, entre outros fatores, a religião e as adaptações culturais efetivas de aceitação das adversidades como práticas de resiliência de migrantes.

Também, Suárez Ojeda (2001) enfatiza a identidade cultural, como costumes, valores, símbolos, crenças, tradições próprias de uma comunidade como resiliência comunitária. De la Torre (2021) fundamenta os estudos de Kira, Templin et al (2006) ao destacar a religião como um fator resiliente em pesquisa sobre afegãos e sírios na Espanha, sobretudo em relação à espiritualidade e à fé, em relação à força e agradecimento, o que vemos nos relatos das interlocutoras.

Álvarez-Miranda (2009) argumenta que as combinações de umas e outras formas e níveis de identidade estão em um estado de fluxo. Os sentimentos de pertencimento variam de acordo com o tempo e não necessariamente a favor das identidades do país de destino, isto é, pode haver movimentos de reafirmação das raízes étnicas várias gerações depois da migração.

Neste sentido, os processos das narrativas das mulheres são caracterizados por uma “dupla ausência” de Sayad (1998), em que a pessoa migrante ou refugiada experiencia, por um lado, uma ausência física do país de origem, estando fisicamente da cidade natal, de familiares e dos vínculos sociais. Essa distância física não é só geográfica, mas também cultural, social, emocional de um lugar familiar. Por outro lado, a pessoa migrante ou refugiada enfrenta outro tipo de ausência no país de destino, onde pode ser discriminada e excluída social e culturalmente. Segundo o autor, essa situação de dupla ausência não é algo individual e sim um fenômeno estrutural e sistêmico, o qual é influenciado por diversos fatores, como políticas migratórias, preconceito, condições econômicas e sociais, entre outros.

A partir dessa condição de dupla ausência apontado por Sayad (1998), vemos também como ela interfere na identidade das pessoas migrantes e refugiadas, nas ações e nas estratégias de adaptação e de resistência aos riscos, e nas dinâmicas sociais existentes. Neste âmbito, importante destacar a fala de Aisha quando ela fala sobre a identidade dela:

Podemos hacer todo y dentro de la religión también. Dentro de la religión podemos, salgo normal. Si pienso que estoy aceptada en este país, acceptable, es algo bueno. Y para ser, quiero ser acceptable yo, mi persona, soy de Yemen, musulmana, mujer, con el velo, no mucha gente acepta esto, ser amigos con una chica como yo, y ya está, el resto está bien, puedo manejar (AISHA, 2022).

Embora muitas entrevistadas terem afirmado que não se sentem espanholas ou madrileñas, percebemos um sentimento de pertencimento à nova sociedade em alguns

relatos. Por exemplo, ao ser questionada, Hazan disse que apenas tinha certeza que os filhos já se sentem espanhóis e não consegue manter, além do idioma e da religião, costumes de lazer e de cultura do país de origem porque os filhos não têm interesse. Também, podemos verificar que o marido de Hazan não se adaptou à sociedade espanhola e voltou para o país de origem, diferentemente da interlocutora. Outro exemplo é o caso de Zulmira, que afirmou que prefere Espanha pelo modo de viver:

Aquí está mejor así. Prefiero España, el modo de vivir. [...] Prefiero aquí porque hay respecto en la calle, en la universidad, los hombres, las mujeres, curso de español, aquí es normal para todos. En Siria, en mi país, no. Hay muchos problemas entre hombres y mujeres, no es igual para todos. [...] lo que me gusta de Madrid que puedo salir a cualquier hora, no hay problema. En Siria, si una mujer sale a la calle, ya tiene problema, porque es mujer. Esto es diferente (ZULMIRA, 2022).

Neste sentido, podemos elencar a liberdade e um maior acesso a direitos como fatores de resiliência. De acordo com a fala acima destacada, na Espanha há uma liberdade maior para sair na rua e as mulheres têm mais direitos que tinham no país de origem.

Em suma, a resiliência das mulheres migrantes e refugiadas acontece por diferentes modos, em que se utilizam de capacidades pessoais, recursos sociais, familiares, além de criar estratégias específicas para enfrentar os riscos da sociedade de destino. Após retratar mulheres migrantes e refugiadas em seu projeto, Latifa fez a seguinte observação na entrevista:

Lo que he visto entrevistando mujeres migrantes es muchas cosas. Yo quiero que, primero tienen que confiar mucho en sí misma, ir adelante, no tener miedo. Es normal que lo que le pasaba le influye, pero no perder la esperanza, tener un plan, no perder tiempo, ¿no? Y al final creo que lo que no nos rompe nos hace más fuerte. Y su historia inspira a muchas mujeres más, alguna que hayan vivido historias partidas y otras no, pero en general es una historia que va a acompañarla también su vida y la puede contar a sus hijos, ¿no? Y bueno, son muchas dificultades en general las que viven las mujeres sirias, por ser mujeres, primero, por venir de una sociedad un poco diferente que aquí, algunas sufren más que otras vamos a decir, depende del ambiente, el entorno donde vivía, entonces no es factor general. Pero, mira, las mujeres árabes, en general, son muy luchadoras, pueden hacer varios trabajos a la vez. La mayoría de las mujeres árabes migrantes están en carreras académicas, están preparadas para enfrentar lo difícil. Y, bueno, a seguir adelante (LATIFA, 2022).

Dito isso, sintetizamos as categorias de riscos enfrentados pelas migrantes e refugiadas em Madrid e os fatores de resiliência descritos nas entrevistas em uma tabela, a fim de melhor visualizarmos e entendermos esse processo.

TABELA 2 – Categorias de riscos e fatores de resiliência identificados nas entrevistas

Riscos		Resiliência
País de origem	· Risco de morte · Medo de perder familiares · Impossibilidade de sair de casa · Falta de itens básicos de sobrevivência · Falta de direito a uma vida digna	· Saída de um cenário de guerra · Migração · Busca por um lugar seguro e por uma vida digna
Percurso migratório	· Risco de morte · Irregularidade documental · Periculosidade do trajeto · Falta de escolha e de alternativas · Espanha como única opção	
Espanha	· Sofrimento com enfoque social · Processo de perdas · Solidão · Isolamento social · Começar do zero · Mudança no nível social e econômico · Burocracias com documentação · Empecilhos para a revalidação de diplomas · Falta de apoio do marido/pai dos filhos · Pandemia da COVID-19 · Altos custos em Madrid · Não ter casa própria · Distância cultural · Não aceitação pelos marcadores de identidade · Preconceito · Xenofobia · Islamofobia · Uso do véu · Falhas no processo de proteção · Dificuldades no acesso aos serviços · Barreira na comunicação	· Aprendizagem do idioma · Busca por informações · Estudos · Cursos · Trabalho voluntário · Outras estratégias de trabalho · Autonomia · Sociabilidade · Confiança · Expectativas de futuro · Pró-atividade · Maternidade · Núcleo familiar · Novos vínculos sociais · Repertórios culturais do país de origem · Religião · Espiritualidade · Fortalecimento da identidade · Pertencimento · Liberdade

Fonte: elaboração própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese se fundamentou no fato de que, mesmo após o processo migratório, mulheres migrantes e refugiadas oriundas de países em conflitos permanecem em um contexto de riscos na sociedade de destino. Neste sentido, o objetivo central deste trabalho foi identificar as estratégias de ação, aqui entendidas como fatores de resiliência, de migrantes e refugiadas do Iêmen, do Iraque e da Síria em resposta aos riscos enfrentados na cidade de Madrid, entre os anos de 2013 a 2022.

Para solucionarmos nossa problemática de pesquisa, tivemos que compreender as experiências prévias que as entrevistadas tiveram antes de chegar a Madrid, isto é, analisar o contexto do país de origem e o percurso migratório de cada mulher migrante e refugiada. Como oriundas de países árabes e de países em guerra, destacamos circunstâncias similares que as entrevistadas vivenciaram no deslocamento forçado.

Assim, observamos as dificuldades que tiveram ao ter que sair de maneira forçada dos lares que viveram por muitos anos. No país de origem, as migrantes e refugiadas entrevistadas enfrentaram diversos riscos, como o risco de morte, o medo de perder familiares, a impossibilidade de sair de casa, a impossibilidade de trabalhar, a falta de itens básicos de sobrevivência, enfim, a falta de direito a uma vida digna. E, como dito na introdução desta tese, compreendemos os riscos como ausência de um fator de proteção social.

Para sair do país de origem em guerra, as interlocutoras utilizaram os recursos e as condições que tinham acesso, como ir até a Jordânia, ir até a Grécia, ir até a Turquia. Cabe salientar que algumas entrevistadas cruzaram fronteiras caminhando, uma vez que não tinham os meios regulares para entrar no país e pelas condições de calamidade de um país em guerra, como aeroportos fechados, estradas bloqueadas, grupos armados vigiando, etc.

No percurso migratório, o risco de morte continuou para algumas interlocutoras devido à periculosidade do trajeto e da irregularidade documental. Por meio da proteção internacional e do programa de reassentamento, cinco entrevistadas tiveram a chance de sair do campo de refugiados, no entanto, não tiveram o poder de optar o país de destino, sendo a Espanha uma escolha do programa.

Além disso, uma entrevistada aceitou um casamento arranjado com um desconhecido como forma de sair do país de origem e se estabelecer em Madrid. Outra entrevistada teve a possibilidade de ir à Espanha por meio de uma carta convite de familiares e outra interlocutora teve a oportunidade de morar em Madrid porque o marido tinha visto de trabalho na Espanha pela empresa dele.

Em síntese, consideramos as estratégias de saída do país de origem como práticas de resiliência. De acordo com as narrativas das mulheres, compreendemos que a resiliência começa no processo de saída do país de origem, em que conseguem sobreviver e deixar um contexto de guerra. Sendo a migração um fator de resiliência, observamos que, nos casos em que as mulheres passaram pela experiência do campo de refugiados, a busca por viver em um lugar seguro e por uma vida digna, ou seja, em outro lugar, se configuram em fator de resiliência.

Na Espanha, como fundamentamos esta tese, as migrantes e refugiadas permaneceram em um contexto de riscos. O primeiro risco que identificamos é um sofrimento com enfoque social, em que as entrevistadas demonstraram passar por um processo de perdas. O deslocamento forçado é conduzido por perda de amigos, de familiares, de laços sociais, do lar, do lugar de origem e da identidade anterior. Neste processo de perdas, observamos a solidão enfrentada pelas mulheres migrantes e refugiadas na nova sociedade e, ainda, um isolamento social decorrente do desenraizamento sofrido pelo deslocamento forçado.

Neste contexto, o que foi mencionado diversas vezes nas entrevistas foi o processo de “começar do zero”, visto que as interlocutoras perderam seus bens no país de origem, como imóveis, carros, gastaram as economias no percurso migratório, tiveram contas bloqueadas em razão da guerra. Dessa forma, há uma mudança no nível econômico e social em relação à vida que tinham no país de origem, por exemplo, não ter mais uma casa própria. Com dificuldades econômicas e em vulnerabilidade, precisam pagar os altos custos da capital espanhola, como aluguel, taxas de condomínio, luz, calefação sem fonte de renda, devido às dificuldades em conseguir um trabalho e tendo o agravamento da pandemia da COVID-19. Além da perda da rede de apoio, verificamos a falta de apoio do marido ou dos pais dos filhos no trabalho do cuidado e na questão financeira da família.

Ademais, mesmo com a proteção internacional, foram observadas falhas no processo de proteção, em que as migrantes e refugiadas relataram dificuldades no acesso

aos serviços, dificuldades com documentação, empecilhos para a revalidação de diplomas, além da barreira da comunicação. O ensino do idioma espanhol oferecido pelas organizações parceiras da proteção internacional se mostrou insuficiente.

Sendo mulheres árabes e muçulmanas, sobretudo as que usam o véu, as narrativas evidenciaram o preconceito existente na sociedade espanhola, com a xenofobia e a islamofobia relatada no cotidiano das entrevistadas, no mercado de trabalho, no acesso aos serviços. Desse modo, as entrevistas mostraram que ser árabe e parecer muçulmana se configuram em riscos, pela não aceitação desses marcadores de identidade.

Para enfrentar os riscos descritos acima, as mulheres migrantes e refugiadas relataram utilizar fatores de resiliência. Por exemplo, diante da barreira da comunicação, a aprendizagem do idioma foi uma estratégia de resiliência, por meio da busca de outros cursos de idioma, da prática de conversação, de estudo da língua. De acordo com as entrevistas, a aprendizagem do idioma possibilitou certa integração à sociedade, e tornaram as interlocutoras a figura central nas famílias.

Certas capacidades individuais das migrantes e refugiadas se mostraram fatores de resiliência como a sociabilidade, a pró-atividade, a confiança e o desejo de autonomia. Esses fatores estão presentes no modo de vida que as entrevistadas relataram ter. Por exemplo, no interesse em fazer parte de grupos, de frequentar encontros de pais de alunos, de participar do grupo *Amigos del arte*, de realizar curso de informática, de frequentar mais cursos de espanhol além dos oferecidos pelas organizações no processo de proteção, de ter amizades com outras migrantes e com pessoas espanholas, enfim, de criar novos vínculos sociais.

Também foram identificados como fatores de resiliência o trabalho e os estudos, incluindo a realização de cursos e o trabalho voluntário, no caso no grupo *Amigos del arte*. Foi observado que as entrevistadas relataram buscar outras estratégias de trabalho, como venda de comida árabe, venda de tortas e doces, ensino de idiomas como fonte de renda, em razão de não conseguir trabalho com contrato e na área que atuavam no país de origem. O foco nos estudos também se mostrou fator de resiliência no que se refere a ambição de uma carreira, também associada com as expectativas de futuro criadas no país de destino e a transformações, por exemplo, ao realizar um curso de mestrado e conseguir um emprego com contrato.

Outros fatores de resiliência apurados nesta investigação foram a maternidade e o núcleo familiar. As entrevistadas que são mães condicionavam a vida em razão dos filhos, por exemplo, ao decidirem sair do país de origem e do campo de refugiados, ao permanecer na Espanha, ao não migrarem para outro país, a continuar lutando por uma vida digna, a ter outras estratégias de renda, a não desistir frente aos riscos enfrentados na sociedade de destino. O núcleo familiar se configura em uma rede de apoio importante quando não há outras formas de sociabilidade e também como um suporte para o cotidiano.

Ademais, a religião, a espiritualidade, e os repertórios culturais do país de origem se mostraram também fatores de resiliência para as entrevistadas ao passarem por um processo migratório e terem um choque cultural e sofrerem com certa não aceitação da sociedade de acolhida. Foi analisado que manter os repertórios culturais do país de origem contribui para um fortalecimento da identidade que trouxeram do país de origem e que não querem mudá-la ou apagá-la.

Por fim, foi observado algum tipo de pertencimento das entrevistadas em relação à sociedade espanhola, especialmente no que se refere à percepção dos filhos, os quais se sentem espanhóis. Neste sentido, houve caso em que foi reconhecido que a vida na Espanha é melhor que a vida no país de origem em virtude de maior liberdade e maior acesso a direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTINI, SILVA, 2020. **Iêmen: a pior crise humanitária do mundo**. VirtuaJus, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, p.146 - 174, 1º sem. 2020.

ARAÚJO, Sandra Gil. The coloniality of power and ethnic affinity in migration policy: the spanish case. In: RODRÍGUEZ, Encarnación Gutiérrez, BOATCĂ, Manuela, COSTA, Sérgio. **Decolonizing european sociology: transdisciplinary approaches**. Inglaterra: Ashgate, 2010, p. 179-194.

ARAÚJO, Sandra Gil, GONZÁLEZ, Tania. Migraciones, género y trabajo en España. El tránsito obligado de las trabajadoras inmigrantes por el empleo de hogar. **Revista Mora**, n. 12, 1º semestre, 2011, p. 117-132. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/mora/issue/view/39/26>

BAENINGER, R. BALTAR, C. S. A presença de mulheres imigrantes e refugiadas no estado do Paraná: caracterização do fenômeno recente e elaboração de políticas públicas. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v 57, n 2, 2021, Maio/agosto.

BARUDY, J. MARQUEBREUCQ, A. **Hijos e hijas de madres resilientes**. Barcelona: Gedisa. 2006.

BASTIDE, R. **Sociología de las enfermedades mentales**. México: Siglo XXI, 1978.

BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro, RJ: Quartet Faperj, 2013.

BECK, U. reinvenção da política. In A. Giddens, U. Beck & S. Lash (Eds.), **Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna** (pp. 11-72). São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1997.

BECK, U. **La Sociedad del Riesgo**. Barcelona: Paidós, 1998.

BONANNO, G. WESTPHAL, M. MANCINI, A. **Loss, trauma, and resilience in adulthood**. Annual Review of Gerontology & Geriatrics, 32,189-210. 2012.

BRAVO, F.¿Qué es la islamofobia? **Documentación Social**, 1, 159-189, 2010.

BREY, Elisa. Procesos de regularización y crisis económica. Las redes de apoyo de los migrantes en el sur de Madrid. **Mediterraneo económico**, n 36, 2022.

BUNZL, M. Anti-Semitism and Islamophobia: hatreds old and new in Europe. **Chicago: Prickly Paradigm Press**, 2007.

BURITICÁ, Maria M. E. PEDONE, Claudia. ARAUJO, Sandra G. Entre la estigmatización y la restricción”. **Políticas migratorias y discursos políticos sobre familia, migración, género y generación en países de inmigración y emigración España y Colombia**. Palabra, no 13, 2013.

CAMPOS, Mardem Barbosa de. Migração. In: Cavalcanti, Leonardo, Tuíla Botega, Tânia Tonhati, and Dina Araújo, eds. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Editora UNB, 2017.

CAREGNATO, R. C. A. MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto – enferm.** Florianópolis, 2006. 679-84. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>

CASAGRANDE, Melissa M. Refugiados: proteção universal sob a perspectiva da aplicação transistêmica do Direito Interno e do Direito Internacional. **Revista Jurídica da Presidência**, Brasília, v. 19, n. 117, 2017.

CASTEL, R. **A insegurança social: o que é ser protegido?** Petrópolis: Vozes, 2005.

COELHO, Joana Maria Botelho Lucas (2016) **Mulheres refugiadas em Portugal**, Dissertação de Mestrado em Antropologia, Escola de Ciências Sociais e Humanas, ISCTE-IUL.

CORTÉS, ALMUDENA; MANJARRAEZ, JOSEFINA. **Género, migraciones y Derechos Humanos**. Barcelona: Bellatera, 2018.

CORTÉS MAISONAVE, A. Mujeres migrantes y refugiadas en la Frontera Sur: resistencias de género y violencias encarnadas. **Anuario CIDOB de la Inmigración**. pp. 128-140. 2019.

CHUBIN, Shahram. Iran and the Arab Spring: Ascendancy Frustrated. Gulf Research Center, setembro de 2012. Disponível em: https://carnegieendowment.org/files/Iran_and_Arab_Spring_2873.pdf

DE LA TORRE, Beatriz García. El desarrollo de la resiliencia en refugiados sirios y afganos a través de los factores de protección y riesgo: familia e intervención psicosocial. In: **Políticas públicas en defensa de la inclusión, la diversidad y el género III: migraciones y derechos humanos**. Ediciones Universidad de Salamanca, 2021. p. 361-372.

DOMINGUEZ, Juliana Arantes; BAENINGER, Rosana. Programa de reassentamento de refugiados no Brasil. **Anais**, p. 1-14, 2016.

DURAN, Felipe Pessoa. O triângulo da violência de Johan Galtung: uma análise acerca do conflito civil no Iêmen. **Revista Ensaio**, v. 18, jan-jun, 2021, p. 6-28.

DURBÁN, I. V. **La resiliencia en los contextos de refugio: revisión bibliográfica.** Madrid, 2016.

DURBÁN, I. V. **Resiliencia familiar: un acercamiento al fenómeno de las migraciones en la triple frontera Perú-Bolivia-Chile desde la perspectiva de los adolescentes.** Tesis doctoral, Madrid, 2017.

ELLWANGER, Alexia da Silva. **Uma análise sobre a guerra civil no Iêmen.** Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais – UNISC. Santa Cruz do Sul, 2020.

FARLEY, T., GALVES, A., DICKINSON, L. M. y DIAZ, M. de J. Stress, Coping, and Health: A Comparison of Mexican Immigrants, Mexican-Americans, and Non-Hispanic Whites. **Journal of Immigrant Health**, 7(3), 213-220. 2005.

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **The empire of trauma: na inquiry into the condition of victimhood.** Princeton University Press, 2009.

FERNÁNDEZ, Rosalía López. (2020). El potencial de las emociones em el estudio de los movimientos migratórios. Un analisis sobre poder y estatus a partir de histórias de vida de mujeres migrantes empleadas de hogar. **Migraciones**, 49, Universidad de Granada.

FERRERO, María Vales. **¿Vallas al asilo? Apuntes sobre el sistema de protección internacional en España.** Anuario CIDOB de la Inmigración 2015-2016. 2016.

FLICK, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.

FLORES-YEFFAL, N. Y. Migration-Trust Networks: Social Cohesion in Mexican us Bound Emigration. Estados Unidos: **Texas A&M University Press**. 2013.

Garcés-Mascareñas, Blanca y Pasetti, Francesco. ¿A más solicitudes de asilo igual recepción? El sistema de acogida en España desde 2015. **Anuario CIDOB de la Inmigración**. 2019 (noviembre de 2019), p. 114-126. DOI: doi.org/10.24241/Anuario CIDOBInmi.2019.114

GERGES, Fawaz A. Obama and the Middle East: ¿the end of America's moment? **Nova York: Palgrave Macmillan**, 2012.

GODOY, Gabriel G. Reassentamento. In: Cavalcanti, Leonardo, Tuíla Botega, Tânia Tonhati, and Dina Araújo, eds. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais.** Editora UNB, 2017.

GÓMEZ, Carmen. Refugiadxs. In: **Migración** | Ireri Ceja, Soledad Álvarez Velasco, Ulla D. Berg... [et al.].- 1a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021.

GONZÁLEZ, Elaine Acosta. Mujeres migrantes cuidadoras en flujos migratorios sur-sur y surnorte: expectativas, experiencias y valoraciones. **Polis Revista Latinoamericana**, v. 12, n. 35, 2013, p. 35-62. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0718-65682013000200003&lng=es&nrm=iso

HORN, R. A Study of the Emotional and Psychological Well-being of Refugees in Kakuma Refugee Camp, Kenya. **Social Care**, 5(4), 20-32. 2009.

JANCZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 11, n. 2, p. 301-308, ago./dez.2012

JUBILUT, Liliana L, APOLINÁRIO, Silvia . A necessidade de proteção internacional no âmbito da migração. **Revista Direito**, GV, 6, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/wzVCCYn6Jzm9FGdyWWhdxSB/?format=html#>

Kira, I. A., Amer, M. M., & Wrobel, N. H. (2014). Arab Refugees: Trauma, Resilience, and Recovery. In S. C. Nassar-McMillan, K. J. Ajrouch, & J. Hakim-Larson (Eds.), **Biopsychosocial Perspectives on Arab Americans: Culture, Development, and Health** (pp.175-195). New York: Springer, 2014.

LIMÃO, José Pedro Coelho Monteiro. **O Significado Do Iémen No Grande Médio Oriente**. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/28131/1/TESE%20FINAL%20FINAL%20PDF>

LEVITT, P.; VITERNA, J.; MUELLER, A.; LLOYD, C. Transnational social protection: setting the agenda. **Oxford Development Studies**, v. 45, n. 1, p. 2-19, 2017.

López-Sala, A. & Godenau, D. (2016). Integrated border management and irregular migration at the South European-North African border: The case of Spain. En R. Bossong & H. Carrapico (Eds.). *EU Borders and Shifting Internal Security: Technology, Externalization and Accountability* (pp. 81-100). Springer.

LOPEZ-SALA, Ana; MORENO-AMADOR, Gracia. En busca de protección a las puertas de Europa: refugiados, etiquetado y prácticas disuasorias en la frontera sur española. **Estud. front**, Mexicali , v. 21, e048, 2020 . Disponible en <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-69612020000100106&lng=es&nrm=iso>. accedido en 19 enero 2023. Epub 15-Ene-2021. <https://doi.org/10.21670/ref.2006048>.

LUSK, M.; CHAVEZ-BARAY, S. Mental Health and the Role of Culture and Resilience in Refugees Fleeing Violence. **Environmental and Social Psychology**, 2(1), 1-13. 2017.

LUSK, M.; Galindo, F. **Strength and Adversity: Testimonies of the Migration. Social Development Issues**, 39(1), 11-28. 2017.

MARQUES, V. T., CARVALHO, G. B. V. de C. B. V., SILVA, R. A. M. da S. M., OLIVEIRA, S. R. M. O. M., & ROSENDO, J. V. R. V. (2019). Mulheres negras em situação de refúgio no Brasil: as múltiplas lutas em face da superação das desigualdades. *RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 5(5). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1515>

MARTÍN, M. L; GARRIDO, E. G.; OROZCO, C. M. El sistema de asilo y su protección social en España. **Servicios Sociales y Política Social** (agosto 2016). XXXIII (111), 105-115. ISSN: 1130-7633.

MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação E Pesquisa*, 30 (2), 289 – 300. 2004. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>

MARTÍNEZ, Juana María Morcillo; KUMBRIAN, Rubén Darío Torres; RAMIREZ, Maria Victoria Ochando. Realidad de la mujer migrante árabe-musulmana: análisis de su integración y participación social en Andalucía (España). **Cuadernos de Trabajo Social**, v. 37, n. 2, p. 353, 2024.

MARTUCCELLI, D. **Cambio de rumbo. La sociedad a escala del individuo**. Chile: LOM Ed. 2007.

Martuccelli, D.; F de Singly. **¿Qué métodos utilizar para una sociología del individuo?"**

MARTUCCELLI, D. SANTIAGO, J. **El desafío sociológico hoy**. Madrid: CIS. 2017.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOFFIT et al. A Gradient of Childhood Self-Control Predicts Health, Wealth, and Public Safety. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 108, 2693-2698, 2011.

MOHNS, Erik; BANK, André. Syrian Revolt. Fallout: End of the Resistance Axis. **Middle East Policy**, v. XIX, n. 3, 2012.

MORAIS, Rafaela Julich. Mulheres em refúgio: a marginalização de refugiadas em um sistema internacional hierarquizado. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v. 8, n. 16, p. 72-99, dez. 2019. ISSN 2316-8323.

NARANJO GIRALDO, Gloria Elena. Desterritorialización de fronteras y externalización de políticas migratorias. Flujos migratorios irregulares y control de las fronteras exteriores en la frontera España - Marruecos. **Estud. Polit.**, Medellín, n. 45, p. 14-32, Dec. 2014. Available from

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-51672014000200002&lng=en&nrm=iso>.

Nash, M. **Construcció social de la dona estrangera**. Barcelona: Institut Català de la Mediterrània, 1999.

NASCIMENTO, D. ROBERTO, W. A DIÁSPORA SÍRIA: DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO CONFLITO INTERNO AO TRATAMENTO JURÍDICO DISPENSADO PELO ESTADO BRASILEIRO AOS MIGRANTES. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, Edição Especial n.47, p., jan./jun. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). Glossário sobre Migração. Direito Internacional da Migração, n° 22. Editora: **Organização Internacional para as Migrações**, 2009. Disponível em <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>

OLIVEIRA, V. **Da Primavera Árabe à Tempestade Decisiva: os processos que levaram ao conflito no Iêmen (2011-2015)**. Dissertação de Mestrado UNESP. 2022.

OLIVEIRA, Luana Carvalho de. **Os efeitos dos processos migratórios na saúde mental de mulheres imigrantes ou refugiadas a partir de uma análise interseccional**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PADILLA, Beatriz (2007), **A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise**, em Jorge Macaísta Malheiros (org) *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa, Paulinas Editora.

PAREDA, E. **Resiliencia y migración**. (tesis de pregrado). Escuela Vasco-Navarra de Terapia Familiar, Navarra, España. 2006.

PARELLA, Sònia. **El trasvase de desigualdades de clase y etnia entre las mujeres: los servicios de proximidad**. *Papers*, n. 60, p. 275-289, 2000.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDONE, Claudia. ROMERO, Belen Agrela. ARAUJO, Sandra Gil. Políticas públicas, migración y familia. Una mirada desde el género. **Papers : revista de sociologia**, Vol. 97, Núm. 3 (juliol-setembre 2012) , p. 541-568, ISSN 2013-9004

PEREIRA, Alexandre Branco. O refúgio do trauma. Notas etnográficas sobre trauma, racismo e temporalidades do sofrimento. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 26, n. 53, ago. 2018, p. 79-97

PÉREZ-DÍAZ; V. ÁLVAREZ-MIRANDA, B. GONZÁLEZ-ENRÍQUEZ, C. **España ante la inmigración**. Colección Estudios Sociales, n. 8. Fundación “la Caixa”, 2001.

PEREZ OROZCO, Amaia. (2014). Subversión feminista de la economía: aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida. Madrid: **Traficantes de Sueños**, 2014, pp. 89 – 94.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos e Direito Constitucional Internacional**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2016, 736p.

POLK, L. V. **Toward a middle-range theory of resilience**. *Advances in Nursing Science*, **19(3)**, 1-13. 1997.

POTTS, A. BARADA, R. BOURASSA, A. La violencia de género y la salud mental entre las mujeres refugiadas y de la comunidad de acogida en el Líbano. **Revista Migraciones Forzadas**, Ed 66. Marzo de 2021.

ROBBERS, Gianna Maxi Leila; MORGANB, Alison. Potencial de programas para la prevención y respuesta a la violencia sexual contra mujeres refugiadas: Una revisión de la literatura. **Salud y derechos sexuales y reproductivos en contextos de crisis humanitarias**, v. 25, n. 51, p. 80, 2018.

ROBINS, Philip. Turkey’s “doublegravity” predicament: the foreign policy of a new lyactivist power. **International Affairs**, v. 89, n. 2, 2013.

RODRIGUES, T. TONHATI, T. **Migração e trabalho doméstico: as experiências de migrantes latino-americanas na Espanha**. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 30, n. 65, ago. 2022, p. 105-120.

ROSENDO, J.V.; OLIVEIRA, L.P.S. Mulheres invisibilizadas: uma análise das políticas de assistência e acolhimento as vítimas de refúgio. In: VIEIRA, Reginaldo de Souza; TEIXEIRA, Marcio Aleandro Correia (Coord). **Direitos sociais e políticas públicas II**. Florianópolis: CONPEDI, 2017. Disponível em: <https://www.conpedi.org.br/publicacoes/27ixgmd9/7hf15gnq/D48k692on8jYg26P.pdf>

SANTA MARIA, G. FERREIRA, T. GARCEZ, G. Fluxo migratório de refugiados sírios: desafios e possibilidades perante o direito internacional. **Leopoldianum**, ano 46, 2020, nº 129.

SANTINHO, Cristina (2011), **Refugiados e requerentes de asilo em Portugal: contornos políticos no campo da saúde**, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Escola de Ciências Sociais e Humanas, ISCTE-IUL.

SILVA, M. R. S., ELSEEN, I. LACHARITÉ, C. **Resiliência: Concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área**. Paidéia, 2003, 13 (26), 147-156.

SILVA, Cândida Beatriz Lopes Silva. **Dos princípios às ações? Uma análise das (in)coerências nas respostas da comunidade internacional às crises humanitárias do Iêmen e Sudão do Sul**. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais - Estudos da Paz, Segurança e Desenvolvimento apresentada à Faculdade de Economia. 2018.

Smith-Morris, C., Morales-Campos, D., Castaneda, E. A. y Turner, M. An Anthropology of Familism: On Narratives and Description of Mexican/Immigrants. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, 35(1), 35-60, 2012.

SPERONI, Thales. **DESENCAJES Y BRICOLAJES DE LA PROTECCIÓN SOCIAL: Las Familias Transnacionales Bolivianas en Barcelona y São Paulo**. Tese de doutorado em Sociologia, 2019.

SPINK, M. J. P. (2001). **Trópicos do discurso sobre risco: Risco-aventura como metáfora na modernidade tardia**. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(6), 1277-1311.

SPOHR, Alexandre Piffero. **Arábia Saudita: Sucessão Real E Intervenção No Iêmen**. Disponível em:
file:///C:/Users/User/Downloads/Arabia_Saudita_sucessao_real_e_intervencao_no_Iem e.pdf

SUÁREZ, E. N. **El concepto de resiliencia comunitaria desde la perspectiva de la promoción de la salud**. En M. A. Kotliarenko, C. Álvarez y I. Cáceres. *Resiliencia: Construyendo en adversidad*. 1996.

SUÁREZ, E. MELILLO, A. GROTEBERG, E. ALCHOURRON DE PALADINI, M. **La resiliencia como proceso: una revisión de la literatura reciente**. En F. Infante-Espínola, *Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas*. (pp. 31-54). Buenos Aires: Paidós. 2008.

SUÁREZ OJEDA, E. **Resiliencia, Descubriendo las nuevas fortalezas**. Argentina: Paidós. 2001.

TORNS, T. **El trabajo de las mujeres: balance y perspectivas desde la sociología del trabajo**. Madrid: Instituto de la Mujer. 2003.

TORRADO, Vicente. **La inmigración latinoamericana en España**. Departamento de Asuntos Económicos y Sociales. Organización de las Naciones Unidas, 2006.

TORRES, Sajquim de M. LUSK, M. Factors promoting resilience among Mexican immigrant women in the United States: Applying a positive deviance approach [Factores que promueven la resiliencia entre las mujeres inmigrantes mexicanas en los Estados Unidos: Aplicación de un enfoque de desviación positiva]. **Estudios Fronterizos**, 19, e005. 2018 doi: <https://doi.org/10.21670/ref.1805005>

TRINDADE, Antônio Augusto Cançado. **A humanização do Direito Internacional**. Belo Horizonte, Del Rey, 2006, 436p.

UNGAR, M. Resilience Across Cultures. **British Journal of Social Work**, 38(2), 218-235. 2008 <http://doi.org/10.1093/bjsw/bcl343>

_____. Resilience, Trauma, Context, and Culture. **Trauma, Violence, & Abuse**, 14(3), 255-266. 2013. <http://doi.org/10.1177/1524838013487805>

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES – UNHCR. **Global Trends: Forced Displacement in 2021**. 2022. Disponível em <https://www.unhcr.org/publications/brochures/62a9d1494/global-trends-report-2021.html>

_____. **Global Trends: Forced Displacement in 2019**. 2020. Disponível em: <https://www.unhcr.org/globaltrends2019/html>.

_____. **Global Trends: Forced Displacement in 2016**. 2017. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5943e8a34/global-trends-forced-displacement-2016.html>.

VERVAELE, John. The Anti-terrorist Legislation in the US: Criminal Law for the Enemies? **European Journal Law Reform**, 8, 2006, p. 137-171.

VIEIRA, Adriane Ribas. **Refúgio e gênero: uma aproximação a realidade da mulher em situação de refúgio em Portugal**. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa, 2018.

VILLALBA, C. **El concepto de resiliencia individual y familiar**. Aplicaciones en la intervención social. *Psychosocial Intervention*, 12(3), 283-299. 2003.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O grande Oriente Médio**. Elsevier, 2014.

WALDELY, Aryadne Bittencourt; VIRGENS, Bárbara Gonçalves das; e ALMEIDA, Carla Miranda Jordão de. Refúgio e realidade: desafios da definição ampliada de refúgio à luz das solicitações no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** [online]. 2014, v. 22, n. 43 [Acessado 13 Janeiro 2023], pp. 117-131. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004308>. Epub 19 Jun 2015. ISSN 2237-9843.

WALSH, F. **Resiliencia Familiar: Estrategias para su fortalecimiento**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 204.

YANINI, Margarita Miñarro. **La protección social de los refugiados em el ámbito internacional, Unión Europea y España**. Revista de la Facultad de México, n. 273, 2019.

ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial. **Conjuntura Austral**, 4(20), 6–23. 2013. <https://doi.org/10.22456/2178-8839.43387>

ANEXOS:

ANEXO 1 – FORMULARIO DE CONSENTIMIENTO LIBRE INFORMADO INVESTIGACIÓN: MUJERES MIGRANTES ARABES EN ESPAÑA

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Soy Ana Julia Guilherme, investigadora de doctorado de la Universidade Federal do Paraná (Brasil) y investigadora doctoral visitante de la Universidad Complutense de Madrid (España). Esta entrevista es parte de mi investigación destinada a conocer las narrativas de las migrantes y refugiadas árabes y los procesos de integración en España.

Tiene la libertad negarse a participar y es libre de retirarse en cualquier momento sin ninguna pérdida. Se respetará el anonimato de la persona entrevistada.

Solicitamos su consentimiento libremente para que participe en esta investigación. Para hacerlo, complete los siguientes elementos:

CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

En vista de los elementos anteriores, acepto libre y claramente participar en esta investigación.

NOMBRE DE LA ENTREVISTADA

FIRMA DE LA ENTREVISTADA

LUGAR Y FECHA

INVESTIGADORA

ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

PERFIL

Nome/ idade

Solteira/casada; com filhos?

Profissão

Cidade natal

PAÍS DE ORIGEM

- De onde você é? Cidade? Região?

- O que fazia na Síria antes de vir à Espanha?

- Você chegou a estudar lá? Escola, universidade? Algum curso/técnico?

- E a sua família ainda está lá?

a) O que seus pais fazem? b) Seus irmãos? c) Como é o contato? d) Quer trazer alguém da Síria para cá? e) sente falta de alguém que queria estar perto? f) Onde estão seus outros familiares e amigos? g) como é o contato com todos, ainda se falam?

PERCURSO MIGRATÓRIO

- Como foi a saída do país de origem?

- Você já morou em outro país antes? Qual(is)? Ou planejou ir a outro país?

- Se sim - Quanto tempo ficou lá? Você trabalhou, estudou? Por que saiu de lá?

ESPANHA / MADRID

- Desde quando está na Espanha?

- Como chegou em Madrid?

- Como foi a decisão de vir para a Espanha? Veio por alguma organização?

- Poderia escolher outro país?

- Veio sozinha?

- Tinha conhecidos aqui?

- Solicitou refúgio em Madrid mesmo?

- Como foi o processo? Teve alguma ajuda?

- Encontrou dificuldades para solicitar refúgio?

- Está tudo certo com a sua documentação? Como está?

- Teve dificuldades em algum outro documento na Espanha?

- O que a documentação te permite? O que ainda falta ou que não pode fazer?

- O que conhecia da Espanha antes de vir?

- Como aprendeu espanhol?

- Como foi o início na Espanha/ em Madrid?

- Como foi a adaptação?

- Quais as principais dificuldades encontradas?

- Como lidou com elas? Teve ajuda?

- O que foi mais difícil e o que te ajudou?

- Você imaginava que passaria por tudo isso?

- Como você se sentiu em Madrid e na Espanha, em um lugar novo? - Sentiu medo?

- Você acha que foi bem recebida na Espanha?

- Desde que você chegou aqui, quem mais te ajudou?

- Organizações? Pessoas da prefeitura/ do governo? Conhecidos espanhóis, sírios?
- A forma que você foi recebida te fez repensar algumas coisas? Mudar algum objetivo.
 - Você estuda? - Tem interesse em estudar ainda?
 - Como escolheu este curso? O que te levou a estudar?
 - Você trabalha?
 - Como conseguiu este trabalho?
 - Tem algo que não gosta deste trabalho?
 - Já trabalhou aqui na Espanha? E na síria você trabalhou?
 - Estes trabalhos eram de sua área?
 - Você mantém cultura/hábitos do país de origem aqui? Quais? E religião?
 - Se sente à vontade de praticar essa religião?
 - Tem amigos na mesma religião?
 - O que a religião traz para sua vida?
 - Como é a sua rotina em Madrid?
 - E na pandemia, como era antes? Mudou alguma coisa?
 - O que costuma fazer em Madrid? O que gosta de fazer?
 - Tem amigos espanhóis? Você os encontra? Mantém contato?
 - Tem alguma rede? Por exemplo, amigos sírios? Amigos da religião? Parentes?
 - Como é essa rede?
 - Onde está morando em Madrid? Se sente segura aqui?
 - E a sua família aqui?
 - Seus filhos e marido se sentem bem? – Seus pais estão bem?
 - Dentro de sua família, quem se adaptou de forma mais rápida?
 - Alguém ajudou mais? Quem teve mais facilidade? Quem aprendeu espanhol primeiro?
 - O que acha da qualidade de vida em Madrid/ Espanha?
 - Tem uma vida confortável?
 - O que você acha que precisa pra se sentir bem, com uma vida boa?
 - O que você achou da Espanha até agora? Era como você esperava?
 - Você gosta de Madrid? Se sente bem na cidade?
 - Você se acha madrileña? E espanhola?
 - O que tem de bom?
 - O que não gosta?
 - O que sente falta?
 - O que mudaria aqui?
 - Quais as diferenças com o seu país? E outro que já conheceu?
 - Quais as principais dificuldades encontradas?
 - Você escolheria outro país, se pudesse? Por que?
 - Essa é uma pergunta difícil, entendo o contexto e como é difícil deixar um país daquela forma. Mas se pudesse, se não existisse mais conflitos, voltaria para Síria?
 - O que mais sentiu deixando o seu país e tudo?
 - O que esperava ao chegar na Espanha?
 - O que mais sente orgulho da tua trajetória? Da família?
 - Se sente realizada na Espanha? Profissionalmente, pessoalmente.
 - Teve alguma frustração?
 - O que espera do futuro?
 - Além da mudança de país, o que acha que sua vida seria diferente na Síria em termos profissionais, culturais? E na de seus pais/filhos/marido?